

DOUGLAS ADAMS

AUTOR DA SÉRIE
O Mochileiro
das Galáxias

AGÊNCIA DE
INVESTIGAÇÕES
HOLÍSTICAS

DIRK
GENTLY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**AGÊNCIA DE
INVESTIGAÇÕES
HOLÍSTICAS
DIRK
GENTLY**



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se

transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

DOUGLAS
ADAMS

AGÊNCIA DE
INVESTIGAÇÕES
HOLÍSTICAS

DIRK
GENTLY



Título original: *Dirk Gently's Holistic Detective Agency*

Copyright © 1987 por Serious Production Ltd.
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução

Fabiano Morais

preparo de originais

Gabriel Machado

revisão

Alice Dias e Victor Almeida

diagramação

DTPhoenix Editorial

capa

Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

adaptação para ebook

Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A176a

Adams, Douglas

Agência de investigações holísticas Dirk Gently [recurso eletrônico] /
Douglas Adams [tradução de Fabiano Morais]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: Dirk Gently's holistic detective agency

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-396-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

15-19870

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraqueiro.com.br
www.editoraqueiro.com.br

capítulo 1

Dessa vez, não haveria testemunhas.

Dessa vez, era apenas a terra morta, o estrondo de um trovão e o começo daquela garoa incessante que parece acompanhar tantos dos acontecimentos mais solenes do mundo.

As tempestades do dia anterior e do dia antes desse haviam passado, assim como as enchentes da outra semana. O céu continuava carregado, mas tudo o que de fato caía na penumbra de fim de tarde era um tipo deprimente de chuvisco.

O vento soprava pela planície que escurecia, atravessando com dificuldade as colinas baixas e ganhando força ao cruzar um vale raso onde uma estrutura se erguia, uma espécie de torre, solitária e inclinada em um pesadelo feito de lama.

Era uma construção atarracada e enegrecida. Brotava como uma erupção de magma de um dos fossos mais pestilentos do inferno e pendia em um ângulo estranho, como se oprimida por algo mais terrível do que seu considerável peso. Parecia uma coisa morta, e morta há muito tempo.

O único movimento vinha do rio de lama que passava pela torre e se arrastava vagarosamente ao longo do fundo do vale. Cerca de 1,5 quilômetro mais à frente, o rio descia por uma ravina e sumia debaixo da terra.

À medida que escurecia, porém, ficou óbvio que a torre não era sem vida. Uma luz vermelha e fraca oscilava nas suas profundezas.

Ela era apenas ligeiramente visível – só que, é claro, não havia ninguém para vê-la, nenhuma testemunha, não dessa vez –, mas não deixava de ser uma luz. No intervalo de alguns minutos, ficava um pouco mais forte e brilhante, então esmaecia lentamente, até quase se apagar. Ao mesmo tempo, um ruído baixo e penetrante era propagado pelo vento, intensificando-se até uma espécie de clímax uivante, para depois se abrandar e sumir, resignado.

O tempo passou e outra luz surgiu: uma menor, móvel. Ela apareceu ao nível do solo e descreveu um trajeto oscilante ao redor da torre, parando algumas vezes no meio do caminho. Por fim, voltou a se ocultar no interior da estrutura, assim como o vulto quase imperceptível que a carregava.

Uma hora depois, a escuridão era total. O mundo parecia morto; a noite, absolutamente vazia.

Em seguida, o brilho ressurgiu perto do topo da torre, ganhando força com mais determinação. Logo chegou ao grau de luminosidade que havia alcançado antes, depois continuou a se intensificar. O som penetrante que o acompanhava aumentou, ficando mais agudo e estridente, tornando-se um grito de agonia. O berreiro prosseguiu até se transformar em um ruído ofuscante e a luz virou uma vermelhidão ensurdecadora.

De repente, ambos cessaram.

Houve um milissegundo de escuridão silenciosa.

Uma nova luz muito pálida brotou, dilatando-se, das profundezas da lama debaixo da torre. O céu se fechou, uma montanha de lama entrou em convulsão, terra e céu gritaram um contra o outro, tudo ficou terrivelmente rosa, subitamente verde, longamente alaranjado, manchando as nuvens, e então a luz se apagou e a noite mergulhou enfim numa escuridão profunda e

horripilante. Não havia mais nenhum som além de um leve gotejar de água.

Pela manhã, o sol nasceu com um brilho insólito em um dia que era, ou parecia ser, ou pelo menos teria parecido se houvesse alguém ali para quem ele pudesse parecer alguma coisa, mais quente, mais claro e mais reluzente – um dia, em todos os aspectos, mais vivo do que qualquer outro que tivesse existido antes. Um rio límpido corria pelos escombros do vale.

E o tempo começou a passar de verdade.

capítulo 2

No topo de um promontório rochoso, um Monge Eletrônico estava montado em uma égua entediada. Debaixo de seu capote grosseiro, olhava sem piscar para o vale abaixo, com o qual tinha um problema.

O dia estava quente, o sol pairava em um céu vazio e nebuloso e castigava as pedras cinzentas e a grama esparsa e crestada. Nada se movia, nem mesmo o Monge. O rabo da égua se mexia um pouco, balançando de leve para tentar deslocar um pouco de ar. Fora isso, nada se movia.

O Monge Eletrônico era um utensílio feito para poupar trabalho, como um lava-louça ou um videocassete. O primeiro se encarrega da tediosa tarefa de lavar pratos, poupando a pessoa de executá-la com as próprias mãos; o segundo tem a chata função de ver TV, poupando o indivíduo do trabalho de olhar para ela com os próprios olhos; Monges Eletrônicos acreditam nas coisas por você, livrando-o daquela que vinha se tornando uma tarefa cada vez mais árdua: acreditar em todas as coisas em que o mundo espera que você acredite.

Infelizmente, esse Monge Eletrônico tinha dado defeito e começara a crer em todo tipo de coisas, de forma mais ou menos aleatória. Estava inclusive começando a acreditar em coisas em que até as pessoas de Salt Lake City têm dificuldade em acreditar. Ele

nunca tinha ouvido falar em Salt Lake City, é claro. Tampouco ouvira falar de quinquilhões, que era aproximadamente o número de quilômetros entre aquele vale e a tal cidade.

O Monge atualmente acreditava que o vale e tudo o que havia nele, incluindo o próprio Monge e sua égua, eram da mesma cor: um tom uniforme de rosa claro. Isso dificultava um tanto distinguir as coisas, o que, por sua vez, tornava impossível – ou pelo menos difícil e perigoso – fazer qualquer coisa ou ir para onde quer que fosse. Esse era o motivo da imobilidade do Monge e do tédio da égua, que já precisara aturar muitas tolices na vida, mas, secretamente, tinha a opinião de que aquela era uma das maiores de todas.

Por quanto tempo o Monge acreditaria nessas coisas?

Bem, se você perguntasse a ele, a resposta seria para sempre. A fé que move montanhas, ou que ao menos acredita, contra todas as evidências disponíveis, que elas são cor-de-rosa, era uma fé sólida e duradoura, uma grande rocha contra a qual o mundo poderia atirar tudo o que quisesse, mas não conseguiria abalá-la. Na prática, a égua bem sabia, 24 horas eram em geral o seu prazo de duração.

E que égua era essa, por sinal, que tinha opiniões formadas e ceticismo? Um comportamento incomum para uma égua, não? Seria ela uma égua diferente das outras?

Não. Embora, sem dúvida, fosse um belo e vigoroso exemplar da sua espécie, não passava de uma égua perfeitamente normal, como todas as que a evolução produziu em vários dos lugares em que a vida pode ser encontrada. Os cavalos compreendem muito mais do que deixam transparecer. É difícil ser montado o dia inteiro, todos os dias, por outra criatura e não formar uma opinião a respeito dela.

Por outro lado, é possível ficar sentado o dia inteiro, todos os dias, em cima de outra criatura e não lhe dedicar o menor

pensamento que seja.

Quando os primeiros modelos desses Monges foram construídos, era importante que eles pudessem ser reconhecidos como objetos artificiais. Não deveria haver o risco de serem remotamente parecidos com pessoas de verdade. Você não iria querer seu videocassete esparramado no sofá o dia inteiro enquanto assistia à TV. Não iria querer que ele ficasse cutucando o nariz, bebendo cerveja e pedindo pizzas.

Portanto, os Monges foram construídos com especial atenção à originalidade de seu design, mas também de modo que pudessem andar a cavalo com praticidade. Isso era importante. As pessoas, e até as coisas na verdade, pareciam mais genuínas quando montadas a cavalo. Então, considerou-se que duas pernas eram mais adequadas e baratas do que números primos mais normais, como 17, 19 e 23; a pele era de aparência rosada, em vez de púrpura, além de macia e lisa em vez de irregular e sulcada. Eles também ficavam restritos a uma só boca e nariz, porém ganhavam um olho a mais para compensar, o que lhes dava um total de dois deles. Eram criaturas muito, muito estranhas. Mas com uma tendência verdadeiramente extraordinária para acreditar nas coisas mais absurdas.

Aquele Monge em especial tinha dado defeito pela primeira vez quando recebeu muitas coisas nas quais acreditar em um só dia. Ele foi conectado acidentalmente a um videocassete que estava vendo onze canais de TV ao mesmo tempo, o que causou uma pane em seu conjunto de circuitos ilógicos. O videocassete precisava apenas assistir a esses canais – não precisava acreditar neles. É por isso que manuais de instruções são tão importantes.

Depois de uma semana caótica acreditando que guerra era paz, que o bem era o mal, que a lua era feita de gorgonzola e que Deus precisava que um monte de dinheiro fosse depositado em uma determinada conta, o Monge começou a acreditar que 35 por cento

de todas as mesas eram hermafroditas e, então, pifou. O homem da loja de Monges Eletrônicos informou que ele precisava de uma placa-mãe nova, mas comentou que os novos e aperfeiçoados modelos Monge Plus tinham o dobro de potência, um novo recurso de Capacidade de Negação multitarefas que lhes permitia sustentar dezesseis ideias totalmente diferentes e contraditórias na memória simultaneamente sem gerar nenhum erro de sistema irritante, eram duas vezes mais rápidos e até três vezes mais falastrões. Além disso, dava para comprar um modelo novo por menos do que custaria substituir a placa-mãe do antigo.

Pronto. Estava feito.

O Monge defeituoso foi despachado para o deserto, onde poderia acreditar no que quisesse, inclusive na sensação de que tinha sido altamente sacaneado. Permitiram que ele ficasse com seu cavalo, já que era muito barato fazê-los.

Durante certo número de dias, que ele acreditou serem 3, 43, 500 e 98.703, o Monge vagou pelo deserto, depositando sua simples confiança Eletrônica em pedras, pássaros, nuvens e uma espécie inexistente de aspargo-elefante, até enfim chegar lá em cima, no topo daquele penhasco, contemplando um vale que não era, apesar da sua crença profundamente fervorosa, cor-de-rosa. Nem um pouco.

O tempo passou.

capítulo 3

O tempo passou.

Susan esperou.

Quanto mais Susan esperava, mais a campainha não tocava. Ou o telefone. Ela conferiu seu relógio. Sentia que já chegara a hora em que tinha o direito de ficar irritada. Já estava irritada, é claro, mas isso havia acontecido dentro do seu próprio tempo, por assim dizer. Agora, estavam sem sombra de dúvida no tempo dele, e mesmo dando o desconto do trânsito, de qualquer contratempo, imprevisto e/ou procrastinação, mais de meia hora se passara desde quando ele insistira ser o último minuto em que os dois poderiam sair, então era melhor ela estar pronta.

Susan tentou pensar que algo terrível tivesse acontecido a ele, mas não acreditou nisso nem por um instante. Nada de terrível jamais lhe acontecia, embora começasse a achar que já estava mais do que na hora de acontecer. Se nada de terrível lhe ocorresse logo, talvez ela própria pudesse se encarregar disso. Isso, sim, era uma boa ideia.

Emburrada, Susan se deixou cair na poltrona e acompanhou o noticiário, que a irritou ainda mais. Trocou de canal e assistiu a outra coisa por algum tempo. Não sabia o que era, mas também a irritava.

Talvez devesse telefonar. Pensando bem, era melhor não. E se ele ligasse na mesma hora e não conseguisse completar a chamada?

Susan se recusava a admitir que tinha sequer pensado nisso.

Onde aquele desgraçado havia se metido? Mas quem se importava, afinal? Não ela, com certeza.

Três vezes seguidas ele fizera aquilo. Três vezes seguidas era demais. Furiosa, zapeou pelos canais outra vez. Parou em um programa sobre computadores e alguns novos avanços interessantes na área de coisas que se podia fazer com computadores e música.

Chega. Agora chega. Sabia que tinha dito exatamente isso para si mesma poucos segundos atrás, mas dessa vez era para valer: o último e derradeiro "chega".

Levantou-se com um salto e foi até o telefone, agarrando com raiva uma agenda de contatos. Folheou-a depressa e discou um número.

– Alô, Michael? Sim, é a Susan. Susan Way. Você disse que eu podia ligar se estivesse livre esta noite e eu falei que preferiria ser encontrada morta em um valão, lembra? Bem, acontece que eu descobri que estou livre, absolutamente, totalmente e completamente livre, e não parece ter nenhum valão decente aqui por perto. Meu conselho é que você aproveite esta chance enquanto pode. Eu estarei no Tangiers Club daqui a meia hora.

Susan calçou os sapatos e vestiu o casaco, deteve-se ao lembrar que era quinta-feira e precisava colocar uma fita nova, extralonga, na secretária eletrônica, e dois minutos depois já havia saído pela porta da frente. Quando finalmente o telefone tocou, a máquina disse com doçura que Susan Way não podia atender no momento, mas que, se a pessoa quisesse deixar um recado, ela retornaria a chamada assim que possível. Ou não.

capítulo 4

Era uma noite fria de novembro como as de antigamente.

A lua estava pálida e opaca, como se não devesse estar no céu em uma noite daquelas. Erguia-se a contragosto e pairava como uma alma penada. Recortadas contra ela, apagadas e nebulosas em meio à umidade que brotava dos pântanos insalubres, destacavam-se as várias torres e torretas da faculdade de St. Cedd's, em Cambridge, um conjunto fantasmagórico de prédios construídos ao longo de séculos, estilo medieval ao lado de estilo vitoriano, Odeon ao lado de Tudor. Só mesmo vistos através da neblina é que eles pareciam remotamente relacionados uns aos outros.

Vultos se apressavam entre esses edifícios, correndo de uma luz fraca para outra, tremendo, deixando rastros espectrais de respiração que se misturavam ao ar frio da noite.

Eram sete horas. Muitas daquelas figuras seguiam para o refeitório da faculdade, que separava o Pátio Principal do Segundo Pátio, e de onde uma luz quente emanava com relutância. Dois vultos pareciam especialmente incompatíveis. Um, o rapaz, era alto, magro e anguloso; mesmo agasalhado com um casaco escuro pesado, andava um pouco como uma garça ofendida.

O outro era pequeno, atarracado e se movia com uma agitação desajeitada, como um bando de esquilos velhos tentando fugir de

um saco. Sua idade pendia de “velho” para “totalmente indeterminada”. Se você escolhesse um número ao acaso, ele talvez fosse mais velho do que isso, porém... bem, era impossível saber. Seu rosto era cheio de rugas e o pouco cabelo que escapava de baixo do seu chapéu de esqui de lã vermelha era ralo, branco e tinha suas próprias ideias sobre como queria se ajeitar. Também estava agasalhado com um casaco pesado, mas sobre ele vestia ainda uma bata ondulante com um galão roxo muito desbotado, a insígnia de seu peculiar cargo acadêmico.

Enquanto andavam, o homem mais velho era o único a falar. Ele apontava coisas interessantes pelo caminho, embora estivesse escuro demais para enxergar qualquer uma delas. O mais jovem dizia “Ah, sim”, “Sério? Que interessante...”, “Ora, ora, ora” e “Puxa vida”. Ele balançava a cabeça, pensativo.

Os dois entraram, não pela porta principal que dava no salão, mas por um portal pequeno ao leste do pátio, que conduzia à Sala Comum dos Veteranos e à antessala revestida de madeira escura onde os acadêmicos se reuniam para esfregar as mãos e fazer “brrrrrr” antes de seguirem por sua entrada particular até a Mesa reservada para eles.

Eles estavam atrasados e tiraram os casacos às pressas. Essa era uma tarefa complicada para o homem mais velho, uma vez que precisava se despir de sua bata antes e, então, colocá-la de volta. Em seguida, tinha que enfiar o chapéu no bolso do casaco, depois se perguntar onde colocara o cachecol, perceber que havia se esquecido de trazê-lo, vasculhar o bolso do casaco em busca do lenço, tatear o outro bolso à procura dos óculos e, enfim, surpreender-se ao encontrá-lo embrulhado em seu cachecol, que ele tinha trazido no fim das contas, mas não usara, apesar do vento úmido e gelado que vinha dos pântanos como o sopro de uma bruxa.

Ele empurrou o rapaz para o salão à sua frente e ambos ocuparam os assentos vagos na Mesa dos Veteranos, enfrentando uma saraivada de carrancas e sobranceiras erguidas por interromperem a oração em latim.

O salão estava cheio naquela noite. Ele era sempre mais popular entre os alunos da graduação durante os meses mais frios. Mais incomum era o fato de estar sob a luz de velas, o que só acontecia em ocasiões muito especiais. Duas mesas longas e totalmente ocupadas se estendiam pela penumbra tremeluzente. À luz de velas, os rostos das pessoas pareciam mais vivos; suas vozes sussurradas e o retinir de talheres e copos, mais empolgantes; e, nos recantos escuros, todos os séculos em que ele havia existido pareciam estar ali ao mesmo tempo. A própria Mesa dos Veteranos formava uma trave horizontal na ponta do conjunto e era cerca de 30 centímetros mais alta do que o resto. Por se tratar de uma noite para convidados, as mesas estavam postas de ambos os lados para receber as cabeças extras, portanto muitos dos convivas sentavam-se de costas para o resto do salão.

– Então, MacDuff, meu rapaz – disse o professor assim que se sentou e desdobrou seu guardanapo com uma sacudida –, é um prazer revê-lo, caro colega. Que bom que pôde vir. Nem imagino do que se trata isto. – Ele correu os olhos pelo salão, consternado. – Todas essas velas, pratarias, pompa e circunstância. Em geral, significa um jantar especial em homenagem a alguma figura de quem ninguém se lembra mais nada a respeito, exceto que significa comida melhor por uma noite.

Ele parou para pensar um instante, então disse:

– Não lhe parece estranho que a qualidade da comida seja inversamente proporcional à quantidade de iluminação? Faz você pensar até que nível os cozinheiros poderiam chegar se os confinássemos na escuridão para sempre. Quem sabe não vale a pena tentar? Algumas câmaras subterrâneas na faculdade bem que

poderiam ser adaptadas para esse propósito. Acho que cheguei a mostrá-las para você uma vez, não foi? A alvenaria é excelente.

Tudo isso acabou sendo uma espécie de alívio para o convidado. Era a primeira indicação que seu anfitrião lhe dava de ter alguma lembrança dele. O professor Urban Chronotis, Professor Régio de Cronologia, ou “Reg”, como ele insistia em ser chamado, recordava-se também de que ele próprio já fora comparado à borboleta Rainha Alexandra, no sentido de que eram ambos coloridos, esvoaçavam lindamente para lá e para cá e estavam agora, para sua tristeza, quase extintos.

Ao fazer o convite por telefone, alguns dias antes, o professor parecera muito entusiasmado em rever seu antigo pupilo. Mas quando Richard chegou no fim da tarde daquele mesmo dia – um pouco atrasado, é preciso admitir –, o professor abrira a porta aparentemente irritadíssimo e olhara para ele com surpresa, exigindo saber se estava passando por algum problema emocional e mostrando-se contrariado ao ser lembrado com gentileza de que já haviam se passado dez anos desde que fora seu tutor na faculdade. Por fim, concordou que Richard tinha na verdade vindo para o jantar e começou a falar de forma acelerada e prolixa sobre a história da arquitetura da instituição, um sinal inconfundível de que sua mente estava em outro lugar.

“Reg” nunca tinha sido professor de Richard, mas apenas seu tutor, o que significava, em poucas palavras, que ele fora o responsável pelo seu bem-estar geral, dizendo-lhe quando eram as provas, que ele não deveria usar drogas e coisas do tipo. Na verdade, não se sabia ao certo se Reg havia sido professor de alguém um dia, ou o que poderia ter ensinado, se é que seria capaz de ensinar. Sua carreira era nebulosa, para dizer o mínimo, e como ele se eximia da obrigação de dar aulas usando a técnica simples e consagrada de apresentar a todos os seus alunos em potencial uma enorme lista de livros que ele próprio sabia estarem fora de

catálogo havia trinta anos, e então dando um ataque de nervos quando eles não conseguiam encontrá-los, ninguém nunca descobrira o verdadeiro objeto de sua disciplina acadêmica. Naturalmente, havia tempos que ele tivera a precaução de remover os únicos exemplares restantes dos livros de sua lista das bibliotecas de universidades; logo, tinha tempo de sobra para fazer, bem, para fazer sabe-se lá o quê.

Uma vez que Richard sempre se dera razoavelmente bem com o velho maluco, um dia ele reuniu coragem para lhe perguntar em que consistia o cargo de Professor Régio de Cronologia. Era um daqueles dias luminosos de verão em que o mundo parece prestes a explodir de prazer por ser o que é, e Reg estava em um bom humor atípico enquanto eles atravessavam a ponte sobre o rio Cam, que dividia as partes mais antigas da faculdade das mais novas.

– Uma mamata, meu caro colega, uma verdadeira mamata – respondeu ele, radiante. – Uma pequena quantia de dinheiro por uma quantia muito pequena, ou, melhor dizendo, inexistente de trabalho. Assim, tenho sempre o suficiente para me manter, o que é uma maneira confortável, embora frugal, de levar a vida. Eu recomendo.

Ele se debruçou sobre a mureta da ponte e apontou para um tijolo em especial que considerava interessante.

– Mas qual é área de estudo? – perguntou Richard. – História? Física? Filosofia? O quê?

– Bem – falou Reg, devagar –, já que você está interessado, a disciplina foi originalmente instituída pelo rei Jorge III, que, como você sabe, nutria uma série de ideias curiosas, como a crença de que uma das árvores no Grande Parque de Windsor era, na verdade, Frederico, o Grande. As indicações para o cargo eram feitas pelo próprio, daí o título “Regius”. Isso também foi ideia sua, o que, de certa forma, é ainda mais incomum.

A luz do sol brincava ao longo do rio. A bordo de chalanas, as pessoas gritavam alegremente "sai da frente, porra" umas para as outras. Cientistas naturalistas magros que haviam passado meses trancados no quarto, ficando cada vez mais brancos e parecidos com peixes, saíam pestanejando para a claridade. Casais que passeavam pelas margens do rio ficavam tão excitados com o esplendor de tudo ao redor que precisavam voltar correndo para o quarto por uma hora.

– Pobre sujeito – prosseguiu Reg. – Jorge III, quero dizer. Como você deve saber, ele era obcecado pelo tempo. Encheu o palácio de relógios. Dava corda neles o tempo todo. Às vezes, levantava no meio da noite e zanzava de camisola só para fazer isso. Tinha uma grande preocupação de que o tempo continuasse seguindo em frente. Sua vida foi marcada por tantos episódios terríveis que ele morria de medo de que algum deles pudesse tornar a acontecer se o tempo voltasse, mesmo que só por um instante. Um medo muito compreensível, em especial se você for louco de pedra, como infelizmente devo dizer, por mais que me compadeça do pobre coitado, que ele sem dúvida era. Foi ele quem me nomeou, ou melhor, quem criou o cargo, a cadeira, se é que você me entende, o título que tenho o privilégio de ter hoje... Onde eu estava mesmo? Ah, sim. Ele instituiu esta, ahn, Cadeira de Cronologia para descobrir se havia algum motivo em especial para uma coisa acontecer depois da outra e se havia alguma maneira de interromper o processo. Como percebi imediatamente que as respostas para as três perguntas eram sim, não e talvez, cheguei à conclusão de que poderia tirar o resto da minha carreira de folga.

– E os seus antecessores?

– Ahn, pensavam bem parecido comigo.

– Mas quem foram eles?

– Quem foram eles? Ora, figuras extraordinárias, naturalmente, extraordinárias. Lembre-me de lhe contar a respeito deles um dia.

Está vendo aquele tijolo? Wordsworth passou mal em cima dele uma vez. Grande homem.

Tudo isso tinha acontecido dez anos atrás.

Richard correu os olhos pelo grande refeitório para ver o que havia mudado nesse meio-tempo. A resposta era, é claro, absolutamente nada. No alto das paredes escurecidas, difíceis de ver à luz bruxuleante das velas, estavam os retratos fantasmagóricos de primeiros-ministros, arcebispos, reformistas políticos e poetas, e todos eles, em suas respectivas épocas, provavelmente tinham passado mal em cima daquele mesmo tijolo.

– Bem – disse Reg em um sussurro conspiratório, como se fosse discorrer sobre piercing nos mamilos em um convento de freiras –, fiquei sabendo que você enfim andou se dando muito bem nos últimos tempos, hum?

– Ahn, bem, sim, é verdade – falou Richard, que estava tão surpreso com o fato quanto qualquer um –, tem razão.

Ao redor da mesa, vários olhares sisudos se fixaram nele.

– Computadores... – ele ouviu alguém murmurar com desprezo para um colega mais ao fundo da mesa.

Os olhares sisudos tornaram a relaxar e se afastaram.

– Que maravilha – comentou Reg. – Fico muito feliz por você, muito feliz. Diga-me uma coisa – prosseguiu, e só depois de um instante é que Richard percebeu que o professor já não estava falando com ele, mas havia se virado para a direita para se dirigir ao seu outro vizinho de mesa –, por que toda essa... – ele gesticulou vagamente em direção às velas e à prataria – parafernália?

Seu colega, um velho encarquilhado, se virou devagar e o encarou como se estivesse muito contrariado por ter sido trazido de volta dos mortos dessa forma.

– Coleridge – respondeu com um fiapo de voz –, é o jantar em homenagem a Coleridge, seu velho idiota.

Ele tornou a se virar muito devagar. Chamava-se Cawley e era professor de Arqueologia e Antropologia; costumava-se dizer pelas suas costas que ele encarava o trabalho nem tanto como um estudo acadêmico sério, mas como uma chance de reviver a infância.

– Ah, é mesmo? – balbuciou Reg e se voltou para Richard. – É o jantar em homenagem a Coleridge – informou ele com ar de sabichão. – Coleridge era membro da faculdade, sabia? – acrescentou após um instante. – Samuel Taylor Coleridge. Poeta. Imagino que tenha ouvido falar dele. Este é o jantar dele. Bem, não literalmente, é claro. Ou já estaria frio a esta altura. – Silêncio. – Aqui, tome o sal.

– Obrigado, mas acho que vou esperar – disse Richard, surpreso. Ainda não havia comida alguma sobre a mesa.

– Ora, tome – insistiu o professor, oferecendo-lhe o saleiro de prata pesado.

Richard pestanejou, confuso, mas, dando de ombros interiormente, estendeu a mão para pegá-lo. Quando piscou, no entanto, o saleiro tinha sumido.

Ele saltou para trás, espantado.

– Essa foi boa, hein? – falou Reg enquanto retirava o utensílio desaparecido de trás da orelha de seu vizinho cadavérico da direita, fazendo uma surpreendente risada de menininha vir de algum outro lugar da mesa. Reg abriu um sorriso travesso. – É um hábito muito irritante, eu sei. Está na minha lista de coisas a largar, junto com o cigarro e as sanguessugas.

Bem, lá estava outra coisa que não havia mudado. Algumas pessoas cutucavam o nariz, outras tinham o hábito de espancar velhinhas na rua. O vício de Reg era inofensivo, embora peculiar: fazer truques de mágica infantis. Richard se lembrava da primeira vez que fora se consultar com Reg sobre um problema. Era apenas a angústia normal que toma conta de todos os alunos de graduação de tempos em tempos, especialmente se têm trabalhos para

escrever, mas havia parecido um peso sombrio e insustentável na época. Reg ouvira o seu desabafo com as sobrancelhas franzidas, concentrado. Quando Richard enfim terminou de falar, ele refletiu com seriedade, coçou bastante o queixo e por fim se inclinou para a frente e o fitou nos olhos.

– Me parece que o problema é que você tem cliques de papel demais no nariz.

Richard ficou encarando-o.

– Deixe eu demonstrar para você – disse Reg, esticando-se sobre a mesa e puxando do nariz de Richard uma corrente de onze cliques de papel e um pequeno cisne de borracha.

Então, erguendo o cisne no ar, anunciou:

– Ah, o verdadeiro culpado. Eles vêm em pacotes de cereais, como você sabe, e causam uma infinidade de transtornos. Bem, fico feliz por termos tido esta pequena conversa, meu caro colega. Sinta-se livre para me incomodar outra vez caso volte a ter esse tipo de problema.

Desnecessário dizer que Richard não fez isso.

Richard correu os olhos pela mesa para ver se reconhecia mais alguém de sua época na faculdade.

Dois lugares à sua direita, viu o professor que tinha sido chefe do Departamento de Estudos de Língua Inglesa quando ele estudava ali, que não deu nenhum sinal de reconhecê-lo. Isso não era de espantar, uma vez que Richard havia passado seus três anos de faculdade evitando-o ao máximo, chegando ao ponto de deixar a barba crescer e fingir ser outra pessoa.

Ao lado dele estava um homem que Richard nunca conseguira identificar. Aliás, ninguém nunca havia conseguido. Era magro, com cara de rato, e tinha o nariz mais extraordinariamente longo e ossudo que se possa imaginar – era mesmo muito, muito longo e ossudo. Na verdade, ele se parecia bastante com a polêmica quilha que possibilitara à Austrália ganhar a Copa América de Iatismo em

1983, semelhança esta que fora muito comentada na época, embora não na sua frente, é claro. Ninguém nunca dizia nada na sua frente.

Ninguém.

Nunca.

Qualquer pessoa que fosse apresentada a ele ficava espantada e constrangida demais com seu nariz para falar, e o segundo encontro era ainda pior por causa do primeiro, e assim por diante. Anos haviam se passado agora; dezessete no total. E, durante todo esse tempo, ele esteve fechado em um casulo de silêncio. No refeitório, há tempos que os empregados da faculdade tinham o hábito de deixar dois jogos de sal, pimenta e mostarda à sua disposição, um de cada lado, já que ninguém podia lhe pedir que passasse qualquer uma dessas coisas – e pedir à pessoa sentada do outro lado dele seria não só indelicado, mas totalmente impossível, porque seu nariz ficava no caminho.

A outra coisa estranha a seu respeito era uma série de gestos que ele fazia e repetia regularmente ao longo de todas as noites. Consistiam em cutucar cada um dos dedos de sua mão esquerda em ordem e, depois, um dos dedos da mão direita. Em seguida, às vezes cutucava alguma outra parte do corpo, o nó de um dedo, um cotovelo ou um joelho. Sempre que era forçado a parar de fazer isso para comer, ele começava a piscar os olhos um por um e, de vez em quando, a menear a cabeça. É claro que ninguém nunca tinha ousado lhe perguntar por que ele fazia isso, embora todos se mordessem de curiosidade.

Richard não conseguia enxergar quem estava sentado além dele.

Na outra direção, depois do vizinho cadavérico de Reg, estava Watkin, o professor de Letras Clássicas, um homem de aterrorizante secura e estranheza. Seus óculos pesados, sem aros, eram quase como cubos sólidos de gelo, nos quais seus olhos pareciam levar

existências independentes, como peixes-dourados. Seu nariz era reto o suficiente e comum, mas, debaixo dele, Watkin usava uma barba como a de Clint Eastwood em *O cavaleiro solitário*. Seu olhar nadava pela mesa enquanto ele escolhia com quem iria conversar naquela noite. Tinha achado que poderia conseguir encurralar um dos convidados, o recém-nomeado diretor da Rádio 3, da BBC, que estava sentado à sua frente, mas infelizmente ele já havia caído nas garras do diretor de Música da faculdade e de um professor de Filosofia. Esses dois estavam ocupados explicando para o homem acochado que a expressão “Mozart demais” era, levando em conta qualquer definição razoável dessas duas palavras, uma contradição em termos e que qualquer frase que contivesse essa expressão se tornaria, portanto, desprovida de sentido – conseqüentemente, ela não poderia ser usada como parte de um argumento em favor de nenhum tipo de estratégia de programação musical. O pobre homem já começava a segurar seus talheres com mais força do que o normal. Olhava de um lado para outro em busca de salvação e cometeu o erro de cruzar olhares com Watkin.

– Boa noite – cumprimentou Watkin com um sorriso charmoso, meneando a cabeça da forma mais amigável possível. Então voltou sua atenção para a tigela de sopa que acabara de chegar, a qual não permitiria ser movida. Por enquanto. Deixe o infeliz sofrer um pouco. Queria que aquele resgate lhe rendesse pelo menos meia dúzia de convites para falar na rádio.

Depois de Watkin, Richard descobriu de repente a fonte da risada de menininha provocada pelo truque de mágica de Reg. Para sua surpresa, era mesmo uma menininha. Ela devia ter 8 anos, com cabelos loiros e uma expressão emburrada. Sentada, chutava com raiva a perna da mesa.

– Quem é aquela? – perguntou Richard a Reg, surpreso.

– Quem é quem? – perguntou Reg a Richard, surpreso.

Discretamente, Richard apontou-a.

– Aquela garota – sussurrou –, aquela garotinha bem pequena ali. Por acaso é alguma nova professora de Matemática?

Reg se virou para olhá-la.

– Sabe – falou ele, espantado –, não faço a menor ideia. Nunca vi coisa parecida. Que extraordinário.

Nesse exato momento, o mistério foi solucionado pelo homem da BBC, que conseguiu se desvencilhar do mata-leão lógico que seus vizinhos de mesa tinham lhe aplicado e deu uma bronca na garotinha, mandando-a parar de chutar a mesa. Ela parou, mas então começou a chutar o ar com vigor redobrado. Ele disse para a menina tentar se divertir, e então ela lhe deu um chute. Isso ajudou a trazer um breve lampejo de prazer para a noite maçante de Richard, mas não durou muito. O pai compartilhou brevemente com toda a mesa sua opinião sobre babás que deixavam as pessoas na mão na hora H, mas ninguém se sentiu capacitado a continuar o assunto.

– Já não é de hoje – voltou a falar o diretor de Música – que a rádio nos deve uma programação especial com solos para órgão de Buxtehude. Estou certo de que o senhor aproveitará a primeira oportunidade para remediar essa situação.

– Ah, ahn, sim – respondeu o pai da menina, derramando sua sopa –, ahn, quer dizer... Gluck e ele não são a mesma pessoa, são?

A garotinha voltou a chutar o pé da mesa. Quando seu pai a fitou com um olhar severo, ela virou a cabeça para um lado e articulou uma pergunta.

– Agora não – insistiu ele o mais discretamente possível.

– Então quando?

– Mais tarde. Talvez. Mais tarde nós vemos.

Ela se afundou de volta na cadeira, emburrada.

– Você sempre diz “mais tarde” – balbuciou ela.

– Pobrezinha – sussurrou Reg. – Não há um só professor nesta mesa que não se comporte dessa forma por dentro. Ah, obrigado.

A sopa deles chegou, desviando sua atenção e a de Richard.

– Então me diga – falou Reg, depois de terem tomado duas colheradas da sopa e chegado separadamente à conclusão de que não era uma explosão de sabores –, o que você tem feito da vida, meu caro colega? Algo relacionado a computadores, até onde entendi, e também com música, não? Achei que tivesse estudado Língua Inglesa em sua passagem por aqui... mas apenas no seu tempo livre, percebo agora. – Ele lançou um olhar expressivo para Richard por sobre a borda da sua colher de sopa. – Mas espere – interrompeu ele antes que Richard tivesse a chance de responder –, acho que me lembro vagamente que você tinha uma espécie de computador quando estudava aqui, não? Quando foi isso? 1977?

– Bem, o que chamávamos de computador em 1977 era na verdade uma espécie de ábaco eletrônico, mas...

– Ora, ora, não subestime o ábaco. Em mãos habilidosas, ele é um artefato de calcular muito sofisticado. Além do mais, não precisa de energia, pode ser feito com qualquer material que você tiver à mão e nunca dá pane no meio de um trabalho importante.

– Pensando assim, um ábaco eletrônico não faria o menor sentido.

– Isso é bem verdade – concordou Reg.

– Não havia muita coisa que aquela máquina pudesse fazer que você próprio não fizesse em metade do tempo e com muito menos trabalho, mas, por outro lado, ela era tão boa quanto um aluno lerdo e tapado.

Reg olhou para ele, intrigado.

– Não sabia que alunos assim estavam em falta. Eu poderia acertar uma dúzia se atirasse um pãozinho de onde estou sentado.

– Sem dúvida. Mas veja da seguinte maneira: qual é o verdadeiro sentido de tentar ensinar qualquer coisa para quem quer que seja?

Esse questionamento pareceu provocar um burburinho de aprovação por toda a mesa.

– O que quero dizer – prosseguiu Richard – é que, se você quiser mesmo entender alguma coisa, a melhor maneira de fazer isso é tentar explicá-la para alguém. Isso o obriga a destrinchá-la em sua cabeça. E, quanto mais lerdo e tapado for seu aluno, mais você terá que fragmentá-la em ideias cada vez mais simples. Essa é, na verdade, a essência da programação computacional. Depois de decompor uma ideia complexa em pequenos passos que até mesmo uma máquina idiota consegue compreender, você terá aprendido algo a respeito dela também. O professor geralmente aprende mais do que o aluno. Não é verdade?

– Seria difícil aprender muito menos do que meus alunos sem passar por uma lobotomia pré-frontal – rosnou alguém de alguma parte da mesa.

– Então eu passava dias pensando para escrever meus trabalhos nesse computador de 16K, algo que poderia ter feito em poucas horas numa máquina de escrever, mas o fascinante para mim era o processo de tentar explicar para a máquina o que eu queria que ela fizesse. Praticamente desenvolvi meu próprio processador de texto em BASIC. Um simples processo de localizar e substituir podia levar cerca de três horas.

– Já não me lembro, mas você conseguia terminar os seus trabalhos?

– Bem, não exatamente. Os trabalhos não saíam, mas os motivos eram fascinantes. Por exemplo, eu descobri que...

Ele teve que parar para rir de si mesmo.

– Eu também tocava teclado em um grupo de rock, é claro. Isso não ajudava.

– Ora, dessa eu não sabia. Seu passado tem mais elementos misteriosos do que eu imaginava. Uma característica, devo acrescentar, que ele compartilha com esta sopa. – Reg limpou a

boca meticulosamente com seu guardanapo. – Preciso conversar com o pessoal da cozinha qualquer dia desses. Gostaria de conferir se eles estão usando as partes certas e jogando as partes inadequadas fora. Enfim... um grupo de rock, você disse. Ora, ora, quem diria.

– Sim. O nome era Os Garotos Razoavelmente Bons, embora na verdade não fôssemos nem mesmo isso. Nossa intenção era ser os Beatles do começo da década de 1980, mas recebemos conselhos financeiros e legais muito melhores do que os Beatles jamais receberam, que se resumiam à frase “nem tentem”, então nós nem tentamos. Terminei meu curso em Cambridge e passei fome durante três anos.

– Mas eu não cheguei a topiar com você durante esse período? – perguntou Reg. – E você não me disse que estava indo bem?

– Como lixeiro, sim. Havia uma quantidade enorme de lixo nas ruas. Mais do que o suficiente, me parecia, para assegurar toda uma carreira. Só que acabei sendo demitido por varrer o lixo da zona de outro lixeiro.

Reg balançou a cabeça.

– Não era a carreira certa para você, tenho certeza. Há várias profissões em que esse tipo de comportamento lhe renderia uma promoção no mesmo instante.

– Experimentei alguns outros trabalhos, mas nada muito importante. E não ficava muito tempo em nenhum deles, pois estava sempre cansado demais para fazê-los direito. Sempre me encontravam dormindo em galinheiros ou enquanto arquivava documentos, dependendo do trabalho. Eu ficava acordado a noite inteira em frente ao computador, ensinando-o a tocar “Three Blind Mice”. Essa era uma meta importante para mim.

– Não duvido. Obrigado – agradeceu Reg ao empregado que retirou a tigela de sopa ainda pela metade da sua frente –, muito obrigado. “Three Blind Mice”, hein? Muito bem, muito bem. Então

você certamente teve sucesso em algum momento, o que explica sua atual situação privilegiada, correto?

– Bem, é um pouco mais complicado do que isso.

– Eu temia que fosse. Que pena que não trouxe o computador com você. Talvez servisse para alegrar aquela pobre menininha que está sendo obrigada a aturar nossa companhia maçante e rabugenta. Uma bela dose de “Three Blind Mice” provavelmente ajudaria a levantar o seu ânimo.

Reg se inclinou para a frente de modo a olhar para além dos seus dois vizinhos à direita até a garotinha, que continuava afundada em sua cadeira.

– Olá.

Ela ergueu os olhos, surpresa, então baixou-os com timidez, tornando a balançar as pernas.

– O que você acha pior – perguntou Reg –, a sopa ou a companhia?

Ela deu uma risadinha relutante e encolheu os ombros, ainda olhando para baixo.

– Acho muito sensato da sua parte não se comprometer a esta altura – prosseguiu Reg. – Eu mesmo estou esperando para provar as cenouras antes de fazer qualquer julgamento. Elas estão sendo fervidas desde o fim de semana, mas temo que ainda não seja suficiente. A única coisa que poderia ser pior do que as cenouras é Watkin. Ele é o homem com os óculos ridículos sentado entre nós dois. Meu nome é Reg, por sinal. Venha me dar um chute quanto tiver um tempinho.

A menininha riu e ergueu os olhos para Watkin, que ficou tenso e fracassou redondamente ao tentar abrir um sorriso afável.

– Ora, garotinha – falou ele, constrangido, e ela teve que se conter para não gargalhar dos seus óculos.

Não houve muita conversa depois disso, mas a menina tinha conquistado um aliado e começou a se divertir um pouco. Seu pai

sorriu, aliviado.

Reg se voltou para Richard, que perguntou de repente:

– O senhor tem alguma família?

– Ahn... não – respondeu Reg em voz baixa. – Mas conte para mim: depois de “Three Blind Mice”, o que aconteceu?

– Bem, resumindo a história, Reg, eu acabei indo trabalhar para a WayForward Technologies...

– Ah, sim, o famoso Sr. Way. Diga-me, como ele é?

Richard sempre se incomodava um pouco com essa pergunta, provavelmente porque a faziam com muita frequência.

– Ao mesmo tempo, melhor e pior do que a imprensa pinta. Gosto muito dele, na verdade. Como qualquer homem compulsivo, pode ser um pouco irritante às vezes, mas eu o conheço desde o início da empresa, quando não tínhamos nem um centavo no bolso. Ele é ótimo. Mas não é uma boa ideia lhe dar o seu número de telefone, a não ser que você tenha uma secretária eletrônica com capacidade industrial.

– Como assim? Por que diz isso?

– Bem, ele é uma daquelas pessoas que só consegue pensar se estiver falando. Quando tem alguma ideia, precisa explicá-la em voz alta para qualquer um que possa ouvi-la. Ou, se não houver pessoas disponíveis, o que é cada vez mais comum, suas secretárias eletrônicas são tão eficazes quanto. Ele telefona para elas e começa a falar. Tem uma assistente cuja única função é recolher as fitas das pessoas para as quais ele ligou, transcrevê-las, organizá-las e lhe entregar o texto editado no dia seguinte em uma pasta azul.

– Uma pasta azul, é?

– Eu me pergunto: por que ele não simplesmente usa um gravador? – disse Richard, dando de ombros.

Reg refletiu sobre a questão.

– Imagino que ele não use um gravador por que não gosta de falar sozinho. Tem lógica. De certa forma.

Comeu um bocado de seu recém-chegado *porc au poivre* e ruminou um pouco antes de pousar o garfo e a faca com delicadeza.

– Então – indagou Reg por fim –, qual é o papel do jovem MacDuff nessa história toda?

– Bem, Gordon me contratou para desenvolver um software muito importante para o Macintosh. Planilhas financeiras, contabilidade, esse tipo de coisa; uma ferramenta eficaz, fácil de utilizar, com muitos gráficos. Perguntei o que exatamente ele desejava no programa e Gordon respondeu: “Tudo. Quero o melhor software de contabilidade do mundo, quero ver os números cantarem e dançarem nele.” Como sou brincalhão, levei o que ele me pediu ao pé da letra.

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

– A questão é que padrões numéricos podem representar qualquer coisa que você quiser, podem ser usados para mapear qualquer superfície ou modular qualquer processo dinâmico, e assim por diante. No fim das contas, qualquer conjunto de contas comerciais não passa de um padrão numérico. Então, eu me sentei e desenvolvi um programa que pegaria esses números e deixaria você fazer o que bem entendesse com eles. Se quisesse apenas um gráfico de barras, ele os organizaria em um gráfico de barras; se os quisesse em um gráfico de pizza ou em um de dispersão, ele os apresentaria dessa forma. Se quisesse garotas dançantes saindo de dentro do gráfico de pizza para distrair as pessoas dos números que o gráfico apresenta, o programa também poderia fazer isso. Ou você poderia transformar seus números em, digamos, uma revoada de gaivotas, com a formação em que elas voam e a maneira como a asa de cada gaivota bate sendo determinada pelo desempenho de cada divisão da sua empresa. Uma excelente maneira de produzir logotipos corporativos animados que realmente *signifiquem*

alguma coisa. Com o recurso mais bobo de todos, você pode representar as contas comerciais como uma música. Bem, eu achei que era uma coisa boba. Mas o mundo corporativo ficou maravilhado com a ideia.

Reg o fitou com um olhar solene por sobre o pedaço de cenoura equilibrado no garfo à sua frente, mas não o interrompeu.

– O negócio é que qualquer aspecto de uma peça musical pode ser expressado como uma sequência ou padrão numérico – continuou Richard, entusiasmado. – Números podem expressar o tom e o comprimento das notas, padrões tonais e rítmicos...

– A melodia, você quer dizer – falou Reg. A cenoura continuava no mesmo lugar.

Richard sorriu.

– Melodia seria uma ótima palavra para descrever isso. Preciso me lembrar dela.

– Simplificaria a sua explicação. – Reg devolveu a cenoura ao prato, sem prová-la. – Então esse programa foi um sucesso?

– Aqui, nem tanto. O balanço anual da maioria das empresas britânicas acabou soando como uma marcha fúnebre, mas, no Japão, eles gostaram tanto que pareciam um bando de ratos esfomeados. Produziram um monte de jingles empresariais animados que começavam bem, mas, olhando de forma mais crítica, provavelmente tendiam a ficar um pouco barulhentos e estridentes no final. Teve grande sucesso nos Estados Unidos, o que era o mais importante, comercialmente falando. No entanto, o que mais me interessa agora é o que acontece quando você retira as contas comerciais e transforma os números que representam o bater das asas das gaivotas diretamente em música. O que você ouviria? Não o som de dinheiro caindo na conta, segundo Gordon.

– Fascinante – comentou Reg –, realmente fascinante.

Por fim, levou a cenoura à boca. Ele se virou e se inclinou para frente para falar com sua nova amiga.

– Watkin perdeu – anunciou ele. – As cenouras nunca estiveram piores. Desculpe, Watkin, mas, por mais terrível que você seja, infelizmente as cenouras são imbatíveis.

A garota riu com mais facilidade do que da última vez. Watkin tentava levar tudo na esportiva, mas a maneira como seus olhos se focaram em Reg deixava claro que ele estava mais habituado a causar constrangimento do que a ser constrangido.

– Papai, agora eu posso, por favor? – Com sua confiança recém-adquirida, ainda que frágil, a garota também encontrou sua voz.

– Mais tarde – insistiu o pai.

– Já é mais tarde. Eu cronometrei.

– Bem... – Ele hesitou, confuso.

– Nós fomos à Grécia – anunciou a menina com uma voz baixa, mas cheia de admiração.

– Ah, é mesmo? – indagou Watkin, meneando de leve a cabeça.

– Ora, ora. Algum lugar em especial, ou só para a Grécia em geral?

– Patmos – respondeu ela, segura de si. – Foi lindo. Acho que Patmos é o lugar mais bonito do mundo. Só que a balsa nunca chegava no horário marcado. Nunquinha. Eu cronometrei. Nós perdemos o voo por causa disso, mas eu não me importei.

– Ah, Patmos, excelente – falou Watkin, claramente entusiasmado com a notícia. – Bem, o que você precisa entender, minha pequenina, é que os gregos, não satisfeitos em dominar a cultura do mundo clássico, também foram responsáveis pela maior, e alguns diriam única, obra de verdadeira imaginação criativa deste século. Estou me referindo, naturalmente, aos quadros de horários das balsas gregas. Elas são uma obra da mais sublime ficção. Qualquer um que já tenha viajado pelo mar Egeu poderá confirmar isso. Ah, sim. É o que eu acho.

Ela franziu as sobrancelhas para Watkin.

– Eu encontrei um vaso.

– Não era nada. – Seu pai apressou-se a interrompê-la. – Vocês sabem como é. Todo mundo que vai à Grécia pela primeira vez acha que encontrou um vaso, não é mesmo? Rá, rá.

Todos concordaram com a cabeça. Era verdade. Irritante, mas verdadeiro.

– Eu encontrei o meu no porto – continuou ela –, bem na água. Enquanto a gente estava esperando por aquela bosta de balsa.

– Sarah! Eu já falei para você...

– Foi você quem chamou a balsa assim. E de coisa pior. Usou umas palavras que eu nem sabia que você conhecia. Enfim, eu achei que, como dizem que todo mundo aqui é tão inteligente, alguém saberia me dizer se ele é mesmo uma coisa da Grécia Antiga ou não. Eu acho que é *muito* antiga. Posso mostrar para eles, papai, por favor?

O pai deu de ombros, derrotado, e começou a mexer em algo debaixo da cadeira.

– Você sabia, minha pequenina – disse Watkin –, que o livro do Apocalipse foi escrito em Patmos? Foi, sim. Por São João, o Divino, como você bem sabe. Para mim, ele demonstra sinais bem claros de ter sido escrito enquanto São João esperava por uma balsa. Ah, sim, é o que eu acho. Ele começa com aquele tipo de devaneio em que você entra quando está matando tempo, entediado, sabe, inventando coisas, e então vai crescendo pouco a pouco até uma espécie de clímax de desespero delirante. Acho isso muito sugestivo. Talvez devesse escrever um artigo sobre o assunto – concluiu ele, assentindo para a garotinha.

Ela o encarou como se ele estivesse maluco.

– Bem, aqui está ele – falou o pai, largando o objeto sobre a mesa. – É apenas um vaso, estão vendo? Ela só tem 6 anos – acrescentou, com um sorriso amarelo –, não é, querida?

– Sete – retrucou Sarah.

O vaso era bem pequeno, com 12 centímetros de altura e uns 10 de largura em sua parte mais bojuda. Seu corpo era quase esférico, com um gargalo muito estreito que se estendia por coisa de 2,5 centímetros, que estava incrustado de terra endurecida, assim como cerca de metade da sua superfície. Mas as partes visíveis eram avermelhadas e possuíam uma textura áspera, rubicunda.

Sarah apanhou o vaso e o colocou nas mãos do professor sentado à sua direita.

– Você parece inteligente. Me diga o que acha.

O professor virou-o de cabeça para baixo com um ar um tanto arrogante.

– Estou certo de que, se você raspasse a lama no fundo – comentou, espirituoso –, provavelmente leria “Made in Birmingham”.

– Tão antigo assim, é? – falou o pai de Sarah com uma risada forçada. – Há muito tempo que não se produz nada por lá.

– De todo modo – continuou o professor –, não é minha área de especialidade: sou biólogo molecular. Alguém mais quer dar uma olhada?

A pergunta não foi recebida com gritinhos de entusiasmo, mas, assim mesmo, o vaso foi passado de mão em mão em volta da outra ponta da mesa, de maneira um tanto ou quanto aleatória. Foi analisado através de óculos fundo de garrafa, perscrutado através de óculos de aro de tartaruga, escrutinado através de óculos em meia-lua e examinado através de olhos apertados por alguém que havia deixado seus óculos em outro paletó e agora morria de medo de tê-lo mandado para a lavanderia. Ninguém parecia saber a idade do vaso ou se importar muito com isso. O rosto da garotinha começou a ficar desanimado outra vez.

– Pobrezinha – comentou Reg a Richard. Ele tornou a apanhar um saleiro de prata e o ergueu no ar. – Minha jovem – chamou ele, inclinando-se para a frente.

– Ah, de novo não, seu velho idiota – balbuciou Cawley, o velho arqueólogo, recostando-se na cadeira e tapando as orelhas com as mãos.

– Minha jovem – repetiu Reg –, veja este simples saleiro de prata. Agora veja este simples chapéu.

– Você não está de chapéu – retrucou a menina, emburrada.

– Ah, só um momento.

Ele foi pegar o seu chapéu de lã vermelho e voltou.

– Veja este simples saleiro de prata. Agora veja este simples chapéu de lã. Vou colocar o saleiro dentro do chapéu e depois passar o chapéu para você. A próxima parte do truque, minha querida... bem, você decide.

Reg lhe entregou o chapéu, passando-o pelos dois homens que estavam entre eles, Cawley e Watkin. Ela o apanhou e olhou dentro.

– Cadê o saleiro? – perguntou, vasculhando o interior do chapéu.

– No lugar em que você o colocou.

– Ah. Já entendi. É... não foi muito bom.

Reg encolheu os ombros.

– É um truque bobo, mas me dá prazer. – Ele se voltou para Richard. – Bem, do que estávamos falando mesmo?

Richard o encarou com uma expressão ligeiramente chocada. Sabia que o professor sempre tivera uma tendência a alterações de humor repentinas e erráticas, mas era como se toda a ternura tivesse sido sugada dele em um piscar de olhos. Agora, exibia a mesma expressão distraída que Richard tinha visto ao bater à porta naquela noite, como se sua presença fosse totalmente inesperada. Reg pareceu notar que Richard estava espantado e se apressou a reabrir um sorriso.

– Meu caro colega! Meu caro colega! Meu caro, caro colega! O que eu estava dizendo?

– Você estava dizendo “meu caro colega”.

– Sim, mas tenho certeza de que era uma introdução a outra coisa. Uma breve tocata sobre o tema de como você é um camarada excepcional *antes* de apresentar o assunto principal do meu discurso, cuja natureza me escapa no momento. Você não sabe o que eu estava prestes a dizer?

– Não.

– Ah. Bem, imagino que eu devesse ficar aliviado. Se todos soubessem exatamente o que eu iria dizer, então não faria o menor sentido dizer algo, não é verdade? Mudando de assunto, como estará indo o vaso da nossa jovem convidada?

Ele havia chegado a Watkin, que afirmou não ser nenhum especialista sobre o que os antigos costumavam usar como recipientes para suas bebidas, mas apenas sobre o que eles tinham escrito sob o efeito delas. Watkin alegou que, nesse caso, todos deveriam acatar o conhecimento e a experiência de Cawley e tentou passar o vaso para o arqueólogo.

– Eu *disse* – repetiu ele – que, nesse caso, todos devemos acatar seu conhecimento e sua experiência. Ah, pelo amor de Deus, tire as mãos das orelhas e dê uma olhada neste negócio.

Com um gesto delicado, porém firme, Watkin afastou a mão direita de Cawley da orelha, explicou a situação outra vez e lhe entregou o pote. O arqueólogo o avaliou de forma superficial, mas claramente como um especialista.

– Sim, tem cerca de 200 anos de idade, eu diria. Muito tosco. Um exemplo bem grosseiro do seu gênero. Sem nenhum valor, é claro.

Ele o largou categoricamente sobre a mesa e seu olhar vagou em direção ao antigo balcão dos músicos, que pareceu irritá-lo por algum motivo.

O efeito sobre Sarah foi imediato. Já desanimada, ela ficou totalmente inconsolável. Mordeu o lábio e voltou a se afundar na cadeira, sentindo-se outra vez deslocada e infantil. Seu pai lançou

um olhar para ela, alertando-a de que não se portasse mal, e tornou a pedir desculpas pela filha.

– Ora, Buxtehude – apressou-se a dizer em seguida –, claro, o bom e velho Buxtehude. Verei o que posso fazer. Mas diga-me...

– Minha jovem – interrompeu-o uma voz, rouca de espanto –, você claramente é uma feiticeira dona de poderes extraordinários!

Todos os olhos se voltaram para Reg, aquele velho exibicionista. Ele estava segurando o vaso e o fitava com um fascínio ensandecido. Voltou seus olhos devagar para a garotinha, como se avaliasse pela primeira vez a força de um adversário temível.

– Eu me curvo diante de você – sussurrou ele. – Por mais indigno que eu seja de falar na presença de um poder tão grande quanto o seu, peço permissão para louvá-la por uma das mais sublimes proezas de feitiçaria que tive o privilégio de testemunhar!

Sarah o encarava com os olhos cada vez mais arregalados.

– Permita que eu mostre a essas pessoas a sua façanha? – perguntou ele com fervor.

Quando ela assentiu muito de leve, Reg levantou o vaso antes precioso, mas agora infelizmente desacreditado, e bateu com ele sobre a mesa.

O vaso se partiu em duas partes irregulares, a lama incrustada que o envolvia caindo na forma de cacos pontiagudos. Uma metade do recipiente também tombou, mas a outra ficou de pé.

Sarah esbugalhou os olhos para o saleiro manchado e sujo, mas inconfundível, que estava preso dentro dos restos do vaso.

– Velho idiota – balbuciou Cawley.

Depois que a depreciação e a condenação generalizada desse truque de mágica barato tiveram fim – sem conseguir diminuir em nada o brilho de admiração nos olhos de Sarah –, Reg se voltou para Richard e disse, jogando conversa fora:

– Quem era mesmo aquele seu amigo de quando você estudava aqui? Ainda tem contato com ele? Aquele camarada com um nome

estranho do Leste Europeu? Svlad alguma coisa. Svlad Cjelli. Lembra desse sujeito?

Richard olhou para ele, confuso por alguns instantes.

– Svlad? Ah, você quer dizer Dirk. Dirk Cjelli. Não. Nunca mais tive notícias. Cheguei a topar com ele na rua uma vez ou outra, não mais que isso. Acho que troca de nome de tempos em tempos. Por que pergunta?

capítulo 5

No topo de seu promontório rochoso, o Monge Eletrônico continuava sentado em uma água que se tornava, pouco a pouco e sem reclamar, supérflua. Debaixo de seu capote grosseiro, ele olhava sem piscar para o vale abaixo, com o qual estava tendo um problema. O problema, no entanto, era de um tipo novo e terrível para o Monge: uma Dúvida.

Ele nunca sofria disso por muito tempo, mas, quando sofria, era como se a Dúvida corroesse as fundações do seu ser.

O dia estava quente, o sol pairava em um céu vazio e nebuloso e castigava as pedras cinzentas e a grama esparsa e crestada. Mas coisas estranhas começavam a fervilhar em seu cérebro, como costumava acontecer de tempos em tempos quando algum pacote de dados era mal encaminhado ao passar por seu buffer de entrada.

O Monge começou a acreditar, primeiro com agitação e nervosismo, depois com uma grande e calcinante labareda de fé que subjugou todas as suas crenças anteriores (incluindo aquela idiota de que o vale era rosa), que, em algum lugar no vale lá embaixo, a cerca de 1,5 quilômetro de onde ele estava, em breve seria aberto um misterioso portal para um mundo estranho e distante, um portal que ele talvez pudesse atravessar. Era uma ideia espantosa.

No entanto, espantosamente, dessa vez ele tinha toda a razão. A égua percebeu que algo estava acontecendo.

Ela levantou as orelhas e balançou de leve a cabeça. Tinha entrado em uma espécie de transe ao ficar olhando para o mesmo aglomerado de pedras por tanto tempo, e estava prestes a imaginar também que elas eram cor-de-rosa. Balançou a cabeça com um pouco mais de força.

Uma leve puxada em suas rédeas, acompanhada de um cutucão dos calcanhares do Monge, e eles estavam descendo com cautela pela encosta pedregosa. O trajeto era difícil. A maior parte era composta de xisto solto, marrom e cinza, com uma ou outra planta marrom e verde agarrando-se a uma existência precária. O Monge percebeu isso sem constrangimento. Era um Monge mais velho e sábio agora e tinha deixado as coisas infantis para trás. Vales cor-de-rosa, mesas hermafroditas, tudo isso eram estágios naturais pelos quais era preciso passar no caminho para a verdadeira iluminação.

O sol os castigava. O Monge secou o suor e limpou a poeira do rosto, e parou, inclinando-se para a frente sobre o pescoço da égua. Ele olhou para baixo através das ondulações de calor, em direção a um grande afloramento que se destacava na superfície do vale. Ali, atrás daquela massa rochosa, era onde o Monge pensava, ou melhor, acreditava fervorosamente até o âmago do seu ser, que o portal iria aparecer. Tentou analisar aquele ponto com mais atenção, porém os detalhes se embaralhavam, confundindo-se no ar quente que o solo emanava.

Quando voltou a se empertigar sobre a sela, prestes a instigar a égua, percebeu de repente algo bastante estranho.

Em uma parede de rocha mais ou menos plana perto dali – na verdade, tão perto que o Monge ficou surpreso de não tê-la notado antes –, havia uma grande pintura. A arte em si era grosseira, embora fosse possível determinar certo estilo nos traços; ela

parecia muito antiga, bem antiga mesmo. A tinta estava desbotada, descascada e irregular, de modo que era difícil discernir com o mínimo de clareza o que a figura representava. O Monge se aproximou para analisá-la melhor. Parecia uma cena de caça primitiva.

As criaturas roxas, com vários membros, eram claramente um grupo de caçadores de eras passadas. Carregavam lanças rudimentares e perseguiram uma grande criatura chifruda e encouraçada, que parecia já ter sido ferida durante a caça. As cores já estavam tão desbotadas que eram quase inexistentes. A única coisa que se podia ver com clareza era o branco dos dentes dos caçadores, que pareciam brilhar com uma alvura cujo lustro não fora diminuído pela passagem do que deveriam ter sido vários milhares de anos. Para ser franco, botavam no chinelo os dentes do próprio Monge – e ele os havia escovado naquela manhã mesmo.

O Monge já tinha visto pinturas como aquela antes, mas apenas em fotografias ou na TV, nunca na vida real. Eram geralmente encontradas em cavernas, onde ficavam protegidas das intempéries, ou não teriam sobrevivido.

O Monge analisou melhor o entorno da parede de rocha e notou que, embora ela não estivesse propriamente em uma caverna, era encimada por uma saliência que a protegia, mantendo-a bem abrigada do vento e da chuva. Mesmo assim, era estranho que tivesse conseguido durar tanto. Mais estranho ainda era o fato de não parecer ter sido encontrada. Esse tipo de pintura rupestre era sempre composto de imagens famosas e familiares, mas ele nunca vira uma daquelas antes.

Talvez o Monge tivesse feito uma descoberta revolucionária, histórica. Talvez, se retornasse à cidade e a anunciasse, poderiam recebê-lo de volta de braços abertos, ele ganharia uma placa-mãe nova e lhe permitiriam acreditar... acreditar... acreditar em quê? O

Monge se deteve, pestanejou e balançou a cabeça para corrigir um erro de sistema momentâneo.

Obrigou-se a parar o que estava fazendo.

Ele acreditava em um portal. Precisava encontrá-lo. O portal era o caminho para... para...

O Portal era O Caminho.

Ótimo.

Letras maiúsculas são sempre a melhor maneira de lidar com as coisas para as quais você não tem uma boa resposta.

Com um gesto brusco, puxou a cabeça do cavalo para o outro lado e o direcionou para a frente e para baixo. Após alguns minutos de manobras arriscadas, chegaram ao fundo do vale. Ele ficou momentaneamente desconcertado ao descobrir que a fina camada superficial de poeira, que se assentara sobre a terra marrom seca, possuía, de fato, um tom muito claro e amarronzado de rosa, sobretudo às margens do vagaroso filete de lama que era tudo o que restava, na estação quente, do rio que atravessava o vale durante a época das chuvas. Desmontou da égua e se agachou para sentir a poeira rosada e deixá-la correr por seus dedos. Era muito fina e macia e gostosa de esfregar contra a pele, que era mais ou menos da mesma cor, talvez um pouco mais escura.

A égua o encarava. Percebeu, talvez um pouco tarde demais, que o animal devia estar morrendo de sede. Ele mesmo estava morrendo de sede, mas tentava afastar isso da mente. Desafivelou o cantil da sela. Estava tão leve que chegava a ser patético. Desenroscou a tampa e tomou um só gole d'água. Então, despejou um pouco na mão e a ofereceu à égua, que sugou o líquido depressa, com sofreguidão.

A égua tornou a encará-lo.

O Monge balançou a cabeça com tristeza, tornou a fechar o cantil e o colocou de volta no lugar. Sabia, naquela pequena área da sua mente onde mantinha informações factuais e lógicas, que a

água não duraria muito – logo, eles também não. Era apenas sua Fé que o impulsionava a seguir em frente; no momento, sua Fé no Portal.

Ele sacudiu a poeira rosa do seu hábito grosseiro e ficou parado contemplando o afloramento, a apenas 100 metros de distância. Olhava para ele não sem uma ligeira pontada de dúvida. Embora a maior parte da sua mente estivesse firme na Fé eterna e inabalável de que haveria um Portal atrás do afloramento, e que o Portal seria O Caminho, aquela parte insignificante do seu cérebro que entendia quanto de água restava no cantil não conseguia deixar de recordar decepções passadas e soava um alerta de precaução quase imperceptível, porém irritante.

Se escolhesse não ir até lá para ver O Portal com os próprios olhos, então poderia continuar a acreditar nele para sempre. Ele seria a bússola da sua vida (o pouco que restava dela, dizia a parte do seu cérebro que sabia quanto de água restava no cantil).

Se, por outro lado, fosse prestar sua homenagem ao Portal e ele não estivesse ali... o que aconteceria?

A égua relinchou, impaciente.

A resposta, é claro, era muito simples. O Monge tinha toda uma placa de circuitos para lidar exatamente com esse problema; na verdade, era a parte mais fundamental de sua função. Ele continuaria acreditando no Portal por mais que os fatos lhe revelassem o contrário, afinal, qual era o significado de Fé senão esse?

O Portal continuaria ali, mesmo que não estivesse.

O Monge se recompôs. O Portal estaria ali e era preciso chegar a ele, pois o Portal era O Caminho.

Em vez de montar em sua égua, decidiu conduzi-la a pé. O Caminho era curto e ele devia chegar à presença do Portal com humildade.

Seguiu em frente, destemido e ereto, com uma lentidão solene. Aproximou-se do afloramento. Chegou a ele. Contornou-o. Olhou.

O Portal estava lá.

A égua, diga-se de passagem, ficou bastante surpresa.

O Monge caiu de joelhos, reverente e perplexo. Estava tão preparado para lidar com a decepção, sua sina habitual, que, embora jamais fosse admitir, aquilo o pegou totalmente de surpresa. Fitou o Portal, seu olhar acusando um total e completo erro de sistema.

A porta era de um tipo que ele nunca tinha visto antes. Todas as portas que conhecia eram coisas grandes e reforçadas com aço, por conta de todos os videocassetes e lava-louças que ficavam guardados atrás delas, além, é claro, de todos os Monges Eletrônicos necessários para se acreditar naquilo tudo. Mas aquela era simples, de madeira e pequena, mais ou menos do seu tamanho. Uma porta do tamanho de um Monge, pintada de branco, com uma maçaneta de bronze ligeiramente desgastada em um dos lados, um pouco abaixo da metade da sua altura. Estava instalada na face da rocha, sem nenhuma explicação quanto a sua origem ou o seu propósito.

Mal sabendo como teve coragem, o pobre e estupefato Monge se levantou, cambaleante, e conduziu sua égua com nervosismo em sua direção. Estendeu a mão e tocou-a. Ficou tão espantado quando nenhum alarme disparou que deu um salto para trás. Voltou a tocá-la, com mais firmeza dessa vez.

Deixou sua mão descer devagar até a maçaneta – outra vez, nenhum alarme. Ele esperou para ter certeza, e então girou a maçaneta com muito, muito cuidado. Sentiu um mecanismo destravar. Prendeu a respiração. Nada. Puxou a porta em sua direção e ela se abriu sem esforço. Olhou para além dela, mas seu interior era tão escuro em comparação ao deserto ensolarado do

lado de fora que ele não conseguia enxergar nada. Finalmente, quase morrendo de assombro, entrou, puxando a égua atrás de si.

Alguns minutos depois, um vulto que estava sentado fora de vista atrás do afloramento seguinte terminou de esfregar o pó de seu rosto, levantou-se, alongou os braços e as pernas e caminhou em direção à porta, sacudindo as roupas.

capítulo 6

“Em Xanadu, Kubla Kahn construiu
Para seu deleite um majestoso solar:”

O orador claramente pertencia à escola de pensamento que sustentava que o ar de seriedade e grandeza de um poema era melhor transmitido se você o lesse com uma voz ridícula. Ele jogava as palavras para as alturas e as fazia despencar de volta até elas parecerem querer se encolher e fugir de medo.

“Onde Alph, o rio divino, corria sutil
Por grutas que nenhum homem mediu
Até um mar sombrio alcançar.”

Richard se recostou em sua cadeira, relaxado. As palavras eram muito, muito familiares para ele, como não poderiam deixar de ser para qualquer um que tivesse estudado Língua Inglesa no St. Cedd's College, e instalaram-se com facilidade em sua mente.

A relação de Coleridge com a faculdade era levada muito a sério, apesar da famosa predileção do homem por certos tipos de fármacos recreativos, sob a influência dos quais esse poema, sua obra-prima, foi concebido, em um sonho.

O manuscrito completo estava armazenado na segurança da biblioteca da faculdade, e era justamente nele, durante o habitual jantar em homenagem a Coleridge, que o poema era lido.

“Dez milhas de terras férteis ele possuía,
Muralhas e torres por toda a sua cercania;
E ainda jardins repletos de regatos serpeantes
Onde vicejavam as árvores muitas, perfumadas;
E lá havia florestas, antigas como os montes,
Cingindo clareiras verdejantes, ensolaradas.”

Richard se perguntou quanto tempo aquilo demoraria. Olhou de esguelha para o antigo chefe do seu departamento e ficou transtornado com a determinação inflexível de sua postura de orador. A princípio, a voz cantarolada o irritou, mas logo começou a embalá-lo, e ele se pegou observando um filete de cera que transbordava da beirada de uma vela cuja chama já estava fraca e lançava uma luz mortiça sobre a carnificina do jantar.

“Ah, vê aquele romântico penedo seguir escarpado
Colina abaixo e por um dossel de cedros avante!
Lugar tão silvestre! Mágico e sagrado,
Tal qual sob a lua minguante assombrado
Pela mulher que clama por seu infernal amante!”

As pequenas doses de vinho a que havia se permitido durante a refeição infiltravam-se, quentes, pelas suas veias, e logo sua própria mente começou a questionar, provocada pela pergunta que Reg lhe fizera mais cedo durante o jantar, que fim teria levado seu velho... seria “amigo” a palavra? O sujeito parecia mais uma sucessão de acontecimentos extraordinários do que uma pessoa.

Assim, o fato de ter amigos daquele tipo não era exatamente improvável, mas tratava-se de dois conceitos que não batiam um com o outro, como a ideia de que a crise do canal de Suez pudesse sair para comer um pãozinho.

Svlad Cjelli. Mais popularmente conhecido como Dirk, embora a palavra “popular” não fizesse muito sentido no caso dele. Notório, sem dúvida; requisitado, alvo de infindáveis especulações, tudo isso era verdade. Mas popular? Apenas como um acidente de trânsito grave pode ser popular – todos desaceleravam para dar uma boa olhada, mas ninguém chegava perto das chamas. Infame seria mais adequado: Svlad Cjelli, mais infamemente conhecido como Dirk.

Ele era mais rechonchudo e gostava mais de chapéus do que qualquer estudante normal de graduação. Quer dizer, havia apenas um chapéu que ele usava com frequência, mas usava-o com um fervor raro em alguém tão jovem. Era vermelho-escuro e arredondado, com uma aba muito plana, e parecia se mover como se estivesse equilibrado por argolas de suspensão que garantissem sua perfeita horizontalidade em qualquer situação, por mais que o seu dono balançasse a cabeça. Como chapéu, era extraordinário, mas não muito bem-sucedido como ornamento pessoal. Seria um adorno elegante, estiloso e atraente que valorizaria a pessoa que o usasse, mas só se ela fosse um pequeno abajur de criado-mudo.

As pessoas gravitavam ao redor dele, atraídas pelas histórias a seu respeito, que ele negava; mas a origem desses relatos, para além de suas próprias negações, nunca ficava totalmente clara.

As histórias tinham a ver com poderes paranormais supostamente herdados do lado materno da família, que, de acordo com ele, vivia na região mais vistosa da Transilvânia. Ou melhor, Dirk nunca afirmara tal coisa, e dizia ser o mais completo absurdo. Negava com veemência haver qualquer tipo de morcego em sua família e ameaçava processar qualquer um que disseminasse calúnias tão maliciosas desse tipo, mas usava, a olhos vistos, uma

longa e ondulante capa de couro e tinha uma daquelas máquinas em seu quarto que, em tese, ajudavam a curar dores nas costas se você ficasse pendurado de cabeça para baixo nelas. Permitia que as pessoas o encontrassem suspenso nesse aparelho nas horas mais estranhas do dia, em especial da noite, única e exclusivamente para que pudesse negar de pés juntos que isso não significava nada.

Por meio de uma engenhosa série de negações estratégicas das coisas mais empolgantes e exóticas, pôde criar o mito de que era paranormal, místico, telepata, predestinado, vidente e morcego vampiresco psicossássico.

O que significava "psicossássico"?

Era uma palavra inventada por ele, que negava com veemência que ela tivesse algum sentido.

"E deste penedo, com incessante fervilhar e turbilhão,
Como se a terra arfasse, difícil respiração,
Jorros d'água eram por vezes expelidos,
E, em meio aos intermitentes jatos emitidos,
Enormes lascas saltavam..."

Dirk também estava constantemente sem dinheiro. Mas isso mudaria.

Tudo começou com seu colega de quarto, um rapaz ingênuo chamado Steve Mander, que, verdade seja dita, provavelmente fora escolhido a dedo por Dirk por sua ingenuidade.

Mander notou que, sempre que ia para a cama bêbado, Dirk falava dormindo. As coisas que dizia durante o sono eram mais ou menos como "A abertura das rotas comerciais zzz, rooonc, fiu... foi o ponto de inflexão para o crescimento do império no zzz, rooonc, fiu. Elabore".

“... como granizos ricocheteados,
Ou como os grãos, na debulha, do joio libertados.”

Na primeira vez que isso aconteceu, Mander se sentou com um sobressalto na cama. Isso foi logo antes das provas de qualificação do segundo ano, e o que Dirk acabara de dizer, ou melhor, balbuciar, parecia muitíssimo com o que poderia ser uma questão na prova de História Econômica.

Mander se levantou sem fazer barulho, foi até a cama de Dirk e ouviu com toda a atenção, mas, além de alguns resmungos totalmente desconexos sobre o Schleswig-Holstein e a Guerra Franco-Prussiana – estes direcionados em grande parte para o travesseiro de Dirk –, não conseguiu descobrir mais nada.

Mas a notícia se espalhou, de forma sorrateira, discreta, como o incêndio de uma floresta.

“E por entre as pedras dançantes em perpétuo rodopio
Irrompia vez por outra o divino rio.”

Durante o mês seguinte, Dirk se viu recebendo ofertas constantes de bebidas e jantares, na esperança de que dormisse como um anjo naquela noite e revelasse durante o sono mais algumas questões de prova. Incrivelmente, parecia que, quanto melhor fosse a comida e a safra do vinho que recebia para beber, menor era a sua tendência de dormir com a cara enfiada no travesseiro.

O plano dele, portanto, era explorar seu suposto dom sem jamais afirmar possui-lo. Na verdade, ele reagia a comentários sobre seus supostos poderes com franca incredulidade e até hostilidade.

“Por cinco milhas de labirinto tortuoso,

Atravessando bosques e vales, o rio divino corria sutil,
Até chegar às grutas que nenhum homem mediu,
Para afundar-se em rebuliço num mar tenebroso.
E, nesse alvoroço, Kubla ouviu dos confins da terra
Vozes ancestrais que profetizavam a guerra!”

Dirk era também, negava ele, um clariaudiente. Às vezes cantarolava melodias durante o sono que, duas semanas mais tarde, se revelavam um hit para algum artista. Algo não muito difícil de organizar, se você pensar bem.

Na verdade, sempre fizera o mínimo de pesquisa possível para sustentar esses mitos. Preguiçoso, essencialmente permitia que a credulidade entusiasmada dos outros fizesse o trabalho em seu lugar. A preguiça era fundamental: se suas supostas façanhas paranormais fossem detalhadas e precisas, as pessoas começariam a desconfiar e procurar por outras explicações. Por outro lado, quanto mais vagas e ambíguas fossem suas “previsões”, mais o desejo que as outras pessoas tinham de acreditar nelas preencheria a lacuna da incredulidade.

Dirk nunca ganhava muito com isso – ou, pelo menos, era o que parecia. Na realidade, o benefício para ele, como estudante, de jantar e beber vinho continuamente às custas de outras pessoas era mais considerável do que qualquer um poderia imaginar, a não ser que se sentasse para fazer as contas.

E, é claro, Dirk nunca afirmava – pelo contrário, fazia questão de negar – que qualquer parte disso fosse verdade.

Não poderia, portanto, estar em melhores condições de armar um belo e suculento golpe quando chegasse a época das provas finais.

“A sombra do solar deleitoso
Oscilava ao sabor das ondas revolutas,

Onde se ouvia o mesclar harmonioso
Do som das fontes e grutas.
Este milagre ninguém imaginaria jamais:
Um paço ensolarado com grutas glaciais!”

– Bom Deus...! – exclamou Reg, parecendo acordar com um sobressalto do leve cochilo a que havia sucumbido sob o efeito do vinho e da leitura. No entanto, olhando ao redor com perplexidade, viu que tudo continuava igual.

As palavras de Coleridge atravessavam, melodiosas, o calor e o aconchego do silêncio que se instalara no salão. Franzindo por um instante as sobrancelhas, Reg se acomodou para tirar outro cochilo, mas, dessa vez, de forma um pouco mais atenta.

“Uma donzela com um saltério
Foi a visão que tive outrora:
Da Abissínia era de onde ela vinha,
E tocava o instrumento que tinha
Louvando o monte Abora.”

Dirk se permitiu ser convencido a fazer, sob hipnose, uma previsão concreta sobre quais questões seriam formuladas para as provas daquele verão.

Ele mesmo havia plantado a ideia ao explicar exatamente que tipo de coisa jamais, sob nenhuma hipótese, estaria disposto a fazer, embora em muitos aspectos quisesse fazê-lo, apenas para ter a chance de desmentir suas supostas e amplamente negadas habilidades.

E foi sob essas condições, tramadas com grande cautela, que ele acabou por concordar: só porque isso acabaria de uma vez por todas com aquela tolice, com aquela grande e aborrecida tolice. Por

meio de psicografia, sob a devida supervisão, faria suas previsões, que seriam lacradas em um envelope e depositadas em um cofre até depois das provas.

Então, e só *após* as provas, o envelope seria aberto para confirmar a exatidão delas.

Dirk recebeu, como era de esperar, ofertas de suborno bastante polpudas de um número bastante polpudo de pessoas que desejavam ver as previsões antes, mas ficou totalmente chocado diante da ideia. Se fizesse isso, disse ele, estaria sendo *desonesto*...

“Se o seu cantar e a sua melodia
Pudesse eu reviver neste instante,
Seria arrebatado por tamanha alegria
Que com a música alta e ressoante
Ergueria aquele palácio em pleno ar:
O paço ensolarado! As grutas glaciais!”

Pouco tempo depois, Dirk fez questão de ser visto pela cidade exibindo uma expressão um tanto aflita e taciturna. A princípio, esquivou-se de qualquer pergunta sobre o que o atormentava, mas com o tempo deixou escapar que sua mãe teria que ser submetida a alguma espécie de tratamento dentário caríssimo que, por questões que ele se recusava a discutir, precisaria ser feito em uma clínica privada; mas não havia dinheiro para tanto.

A partir daí, o caminho descendente até aceitar doações para as supostas despesas médicas de sua mãe em troca de uma olhadinha nas previsões que ele anotara se mostrou íngreme e lubrificado o suficiente para que Dirk pudesse deslizar por ele sem o menor remorso.

Em seguida, vazou a informação de que o único dentista que poderia realizar esse tratamento misterioso era um cirurgião do

Leste Europeu que vivia em Malibu, o que obrigava o nível das doações a subir de forma considerável.

Dirk ainda negava, é claro, que suas habilidades fossem tudo aquilo que as pessoas alardeavam; na verdade, negava a própria existência delas e insistia que jamais teria sequer aceitado fazer aquele teste se não fosse para desmentir tudo. Além disso, como outras pessoas pareciam acreditar em suas habilidades por sua própria conta e risco, tinha todo o prazer de satisfazê-las, a ponto de deixá-las pagar pelo tratamento de sua santa mãezinha.

Só poderia sair ganhando da situação.

Ou pelo menos era o que pensava.

“Ali haveriam de estar, e todos veriam:

Cuidado! Cuidado!, exclamariam,

Seus cabelos esvoaçam, seus olhos faíscam!”

As previsões que Dirk havia produzido sob hipnose, por meio de psicografia, na verdade tinham sido criadas através do mesmo tipo de pesquisa básica que qualquer estudante em época de provas faria, estudando provas anteriores e observando quais padrões surgiam, se é que surgia algum, e elaborando palpites quanto ao que poderia aparecer dessa vez. Ele estava bastante seguro (como qualquer um ficaria) de obter uma quantidade de acertos alta o suficiente para convencer os crédulos, e baixa o bastante para todo o exercício parecer inocente.

Como de fato era.

O que o deixou estarecido, e causou uma comoção tão grande que o fez ser levado de Cambridge na traseira de um camburão, foi o fato de todas as provas que ele vendeu terem se revelado cópias exatas das que foram de fato aplicadas.

Idênticas. Palavra por palavra. Vírgula por vírgula.

“Três círculos ao redor dele deveres fazer,
E fecha teus olhos com sagrada adoração,
Pois ele fez do maná o seu pão
E do leite do Paraíso pôde beber...”

E isso – assim como um turbilhão de matérias de jornal sensacionalistas que o expuseram como uma fraude, depois alardearam sua legitimidade só para poderem ter outra chance de expô-lo como uma fraude, e então tornaram a alardear sua legitimidade, até se cansarem do assunto e encontrarem um belo e suculento jogador de sinuca para assediar no lugar dele – foi tudo.

Desde então, algumas vezes ao longo dos anos, Richard havia topado com Dirk, que geralmente o cumprimentara com aquele tipo de meio sorriso cauteloso que quer saber se lhe deve dinheiro, antes de se abrir em um daqueles que espera que você possa lhe emprestar algum. As constantes mudanças de nome de Dirk sugeriam a Richard que ele não era o único a ser tratado dessa forma.

Entristecia-o um pouco que alguém que se mostrara tão exuberantemente vivo no ambiente restrito de uma comunidade universitária tivesse murchado de tal forma à luz da vida normal. E também o intrigava que Reg tivesse perguntado a seu respeito daquela forma tão repentina e inesperada, de um jeito que lhe parecera tão despreocupado e casual.

Tornou a olhar à sua volta, para Reg, seu vizinho que roncava baixinho; para a pequena Sarah, em um silêncio profundo e concentrado; para os retratos de velhos primeiros-ministros e poetas suspensos na escuridão, com apenas a luz fraca das velas refletindo em seus dentes; para o chefe do departamento de Língua Inglesa lendo em sua voz de declamação de poesia; para o livro que ele trazia na mão, *Kubla Khan*; e, por fim, disfarçadamente, para o próprio relógio. Então, recostou-se de novo na cadeira.

A voz prosseguiu, lendo a segunda, e muito mais estranha, parte do poema...

capítulo 7

Aquela era a noite do último dia da vida de Gordon Way e ele se perguntava se a chuva iria dar trégua para o fim de semana. A previsão era de tempo instável – uma noite de neblina, seguida por dias ensolarados, porém frios, na sexta e no sábado, com possíveis pancadas de chuva no fim da tarde de domingo, quando todos estivessem voltando para a cidade.

Quer dizer, todos menos Gordon Way.

A meteorologia não havia mencionado esse detalhe, é claro, pois não era sua função, mas seu horóscopo também tinha sido bastante enganoso. Mencionara uma quantidade incomum de atividades planetárias em seu signo, persuadindo-o a estabelecer a diferença entre aquilo que ele achava que queria e aquilo de que realmente precisava e sugerindo que ele enfrentasse problemas emocionais ou profissionais com determinação e a mais completa honestidade; mas deixava de alertá-lo, inexplicavelmente, que ele estaria morto antes do fim do dia.

Gordon saiu da autoestrada nos arredores de Cambridge e parou para encher o tanque em um pequeno posto de gasolina, onde ficou por um tempo, fazendo uma ligação no telefone do carro.

– Ok, olhe, eu ligo para você amanhã, ou talvez hoje à noite. Ou então você liga para mim. Eu estarei no chalé daqui a meia hora. Sim, eu sei quanto o projeto é importante para você. Está bem, eu

sei quanto o projeto é importante, ponto. Você quer que aconteça, eu quero que aconteça. É claro que sim. E não estou dizendo que não vamos continuar a patrociná-lo. Só estou dizendo que ele é caro e devemos olhar para a coisa como um todo com determinação e a mais completa honestidade. Olhe, por que você não vem até o chalé para conversarmos melhor? Ok, sim, sim, eu sei. Eu entendo. Bem, pense no assunto, Kate. A gente vai se falando. Tchau.

Ele desligou e ficou sentado no carro por mais alguns instantes.

Era um carro grande. Um Mercedes prateado enorme, do tipo que se usa nos comerciais, e não só nos comerciais da Mercedes. Gordon Way, irmão de Susan e empregador de Richard MacDuff, era um homem rico, fundador e dono da WayForward Technologies II. A WayForward Technologies original, naturalmente, tinha quebrado pelo motivo habitual, levando toda a sua primeira fortuna consigo.

Por sorte, conseguira erguer uma segunda empresa.

O "motivo habitual" era que ele fazia parte do setor de hardware na época em que todas as crianças de 12 anos do país perderam de repente o interesse em caixas que faziam "bing". Então, ele fez sua segunda fortuna com software. Graças a dois programas de peso, um deles o Anthem (o outro, mais rentável, nunca chegou a ver a luz do dia), a WFT-II era a única empresa de software britânica que podia ser mencionada na mesma frase que gigantes americanos do setor, como a Microsoft. A frase provavelmente seria algo como "A WayForward Technologies, ao contrário de outros gigantes americanos do setor, como a Microsoft...", mas já era um começo. A WayForward estava ali. E era dele.

Ele enfiou uma fita cassete no aparelho do carro, que a aceitou com um clique suave e decoroso. Um pouco depois, o *Boléro* de Ravel fluía de oito caixas de som perfeitamente posicionadas, com detalhes pretos na tela fina. O som estéreo era tão límpido e abrangente que você quase podia sentir toda a pista de gelo. Ele

tamborilou de leve na borda acolchoada do volante. Olhou para o painel. Números iluminados com bom gosto e luzes minúsculas, imaculadas, olhavam com um brilho tênue em sua direção. Passados alguns momentos, avistou um posto self-service e saiu para encher o tanque.

Isso levou uns dois minutos. Ele ficou ali, apertando a pistola da mangueira, batendo o pé no ar frio da noite, então foi até a cabine pequena e sebosa, pagou pela gasolina, lembrou-se de comprar dois mapas da região e acabou engatando uma conversa entusiasmada com o caixa sobre os rumos que a indústria informática provavelmente tomaria no ano seguinte, sugerindo que o processamento paralelo seria a chave para softwares de produtividade intuitivos, mas que também tinha sérias dúvidas se a pesquisa em inteligência artificial *per se*, em especial aquela baseada na linguagem ProLog, seria capaz de criar qualquer produto comercialmente viável no futuro próximo, pelo menos no que dizia respeito ao ambiente empresarial, um assunto pelo qual o caixa não tinha o menor interesse.

– O sujeito gostava de falar – diria ele mais tarde à polícia. – Se eu tivesse ido ao banheiro e ficado dez minutos lá dentro, ele continuaria falando com a caixa registradora. Se eu tivesse ficado quinze, a caixa registradora também teria ido embora. É ele, sim, com certeza – acrescentaria o caixa ao ver uma foto de Gordon Way. – A princípio, fiquei na dúvida, porque ele está com a boca fechada.

– E você tem certeza absoluta que não viu mais nada de estranho? – insistiu o policial. – Nada que lhe parecesse nem um pouco suspeito?

– Não, como eu disse, era apenas um cliente comum em uma noite comum, como qualquer outra.

O policial o encarou com um olhar inexpressivo.

– Só para deixar bem claro, se eu fizesse isto aqui de repente...
– o policial ficou vesgo, esticou a língua para fora pelo canto da boca e começou a saltitar girando os dedos em volta das orelhas – ... você acharia estranho?

– Bem, ahn, sim – respondeu o caixa, recuando com algum nervosismo. – Eu acharia que você ficou doido de pedra.

– Ótimo – comentou o policial, guardando seu bloco de anotações. – Não me entenda mal, é só que, às vezes, pessoas diferentes têm uma ideia diferente do que “estranho” significa, sabe? Se a noite de ontem foi uma noite comum, como qualquer outra, então eu sou uma espinha no traseiro da tia da marquesa de Queensbury. Precisaremos de uma declaração sua mais tarde, senhor. Obrigado pelo seu tempo.

Tudo isso ainda estava para acontecer.

Naquela noite, Gordon enfiou os mapas no bolso e voltou andando para o carro. Parado sob as luzes na neblina, o veículo havia adquirido uma fina camada de gotículas de sereno e parecia... bem, parecia um Mercedes-Benz caríssimo. Gordon se pegou, apenas por um milissegundo, desejando poder ter algo daquele tipo, mas agora ele já estava bastante habituado a afastar essa linha de raciocínio da cabeça, que só servia para fazê-lo girar em círculos e deixá-lo deprimido e confuso.

Gordon afagou o carro com um gesto possessivo, então, ao contorná-lo, notou que a mala não estava bem fechada e a empurrou para baixo. Ela se fechou com um belo e saudável estalo. Bem, isso fazia tudo valer a pena, não? Um belo e saudável estalo como aquele. Indicadores clássicos de qualidade e bom acabamento. Pensou em uma dúzia de coisas sobre as quais precisava falar com Susan e entrou de volta no carro, pressionando o código de discagem automática em seu telefone assim que pegou a estrada.

“... se quiser deixar um recado, retornarei a chamada assim que puder. Ou não.”

Bipe.

– Oi, Susan, aqui é o Gordon – disse ele, apoiando o telefone desajeitadamente no ombro. – Estou indo para o chalé. É, ahn, noite de quinta-feira e são, ahn... 20h47. A estrada está com um pouco de neblina. Olhe, eu vou receber aquele pessoal dos Estados Unidos este fim de semana para agitar a distribuição do Anthem 2.0, tratar da publicidade e tudo o mais e, bem, você sabe que eu não gosto de pedir esse tipo de coisa, mas também sabe que eu sempre peço, então é o seguinte: eu só preciso saber se o Richard está se dedicando ao projeto. Quero dizer, *realmente* se dedicando. Se eu perguntar, ele vai me dizer “ah, claro, está tudo bem”, mas, na metade das vezes... Merda, aquele caminhão estava com o farol alto, nenhum desses malditos caminhoneiros sabe baixar os faróis direito, não sei como não acabo morto em uma vala no acostamento, aliás, isso seria extraordinário, não seria, deixar suas famosas últimas palavras na secretária eletrônica de alguém, não há o menor motivo para esses caminhões não terem reguladores de farol automáticos, fotossensíveis. Será que você pode anotar que eu devo pedir à Susan, não você, claro, a minha secretária Susan lá no escritório, para enviar uma carta em meu nome para aquele sujeito da Secretaria do Meio Ambiente dizendo que podemos providenciar a tecnologia se ele puder providenciar a legislação? É para o bem da população e ele me deve um favor; além do mais, de que adianta ter sido condecorado Comandante da Mais Excelente Ordem do Império Britânico se você não puder chutar o balde de vez em quando? Dá para ver que eu andei falando com os americanos a semana inteira, não dá?

Gordon fez uma pequena pausa e prosseguiu:

– Isso me faz lembrar, meu Deus, espero que tenha se lembrado de colocar as espingardas na mala. Não entendo por que esses

americanos estão sempre tão ansiosos para atirar nos meus coelhos. Comprei uns mapas para eles na esperança de persuadi-los a fazer longas e saudáveis caminhadas e tirar essa coisa de atirar em coelhos da cabeça. Morro de pena dos bichinhos. Talvez eu devesse colocar uma daquelas placas em meu quintal quando for receber americanos, sabe, dizendo "Cuidado com os humanos". Pode anotar para a Susan, por favor, que ela deve providenciar uma placa, com uma estaca afiada para sustentá-la, e que fique a uma altura que os coelhos possam ver? Estou falando da minha secretária Susan lá no escritório, não de você, é claro.

Gordon pareceu meio perdido:

– Onde eu estava mesmo? Ah, sim. Richard e o Anthem 2.0. Susan, temos que testar a versão beta do programa daqui a duas semanas. Ele diz que está tudo bem. Mas, todas as vezes que vou falar com Richard, tem uma imagem de um sofá girando na tela do computador dele. Diz que é um conceito importante, mas tudo o que eu vejo é um móvel. As pessoas querem que as suas contas comerciais cantem para elas, não querem comprar um sofá rodopiante. Também não acho que ele deveria transformar os padrões de erosão dos Himalaias em uma peça para quinteto de flautas. Quanto ao que Kate está tramando, Susan, bem, não posso esconder o fato de que estou aflito com os salários e tempo de computação que isso está consumindo. Toda essa pesquisa e desenvolvimento podem ser importantes a longo prazo, mas também há a possibilidade... estou dizendo que é apenas uma possibilidade, mas de qualquer forma temos a obrigação de avaliá-la e explorá-la por completo... de ser uma canoa furada. Que estranho, tem um barulho vindo do porta-malas. Achei que tinha acabado de fechá-lo.

Gordon respirou fundo e continuou:

– Enfim, o mais importante é Richard. E a questão é que só há uma pessoa em posição de saber se ele está fazendo o que deve ou

se está simplesmente sonhando acordado, e essa pessoa, sinto dizer, é a Susan. Estou falando de você, claro, não da minha secretária Susan lá no escritório. Detesto ter que lhe pedir isto, de verdade, mas será que você pode se inteirar do andamento do projeto? Explicar-lhe quanto é importante? Apenas garantir que ele entenda que a WayForward Technologies deve ser um empreendimento comercial em expansão, não um playground para nerds cabeçudos. Este é o problema com crânios: eles têm uma ideia brilhante que dá certo e esperam que você continue patrocinando-os por anos e anos enquanto ficam sentados calculando a topografia de seus umbigos. Desculpe, mas preciso parar para fechar o porta-malas direito. Só um instante.

Gordon largou o telefone no banco do carona, parou no acostamento e saiu. Foi até o porta-malas e, quando o abriu, um vulto saiu de dentro dele, disparou contra o seu peito com uma espingarda de cano duplo e foi embora cuidar da própria vida.

O espanto de Gordon ao ser repentinamente morto a tiros não foi nada se comparado ao espanto que ele sentiu diante do que aconteceu em seguida.

capítulo 8

— **E**ntre, meu caro colega, entre.

A porta para os aposentos de Reg na faculdade ficava no topo de uma escada de madeira em caracol que havia no canto do Pátio Secundário, e não era bem iluminada; ou melhor, era bem iluminada quando a luz funcionava, o que não era o caso, portanto, a porta estava mal iluminada e, ainda por cima, trancada. Reg estava tendo dificuldade em encontrar a chave em um molho que parecia algo com o qual um ninja em boa forma poderia partir o tronco de uma árvore.

Os aposentos nas partes mais antigas da faculdade tinham portas duplas, como as de cabines pressurizadas, e tão complicadas de abrir quanto. A porta externa era uma chapa de carvalho robusta pintada de cinza, sem nada além de uma fresta muito estreita para correspondências e a fechadura, para a qual Reg finalmente encontrou a chave.

Ele a destrancou, abrindo-a com um puxão. Atrás dela, havia uma porta normal, branca, com uma maçaneta de bronze comum.

— Entre, entre — repetiu Reg, abrindo a segunda porta e tateando em busca do interruptor.

Por um instante, apenas as brasas mortíferas de um fogo na lareira de pedra fizeram sombras vermelhas fantasmagóricas dançarem pelo recinto, mas então a luz elétrica o preencheu e

dissipou a mágica. Reg hesitou na soleira por um instante, estranhamente tenso, como se quisesse se certificar de algo antes de entrar, depois seguiu adiante com o que parecia ser um leve entusiasmo.

Era uma sala grande, revestida de lambris e com uma mobília ligeiramente desgastada, que tinha por função ocupá-la com bastante conforto. Recostada contra a parede oposta, havia uma mesa grande de mogno, antiga e surrada, com pernas largas e feias, coberta de livros, arquivos, pastas e pilhas instáveis de papéis. Richard achou graça no fato de que também ali se achava um velho e castigado ábaco.

Havia uma pequena escrivaninha em estilo regência que talvez pudesse ser muito valiosa se não tivesse sido tão maltratada, além de um par de cadeiras georgianas elegantes, uma portentosa estante de livros vitoriana, e assim por diante. Era, em suma, a sala de um professor. Tinha os mapas e gravuras de um professor nas paredes, um tapete puído e desbotado de um professor no chão e parecia ter mudado bem pouco durante as últimas décadas, provavelmente porque era habitada por um professor.

Na parede oposta, uma em cada canto, duas portas davam em outros cômodos. Richard sabia que uma levava para um escritório que era basicamente uma versão menor e mais intensa daquela sala: amontoados maiores de livros, pilhas mais altas de papel em risco mais iminente de cair, móveis que, por mais antigos e valiosos que fossem, estavam cobertos de inúmeras marcas circulares de xícaras de chá quente ou café, sobre as quais muitas das próprias xícaras que as causaram provavelmente ainda estavam.

A outra porta levava a uma cozinha pequena e equipada apenas com o básico, assim como a uma escada em espiral interna pela qual se subia até o quarto de dormir e o banheiro do professor.

– Tente ficar confortável no sofá – convidou Reg, andando de um lado para outro, hospitaleiro. – Não sei se vai conseguir. Sempre

tenho a impressão de que ele é forrado com folhas de repolho e talheres. – Ele fitou Richard com uma cara séria. – Você tem um bom sofá?

– Bem, tenho. – Richard não pôde deixar de rir da tolice da pergunta.

– Ah – falou Reg, muito sério. – Será que pode me dizer onde o comprou? Tive uma sucessão interminável de problemas com eles, interminável. Passei a vida inteira sem encontrar um confortável. Como arranjou o seu?

Reg encontrou, com um ligeiro ar de surpresa, uma pequena bandeja de prata que havia deixada ali com um jarro de vinho do Porto e três taças.

– Estranho que você me pergunte isso. Nunca me sentei nele.

– Muito sensato – disse Reg com fervor. – Muito, muito sensato.

Ele fez um rebuliço semelhante ao que havia feito mais cedo com seu casaco e chapéu.

– Não que eu não queira – falou Richard. – É só que ele está preso no meio do caminho do longo lance de escadas que leva ao meu apartamento. Pelo que entendi, os entregadores conseguiram levá-lo até a metade da escada, onde ele ficou preso; então, o viraram do jeito que deu, não conseguiram avançar e, curiosamente, viram que não dava para descê-lo de volta. Agora, deve ser impossível.

– Que estranho. Nunca vi nenhuma matemática irreversível no que diz respeito a sofás. Poderia ser um novo campo de estudos. Já consultou alguém da área de geometria espacial?

– Fiz melhor que isso. Chamei um menino da vizinhança que conseguia solucionar um cubo mágico em dezessete segundos. Ele se sentou em um degrau e ficou olhando para o sofá por mais de uma hora antes de declarar que estava irrevogavelmente preso. Tudo bem que ele já está alguns anos mais velho e descobriu as garotas, mas fiquei intrigado assim mesmo.

– Continue, meu caro colega, estou interessadíssimo, mas antes me diga se posso lhe oferecer alguma coisa. Um vinho do Porto, talvez? Um conhaque? Acredito que o vinho seja a melhor opção; é uma reserva que a faculdade obteve em 1934 e, em minha opinião, uma das melhores safras que você poderia encontrar. Pensando melhor, eu não tenho nenhum conhaque. Ou prefere um café? Um pouco mais de vinho, talvez? Tenho um Margaux excelente que estava só esperando por uma desculpa para abrir, embora, naturalmente, devamos deixá-lo ficar aberto por umas duas horas antes, o que não quer dizer que eu não possa... Não – apressou-se a dizer –, melhor não partirmos para o Margaux esta noite.

– O que eu gostaria mesmo é de um chá – comentou Richard –, se tiver.

Reg arqueou as sobrancelhas.

– Tem certeza?

– Vou voltar dirigindo para casa.

– Muito bem. Então precisarei de alguns instantes na cozinha. Por favor, prossiga, ainda devo poder ouvi-lo. Conte-me mais sobre o seu sofá e fique à vontade para se sentar no meu enquanto isso. Ele está preso na escada há muito tempo?

– Ah, só umas três semanas – respondeu Richard, sentando-se.
– Eu poderia apenas serrá-lo e jogá-lo fora, mas não consigo acreditar que não haja uma resposta lógica. E isso também me fez pensar: seria muito útil saber, antes de comprar um móvel, se ele vai mesmo conseguir subir pelas escadas ou dobrar uma curva. Então, fiz um modelo tridimensional do problema no meu computador, e até agora ele diz apenas que não há solução.

– Ele diz o quê? – gritou Reg acima do barulho da chaleira enchendo.

– Que é impossível. Eu pedi que computasse os movimentos necessários para tirar o sofá dali e ele disse que não havia nenhum. Eu falei “o quê?” e ele respondeu que não havia nenhum. Então

solicitei, e isso é o mais misterioso, que computasse os movimentos que foram necessários para colocar o sofá em sua posição atual e ele retrucou que o sofá não poderia ter entrado ali. Não sem uma reestruturação das paredes em um nível fundamental. Então, ou há algo de errado com a estrutura fundamental da matéria em minhas paredes ou – ele suspirou – há algo de errado com o programa. O que você acha?

– Você é casado?

– Ahn? Ah, já entendi. Um sofá há quase um mês preso na escada. Bem, não, não sou propriamente casado, mas, sim, há uma garota em especial com a qual não sou casado.

– Como ela é? O que ela faz?

– Ela é violoncelista profissional. Devo admitir que o sofá foi motivo de alguma discussão. Na verdade, ela vai ficar no seu próprio apartamento até eu resolver o problema. Ela, bem...

Richard ficou triste de repente, levantou-se, vagou sem rumo pelo quarto e acabou parando em frente às brasas na lareira. Cutucou-as um pouco e jogou mais lenha para tentar afastar o frio.

– Ela é irmã de Gordon, na verdade. Mas os dois são muito diferentes. Não acho que ela seja muito adepta dos computadores. E não gosta muito da atitude do irmão em relação ao dinheiro. Não consigo culpá-la, para ser sincero, e ela não sabe nem da metade da missa.

– Qual é a metade que ela não sabe?

Richard suspirou.

– Bem, tem a ver com o projeto que tornou rentável o foco em softwares. Ele se chamava Reason e, a seu modo, era sensacional.

– O que era?

– Era uma espécie de programa de computador às avessas. É engraçado como muitas das melhores ideias são apenas ideias antigas viradas do avesso. Veja bem, nós já tivemos vários programas desenvolvidos para ajudá-lo a chegar a decisões

ordenando e analisando de forma adequada todos os fatos relevantes para que apontem a decisão correta. A desvantagem é que a decisão que todos os fatos adequadamente ordenados e analisados indicam nem sempre é a que você deseja.

– Siiiiim – concordou Reg, a voz vindo da cozinha.

– Bem, a grande sacada de Gordon foi desenvolver um programa que lhe permitisse especificar com antecedência a decisão à qual pretendia chegar, e só então fornecer-lhe todos os fatos. A tarefa do programa, que ele conseguia realizar com grande facilidade, era formular uma série plausível de passos que soassem lógicos para conectar as premissas à conclusão. E devo dizer que funcionava que era uma beleza. Gordon conseguiu comprar um Porsche quase de imediato, apesar de estar completamente falido e ser um péssimo motorista. Nem mesmo seu gerente bancário foi capaz de encontrar falhas em sua argumentação. Mesmo quando Gordon teve um acidente e o carro sofreu perda total três semanas depois.

– Céus. E o programa vendeu bem?

– Não. Não vendemos uma única cópia.

– Estou espantado. Me parece que vocês tinham um sucesso nas mãos.

– E tínhamos – falou Richard, titubeante. – Todo o projeto foi comprado, de cabo a rabo, pelo Pentágono. Financeiramente falando, a proposta feita à WayForward foi muito vantajosa. Moralmente, por outro lado, não é algo pelo qual eu colocaria a mão no fogo. Estive analisando muitos dos argumentos apresentados em favor do programa Guerra nas Estrelas e, se você souber onde procurar, o padrão algorítmico é muito claro. Tanto que, ao olhar para as políticas do Pentágono nos últimos anos, posso dizer com certeza que a Marinha dos Estados Unidos está usando a versão 2.0 do programa, enquanto a Aeronáutica, por algum motivo, tem apenas o beta da versão 1.5. Muito estranho.

– Você tem uma cópia do programa?

– De jeito nenhum, não quero nem saber dele. Além do mais, quando digo que o Pentágono comprou *tudo*, estou falando sério. Cada linha de código, cada disco rígido, cada bloco de anotações. Fiquei aliviado por nos livrarmos dele. Se é que nos livramos. Eu simplesmente me mantenho ocupado com meus próprios projetos.

Richard tornou a cutucar o fogo e se perguntou o que estava fazendo ali, pois tinha muito trabalho para fazer. Gordon estava o tempo todo em cima dele, cobrando que a nova versão turbinada do Anthem estivesse pronta para aproveitar o lançamento do Macintosh II, e ele estava muito atrasado nesse sentido. Já a sua sugestão de um módulo que convertesse informações do índice Dow Jones da bolsa de valores em arquivos MIDI em tempo real fora apenas uma piada, mas Gordon, é claro, ficou louco pela ideia e insistiu que fosse implementada. Isso também deveria estar pronto. De repente, Richard entendeu perfeitamente por que estava ali.

Tinha sido uma noite agradável, ainda que ele não conseguisse entender por que Reg se mostrara tão entusiasmado em revê-lo. Apanhou alguns livros da mesa. Estava claro que ela também fazia as vezes de mesa de jantar, pois, embora as pilhas parecessem estar ali havia semanas, a ausência de poeira ao redor delas revelava que tinham sido movidas recentemente.

Talvez, pensou Richard, a necessidade de um bate-papo amigável com uma pessoa diferente possa se tornar tão urgente quanto qualquer outra se você vive em uma comunidade tão fechada como era a da faculdade em Cambridge, mesmo nos dias atuais. Ele era um velhote simpático, mas, pelo que ficou claro durante o jantar, muitos de seus colegas achavam que suas excentricidades eram difíceis de engolir – especialmente quando precisavam lidar com tantas das suas próprias. Pensamentos sobre

Susan o importunavam, mas ele já estava habituado a isso. Pôs-se a folhear os dois livros que tinha apanhado.

Um deles, bastante antigo, era sobre as assombrações de Borley Rectory, a casa mais mal-assombrada da Inglaterra. A lombada estava se esfarrapando, as fotografias tão cinzentas e desfocadas que eram praticamente indistinguíveis. Numa delas, o fotógrafo parecia ter tido muita sorte ao capturar (ou forjar) a aparição de um fantasma, mas acabou se revelando, quando ele examinou a legenda, um retrato do autor.

O outro volume era mais recente e, por uma estranha coincidência, um guia para as ilhas gregas. Richard o folheou, distraído, e um pedaço de papel caiu de dentro dele.

– Earl Grey ou Lapsang Souchong? – perguntou Reg. – Ou Darjeeling? Ou PG Tips? Só tenho em sachês, de todo modo, infelizmente. E nenhum deles está muito fresco.

– Darjeeling está ótimo – respondeu Richard, agachando-se para apanhar o papel.

– Leite?

– Ahn, sim, por favor.

– Um torrão ou dois?

– Um, por favor.

Richard enfiou o papel de volta no livro, vislumbrando uma anotação feita às pressas. O escrito dizia, estranhamente: “Veja este simples saleiro de prata. Agora veja este simples chapéu.”

– Açúcar?

– Como? – replicou Richard, confuso. Ele se apressou a colocar o livro de volta na pilha.

– É só uma brincadeirinha que eu faço – explicou Reg alegremente –, para ver se as pessoas estão ouvindo.

Ele veio da cozinha, radiante, carregando uma bandeja pequena com duas xícaras e, de repente, atirou tudo no chão. O chá se espalhou pelo carpete. Uma das xícaras se espatifou e a outra saiu

quicando para debaixo da mesa. Reg se apoiou contra o batente da porta, observando a cena, lívido.

Um instante silencioso transcorreu, congelado no tempo, durante o qual Richard ficou espantado demais para reagir, mas então saltou desajeitado para a frente a fim de ajudar. O velho, no entanto, já estava pedindo desculpas e se oferecendo para preparar outra xícara de chá para ele. Richard o ajudou a se sentar no sofá.

– Você está bem? – perguntou Richard, preocupado. – Devo chamar um médico?

Reg acenou, descartando a sugestão.

– Está tudo bem, estou ótimo. Achei que tinha ouvido, bem, um barulho que me assustou. Mas não foi nada. Devo ter ficado intoxicado com o vapor do chá, imagino. Deixe-me só recuperar o fôlego. Acho que um pouco de, ahn, vinho do Porto vai ser ótimo para me reavivar. Sinto muito, não quis assustá-lo.

Reg gesticulou na direção da garrafa de bebida. Na mesma hora, Richard serviu uma taça pequena e a entregou para ele.

– Que tipo de barulho? – perguntou Richard, tentando imaginar o que poderia ter lhe causado um choque tão grande.

Nesse exato momento, um som de movimento veio do andar de cima, acompanhado por um barulho de respiração pesada fora do comum.

– Esse... – sussurrou Reg. A taça de vinho foi estilhaçada aos seus pés. No andar de cima, alguém parecia pisotear o chão. – Está ouvindo?

– Bem, sim.

O velho pareceu aliviado ao ouvir isso.

Richard ergueu os olhos para o teto, aflito.

– Tem alguém lá em cima? – Sentia que era uma pergunta idiota, mas que precisava ser feita.

– Não – falou Reg com uma voz baixa que espantou Richard por conta do medo que transmitia –, ninguém. Ninguém que devesse

estar lá, pelo menos.

– Então...

Reg lutava para se colocar de pé, trêmulo, mas havia de repente uma determinação ferrenha em sua postura.

– Preciso subir – disse ele baixinho. – Não tenho escolha. Por favor, me espere aqui.

– O que é isso? – perguntou Richard, parando entre Reg e o portal. – Não será um ladrão? Olhe, deixe que eu vou. Tenho certeza de que não é nada, só o vento ou coisa parecida.

Richard não sabia por que estava dizendo isso. Óbvio que não era o vento ou qualquer coisa parecida, pois, embora o vento talvez pudesse fazer um barulho de respiração pesada, dificilmente batia os pés daquela maneira.

– Não – falou o velho, afastando-o do caminho com educação, mas também com firmeza –, sou eu que devo fazer isso.

Sem escolha, Richard o seguiu pela porta em direção ao pequeno corredor que dava na cozinha minúscula. Os degraus da escada de madeira pareciam danificados e gastos.

Reg acendeu uma luz. Era uma lâmpada fraca, pendurada e solitária no topo do vão da escada, e ele ergueu os olhos em sua direção com uma aflição taciturna.

– Espere aqui. – Ele subiu dois degraus, então se virou e encarou Richard com uma expressão da mais profunda seriedade no rosto. – Sinto muito que você tenha sido envolvido nesse que é... o aspecto mais complicado da minha vida. Mas você está envolvido agora e preciso lhe pedir uma coisa. Não sei o que me aguarda lá em cima, não exatamente. Não sei se é algo que infligi por tolice a mim mesmo graças aos meus... hobbies ou se é algo de que sou uma vítima inocente. No primeiro caso, só tenho a mim mesmo para culpar, pois sou como um médico que não consegue parar de fumar ou talvez pior ainda, como um ecologista que não consegue

abrir mão do seu carro; mas, se for o segundo, espero que não venha a acontecer com você.

Ele então prosseguiu:

– O que preciso lhe pedir é o seguinte: quando eu voltar lá de cima, supondo que eu volte, é claro, se meu comportamento lhe parecer de alguma maneira estranho, se eu não parecer eu mesmo, você precisa saltar para cima de mim e me imobilizar no chão. Entendeu? Precisa impedir que eu faça qualquer coisa que venha a tentar fazer.

– Mas como eu vou saber? – perguntou Richard, incrédulo. – Desculpe, não quis dizer dessa forma, mas não sei o que...?

– Você vai saber. Agora, por favor, me espere na sala. E feche a porta.

Balançando a cabeça, perplexo, Richard recuou e obedeceu. De dentro da sala grande e desarrumada, ouviu o som dos passos do professor galgando a escada um degrau por vez.

Ele os subia de forma deliberada e pesada, como o tique-taque de um relógio grande e vagaroso.

Richard o ouviu chegar ao patamar superior. Ele se deteve ali, em silêncio. Segundos passaram, cinco, talvez dez, talvez vinte. Então, ouviu-se outra vez o mesmo movimento e respiração pesados que tanto haviam apavorado o professor antes.

Richard se aproximou rapidamente da porta, mas não a abriu. O frio do quarto o afligia e perturbava. Ele balançou a cabeça e tentou afastar a sensação, depois prendeu a respiração quando os passos voltaram a atravessar os dois metros de patamar e pararam outra vez.

Passados apenas alguns segundos, Richard escutou o lento e demorado ranger de uma porta sendo aberta centímetro a centímetro, cautelosamente, até sem dúvida ficar escancarada.

Nada além disso pareceu acontecer por um bom tempo.

Por fim, a porta tornou a se fechar devagar.

Os passos atravessaram o patamar e pararam de novo. Richard recuou, afastando-se um pouco da porta, os olhos cravados nela. Os passos voltaram a descer a escada aos poucos, quase sem fazer barulho, até chegarem enfim ao pé. Alguns segundos depois, a maçaneta começou a girar. A porta se abriu e Reg a atravessou, tranquilo.

– Está tudo bem, é só uma égua no banheiro – falou em voz baixa.

Richard saltou para cima dele e o imobilizou no chão.

– Não – falou Reg, ofegante –, não, saia de cima de mim, me solte, estou perfeitamente normal, que droga. É só uma égua, uma égua perfeitamente comum.

Ele se desvencilhou de Richard com grande dificuldade e se sentou no chão, bufando, arfando e correndo as mãos pelos cabelos ralos. Richard ficou de pé acima dele, desconfiado, mas também sentindo-se cada vez mais constrangido. Por fim, recuou e deixou Reg se levantar e sentar em uma cadeira.

– É só uma égua – insistiu Reg –, mas obrigado por acreditar na minha palavra.

Ele sacudiu a poeira do corpo.

– Uma égua – repetiu Richard.

– Isso.

Richard atravessou a porta, olhou para o topo da escada e voltou para a sala.

– Uma *égua* – tornou a falar.

– Sim, exato. Espere... – Ele se aproximou de Richard, que estava prestes a sair de novo e investigar. – Deixe pra lá. Não vai demorar muito.

Richard o encarou, incrédulo.

– Você está dizendo que tem uma égua no seu banheiro?

O professor o encarou com uma expressão vazia.

– Ouça, me desculpe se eu alarmei você mais cedo, foi só um pequeno susto. Essas coisas acontecem, meu caro colega, não se irrite por isso. Eu já vi coisas mais estranhas na vida. Muitas delas. E muito mais estranhas. Ela é só uma égua, pelo amor de Deus. Eu vou soltá-la mais tarde. Por favor, não se preocupe. Vamos tomar um vinho do Porto para acalmar os ânimos.

– Mas... como ela entrou lá?

– Bem, a janela do banheiro está aberta. Imagino que tenha sido por lá.

Richard tornou a encará-lo, não pela primeira vez e certamente não pela última, com os olhos apertados de desconfiança.

– Você está fazendo isso de propósito, não está? – disse ele.

– Fazendo o quê, meu caro colega?

– Não acredito que haja uma égua no seu banheiro – falou Richard de repente. – Não sei o que está lá dentro, não sei o que você está fazendo, não sei o que nada disso significa, mas não acredito que haja uma égua no seu banheiro.

Ignorando qualquer protesto de Reg, ele subiu para olhar.

O banheiro não era grande.

As paredes eram revestidas de painéis de carvalho antigos, talhados em imitação de tecido, que, levando em conta a idade e a natureza do edifício, deviam ser inestimáveis; fora isso, as instalações eram simples e típicas.

O chão era de linóleo em xadrez preto e branco, velho e desgastado; havia uma banheira pequena e básica, bastante limpa, mas com manchas e trincados antiquíssimos no esmalte, além de uma pia igualmente pequena e básica com uma escova e pasta de dentes em um copo de plástico ao lado das torneiras. Aparafusado nos painéis sobre a pia, um pequeno armário de estanho. Parecia ter sido pintado várias vezes e o espelho frontal estava manchado nas beiradas por conta da umidade. A privada tinha uma descarga à

moda antiga, de ferro fundido e com uma corrente para puxar. Havia ainda um armário de madeira velho, pintado de creme, em um canto, com uma cadeira de madeira ao lado, sobre a qual estavam pousadas algumas toalhas pequenas dobradas com esmero, mas puídas. Havia também uma égua enorme, que ocupava a maior parte do recinto.

Richard ficou olhando para ela, que retribuiu o olhar com curiosidade. Ele cambaleou um pouco. A égua continuou parada. Depois de um tempo, desviou o olhar para o armário. Parecia, senão contente, ao menos resignada em estar onde estava até ser levada para outro lugar. Também parecia... O que era aquilo?

Ela era banhada pelo luar que passava pela janela, que estava aberta, mas era pequena. Além disso, ficava no segundo andar, de modo que a ideia de que a égua tivesse entrado por ali era totalmente absurda.

Havia algo de estranho no animal, mas Richard não conseguia determinar o que era. Bem, uma coisa claramente muito estranha a seu respeito era o fato de estar parada no banheiro de uma faculdade. Talvez fosse só isso.

Ele estendeu a mão, de forma um tanto titubeante, para afagar o pescoço da criatura. Pareceu-lhe normal – firme e lustroso, estava em boa condição. O efeito do luar sobre a sua pelagem era um pouco labiríntico, mas tudo dá a impressão de ser um pouco incomum sob o luar. A égua sacudiu a crina quando ele a tocou, mas não pareceu se importar muito.

Richard a acariciou algumas vezes e coçou-a de leve embaixo da mandíbula. Então, notou que havia outra porta no banheiro, no canto oposto. Com cautela, contornou a égua e se aproximou. Recostou-se na porta e a empurrou, hesitante.

Ela se abriu para o quarto do professor, um cômodo pequeno entulhado de livros, sapatos e uma cama de solteiro pequena. O

apartamento também tinha outra porta, que dava no patamar da escada.

Richard notou que o chão parecia tão recentemente desgastado e riscado quanto os degraus da escada e essas marcas corroboravam a ideia de que o animal tivesse sido de alguma forma empurrado escada acima. Ele não teria gostado de fazer aquilo, e menos ainda de ser a égua, no entanto era possível.

Mas por quê? Richard deu uma última olhada na égua, que deu uma última olhada nele, e então desceu a escada.

– Está bem. Você tem uma égua no banheiro e eu vou, agora sim, tomar uma tacinha de vinho do Porto.

Ele serviu a bebida para si mesmo e depois para Reg, que contemplava em silêncio o fogo e estava precisando mesmo de uma nova dose.

– Ainda bem que eu trouxe três taças, afinal – falou Reg, jogando conversa fora. – Me perguntei por que mais cedo, mas agora me lembro. Você tinha perguntado se poderia trazer uma amiga, mas pelo jeito não fez isso. Por conta do sofá, sem dúvida. Esqueça, essas coisas acontecem. Opa, não encha tanto, vai transbordar.

Todas as questões relacionadas à égua sumiram de repente da cabeça de Richard.

– Eu fiz isso?

– Ah, sim. Agora estou lembrado. Você me telefonou para perguntar se não haveria problema, se bem me lembro. Eu disse que ficaria encantado, e fui sincero. Eu serraria aquele negócio se fosse você. Não queira sacrificar a sua felicidade por um sofá. Ou talvez ela tenha decidido que uma noite com o seu velho tutor seria uma chatice sem fim e optou pela alternativa mais empolgante: lavar os cabelos. Eu bem sei o que teria escolhido. É só minha falta de cabelo que me obriga a ter uma vida social tão frenética hoje em dia.

Foi a vez de Richard encará-lo, lívido.

Sim, supusera que Susan não iria querer vir.

Sim, ele lhe dissera que seria uma grande chatice. Mas ela insistira que queria vir porque seria sua única oportunidade de ver o rosto dele não iluminado pelo brilho da tela de um computador por alguns minutos, de modo que Richard tinha concordado e combinado de trazê-la, no fim das contas.

Só que ele havia se esquecido completamente disso. Não fora buscá-la.

– Posso usar seu telefone, por favor?

capítulo 9

Gordon Way estava estirado no chão, sem saber o que fazer.

Ele estava morto. Parecia haver pouca dúvida quanto a isso. Havia um buraco horroroso em seu peito, mas o sangue que antes tinha jorrado agora escorria aos poucos. Fora isso, seu tórax não demonstrava nenhum movimento. Na verdade, nenhuma outra parte de seu corpo se movia.

Gordon olhou para cima, depois de um lado para o outro, então ficou claro para ele que qualquer parte sua que estivesse se movendo não fazia parte do seu corpo.

A neblina passou devagar por cima dele, sem explicar nada. A alguns metros de distância, sua espingarda fumegava silenciosamente na grama.

Ele continuava estendido ali, como alguém acordado na cama às quatro da manhã, sem conseguir sossegar a mente, mas também sem conseguir arranjar o que fazer com ela. Percebeu que havia sofrido alguma espécie de trauma, o que talvez explicasse sua incapacidade de pensar com clareza, mas não explicava sua incapacidade de sequer pensar.

No grande debate que já dura séculos sobre o que acontece com você após a morte, se é que acontece alguma coisa, quer seja céu, inferno, purgatório ou extinção, uma coisa nunca foi colocada em

questão: a possibilidade de você não saber a resposta mesmo depois de morrer.

Gordon estava morto, mas não tinha a menor ideia do que fazer a respeito disso. Não era uma situação pela qual tivesse passado antes.

Ele se sentou. O corpo que se sentou lhe pareceu tão real quanto o corpo que estava deitado no chão, esfriando pouco a pouco, liberando o calor de seu sangue na forma de vapores que se misturavam à neblina do ar frio da noite.

Arriscando-se um pouco mais, tentou se levantar devagar, com perplexidade e hesitação. O chão pareceu lhe oferecer apoio, recebendo o seu peso. Mas, por outro lado, ele parecia não ter peso algum para ser recebido. Ao se agachar para tocar o chão, não conseguiu sentir nada, exceto uma espécie de resistência vaga e insensível, como a sensação de tentar pegar algo quando o braço está dormente. Seu braço estava morto. Suas pernas também, assim como seu outro braço, seu tronco e sua cabeça.

Seu corpo estava morto. Ele não sabia dizer por que sua mente também não.

Ficou parado ali, numa espécie de horror petrificado e vigilante, enquanto a neblina se enroscava lentamente através dele.

Baixou os olhos para si mesmo, aquele ele-coisa lívido, com cara de espantado, que estava inerte e mutilado no chão, e sua pele quis se arrepiar. Ou melhor, ele quis ter uma pele que pudesse se arrepiar. Queria carne. Queria um corpo. Não tinha nenhum dos dois.

Um grito de horror repentino escapou de sua boca, mas não era nada e não foi para parte alguma. Ele estremeceu e não sentiu nada.

Música e uma poça de luz emanavam de seu carro. Gordon se encaminhou na direção dele. Tentou andar a passos firmes, mas era

um caminhar lânguido, claudicante, inseguro e, bem, imaterial. O chão parecia frágil debaixo dos seus pés.

A porta do carro ainda estava aberta do lado do motorista, como ele a havia deixado ao saltar para fechar o porta-malas, pensando que só demoraria alguns segundos.

Isso tinha sido dois minutos atrás, quando ele ainda estava vivo. Quando ainda era uma pessoa e achava que logo voltaria para dentro do carro e sairia dali. Dois minutos e uma vida inteira atrás.

Que loucura, não?, pensou ele.

Contornou a porta e se agachou para encarar o retrovisor.

Ele estava exatamente como era antes, embora como se tivesse levado um susto terrível, o que era de se esperar; mas era ele no retrovisor, estava tudo normal. Aquilo devia ser fruto da sua imaginação, algum tipo apavorante de sonho lúcido. Teve uma ideia de repente e bafejou contra o retrovisor.

Nada. Nem uma só gotícula se formou. Isso seria suficiente para convencer um médico; afinal, era o que sempre faziam na televisão: se o espelho não embaçasse, não havia respiração. Talvez, pensou ele, aflito, talvez tivesse algo a ver com o fato de os retrovisores serem aquecidos. Os daquele carro eram? O vendedor não tinha falado sem parar sobre não sei o quê aquecido, não sei o quê elétrico, não sei o quê servoassistido? Talvez eles fossem retrovisores digitais. Era isso. Retrovisores digitais, aquecidos, servoassistidos, controlados por computador e antiembaçantes...

Então, percebeu que estava pensando uma grande bobagem. Virou-se devagar e tornou a olhar com apreensão para o corpo estendido no chão atrás dele com metade do peito estourado. Aquilo sem dúvida convenceria um médico. A visão seria pavorosa o suficiente se fosse o corpo de outra pessoa, mas o seu próprio...

Ele estava morto. Morto... morto... Tentou fazer a palavra ecoar de forma dramática em sua mente, mas não conseguiu. Ele não era a narração de um filme, estava apenas morto.

Enquanto olhava para o seu corpo com um fascínio horrorizado, foi ficando cada vez mais incomodado com a expressão de idiotice em seu rosto.

Era perfeitamente compreensível, claro. Tratava-se apenas da expressão que você esperaria encontrar em uma pessoa que tivesse sido alvejada pela própria espingarda por alguém escondido na mala do seu carro. Mesmo assim, ele não gostava da ideia de que alguém o encontrasse daquele jeito.

Ajoelhou-se ao lado do corpo na esperança de conseguir reorganizar sua expressão em algo parecido com dignidade, ou pelo menos inteligência básica.

Isso se mostrou quase impossível. Tentou moldar a pele, que de tão familiar lhe dava enjoo, mas não conseguia pegá-la direito, ou pegar qualquer coisa. Era como trabalhar com massa de modelar com o braço dormente, exceto que, em vez de sua mão escorregar do modelo, ela o atravessava. Nesse caso, a mão atravessou o seu próprio rosto.

Um horror e uma raiva nauseantes o invadiram diante da sua completa e maldita impotência, e ele ficou espantado ao se ver estrangulando e sacudindo o próprio corpo enquanto o agarrava firme, furioso. Cambaleou para trás, em estado de choque. Tudo o que conseguiu fazer foi acrescentar à expressão estúpida e vazia do cadáver uma boca torta e olhos semicerrados. E manchas roxas que brotavam em seu pescoço.

Começou a soluçar e, dessa vez, o som pareceu audível, um uivo estranho vindo das profundezas de o que quer que ele tivesse se tornado. Agarrando o rosto com as mãos, tornou a cambalear para trás, voltou até o carro e se atirou no banco do motorista. O assento o recebeu de forma vaga e distante, como uma tia que desaprova os últimos quinze anos da sua vida e, portanto, oferece-lhe uma taça de xerez por educação, mas se recusa a olhar nos seus olhos.

Será que ele conseguiria se consultar com um médico?

Para não ter que considerar quanto aquela ideia era absurda, agarrou com força o volante, mas suas mãos deslizaram através dele. Tentou lutar com a alavanca de câmbio automático, mas acabou socando-a de raiva sem conseguir pegá-la ou puxá-la como devia.

O rádio ainda tocava música clássica suave para o telefone, que estava caído no banco do carona, ouvindo-a pacientemente durante todo aquele tempo. Olhou para o aparelho e percebeu, com um entusiasmo fervoroso e crescente, que continuava conectado à secretária eletrônica de Susan. Era do tipo que permaneceria na linha até ser desligado. Ele continuava em contato com o mundo.

Desesperado, tentou pegar o fone, atrapalhou-se, deixou-o escapar pelos dedos e, no fim das contas, teve que se agachar sobre o bocal.

– Susan! – gritou para ele, sua voz um uivo rouco e distante no vento. – Susan, socorro! Me ajude, pelo amor de Deus. Susan, eu estou morto... Estou morto... Eu estou morto e... não sei o que fazer.

Desmoronou outra vez, soluçando de desespero, e tentou se agarrar ao telefone como um bebê se agarrando ao seu cobertor em busca de consolo.

– Me ajude, Susan...! – tornou a gritar.

Bipe, fez o telefone.

Tornou a baixar os olhos para onde estava enroscado, sobre o aparelho. Havia conseguido pressionar alguma coisa, afinal: a tecla que encerrava a ligação. Em frenesi, tentou agarrar o telefone outra vez, mas ele não parava de deslizar pelos seus dedos e continuava imóvel sobre o assento. Não conseguia tocá-lo, muito menos pressionar as teclas. Furioso, atirou-o contra o para-brisa. Isso teve lá seu efeito. O aparelho bateu no vidro, ricocheteou para cima

dele, quicou no assento e caiu no túnel de transmissão, onde ficou parado, indiferente a todas as suas demais tentativas de tocá-lo.

Ficou vários minutos sentado ali, meneando devagar a cabeça enquanto o horror regredia até se transformar em desolação e perplexidade.

Dois carros passaram, mas não notaram nada de estranho – apenas um veículo parado no acostamento. Em velocidade no meio da noite, seus faróis dificilmente detectariam o corpo caído na grama atrás do automóvel. Com certeza não teriam notado um fantasma sentado no interior do veículo, chorando sozinho.

Não sabia há quanto tempo estava sentado ali. Mal tinha noção da passagem do tempo, apenas que ele parecia passar rápido. Havia poucos estímulos externos para marcar a sua passagem. Não sentia frio. Na verdade, quase não se lembrava mais de como era ou o que significava sentir frio; sabia apenas que era algo que deveria estar sentindo naquele momento.

Depois de algum tempo, saiu da sua posição fetal patética. Tinha que fazer algo, mas não sabia o quê. Talvez pudesse chegar ao seu chalé, embora não soubesse o que faria se tivesse sucesso. Precisava apenas de algum objetivo. E chegar ao fim daquela noite.

Recompondo-se, saiu do carro, seu pé e joelho atravessando com facilidade parte da moldura da porta. Voltou para olhar outra vez o seu corpo, mas ele não estava lá.

Como se aquela noite precisasse de mais momentos chocantes. Deu um pulo de susto e encarou a depressão úmida na grama. Seu corpo havia desaparecido.

capítulo 10

Richard foi embora o mais rápido possível, dentro dos limites da boa educação.

Disse muito obrigado, garantiu que havia passado uma noite fantástica, pediu que, se em algum momento Reg estivesse em Londres, fosse avisá-lo, e perguntou se poderia ajudar de alguma forma com a égua. Não? Então está bem, se você tem certeza, obrigado outra vez, muito obrigado.

Ele ficou parado por alguns instantes depois que a porta finalmente se fechou, refletindo sobre o ocorrido.

Durante o pouco tempo em que a luz da sala de Reg vazara para o patamar da escada principal, notara que não havia marca alguma nas tábuas do assoalho ali. Pareceu-lhe estranho que a égua tivesse riscado apenas o chão de dentro dos aposentos de Reg.

Bem, tudo lhe parecia estranho e ponto final, mas esse era outro fato curioso para acrescentar à pilha crescente deles. E pensar que aquela deveria ter sido uma noite relaxante longe do trabalho.

Por impulso, bateu à porta logo em frente à de Reg. Demoraram tanto para atender que Richard já havia desistido e estava se virando para ir embora quando enfim ouviu a porta se abrir com um rangido.

Ficou um pouco chocado ao perceber que a figura que o encarava de baixo para cima como um pássaro pequeno e desconfiado era o professor com uma quilha de iate no lugar do nariz.

– Me desculpe – falou Richard abruptamente –, mas, ahn, você viu ou ouviu uma égua subindo as escadas esta noite?

O homem interrompeu seu hábito obsessivo de contorcer os dedos. Ele entortou um pouco a cabeça para o lado e então pareceu empreender uma longa jornada para dentro de si mesmo em busca da própria voz, que, uma vez encontrada, se revelou fina e suave:

– Essa é a primeira coisa que alguém me diz em doze anos, três meses, dois dias, cinco horas, dezenove minutos e vinte segundos. Eu contei.

Ele tornou a fechar a porta com delicadeza.

Richard atravessou o Pátio Secundário praticamente correndo.

Ao chegar ao Pátio Principal, aprumou-se e desacelerou o passo, voltando a andar no ritmo normal.

O ar frio da noite doía-lhe os pulmões e não fazia sentido correr. Ele não tinha conseguido falar com Susan porque o telefone de Reg não estava funcionando, e essa era outra coisa que havia deixado o professor misteriosamente encabulado. Isso, pelo menos, era passível de uma explicação racional. O mais provável era que ele não tivesse pagado a conta.

Richard estava prestes a chegar à rua quando decidiu fazer uma rápida visita à guarita do segurança, que ficava escondida dentro da grande arcada de entrada da faculdade. Era um lugar pequeno, parecido com uma toca de coelho, repleto de chaves e mensagens e com um simples aquecedor elétrico. Um rádio falava sozinho ao fundo.

– Com licença – disse para o homem parrudo, de terno preto, que estava parado atrás do balcão com os braços cruzados. – Eu...

– Sim, Sr. MacDuff, em que posso ser útil?

Em seu atual estado de espírito, Richard teria tido dificuldade em se lembrar do próprio nome, de modo que ficou perplexo por alguns instantes. No entanto, seguranças de faculdade possuíam uma habilidade lendária de executar esse tipo de façanha de memória, além de uma tendência a exibi-la diante da menor oportunidade.

– Que você saiba, existe alguma égua em algum lugar da faculdade? – perguntou Richard. – Quero dizer, você saberia se houvesse uma égua aqui, não saberia?

O segurança não titubeou:

– Não, senhor, e sim, senhor. Posso ajudá-lo em algo mais, Sr. MacDuff?

– Ahn, não. – Richard tamborilou algumas vezes no balcão. – Não. Obrigado. Muito obrigado pela sua ajuda. Foi um prazer revê-lo... Bob – arriscou ele. – Boa noite, então.

Foi embora.

O segurança continuou totalmente parado, com os braços cruzados, mas balançando a cabeça muito, muito de leve.

– Aqui está o seu café, Bill – falou outro segurança, baixo e magro, vindo de um canto mais afastado com uma xícara fumegante. – A noite está esfriando, não?

– Parece que sim, Fred, obrigado – respondeu Bill, apanhando a xícara.

Ele bebeu um gole.

– Você pode dizer o que quiser sobre as pessoas, mas uma coisa é certa: elas estão cada vez mais estranhas. Aquele camarada que acabou de sair daqui me perguntou se havia uma égua na faculdade.

– Ah, foi? – Fred bebericou o próprio café, seus olhos ardendo por conta do vapor. – Eu também falei com um desses mais cedo. Um sujeito esquisito, parecia um padre estrangeiro. Não consegui entender uma palavra sequer no começo. Mas ele pareceu se

contentar em apenas ficar parado diante do fogo e ouvir as notícias no rádio.

– Esses estrangeiros...

– Falei para ele dar o fora. Onde já se viu, ficar na frente do meu fogo desse jeito? De repente, ele me perguntou se deveria ir embora. Eu confirmei: “Manda bala.” E acrescentei, com a minha melhor voz de Bogart: “Pode acreditar, parceiro. Manda bala.”

– Sério? Me soou mais como Jimmy Cagney.

– Não, essa é a minha voz de Bogart. A minha voz de Jimmy Cagney é assim: “Pode acreditar, parceiro.”

Bill fez uma careta.

– *Essa* é a sua voz de Jimmy Cagney? Sempre achei que fosse sua voz de Kenneth McKellar.

– Você não escuta direito, Bill, não tem ouvido. Kenneth McKellar é assim: “Oh, you take the high road and I’ll take the low road...”

– Ah, entendi. Eu estava pensando no Kenneth McKellar escocês. Então, o que esse tal padre respondeu, Fred?

– Ele me olhou bem nos olhos, Bill, e falou de um jeito esquisito, mais ou menos assim...

– Esqueça o sotaque, Fred, só me diga o que ele falou, se é que vale a pena ouvir.

– Ele disse simplesmente que não acreditava em mim.

– É isso? Sua história não é muito interessante, Fred.

– Bem, talvez não. Só contei porque ele também falou que tinha deixado a égua dele em um banheiro e me perguntou se eu poderia cuidar dela.

capítulo 11

Desolado, Gordon Way flutuava pela estrada escura; ou melhor, tentava flutuar.

Ele achava que, por ser um fantasma – precisava admitir para si mesmo que era isso que havia se tornado –, deveria ser capaz de flutuar. Sabia pouco sobre fantasmas, mas achava que, se você precisava ser um, então devia haver certas compensações em não ter um corpo físico para arrastar de um lado a outro, e entre elas deveria estar a capacidade de simplesmente flutuar. Mas não, parecia que ele teria que andar cada passo do caminho.

O plano era tentar voltar para casa. Não sabia o que faria ao chegar, mas até mesmo fantasmas precisam de um lugar para passar a noite e ele achava que estar em um ambiente familiar talvez fosse ajudar. Ajudar no quê, não sabia. Pelo menos aquilo lhe dava um objetivo e ele só precisaria pensar em outro quando chegasse lá.

Gordon arrastava os pés com desânimo de um poste de luz a outro, parando debaixo de cada um para analisar partes de si mesmo.

Estava definitivamente ficando um pouco spectral.

Às vezes, quase desaparecia por completo. Nessas horas, parecia ser pouco mais do que uma sombra oscilando na neblina, um sonho de si mesmo que poderia evaporar e sumir. Outras vezes,

parecia quase sólido e real de novo. De vez em quando, tentava se recostar contra um poste, arriscando-se a atravessá-lo por completo se não tomasse cuidado.

Enfim, e com grande relutância, começou a voltar sua mente para o que tinha acontecido. Estranha essa relutância. Na verdade, não queria pensar a respeito. Psicólogos dizem que a mente muitas vezes tenta reprimir a memória de acontecimentos traumáticos e Gordon imaginava que esse devia ser o motivo. Afinal, se um estranho saltar da mala do seu próprio carro e matar você a tiros não for uma experiência traumática, ele não sabia o que era.

Seguiu adiante, arrasado.

Tentou evocar a lembrança do assassino, mas era como futucar um dente dolorido, de modo que pensou em outras coisas.

Por exemplo, o seu testamento estava atualizado? Não conseguia se lembrar e fez uma nota mental para telefonar para o seu advogado no dia seguinte; então, fez outra nota mental para parar de fazer notas mentais desse tipo.

Como sua empresa sobreviveria sem ele? Não gostava muito de nenhuma das respostas possíveis a essa pergunta.

E quanto ao seu obituário? Essa era uma ideia que o gelava até os ossos, onde quer que eles tivessem ido parar. Será que conseguiria arranjar uma cópia? O que diriam? Era melhor aqueles desgraçados saírem com um texto dos bons. Veja só quantas coisas ele tinha feito. Salvou sozinho a indústria de software britânica: enormes exportações, contribuições para a caridade, bolsas de pesquisa, a travessia do Atlântico em um submarino movido a energia solar (um fracasso, mas uma bela tentativa) – todo o tipo de coisas. Eles que não ousassem desencavar aquela história do Pentágono outra vez ou iriam se ver com seu advogado. Fez uma nota mental para telefonar para ele pela manh...

Não.

Além do mais, um morto pode processar alguém por difamação? Só o seu advogado saberia dizer, e não seria possível telefonar para ele pela manhã. Gordon então soube, com uma sensação arrepiante de pavor, que, de todas as coisas que havia deixado para trás na terra dos vivos, era do seu telefone que sentiria mais falta, e isso o fez voltar sua mente com determinação para onde ela não queria ir.

O assassino.

Parecia-lhe quase a figura da própria Morte ou será que sua imaginação estava pregando peças nele? Sonhara ter visto um vulto encapuzado? Aliás, o que qualquer vulto, encapuzado ou não, estaria fazendo na mala do seu automóvel?

Nesse exato momento, um carro passou zunindo por ele na estrada e desapareceu na noite, levando seu oásis de luz consigo. Pensou, saudoso, no conforto quente, forrado de couro e climatizado do seu próprio automóvel abandonado na estrada, e então um pensamento repentino e extraordinário lhe veio à cabeça.

Será que havia alguma maneira de pegar uma carona? As pessoas por acaso conseguiam vê-lo? E como reagiriam se conseguissem? Bem, só se podia descobrir de uma forma.

Ouviu outro carro vindo atrás dele, ainda distante, e se virou em sua direção. Quando viu as luzes gêmeas dos faróis se aproximarem através da neblina, Gordon cerrou seus dentes de fantasma e levantou o polegar para elas.

O carro passou batido.

Nada.

Irritado, mostrou o dedo do meio para as luzes traseiras vermelhas que se afastavam e percebeu, ao olhar bem através do próprio braço erguido, que ele não estava em sua forma mais visível no momento. Será que, com alguma força de vontade, poderia se tornar mais visível quando quisesse? Fechou os olhos com força, concentrando-se, e notou que precisava estar com os olhos abertos para ver se iria dar certo. Tentou outra vez,

empenhando-se ao máximo, mas os resultados foram insatisfatórios.

Embora tenha parecido fazer alguma diferença, ainda que mínima, em sua visibilidade, não foi possível sustentá-la e ela desapareceu quase imediatamente, por maior que fosse sua concentração. Teria que cronometrar com muito cuidado se quisesse que sua presença fosse vista, ou pelo menos sentida.

Outro carro se aproximava rapidamente atrás dele. Ele tornou a se virar, levantou o polegar, esperou pelo momento certo e fez força para ficar visível.

O carro desviou um pouco, então seguiu caminho, sem acelerar. Bem, já era alguma coisa. O que mais ele poderia fazer? Um bom começo seria ir para debaixo de um poste de luz e praticar. Conseguiria pegar o próximo carro, com certeza.

capítulo 12

“... Se quiser deixar um recado, retornarei a chamada assim que puder. Ou não.”

Bipe.

– Merda. Droga. Espere um instante. Cacete. Olhe... ahn...

Clique.

Richard desligou o telefone e fez seu carro voltar de marcha a ré por 20 metros. Queria dar outra olhada na placa no cruzamento pelo qual acabara de passar em meio à neblina. Ele havia saído da via de mão única em Cambridge pelo método tradicional, que consistia em andar em círculos, cada vez mais rápido, até alcançar uma espécie de velocidade de fuga e sair batido por uma tangente numa direção aleatória, que agora ele tentava identificar para fazer os devidos ajustes.

Chegando ao cruzamento, tentou relacionar a informação na placa à informação no mapa, mas era impossível. O cruzamento estava deliberadamente localizado na divisão entre duas páginas do mapa e o vento fazia a placa girar de forma diabólica. Seu instinto lhe dizia que ele estava seguindo na direção errada, mas não queria voltar pelo mesmo caminho por medo de ser sugado para o redemoinho gravitacional do sistema de trânsito de Cambridge.

Assim, dobrou à esquerda na esperança de ter mais sorte naquela direção, mas, depois de um tempo, perdeu a paciência e se

arriscou a virar à direita, então aventurou-se mais uma vez à esquerda e, após mais algumas manobras, estava totalmente perdido.

Richard xingou e aumentou o aquecimento do carro. Se tivesse se concentrado no caminho em vez de tentar dirigir e telefonar ao mesmo tempo, pelo menos saberia onde estava agora. Na verdade, nem sequer gostava de ter um telefone no carro; considerava-o um estorvo e uma invasão. Mas Gordon havia insistido e inclusive pagado por ele.

Bufou de irritação, tornou a dar marcha a ré com o Saab preto e manobrou para fazer o retorno. Durante o movimento, quase atropelou alguém que carregava um corpo em direção ao campo. Pelo menos foi essa a impressão que seu cérebro exausto teve por um instante, mas, na verdade, provavelmente era apenas um fazendeiro da região com um saco de algo nutritivo, embora fosse difícil imaginar o que poderia estar fazendo com ele numa noite daquelas. Quando a luz dos faróis voltou a girar, ela iluminou momentaneamente a silhueta do vulto que atravessava o campo com o saco nas costas.

Antes ele do que eu, pensou Richard, taciturno, voltando a pegar a estrada.

Passados alguns minutos, chegou a um cruzamento com algo que parecia um pouco mais uma via principal, quase dobrou à direita para pegá-la, mas então resolveu virar à esquerda. Não havia placas.

Ele tornou a pressionar as teclas em seu telefone.

"... retornarei a chamada assim que puder. Ou não."

Bipe.

– Susan, é o Richard. Por onde posso começar? Que confusão. Desculpe, desculpe, desculpe. Pisei na bola feio e é tudo culpa minha. Qualquer coisa que eu possa fazer para compensar eu farei, prometo solenemente...

Ele tinha a leve sensação de que esse não era o tom adequado para se usar com uma secretária eletrônica, mas continuou assim mesmo:

– Nós podemos viajar, tirar uma semana de férias ou até mesmo só este fim de semana, se você quiser. Sério, este fim de semana. Vamos para algum lugar ensolarado. Não importa quanta pressão Gordon tente colocar em cima de mim, e você sabe quanto ele pode pressionar as pessoas, ele é seu irmão, afinal. Vou simplesmente... ahn, na verdade, talvez precise ficar para o fim de semana que vem. Droga, droga, droga. É só que eu prometi mesmo a ele que, não, olhe, não importa. Nós vamos e pronto. Estou pouco me lixando se o Anthem ficará pronto ou não a tempo da Comdex. Não é o fim do mundo. Vamos fazer as malas e partir. Gordon que vá se catar... Gaaarggghh!

Richard desviou alucinadamente para não bater no espectro de Gordon Way, que surgiu de repente diante dos seus faróis e se jogou na frente do carro.

Ele afundou o pé no freio, começou a derrapar, tentou se lembrar do que você deveria fazer em caso de derrapagem, sabia que tinha visto isso em um programa de TV sobre condução ao qual assistira séculos atrás, mas qual era mesmo o programa? Deus do céu, não conseguia se lembrar nem do nome do programa, quanto mais... Ah, sim, diziam que você não devia pisar no freio. Era isso. O mundo girou ao seu redor com uma força lenta e apavorante enquanto o carro atravessava rodopiando a estrada, sacolejava na grama do acostamento e parava aos trancos e barrancos, virado na contramão. Richard se deixou cair, ofegante, contra o volante.

Apanhou o telefone de onde ele havia caído.

– Susan – arfou –, já ligo de volta.

Ele desligou e ergueu os olhos.

Parada logo adiante, iluminada em cheio pelos faróis do carro, a figura espectral de Gordon Way o encarava através do para-brisa

com uma expressão horripilante no olhar, erguendo lentamente a mão e apontando para ele.

Não saberia dizer quanto tempo ficou apenas sentado ali. A aparição evaporara diante de seus olhos em questão de segundos, mas Richard continuou parado, trêmulo, provavelmente por não mais do que um minuto, até que um cantar de pneus repentino e uma luz forte o arrancaram daquele transe.

Balançou a cabeça. Foi só então que percebeu estar parado na contramão no meio da estrada. O carro que havia freado até parar na sua frente, quase colando seu para-choque ao dele, era uma viatura. Respirou fundo duas ou três vezes. Então, tenso e ainda trêmulo, saiu do veículo e parou diante do policial que se aproximava a passos lentos, sua silhueta recortada pelos faróis do automóvel.

O policial o olhou dos pés à cabeça.

– Ahn, desculpe, senhor policial – falou Richard, com o máximo de calma que conseguiu reunir em sua voz. – Eu, ahn, derrapei. A estrada está escorregadia e eu... derrapei. Saí rodopiando. Como pode ver, eu, eu estou na contramão.

Ele gesticulou para o carro, indicando o lado para o qual estava virado.

– Pode me dizer por que exatamente o senhor derrapou?

O policial o olhava nos olhos enquanto sacava um bloco de anotações.

– Bem, como eu disse, a estrada está escorregadia por causa da neblina e, bem, para ser muito sincero – Richard se viu dizendo, apesar de todas as suas tentativas de se conter –, eu estava dirigindo na maior tranquilidade quando de repente imaginei ter visto o meu patrão se jogar na frente do carro.

O policial encarou-o firme.

– Complexo de culpa, senhor policial – acrescentou Richard com um sorriso espasmódico –, sabe como é. Eu estava pensando em tirar o fim de semana de folga.

O policial pareceu hesitar, oscilando entre a solidariedade e a desconfiança. Ele estreitou um pouco os olhos, mas não os desviou.

– Andou bebendo, senhor?

– Sim – respondeu Richard com um breve suspiro –, mas muito pouco. Duas taças de vinho no máximo. Ahn... e uma tacinha de vinho do Porto. No máximo. Foi mesmo só um momento de distração. Estou bem agora.

– Nome?

Richard lhe deu o nome e o endereço. O policial escreveu tudo com calma e esmero em seu bloco, então olhou para a placa do carro e a anotou.

– E quem é o seu patrão, senhor?

– O nome dele é Gordon Way.

– Ah! – O policial ergueu as sobrancelhas. – O sujeito dos computadores.

– Sim, isso mesmo. Eu desenvolvo programas de computador para a empresa dele, a WayForward Technologies II.

– Nós temos um desses seus computadores lá na delegacia agora. Não consigo botar aquele troço para funcionar nem a pau.

– É? – retrucou Richard com desânimo. – Qual modelo vocês têm lá?

– Acho que ele se chama Quark II.

– Ah, então é simples – disse Richard, aliviado. – Ele não funciona. Nunca funcionou. É uma verdadeira bosta.

– O engraçado, senhor, é que eu sempre disse isso. Mas alguns dos outros rapazes discordam – disse o policial.

– Bem, você tem toda a razão. Ele é totalmente inútil. Foi o principal motivo para a empresa original ter ido à falência. Sugiro que o utilize como um peso de papel gigante.

– Melhor não, senhor. O vento ficaria abrindo a porta toda hora.

– Como assim?

– Nós o usamos para manter a porta fechada. É uma ventania desgraçada lá na nossa delegacia nesta época do ano. Durante o verão, nós o usamos para bater na cabeça dos suspeitos, é claro.

O policial fechou seu bloco de anotações e o guardou no bolso.

– Meu conselho para o senhor é que volte com calma e tranquilidade. Deixe o carro na garagem e passe o fim de semana enchendo a cara. Acho que é o melhor a fazer. Dirija com segurança.

Ele voltou para a viatura, baixou a janela e observou Richard manobrar seu carro para a mão correta e seguir noite adentro antes de fazer o mesmo.

Richard respirou fundo, voltou tranquilamente para Londres, entrou com toda a calma em seu prédio, passou com serenidade por cima do sofá, entrou no apartamento, acomodou-se, serviu-se de uma dose de conhaque puro e começou a tremer sem parar.

Ele tremia por três motivos.

Primeiro, pelo simples abalo físico do seu quase acidente, o tipo de coisa que sempre acaba por deixá-lo muito mais transtornado do que você imaginaria. O corpo se enche de adrenalina, que depois fica azedando em seu organismo.

Em segundo lugar, havia a causa da derrapagem: a extraordinária aparição de Gordon se jogando na frente do seu carro. O que fora aquilo? Richard tomou um gole generoso de conhaque e gargarejou com ele. Largou o copo.

Todos sabiam que Gordon era uma das maiores fontes naturais do mundo no que dizia respeito a botar pressão e culpa nos outros, e que ele era capaz de entregar uma quantidade imensa e fresquinha desses “produtos” em sua porta todas as manhãs, mas Richard não tinha percebido que se deixara afetar tão terrivelmente por isso.

Pegou seu copo de volta, subiu as escadas e abriu a porta do escritório, o que envolveu mover a pilha de revistas *BYTE* que havia caído na sua frente. Afastou-as com o pé e foi até o lado oposto do cômodo amplo. As janelas grandes naquela extremidade davam para uma parte considerável do norte de Londres, onde a neblina começava a se dispersar. A catedral de São Paulo brilhava na escuridão ao longe e ele ficou observando-a por alguns instantes, mas ela não fez nada de especial. Depois dos acontecimentos da noite, isso lhe pareceu uma agradável surpresa.

Do outro lado do escritório, havia duas mesas longas entulhadas, com seis computadores Macintosh, pela sua última contagem. No meio, estava o Mac II no qual um modelo tridimensional do seu sofá girava preguiçosamente no interior de um modelo azul de sua escada estreita, completo com os detalhes do corrimão, aquecedor e quadro de luz, além, é claro, da quina inoportuna no meio do caminho.

O sofá começava a girar em uma direção, chocava-se com um obstáculo, revirava-se em outro plano, topava com outro obstáculo, girava ao redor de um terceiro eixo até ser interrompido novamente, então refazia os movimentos em uma ordem diferente. Você não precisava assistir à sequência por muito tempo antes de perceber que ela se repetia.

O sofá estava claramente entalado.

Três outros Macs conectavam-se, por meio de longos emaranhados de cabos, a um aglomerado caótico de sintetizadores: um sampler Emulator II+ HD, uma pilha de módulos TX, um Prophet VS, um Roland JX10, um Korg DW8000, um Octapad, um controlador MIDI em forma de guitarra SynthAxe para canhotos, e até uma velha bateria eletrônica – quase tudo o que se podia precisar. Havia também um pequeno gravador de fitas cassete, quase nunca usado, pois todas as suas músicas eram armazenadas em arquivos sequenciais nos computadores, e não em fitas.

Richard se deixou cair em uma cadeira em frente a um dos Macs para ver o que ele estava fazendo, se é que estava fazendo alguma coisa. O computador exibia uma planilha de Excel "Sem título" e ele se perguntou por quê.

Salvou a planilha, olhou em volta para ver se deixara algum recado para si mesmo e logo descobriu que o arquivo continha algumas informações que ele havia baixado anteriormente após pesquisar as bases de dados on-line da *World Reporter* e da *Knowledge* em busca de fatos sobre andorinhas.

Ele agora possuía números que detalhavam seus hábitos migratórios, os formatos de suas asas, seus perfis aerodinâmicos e características de turbulência, além de alguns dados básicos sobre as formações que um bando poderia adotar durante o voo. Mas, por enquanto, tinha apenas uma vaga ideia de como iria fazer para sintetizar tudo isso em uma coisa só.

Como estava muito cansado para pensar de forma particularmente construtiva naquela noite, selecionou e copiou ao acaso todo um conjunto de números contidos na planilha e os colou em seu próprio programa de conversão, que escalonava, filtrava e manipulava os números de acordo com seus próprios algoritmos experimentais, carregava o arquivo convertido no Performer – um sequenciador musical poderoso – e transferia o resultado através de canais MIDI aleatórios para quaisquer sintetizadores que estivessem ligados no momento.

O resultado foi uma breve explosão da mais pavorosa cacofonia, de modo que ele interrompeu o processo.

Rodou o programa de conversão de novo, dessa vez forçando-o a converter os valores para sol menor. Esse era um recurso que ele estava decidido a eliminar no final, pois o considerava uma espécie de trapaça. Se havia algum fundamento para sua crença firme de que os ritmos e harmonias musicais que achava mais satisfatórios podiam ser encontrados nos ritmos e harmonias de fenômenos

naturais, ou pelo menos derivar deles, então formas satisfatórias de modalidade e entonação deveriam surgir de maneira igualmente natural em vez de serem forçadas.

Por ora, no entanto, ele decidiu forçá-las.

O resultado foi uma breve explosão da mais pavorosa cacofonia em sol menor.

Chega de atalhos aleatórios.

A primeira tarefa era relativamente simples: consistia em traçar o formato de onda descrito pela ponta da asa de uma andorinha em pleno voo e, então, sintetizá-lo. Isso lhe renderia uma só nota, o que seria um bom começo, e não deveria levar mais de um fim de semana para fazer.

O problema, é claro, era que ele não tinha um fim de semana disponível para tanto, porque precisava conseguir despachar o Anthem 2.0 em algum momento do próximo ano – ou “mês”, como Gordon gostava de chamá-lo.

Isso levou Richard de forma inexorável à terceira coisa que o fazia tremer.

Não havia a menor chance de ele conseguir tirar aquele fim de semana ou o seguinte de folga para cumprir a promessa que fizera à secretária eletrônica de Susan. Assim, se o fiasco daquela noite já não tivesse se encarregado disto, estaria tudo acabado entre os dois.

Mas era isso. O estrago estava feito. Não havia nada que pudesse fazer quanto a uma mensagem deixada na secretária eletrônica de outra pessoa além de esperar o desenrolar dos acontecimentos. Não havia conserto. Era irrevogável.

De repente, um pensamento estranho lhe veio à cabeça.

No entanto, por mais surpreso que estivesse com esse pensamento, Richard não conseguia ver nada de errado nele.

capítulo 13

Um binóculo vasculha, sem pressa e com curiosidade, o horizonte noturno de Londres. Uma olhadinha aqui, outra ali, só para ver se estava acontecendo algo de útil ou interessante.

O binóculo para nos fundos de uma casa em especial, atraído por um leve movimento. Era um daqueles casarões do fim do período vitoriano, provavelmente um conjunto de apartamentos agora. Inúmeras calhas de ferro pretas. Latas de lixo de plástico verde. Escuridão. Não, não é nada.

Seguindo em frente, o binóculo capta outro movimento discreto sob o luar. O foco é ajustado, na tentativa de discernir algum detalhe, um ângulo, um pequeno contraste na escuridão. A neblina já se dispersara àquela altura e algo cintila no escuro. O foco é ajustado só mais um pouquinho.

Lá está. É alguma coisa, definitivamente. Só que dessa vez uns 30 centímetros mais acima, talvez 90. O binóculo se concentra em um ponto; mantendo-se firme, tenta definir os contornos, vislumbrar detalhes. Ali. Ele focaliza seu alvo, equilibrado entre o beiral de uma janela e uma calha.

Era um vulto escuro, colado contra a parede, que olhava para baixo, em busca de um novo apoio para os pés, e para cima, à procura de uma saliência. O binóculo observa atentamente.

O vulto é um homem alto e magro. Suas roupas são adequadas para o trabalho, calças pretas, blusão preto, mas seus movimentos são desajeitados e bruscos. Apreensivos. O binóculo aguarda e reflete, reflete e julga. Interessante.

O homem é claramente um amador.

Veja só que desastrado. Que falta de habilidade. Os pés dele escorregam na calha, suas mãos não conseguem alcançar a saliência. Ele quase cai. Espera um pouco, recuperando o fôlego. Tenta descer de volta por alguns instantes, mas isso lhe parece ainda mais difícil.

Ele salta em direção à saliência e, dessa vez, consegue agarrá-la. Estica o pé e quase erra a calha. Isso poderia ter acabado muito mal.

Mas agora o caminho é mais fácil e ele consegue avançar melhor. Passa para outra calha, alcança a janela do terceiro andar, flerta por um instante com a morte ao escalá-la penosamente e comete o erro básico de olhar para baixo. Balança um pouco e pende para trás de forma acentuada. Fecha a mão em concha acima dos olhos e espia pelo vidro, dentro do quarto, para conferir se o apartamento está vazio, então se põe a abrir a janela.

Uma das coisas que distingue um amador de um profissional é que este é o ponto em que um amador acha que teria sido uma boa ideia trazer algo para ajudá-lo a arrombar a janela. Para a sorte do amador em questão, o dono da casa também é um amador e logo a janela de correr é deslizada para cima. O vulto se esgueira, com um alívio considerável, para dentro.

Ele deveria ser preso, para o seu próprio bem, pensa o binóculo. A mão se estende para pegar o telefone. Na janela, um rosto olha para fora por um instante e é iluminado pelo luar, então recua outra vez para continuar o que veio fazer.

A mão paira sobre o telefone por alguns momentos enquanto o binóculo aguarda e reflete, reflete e julga. Em vez de apanhar o

fone, ela se decide pelo mapa de ruas de Londres.

Após uma reflexiva pausa e um pouco mais de investigação binocular, a mão volta ao telefone, tira-o do gancho e disca um número.

capítulo 14

O apartamento de Susan era pequeno, porém espaçoso, um truque que só mulheres pareciam ser capazes de realizar, refletiu Richard enquanto acendia a luz, tenso.

Não era essa constatação que o deixava tenso, é claro – embora já tivesse sido o caso, muitas vezes. Todas as vezes que estivera no apartamento dela, para dizer a verdade. Isso sempre o impressionava, geralmente porque ele havia acabado de vir do seu próprio apartamento, que era quatro vezes maior e não tinha espaço para nada. O caminho até ali, dessa vez, fora por um trajeto um tanto excêntrico, e era isso que emprestava uma tensão incomum à sua constatação habitual.

Apesar de a noite estar fria, ele suavava.

Richard olhou pela janela, virou-se e atravessou de mansinho o recinto até onde o telefone e a secretária eletrônica ficavam: uma mesa pequena só para eles.

Então, percebeu que não fazia sentido andar de mansinho: Susan não estava em casa. Gostaria muito de saber onde ela se encontrava, na verdade – assim como ela provavelmente teria gostado muito de saber onde ele estivera no começo da noite.

Notou que ainda andava de mansinho. Bateu na própria perna para se forçar a parar com isso, mas continuou a fazê-lo assim mesmo.

Escalar a parede do lado de fora tinha sido apavorante.

Secou a testa com a manga do blusão mais velho e ensebado que tinha. Enquanto subia, houve um momento terrível em que sua vida passou inteira diante dos seus olhos, mas ele estava com tanto medo de cair que perdeu todas as partes boas. A maioria delas envolvia Susan, percebeu. Susan ou computadores. Nunca Susan e computadores – essas partes tinham sido no geral ruins. E era por isso que ele estava ali, disse a si mesmo. Como parecia precisar se convencer disso, repetiu a frase em sua mente.

Consultou seu relógio: 23h45.

Ocorreu-lhe que era melhor lavar as mãos sujas antes de tocar qualquer coisa. Não era com a polícia que estava preocupado, mas com a assustadora faxineira de Susan. Ela perceberia.

Foi ao banheiro, acendeu o interruptor, limpou-o e encarou seu próprio rosto aflito no espelho iluminado com lâmpadas de néon enquanto lavava as mãos. Pensou por um instante na luz de velas bruxuleante e quente do jantar em homenagem a Coleridge, e as imagens brotaram do passado turvo e distante da primeira parte da noite. A vida parecia tão simples àquela altura, tão tranquila... O vinho, a conversa, os truques de mágica inocentes. Evocou o rosto redondo e branco de Sarah, seus olhos arregalados de espanto. Lavou o próprio rosto.

Lembrou:

“... Cuidado! Cuidado!, exclamariam,
Seus cabelos esvoaçam, seus olhos faíscam!”

Penteou os cabelos. Pensou também nos quadros pendurados bem alto na escuridão acima das suas cabeças. Escovou os dentes. O zumbido baixo da luz de néon o trouxe de volta ao presente e ele se lembrou de repente, horrorizado, que estava ali como um invasor.

Algo o fez olhar diretamente para o rosto no espelho, então ele balançou a cabeça, tentando clareá-la.

Quando Susan voltaria? Isso, é claro, dependeria do que ela estivesse fazendo. Apressou-se a secar as mãos e foi até a secretária eletrônica. Enquanto pressionava as teclas da máquina, sua consciência não parava de perturbá-lo. A fita foi rebobinada pelo que lhe pareceu uma eternidade e ele percebeu com um sobressalto que isso era provavelmente porque Gordon a havia enchido com sua falação.

Esquecera-se de que haveria outras mensagens na fita além da sua, é claro, e ouvir os recados de outras pessoas era tão ruim quanto abrir suas correspondências.

Tornou a explicar para si mesmo que tudo o que estava tentando fazer era corrigir um erro antes que causasse danos irreparáveis. Colocaria para tocar apenas pequenos trechos até encontrar a própria voz. Isso não seria tão mau; ele sequer conseguiria entender o que seria dito.

Com um grunhido mental, ele cerrou os dentes e investiu contra as teclas com tanto ímpeto que acabou ejetando a fita cassete por engano. Colocou-a de volta e pressionou a tecla Play com mais cuidado.

Bipe.

“Oi, Susan, aqui é o Gordon”, disse a secretária eletrônica. “Estou indo para o chalé...” Ele avançou alguns segundos. “... preciso saber se o Richard está se dedicando ao projeto. Quero dizer, *realmente* se dedi...”

Richard torceu a boca com raiva e tornou a pressionar a tecla Fast Forward. Ele detestava que Gordon tentasse pressioná-lo através de Susan, algo que sempre negava com veemência fazer. Richard não podia culpar Susan por ficar irritada às vezes com seu trabalho se esse tipo de coisa continuasse acontecendo.

Clique.

“... humanos. Pode anotar para a Susan, por favor, que ela deve providenciar uma placa, com uma estaca afiada para sustentá-la, e que fique a uma altura que os coelhos possam ver?”

– Ahn? – murmurou Richard para si mesmo, e seu dedo hesitou por um instante sobre a tecla de avançar.

Ele tinha a sensação de que Gordon tentava desesperadamente ser como Howard Hughes. Como não tinha a menor esperança de ser tão rico quanto ele, nem de longe, pelo menos podia tentar ser duas vezes mais excêntrico. Era um embuste. Sem dúvida um embuste.

“Estou falando da minha secretária Susan lá no escritório, não de você, é claro”, continuou Gordon. “Onde eu estava mesmo? Ah, sim. Richard e o Anthem 2.0. Susan, temos que testar a versão beta do programa daqui a duas...”

Richard pressionou Fast Forward com os lábios contraídos.

“... questão é que só há uma pessoa em posição de saber se ele está fazendo o que deve ou se está simplesmente sonhando acordado, e essa pessoa...”

Tornou a pressionar a tecla, irritado. Prometera a si mesmo que não iria ouvir nada e agora estava ficando com raiva do que ouvia. Devia simplesmente parar com aquilo. Bem, só mais uma tentativa.

Quando voltou a ouvir a fita, deparou apenas com música. Estranho. Avançou mais um pouco. Música outra vez. Por que alguém telefonaria para botar música para uma secretária eletrônica?, perguntou-se.

O telefone tocou. Parou a fita e o atendeu, então quase o deixou cair como se ele fosse uma enguia elétrica ao se dar conta do que estava fazendo. Mal ousando respirar, levou o fone à orelha.

– Regra Número Um para invasões de domicílio: nunca atenda o telefone quando estiver no meio de um serviço. Você é um arrombador ou não é, ora essa?

Richard congelou. Precisou de alguns instantes para se lembrar de onde havia colocado sua voz.

– Quem está falando? – exigiu saber com um sussurro.

– Regra Número Dois: preparação. Traga as ferramentas corretas. Traga luvas. Tenha a mínima noção do que pretende fazer antes de sair se pendurando pelos beirais das janelas no meio da noite. Regra Número Três: *nunca* se esqueça da Regra Número Dois.

– Quem está falando?! – exclamou Richard.

A voz continuou, imperturbável:

– Um vizinho atento. Se você olhar pela janela dos fundos, vai ver...

Carregando o telefone, Richard correu até a janela e olhou para fora. Foi surpreendido por um clarão distante.

– Regra Número Quatro: nunca fique em nenhum lugar onde possa ser fotografado. Regra Número Cinco... Ainda está me ouvindo, MacDuff?

– Ahn? Sim... – falou Richard, desnortado. – Como você sabe quem sou eu?

– Regra Número Cinco: *nunca* admita que seu nome foi descoberto.

Richard ficou em silêncio, respirando pesado.

– Eu dou um cursinho, se estiver interessado...

Richard continuou calado.

– Você está aprendendo... devagar, mas está aprendendo. Se estivesse aprendendo rápido, já teria desligado o telefone a esta altura, é claro. Mas é curioso e incompetente, então não faz isso. Para ser franco, não dou um curso para arrombadores iniciantes, por mais tentadora que seja a ideia. Tenho certeza de que conseguiríamos bolsas de incentivo para oferecer. Se não podemos nos livrar deles, então melhor que sejam treinados. Mas, se eu desse um curso desse tipo, deixaria você se matricular de graça,

pois também sou curioso. Curioso para saber por que o Sr. Richard MacDuff, que, até onde sei, é agora um jovem bem-sucedido, *alguém* no setor de computação, acredito, sentiria de repente a necessidade de recorrer a invasões de domicílio.

– Quem...?

– Então eu resolvo fazer uma pesquisa, telefono para o Auxílio à Lista e descobro que o apartamento que ele está arrombando pertence a uma certa Srta. S. Way. Eu sei que o Sr. Richard MacDuff trabalha para o famoso Sr. G. Way e me pergunto se os dois não seriam parentes.

– Quem...?

– Você está falando com Svlad, mais conhecido como “Dirk” Cjelli, que atualmente opera sob o nome Gently por motivos que, neste momento, não é necessário explicar. Desejo-lhe uma boa noite. Se quiser saber mais, estarei no Pizza Express da Upper Street em dez minutos. Traga algum dinheiro.

– Dirk?! – exclamou Richard. – Você... está tentando me chantagear?

– Não, seu idiota, para as pizzas.

Ouviu-se um clique e Dirk Gently desligou.

Richard ficou petrificado por alguns instantes, tornou a secar a testa e desligou o telefone com cuidado, como se ele fosse um hamster ferido. Seu cérebro começou a gemer baixinho e chupar o dedo. Várias pequenas sinapses no fundo do seu córtex cerebral deram as mãos e começaram a dançar em círculos entoando canções de ninar. Ele balançou a cabeça e tentou fazê-las parar, e logo sentou-se diante da secretária eletrônica outra vez.

Debateu consigo mesmo se deveria ou não pressionar a tecla Play novamente, então o fez antes de chegar a uma decisão. Menos de quatro segundos de música orquestrada suave tinham vindo da máquina quando ouviu-se o som de uma chave raspando uma fechadura no corredor.

Em pânico, Richard pressionou a tecla Eject, retirou a fita cassete, enfiou-a no bolso da calça e a substituiu por outra de uma pilha de fitas novas do lado da máquina. Havia uma pilha parecida ao lado da sua própria secretária eletrônica em casa. A Susan do escritório eram quem as providenciava – a pobre e sofrida Susan do escritório. Precisava lembrar de se solidarizar com ela pela manhã, quando tivesse tempo e concentração suficientes para isso.

De repente, sem nem perceber o que estava fazendo, mudou de ideia. Em um piscar de olhos, tirou a fita substituta da máquina, recolocou a que havia roubado, pressionou a tecla para rebobiná-la e saltou para o sofá onde, dois segundos antes de a porta se abrir, tentou se acomodar em uma postura relaxada e sedutora. Por impulso, enfiou a mão esquerda atrás das costas, onde ela poderia ser útil.

Estava tentando organizar seu rosto em uma expressão composta em partes bem equilibradas de contrição, bom humor e desejo sexual quando a porta se abriu para dar entrada a Michael Wenton-Weakes.

Tudo parou.

Lá fora, o vento parou de soprar. Corujas pararam em pleno voo. Bem, talvez tivessem parado, talvez não, mas certamente o aquecimento central escolheu aquele momento para desligar, talvez por não conseguir dar conta do frio sobrenatural que, de repente, tomou conta do apartamento.

– O que você está fazendo aqui, Quarta-Feira? – exigiu saber Richard.

Ele se levantou do sofá como se estivesse levitando de raiva.

Michael Wenton-Weakes era um homem de rosto grande e triste conhecido como Michael Quarta-Feira, pois esse era o prazo em que em geral prometia entregar as coisas. Usava um terno que teria sido extraordinariamente bem-cortado quando seu pai, o falecido lorde Magna, o comprara, quarenta anos atrás.

Michael se achava bem perto do topo da lista seleta de pessoas que Richard detestava.

Ele o detestava porque a ideia de que alguém fosse não só privilegiado, como também sentisse pena de si mesmo porque o mundo não entendia as agruras dos privilegiados, era-lhe profundamente odiosa. Michael, por sua vez, detestava Richard pelo simples motivo de que Richard o detestava, e não escondia isso de ninguém.

Michael lançou um olhar lento e lúgubre de volta para o corredor enquanto Susan entrava. Ela parou ao ver Richard. Largou a bolsa, desenrolou o cachecol do pescoço, desabotoou o casaco, pôs-se a tirá-lo, entregou-o para Michael, aproximou-se de Richard e deu-lhe um tapa na cara.

– Passei a noite inteira querendo fazer isto – disse ela, furiosa. – E não tente fingir que o que está escondendo atrás das costas é um buquê que se esqueceu de trazer. Você já tentou esse truque da última vez.

Susan se virou e saiu andando a passos firmes.

– Foi uma caixa de chocolates que eu esqueci desta vez – replicou Richard, cabisbaixo, enquanto estendia a mão vazia para as costas dela que se afastavam. Eu escalei a parede do lado de fora inteira sem ela. Precisava ver a minha cara de idiota quando entrei.

– Não tem a menor graça – retrucou Susan.

Ela entrou como um furacão na cozinha, onde pareceu começar a moer grãos de café com as próprias mãos. Para alguém sempre tão elegante, doce e delicada, ela dava um chique e tanto.

– É verdade – falou Richard, ignorando Michael completamente.
– Eu poderia ter morrido.

– Não estou com a mínima disposição para isso – disse Susan de dentro da cozinha. – Se quiser que alguém atire algo grande e afiado em você, por que não entra aqui e tenta ser engraçadinho?

– Imagino que a esta altura seja inútil dizer que eu sinto muito.

– Pode apostar que sim – confirmou Susan, voltando da cozinha.

Ela o encarou, soltando faíscas pelos olhos, e bateu com o pé no chão.

– Francamente, Richard, você vai apenas dizer que se esqueceu de novo. Como você tem coragem de ficar parado na minha frente com dois braços, duas pernas e uma cabeça como se fosse um ser humano? Até uma crise de disenteria amebiana teria vergonha de se comportar dessa maneira. Aposto que até mesmo a forma mais rudimentar de ameba aparece para levar sua namorada para um passeio pela mucosa estomacal de vez em quando. Bem, espero que tenha tido uma péssima noite.

– Eu tive. Você teria odiado. Havia uma égua no banheiro e eu sei como você detesta esse tipo de coisa.

– Michael – disse Susan bruscamente –, não fique parado aí como um dois de paus. Muito obrigada pelo jantar e pelo concerto, você foi um doce e eu adorei ouvir você falar sobre os seus problemas a noite inteira porque eles foram uma ótima distração dos meus. Mas acho que seria melhor se eu lhe devolvesse o seu livro e expulsasse você daqui. Ainda tenho muito o que bater o pé e gritar e sei quanto isso fere suas delicadas suscetibilidades.

Ela pegou seu casaco das mãos dele e o pendurou. Enquanto o segurava, Michael parecera totalmente absorvido por essa tarefa e incapaz de fazer qualquer outra coisa. Liberado dela, pareceu um pouco perdido e nu e foi forçado a voltar à vida. Focou seus olhos grandes e pesados em Richard.

– Eu, ahn, li seu artigo na... na *Fathom*. Sobre música e, ahn...

– Paisagens fractais – completou Richard, lacônico.

Não queria falar com Michael e com certeza não queria ser atraído para uma conversa sobre a porcaria da revista dele. Ou melhor, sobre a revista que *costumava* ser dele.

Esse era exatamente o aspecto da conversa para o qual Richard não queria ser atraído.

– Ahn, sim. Muito interessante, é claro – continuou Michael com sua voz sedosa, harmoniosa demais. – Formas de montanhas, árvores e todo tipo de coisa. Algas recicladas.

– Algoritmos recursivos.

– Sim, claro. Muito interessante. Mas muito fora de propósito, terrivelmente fora de propósito. Para a revista, quero dizer. Ela é, afinal de contas, uma publicação sobre *artes*. Eu nunca teria permitido tal coisa, é claro. Ross acabou com a revista. Acabou. Ele *precisa* ser afastado. Aquele homem não tem um pingão de sensibilidade e é um ladrão.

– Ele não é um ladrão, Quarta-Feira, isso é ridículo – explodiu Richard, sendo atraído no mesmo instante para a conversa, apesar de sua determinação em não deixar isso acontecer. – Ele não teve absolutamente nada a ver com a sua demissão. Isso foi culpa da sua própria tolice e você...

Michael respirou fundo, com força.

– Richard – começou ele, sua voz mais suave e comedida; discutir com Michael era como ficar embolado na lona de um paraquedas –, creio que não entenda quanto é importante...

– Michael – chamou Susan em um tom gentil, porém firme, segurando a porta aberta.

Michael assentiu de leve e pareceu murchar.

– Seu livro – acrescentou Susan, estendendo-lhe um volume muito antigo sobre a arquitetura eclesiástica de Kent.

Ele o pegou, balbuciou um breve agradecimento, olhou à sua volta por um instante como se tivesse percebido de repente algo estranho, e então se recompôs, despediu-se com um aceno de cabeça e foi embora.

Richard não havia notado quanto ficara tenso até Michael ter partido e ele poder relaxar. Sempre se incomodara com a quedinha

que Susan tinha por Michael, mesmo que ela tentasse disfarçá-la sendo grossa com ele o tempo todo. Talvez até por causa disso.

– Susan, o que eu posso dizer...? – começou ele, nada convincente.

– Poderia começar dizendo “Ai”. Nem essa satisfação você me deu quando eu bati em você, e achei que tinha sido com força. Meu Deus, está um gelo aqui dentro. O que a janela está fazendo aberta?

Susan foi fechá-la.

– Eu já disse. Foi assim que eu entrei.

Ele conseguiu soar sincero o bastante para ela se virar e encará-lo com surpresa.

– Sério – continuou Richard. – Como nas propagandas de chocolate, só que me esqueci da caixa de chocolates...

Ele deu de ombros, acanhado. Ela continuava encarando-o, estupefata.

– Onde você estava com a cabeça para fazer isso? – questionou Susan, esticando a cabeça para fora da janela e olhando para baixo. – Poderia ter morrido – falou, voltando-se para ele.

– Bem, sim... Me pareceu a única maneira de... Sei lá. – Richard se recompôs. – Você pegou sua chave de volta, lembra?

– Sim, eu me cansei de você ficar vindo aqui saquear a minha despensa por preguiça de fazer suas próprias compras. Richard, você subiu mesmo por esta parede?

– Ora, eu queria estar aqui dentro quando você chegasse.

Susan balançou a cabeça, perplexa.

– Seria muito melhor se você tivesse estado aqui antes de eu sair. É por isso que está usando essas roupas velhas e imundas?

– Sim. Por acaso acha que eu fui jantar no St. Cedd’s deste jeito?

– Bem, já não sei o que você considera um comportamento racional. – Ela suspirou e revirou o interior de uma pequena gaveta.

– Tome, já que vai salvar sua vida. – Entregou-lhe uma argola com duas chaves. – Estou cansada demais para ficar com raiva. Uma noite inteira com Michael tentando me seduzir sugou minhas energias.

– Nunca entendi como você o aguenta – comentou Richard, indo buscar o café.

– Eu sei que você não gosta dele, mas Michael é um doce e pode ser encantador com aquele jeito tristonho. Geralmente é muito relaxante estar com alguém que é tão autocentrado, pois não exige nenhum esforço da sua parte. Mas ele está obcecado com a ideia de que eu posso fazer algo sobre a revista dele. E é óbvio que eu não posso. A vida não funciona assim. Tenho pena dele, na verdade.

– Eu não tenho. Ele teve uma vida muito, muito boa. Como tem até hoje. Só tiraram o brinquedo das suas mãos, isso é tudo. Não é nenhuma injustiça.

– Não é questão de ser justo ou não. Tenho pena porque ele está infeliz.

– É claro que ele está infeliz. Al Ross transformou a *Fathom* em uma revista moderna, inteligente que, de repente, todo mundo quer ler. Antes, era uma chatice só. Sua única verdadeira função era deixar Michael almoçar com quem quisesse e bajular quem quisesse sob o pretexto de que eles talvez fossem escrever alguma coisinha. Ele quase nunca conseguia publicar um número. Era tudo uma grande empulhação. Uma mamata. Não acho isso nada encantador ou cativante. Desculpe, estou insistindo no assunto e não era minha intenção.

Susan deu de ombros, desconfortável.

– Acho que você está exagerando, mas também acho que vou passar a evitá-lo se ele continuar insistindo que eu faça algo que simplesmente não posso fazer. Enfim, que bom que você teve uma

péssima noite. Quero falar com você sobre o que vamos fazer este fim de semana.

– Ah, bem...

– Espere, é melhor eu conferir minhas mensagens antes.

Susan passou por ele e foi em direção à secretária eletrônica, colocou os primeiros segundos da mensagem de Gordon para tocar e, de repente, ejetou a fita.

– Não estou com saco – reclamou ela, dando-lhe a fita. – Pode só entregar direto para a Susan do escritório amanhã? Menos uma viagem para ela. Se tiver algo de importante, ela pode me dizer.

Richard pestanejou, disse “hum, está bem” e guardou a fita no bolso, arrepiado de alívio.

– Agora, sim. Nosso fim de semana... – retomou Susan, sentando-se no sofá.

Richard passou a mão pela testa.

– Susan, eu...

– Infelizmente vou ter que trabalhar. Nicola está doente e vou ter que cobri-la no Wigmore na sexta da próxima semana. Vamos tocar algumas peças de Vivaldi e Mozart que não conheço muito bem, o que significa muitos ensaios extras este fim de semana. Sinto muito.

– Bem, na verdade, eu também vou ter que trabalhar.

Ele se sentou ao seu lado.

– Eu sei. Gordon vive me pedindo para cobrar você. Não gosto disso. Não é da minha conta e me coloca numa posição delicada. Estou cansada de ser pressionada pelas pessoas, Richard. Pelo menos isso você não faz. – Susan bebericou o café. – Mas tenho certeza que existe um meio-termo que eu gostaria de explorar, entre ser pressionada e ser esquecida por completo. Me abrace.

Ele obedeceu, sentindo-se enormemente e imerecidamente sortudo. Uma hora depois, foi embora e descobriu que o Pizza Express estava fechado.

Enquanto isso, Michael voltava para sua casa em Chelsea. Sentado no banco de trás do táxi, ele observava as ruas com um olhar vazio e tamborilava os nós dos dedos de leve na janela em um ritmo lento e pensativo.

Rap tap tap a rap tap a rap a tap.

Ele era uma daquelas pessoas perigosas que são pacatas, dóceis e molengas desde que consigam o que querem. E, como isso sempre havia acontecido, e sempre parecera bastante satisfeito, nunca tinha ocorrido a ninguém que ele fosse outra coisa a não ser pacato, dócil e molenga. Era preciso apertar muitas partes molengas até chegar à parte que não cedia se você a apertasse. E era essa última parte que todas as demais partes molengas estavam ali para proteger.

Michael era o caçula de lorde Magna, editor, dono de jornal e pai complacente demais. Debaixo de sua asa protetora, Michael pôde ter sua própria revista, mesmo com prejuízos estratosféricos. Sob o comando de lorde Magna, o império jornalístico fundado pelo pai, o primeiro lorde Magna, entrara gradativamente em declínio, porém um declínio honrado e digno.

Michael continuava a tamborilar no vidro.

A rap tap a rap a tap.

Ele se lembrou do dia pavoroso, terrível em que seu pai se eletrocutara ao trocar uma tomada, e sua mãe, sua *mãe*, assumira o controle do negócio, arruinando-o com uma determinação e afinco inesperados. Ela avaliou a companhia, dando especial atenção à maneira como estava sendo conduzida (ou arrastada, em suas palavras), chegando inclusive a examinar a contabilidade da revista de Michael.

Tap tap tap.

Ora, Michael entendia o suficiente do lado financeiro do negócio para ter noção de como os números deveriam parecer e se limitava

a assegurar ao pai que eles estavam exatamente como deviam.

– Esse trabalho não pode ser uma simples mamata, filho, você tem que entender isso. Você precisa ser capaz de andar com as próprias pernas, ou então o que as pessoas vão achar, como vai ser? – costumava dizer seu pai, ao que Michael assentia com um ar sério e começava a elaborar os números do mês seguinte, ou de quando quer que conseguisse lançar outro número da revista.

Sua mãe, por outro lado, não era tão complacente. Nem de longe.

Em geral, Michael se referia à mãe como um velho machado de guerra, mas, se quisesse ser justo, precisaria compará-la a um machado de guerra forjado com esmero, perfeitamente equilibrado, com entalhes finos e elegantes que se interrompiam logo antes do gume afiado e reluzente. Um golpe de tal instrumento e você nem perceberia o que o havia atingido até tentar consultar seu relógio um pouco mais tarde e descobrir que seu braço não estava mais lá.

Ela tinha esperado com toda a paciência nos bastidores, ou pelo menos com o que parecia ser paciência, sendo uma esposa dedicada e uma mãe coruja, porém rígida. Agora alguém a havia desembainhado – para trocar de metáfora por um instante – e todos estavam correndo para se proteger.

Inclusive Michael.

Ela acreditava piamente que o caçula, que ela adorava em silêncio, tinha sido mimado no pior e mais completo sentido da palavra, e estava determinada, por mais tarde que fosse, a dar um basta nisso.

Não demorou muito para notar que ele vinha maquiando a contabilidade todos os meses e que a revista estava sangrando dinheiro enquanto Michael a tratava como uma brincadeira, acumulando gastos exorbitantes com contas de restaurante, corridas de táxi e despesas de funcionários que eram registrados

irresponsavelmente como impostos fictícios. A coisa toda se perdia em meio à contabilidade gigantesca do grupo Magna.

Foi então que ela convocou Michael para uma reunião.

Tap tap a rap a tappa.

“Como prefere que eu trate você, como filho ou como o editor de uma das minhas revistas? Para mim, tanto faz.”

“Suas revistas? Bem, eu sou seu filho, mas não vejo...”

“Está bem. Michael, quero que dê uma olhada nestes números”, apressou-se a falar ela, entregando-lhe uma folha impressa. “Os números da esquerda mostram as receitas e despesas reais da *Fathom*, enquanto os da direita são os que você apresentou. Consegue ver algo de estranho neles?”

“Mãe, eu posso explicar, eu...”

“Ótimo”, falou lady Magna com doçura, “fico feliz em ouvir isso.”

Ela pegou a folha de papel de volta.

“Muito bem. Você tem alguma ideia de como a revista deveria ser melhor conduzida no futuro?”

“Sim, certamente. Ideias muito concretas. Eu...”

“Excelente”, interrompeu lady Magna, com um sorriso radiante. “Bem, me parece que está tudo resolvido, então.”

“Você não quer ouvir...?”

“Não, tudo bem, querido. Estou feliz que você tenha algo a dizer sobre o assunto para esclarecer tudo. Estou certa de que o novo dono da *Fathom* gostará de ouvir o que quer que seja.”

“O quê?!”, exclamou Michael, perplexo. “Você está dizendo que vai vender a *Fathom*?”

“Não, estou dizendo que já a vendi. Não consegui muito por ela, infelizmente. Apenas 1 libra e a promessa de que você continuaria como editor pelas próximas três edições; depois disso, a decisão será do próximo dono.”

Michael ficou olhando para ela, seus olhos esbugalhados.

“Ora, sejamos francos”, falou a mãe, diplomática, “não poderíamos manter as coisas como elas estavam, poderíamos? Você sempre concordou com seu pai que esse trabalho não deveria ser uma mamata. E, como eu teria grande dificuldade em acreditar nas suas histórias ou em resistir a elas, achei que seria melhor entregar o problema nas mãos de alguém com quem você teria uma relação mais objetiva. Agora, se me dá licença, tenho outra reunião, Michael.”

“Bem, mas... para quem você a vendeu?”, balbuciou Michael.

“Gordon Way.”

“Gordon Way! Pelo amor de Deus, mamãe, ele...”

“Ele está louco para ser visto como um patrono das artes. Estou certa de que vocês se darão muito bem, querido. Agora, se não se importa...”

Michael fincou o pé.

“Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi na vida! Eu...”

“Saiba que foi exatamente isso que o Sr. Way disse quando eu lhe falei desses números e exigi que você fosse mantido como editor por três edições.”

Michael bufou, resmungou, ficou vermelho e balançou o dedo, mas não conseguiu pensar em mais nada para dizer, exceto: “Que diferença faria se eu tivesse pedido que você me tratasse como o editor de uma de suas revistas?”

“Ora, querido”, respondeu lady Magna com seu sorriso mais doce, “eu teria chamado você de Sr. Wenton-Weakes, é claro. E não estaria lhe dizendo agora para ajeitar sua gravata”, acrescentou ela, indicando com um pequeno gesto o próprio pescoço.

Rap tap tap rap tap tap.

– Número 17, não era isso, chefe?

– Ahn... o quê? – falou Michael, sacudindo a cabeça.

– Foi 17 que você disse, não foi? – insistiu o taxista. – Porque já chegamos.

– Ah. Ah, sim, obrigado.

Michael saiu do carro e remexeu o bolso em busca de dinheiro.

– *Tap tap tap*, hein?

– O quê? – perguntou Michael, entregando-lhe o valor da corrida.

– *Tap tap tap* durante todo o maldito caminho. Está preocupado com alguma coisa, parceiro?

– Cuide da sua própria vida – explodiu Michael, furioso.

– Se é o que você diz, parceiro... Achei que você podia estar ficando maluco, ou sei lá – explicou o taxista antes de ir embora.

Michael entrou em casa e atravessou o hall frio até a sala de jantar, acendeu a luz, pegou o decantador de conhaque e serviu uma dose para si. Tirou o paletó, jogou-o em cima da grande mesa de jantar de mogno e puxou uma cadeira até a janela, onde se sentou para bebericar o drinque e ruminar suas mágoas.

Tap tap tap, fez ele contra a janela.

Continuara como editor pelas três edições estipuladas e, então, fora afastado sem nenhuma cerimônia. Um novo editor havia sido contratado, um tal de A. K. Ross, que era jovem, voraz e ambicioso, e logo transformou a revista em um sucesso retumbante. Enquanto isso, Michael ficara totalmente perdido. Não lhe restava mais nada.

Tornou a tamborilar na janela e olhou, como fazia com frequência, para a pequena luminária que ficava no peitoril. Era bastante feia e ordinária, e a única coisa que capturava regularmente sua atenção era o fato de ter eletrocutado seu pai, bem ali onde Michael estava sentado.

O velho era uma negação com qualquer coisa elétrica. Michael podia visualizá-lo olhando compenetrado através de seus óculos de meia-lua e sugando o próprio bigode enquanto tentava desvendar os mistérios insondáveis de uma fonte de alimentação de 13 amperes. Pelo que soube, ele a havia plugado na tomada sem

aparafusar a tampa e tentara trocar o fusível *in situ*. Isso o fez levar o choque que parou seu coração já claudicante.

Um erro tão simples, mas tão simples, pensou Michael, que qualquer um poderia ter cometido. Qualquer um. Mas as consequências dele foram catastróficas, totalmente catastróficas. A morte do pai, tudo o que o próprio Michael perdera, a ascensão do insuportável Ross e de sua revista desastrosamente bem-sucedida e...

Tap tap tap.

Olhou para a janela, para o próprio reflexo e para as sombras negras dos arbustos do outro lado dele. Tornou a fitar a luminária. Aquele era o exato objeto, aquele era o exato lugar, e o erro tinha sido muito simples. Simples de cometer, simples de evitar.

A única coisa que o separava daquele momento simples era a barreira invisível dos meses que haviam se passado desde então.

Foi invadido por uma calma estranha e repentina, como se algo tivesse se esclarecido de repente em seu íntimo.

Tap tap tap.

A *Fathom* era dele. Não *devia* ser um sucesso, era a sua vida. Sua vida tinha sido tomada dele e isso exigia uma resposta.

Tap tap tap crack.

Surpreendeu-se quebrando o vidro com um soco repentino e cortando-se feio no processo.

capítulo 15

Alguns dos aspectos mais desagradáveis de estar morto começavam a ficar claros para Gordon Way diante do seu “chalé”.

Qualquer um chamaria aquilo de mansão, mas ele sempre quisera ter um chalé no campo, portanto, quando finalmente pôde comprar um e percebeu que tinha mais dinheiro disponível do que jamais sonhara ter, adquiriu uma antiga residência paroquial e a chamou de chalé, apesar de seus sete quartos e 4 acres de terreno pantanoso em Cambridgeshire. Isso não ajudou a conquistar a simpatia daqueles que possuíam simples chalés, mas, se Gordon Way permitisse que suas atitudes fossem governadas pelo que poderia conquistar a simpatia das pessoas, ele não seria Gordon Way.

Não que ele ainda fosse Gordon Way, é claro. Ele era o fantasma de Gordon Way.

Em seu bolso, estavam os fantasmas das chaves de Gordon Way.

Foi essa constatação que o fez fincar os pés invisíveis no chão por um instante. A ideia de atravessar paredes causava-lhe repulsa, para dizer a verdade. Era algo que ele vinha tentando evitar a noite inteira. Em vez disso, lutava para pegar, para agarrar qualquer objeto que tocava na esperança de tornar o objeto e a si mesmo sólidos. Entrar na casa, em sua própria casa, por qualquer outro

meio que não fosse abrindo a porta da frente e atravessando-a de modo possessivo o fazia ser tomado por uma forte sensação de perda.

Ele desejou que sua casa não fosse um exemplo tão exagerado do gótico vitoriano e que o luar não brincasse de forma tão fria em suas janelas triangulares estreitas e torretas ameaçadoras. Ao comprá-la, havia feito a piada idiota de que ela parecia assombrada, sem perceber que, um dia, de fato seria – e por ele mesmo.

Ele ficou arrepiado ao cruzar em silêncio a entrada para carros; os vultos dos teixos, que eram muito mais velhos do que a própria residência, assomavam-se dos dois lados. Era perturbador pensar que qualquer outra pessoa poderia morrer de medo ao atravessar um caminho como aquele em uma noite daquelas por medo de encontrar algo como ele.

Por trás da barreira de teixos à sua esquerda, agigantava-se, soturna, a velha igreja decadente. Agora se faziam escalas com os habitantes de vilarejos vizinhos para usá-la. O vigário que a presidia estava sempre sem fôlego por ir até lá de bicicleta, e sempre frustrado quando chegava e via que quase ninguém estava à sua espera. Atrás do campanário da igreja, pairava o olho frio da lua.

Gordon pareceu vislumbrar um movimento repentino por um instante, como se alguém tivesse se deslocado nos arbustos próximos à casa, mas era apenas sua imaginação, sobrecarregada pela tensão de estar morto, disse a si mesmo. O que poderia amedrontá-lo ali?

Seguiu em frente, contornando a quina da ala lateral do casarão, em direção à porta da frente encravada no fundo da varanda sombria e coberta de trepadeiras. Levou um susto ao perceber que o interior da casa estava iluminado. Luz elétrica e também o bruxulear fraco do fogo.

Demorou alguns instantes para perceber que ele era esperado naquela noite, é claro, embora dificilmente em sua forma atual. A Sra. Bennett, a governanta idosa, estaria ali para arrumar a cama, acender a lareira e deixar uma janta leve para ele.

A televisão também estaria ligada, especialmente para que ele pudesse desligá-la, contrariado, ao entrar.

Seus passos não soavam nos cascalhos à medida que ele se aproximava. Embora soubesse que iria fracassar em relação à porta, não podia deixar de ir até lá antes, para tentar abri-la assim mesmo. Só então, ocultado pelas sombras da varanda, fecharia os olhos e se deixaria deslizar através dela, constrangido. Aproximou-se da porta e parou.

Ela estava aberta.

Pouco mais de um centímetro, mas estava. Seu espírito se agitou, surpreso e aflito. Como podia estar aberta? A Sra. Bennett sempre tomava muito cuidado com esse tipo de coisa. Ficou parado por alguns instantes, sem saber o que fazer, e depois, com dificuldade, fez força contra a porta. A pouca pressão que conseguiu aplicar nela bastou para fazê-la se abrir devagar e a contragosto, suas dobradiças gemendo em protesto. Atravessou-a e adentrou o hall com chão de pedra. Uma escada ampla subia rumo à escuridão, mas as portas que conduziam para além do hall estavam todas fechadas.

A porta mais próxima levava à sala de estar, onde o fogo estava aceso, e de onde se podia ouvir o som abafado das perseguições de carro do filme da noite. Lutou em vão por uns dois minutos com sua maçaneta de bronze reluzente, mas acabou sendo forçado a admitir a derrota humilhante e, em um acesso de fúria repentino, atirou-se contra, e através, dela.

A sala de estar era a mais perfeita imagem do aconchego doméstico. Entrou aos trancos e barrancos, sem conseguir parar de atravessar flutuando uma pequena mesa posta com sanduíches

grossos e uma garrafa térmica de café quente, uma poltrona grande e estofada, assim como a lareira e a parede de alvenaria quente, até chegar à sala de jantar escura e fria que havia atrás dela.

A porta que se comunicava com a sala de estar também estava fechada. Gordon a tateou inutilmente e, sucumbindo ao inevitável, deslizou através dela, com calma, devagar, notando pela primeira vez a textura interna robusta da madeira.

O conforto da sala era quase demais para Gordon, que se pôs a vagar distraído, deixando a quentura da luz do fogo brincar através de seu "corpo", que não podia ser aquecido.

Perguntou-se o que fantasmas faziam para passar a noite.

Sentou-se, aflito, e ficou vendo TV. Logo, entretanto, as perseguições de carro terminaram pacificamente e não havia nada além de chuvisco cinza e ruído branco, que ele não podia desligar.

Percebeu que tinha se afundado demais na poltrona e se confundiu com partes dela enquanto fazia força para se levantar dali. Tentou se divertir parando no meio da mesa, mas isso não ajudou muito a aliviar sua melancolia, que se agravava de forma inexorável.

Talvez ele pudesse dormir.

Talvez.

Não sentia cansaço ou sonolência, mas apenas um anseio mortal pelo esquecimento. Passou pela porta fechada em direção ao hall escuro, onde a escada ampla e pesada conduzia até os quartos sombrios do andar de cima.

Subiu até eles, em vão.

Era inútil, e ele sabia disso. Se você não pode abrir a porta de um quarto, não pode dormir na cama nele. Atravessou a porta e foi até a cama, que sabia estar fria, embora não pudesse senti-la. O luar não o deixava em paz, incidindo em cheio sobre ele, deitado ali de olhos abertos, vazio, incapaz de se lembrar como era dormir ou como fazer isso.

O horror daquele vazio pesava sobre Gordon, o horror de viver para todo o sempre, eternamente acordado às quatro da manhã.

Não tinha para onde ir, nada para fazer e ninguém que pudesse acordar que não fosse ficar apavorado em vê-lo.

O pior momento fora quando vira Richard na estrada, o rosto branco e petrificado do outro lado do para-brisa. Tornou a visualizar a expressão dele e o da figura pálida refletida do seu lado do vidro.

Isso era o que havia eliminado o último resquício de otimismo que restava e que afirmava que aquilo era apenas um problema temporário. Que tudo parecia terrível na calada da noite, mas ficaria tudo bem pela manhã, quando ele pudesse procurar outras pessoas e encontrar uma solução. Segurou a lembrança daquele momento em sua mente, incapaz de largá-la.

Vira Richard e Richard o havia visto, ele tinha certeza.

Não ficaria tudo bem.

Em geral, quando se sentia tão mal assim à noite, descia até a cozinha para assaltar a geladeira, então foi o que fez. Seria menos deprimente do que aquele quarto iluminado pelo luar. Ficaria por lá, assombrando a cozinha.

Escorregou pelo corrimão da escada, e parcialmente através dele, atravessou a porta da cozinha sem pensar duas vezes e, após empenhar toda a sua concentração e energia por cerca de cinco minutos, conseguiu acender a luz.

Isso lhe deu uma sensação de triunfo tão grande que ele decidiu comemorar com uma cerveja.

Depois de uns dois minutos fazendo malabarismos com uma lata de Fosters e deixando-a cair, desistiu. Não fazia a menor ideia de como conseguiria puxar o anel para abri-la e, além do mais, já havia sacudido demais a cerveja àquela altura – e o que faria com ela mesmo que conseguisse abrir a lata?

Não tinha um corpo para conter a cerveja. Atirou a lata para longe e ela saiu rolando para debaixo de um armário.

Gordon começou a notar algo a seu respeito: de certa forma, sua capacidade de agarrar as coisas parecia aumentar e diminuir em um ritmo lento, assim como sua visibilidade.

O ritmo, no entanto, era um tanto irregular, ou talvez apenas em determinados instantes os efeitos dele eram muito mais pronunciados. Isso também parecia variar. Naquele momento, parecia-lhe que sua força estava se intensificando.

Em um frenesi repentino, tentou ver quantas coisas na cozinha conseguia mover, usar ou colocar para funcionar de alguma forma.

Abriu armários e puxou gavetas, derrubando talheres no chão. Conseguiu fazer o processador de alimentos girar por um instante, derrubou o moedor de café elétrico sem conseguir fazê-lo funcionar, ligou o gás na boca do fogão, mas não conseguiu acender o fogo, despedaçou um pão com uma faca de trinchar. Tentou enfiar um dos pedaços do pão na boca, mas ele a atravessou e caiu no chão. Um rato apareceu, mas saiu correndo da cozinha, seu pelo ericado de medo.

Após um tempo, parou e sentou-se à mesa da cozinha, emocionalmente exausto, mas fisicamente insensível.

Perguntou-se como as pessoas reagiriam à sua morte.

Quem ficaria mais triste agora que ele tinha partido?

Haveria espanto e depois tristeza por algum tempo, então as pessoas se habituariam e ele seria esquecido aos poucos, à medida que elas tocassem as próprias vidas, pensando que ele fora para onde quer que você fosse após a morte. Essa ideia o encheu do mais gélido pavor.

Ele não tinha ido a lugar algum. Continuava ali.

Sentou-se de frente para um armário grande que não conseguira abrir ainda porque sua maçaneta estava emperrada, o que o irritava. Apanhou desajeitadamente uma lata de tomates, voltou ao armário e a usou para atacar a maçaneta. A porta se escancarou e

seu próprio corpo desaparecido e sujo de sangue caiu de dentro dele.

Até aquele momento, Gordon não sabia que fantasmas podiam desmaiar.

Então ele descobriu, e foi exatamente o que fez.

Foi despertado algumas horas depois pelo som da sua panela de pressão explodindo.

capítulo 16

Na manhã seguinte, Richard acordou duas vezes.

Na primeira vez, julgou ter cometido um erro e virou-se para dormir mais alguns minutos de sono agitado. Na segunda, sentou-se com um sobressalto quando os acontecimentos da noite anterior insistiram em voltar à sua mente.

Mal-humorado e transtornado, desceu para tomar o café da manhã, durante o qual nada deu certo. Queimou a torrada, derramou o café e percebeu que deveria ter comprado marmelada, mas se esquecera. Avaliou sua tentativa fracassada de se alimentar e pensou que talvez devesse ao menos se permitir uma folga para levar Susan para jantar naquela noite em um lugar espetacular, de modo a compensar o fiasco da noite anterior.

Isso se conseguisse convencê-la a ir.

Havia um restaurante de que Gordon falava maravilhas, recomendando que eles o experimentassem. Gordon era muito bom com restaurantes – certamente parecia passar tempo de sobra neles. Richard ficou sentado, batendo nos dentes com um lápis por alguns minutos, então subiu para o escritório e puxou uma lista telefônica de baixo de uma pilha de revistas de informática.

L'Esprit d'Escalier.

Telefonou para o restaurante e tentou reservar uma mesa, mas, ao dizer para quando a queria, a pessoa do outro lado da linha

pareceu achar tudo muito divertido.

– Ah, *non, m'sieur* – respondeu o maître –, sinto dizer que não será possível. Neste momento, é preciso fazer reservas com pelo menos três semanas de antecedência. *Pardon, m'sieur.*

Admirado com a ideia de existirem pessoas que sabiam o que queriam com três semanas de antecedência, Richard agradeceu ao maître e desligou o telefone. Bem, talvez pudesse ser pizza outra vez. Isso o fez se lembrar do encontro ao qual não conseguira ir na noite anterior. Alguns instantes depois, a curiosidade foi mais forte e ele tornou a pegar a lista telefônica.

Gentleman...

Gentles...

Gentry.

Não havia Gently nenhum ali. Encontrou as outras listas, exceto o volume que ia de S a Z que sua faxineira jogava fora todas as vezes por motivos que ele nunca tinha conseguido entender.

Sem dúvida não havia Cjelli nem nada do gênero. Tampouco Jently, Dgently, Djently, Dzently ou qualquer coisa remotamente parecida. Pensou se poderia ser Tjently, Tsentli ou Tzentli e tentou falar com o Auxílio à Lista, sem sucesso. Tornou a bater nos dentes com um lápis e observou seu sofá girar devagar na tela do computador.

Estranho que, apenas horas antes, Reg tivesse perguntado por Dirk com tanta curiosidade.

Quando você quer realmente encontrar alguém, qual é a primeira coisa a fazer, como deve agir?

Tentou telefonar para a polícia, mas não conseguiu falar com ninguém. Bem, era isso. Fizera tudo o que podia no momento, a não ser contratar um detetive particular, e havia melhores maneiras de desperdiçar tempo e dinheiro. Toparia com Dirk de novo, como sempre fazia de anos em anos.

Ele tinha, inclusive, dificuldade em acreditar que detetives particulares existiam de verdade.

Que tipo de pessoas eram eles? Como eram fisicamente? Onde trabalhavam?

Que tipo de gravata você usaria se fosse um detetive particular? Supostamente, o tipo que as pessoas menos esperavam que detetives particulares usassem. Imagine ter que solucionar um problema desses logo de manhã cedo?

Só por curiosidade, e porque a única alternativa era sentar para trabalhar no código do Anthem, ele se viu folheando as Páginas Amarelas.

"Detetives particulares: ver *Agências de investigação*."

As palavras pareciam quase deslocadas em um contexto tão sério e concreto. Folheou a lista: Automobilismo, Assistências técnicas, Agências de viagem, Agências de investigação...

Nesse instante, seu telefone tocou e ele o atendeu com um tanto de rispidez; não gostava de ser interrompido.

– Algum problema, Richard?

– Ah, olá, Kate, não, desculpe. Eu estava... Minha cabeça estava em outro lugar.

Kate Anselm era outra das principais programadoras da WayForward Technologies. Ela vinha trabalhando em um projeto de inteligência artificial de longo prazo, o tipo de coisa que parecia um delírio absurdo antes de você a ouvir falar a respeito. Gordon precisava escutá-la discorrer sobre o assunto com bastante frequência, em parte porque estava aflito com o dinheiro que o projeto sugava, em parte porque, bem, não havia dúvida de que Gordon gostava de ouvir Kate falar de qualquer maneira.

– Não quero incomodá-lo – continuou ela –, mas é só que não consigo falar com Gordon. Ninguém atende em Londres ou no chalé, nem no carro ou no bipe dele. Para alguém tão obsessivamente conectado quanto Gordon, é um pouco estranho. Sabia que ele

mandou instalar um telefone dentro do seu tanque de isolamento?
É verdade.

– Não falo com ele desde ontem. – Richard se lembrou de repente da fita que havia tirado da secretária eletrônica de Susan e rezou para não haver nada mais importante na mensagem de Gordon do que devaneios sobre coelhos. – Sei que estava a caminho do chalé. Ahn, mas não sei onde ele está. Já tentou... – Richard não conseguia pensar em nenhuma outra possibilidade – Ah, meu Deus.

– Richard?

– Que coisa extraordinária...

– Richard, qual é o problema?

– Nada, Kate. Ahn, eu só acabei de ler a coisa mais incrível.

– Ah, é? O que você está lendo?

– Bem, a lista telefônica, na verdade...

– Sério? Preciso comprar uma imediatamente. Os direitos para o cinema já foram vendidos?

– Olhe, desculpe, Kate, mas posso telefonar para você mais tarde? Não sei onde Gordon está no momento e...

– Não se preocupe. Sei como é quando você não pode esperar para virar a próxima página. Eles sempre deixam a gente na dúvida até o final, não deixam? Zbigniew deve ser o culpado. Bom fim de semana.

Ela desligou.

Richard ficou olhando para o box do anúncio que estava aberto na sua frente nas Páginas Amarelas:

**AGÊNCIA DE INVESTIGAÇÕES HOLÍSTICAS
DIRK GENTLY**

Solucionamos *qualquer* crime

**Encontramos *qualquer* pessoa
Ligue hoje mesmo para obter *qualquer*
solução para *qualquer* problema
(Especializados em gatos desaparecidos e
divórcios complicados)
Peckender St., 33a, Londres N1 01-354
9112**

A Peckender Street ficava a poucos minutos dali. Richard anotou o endereço, vestiu o paletó e desceu as escadas apressado, parando por alguns instantes para inspecionar o sofá. Devia haver algo ridiculamente óbvio que ele ainda não percebera, pensou Richard. O sofá estava preso em uma pequena curva na escada longa e estreita do prédio. Nesse ponto, os degraus eram interrompidos por alguns metros de patamar plano, que correspondia à posição do apartamento imediatamente abaixo do de Richard. Sua inspeção, no entanto, não produziu nenhum novo insight e ele acabou passando por cima dele e saindo pela porta da frente.

Em Islington, é quase impossível atirar um tijolo e não atingir três lojas de antiguidades, uma imobiliária e uma livraria.

Mesmo que não chegue a atingi-las, você irá disparar seus alarmes antirroubo, que não seriam desligados até depois do fim de semana. Uma viatura descia a Upper Street como um carrinho de bate-bate, chocando-se com outros veículos e se desviando. O automóvel passou por ele e parou cantando os pneus logo em seguida. Richard atravessou a rua atrás dela.

O dia estava frio e claro, do jeito que ele gostava. Atravessou a ponta de cima da Islington Green, a praça onde os bêbados costumavam apanhar, passou pelo local do antigo Collins Music Hall, que fora destruído por um incêndio, e então pela Camden

Passage, onde turistas americanos eram explorados. Deu uma rápida olhada nas antiguidades e encontrou um par de brincos de que Susan talvez fosse gostar, mas ele não tinha certeza. Já não sabia se ele mesmo gostava, ficou confuso e desistiu. Entrou numa livraria e comprou por impulso uma antologia de poemas do Coleridge, já que estava ali dando sopa.

Seguiu pelas ruas secundárias labirínticas, atravessou o canal, passou pelos conjuntos habitacionais que o margeavam, por uma série de praças cada vez menores, até enfim chegar à Peckender Street, que acabou se mostrando muito mais afastada do que ele havia pensado.

Era o tipo de rua pela qual especuladores imobiliários passavam babando em seus Jaguares. Repleta de lojas em fim de contrato de aluguel, arquitetura industrial vitoriana e casas geminadas baixas e decadentes, do final do período georgiano, tudo isso pedindo para ser demolido para que caixas de concreto maciças pudessem brotar em seu lugar. Agentes imobiliários vagavam pela região em bandos esfomeados, entreolhando-se com desconfiança, suas pranchetas em ponto de bala.

O número 33, que ele descobriu estar espremido entre os números 37 e 45, se achava em um estado de conservação um tanto precário, mas não muito pior do que a maioria dos imóveis do local.

O térreo pertencia a uma agência de viagens de aspecto empoeirado, cuja vitrine estava rachada e cujos pôsteres da British Overseas Airways Corporation deviam valer um bom dinheiro. O portal ao lado da agência tinha sido pintado de vermelho-vivo, não muito bem, mas pelo menos recentemente. Abaixo de um botão, estava escrito, em uma caligrafia caprichada, "Dominique, aulas de francês, 3º andar".

O que mais chamava a atenção na porta, entretanto, era uma placa de bronze grossa e lustrosa afixada bem no meio dela, na

qual estava gravado “Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently”.

Nada mais que isso. Parecia nova em folha – até os parafusos que a prendiam no lugar continuavam brilhosos.

A porta se abriu quando Richard a empurrou e ele espiou dentro.

Viu um corredor curto e bolorento com pouco mais do que a escada que conduzia ao andar superior. Uma porta nos fundos dele não dava muitos sinais de ter sido aberta nos últimos anos, com pilhas de prateleiras de metal velhas, um aquário e uma carcaça de bicicleta entulhados na sua frente. Todo o resto, as paredes, o chão, a própria escada e o que se podia enxergar da porta dos fundos tinha sido pintado de cinza numa tentativa de melhorar o aspecto geral de forma barata, mas a pintura já estava desgastada e pequenas colônias de fungos brotavam de uma mancha úmida perto do teto.

O som de vozes irritadas o alcançou e, enquanto subia a escada, ele pôde desembaraçar os ruídos de duas discussões totalmente diferentes, mas ambas acaloradas, que ocorriam em algum lugar acima dali.

Uma terminou de forma brusca, ou pelo menos metade dela, quando um homem obeso furioso veio descendo estrepitosamente a escada, ajeitando o colarinho de sua capa de chuva. A outra metade do bate-boca continuou despejando uma enxurrada de insultos em francês lá do alto. O homem esbarrou em Richard, disse “economize seu dinheiro, meu chapa, é uma enganação total” e desapareceu pela manhã fria afora.

A outra discussão estava mais abafada. Quando chegou ao corredor de cima, ela também desapareceu depois que uma porta foi batida em algum lugar. Richard espiou pela porta aberta mais próxima.

Ela conduzia a uma pequena antessala. A segunda porta interna, que dava para a próxima divisão, estava bem fechada. Uma mulher

não muito jovem, de rosto rechonchudo e com um casaco azul barato, retirava estojos de maquiagem e caixas de lenços de papel da gaveta da sua mesa e os jogava dentro da bolsa.

– É aqui a agência de investigação? – perguntou Richard, titubeante.

A mulher assentiu, mordendo o lábio e mantendo a cabeça abaixada.

– E o Sr. Gently se encontra?

– Pode ser que sim – respondeu ela, jogando o cabelo para trás, que era enrolado demais para poder ser jogado para trás a contento –, pode ser que não; não estou em posição de dizer. Não é problema meu saber o paradeiro dele. O paradeiro do Sr. Gently, a partir de agora, é problema dele e de mais ninguém.

A mulher recuperou seu último frasco de esmalte e tentou fechar a gaveta com força, mas foi impedida por um livro grosso em pé dentro dela. Voltou a tentar batê-la, em vão. Apanhou o volume, arrancou um punhado de páginas e o colocou de volta. Dessa vez, fechou sem problemas.

– Você é secretária dele? – indagou Richard.

– Sou a ex-secretária dele e pretendo continuar assim. – Ela fechou sua bolsa com firmeza. – Se ele prefere gastar dinheiro em placas de bronze ridiculamente caras em vez de me pagar, problema dele. Não vou ficar aqui para engolir esse desaforo, não, senhor. Bom para os negócios é uma ova. Atender telefonemas como se deve é que bom para os negócios, e quero ver aquela placa de bronze metida a besta fazer isso. Agora, se me dá licença, eu gostaria de sair daqui fula da vida.

Richard abriu caminho e a mulher saiu, fula da vida.

– E passar bem! – gritou uma voz de dentro do escritório.

Um telefone tocou e foi atendido imediatamente.

– Sim? – respondeu a mesma voz, hesitante.

A mulher voltou para apanhar seu cachecol, evitando fazer barulho para que seu antigo patrão não percebesse. Então, foi embora de vez.

– Sim, Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently. Em que posso ser útil?

A enxurrada de improperios em francês havia cessado no andar de cima. Uma espécie de tranquilidade tensa se instalou.

Lá dentro, a voz continuou:

– Isso mesmo, Sra. Sunderland, divórcios complicados são nossa especialidade. – Fez-se uma pausa. – Sim, obrigado, Sra. Sunderland, tão complicados assim também não.

O telefone voltou a ser desligado, mas, no mesmo instante, outro voltou a tocar.

Richard correu os olhos pela sala pequena e sem vida. Havia pouca coisa ali: uma mesa surrada de compensado, um velho arquivo cinza, uma lata de lixo verde-escura e um pôster do Duran Duran na parede, no qual alguém rabiscara com uma caneta hidrográfica vermelha de ponta grossa: “Arranque isto, pelo amor de Deus”.

Embaixo, outra pessoa tinha escrito “Não”.

Mais embaixo, a primeira pessoa voltou a escrever: “Insisto que arranque isto”.

Mais embaixo, a segunda pessoa retrucou: “Não vou arrancar!”

Embaixo: “Você está demitida”.

E, embaixo disso, “Ótimo!”.

A discussão pareceu terminar por ali.

Richard bateu à porta interna, mas não houve resposta. Em vez disso, a voz prosseguiu:

– Fico feliz que tenha feito essa pergunta, Sra. Rawlinson. O termo “holístico” se refere à minha convicção de que devemos nos concentrar na interconexão fundamental de todas as coisas. Não estou interessado em trivialidades, como impressões digitais, fiapos

de tecido reveladores ou pegadas inúteis e, sim, no fato de que a solução para qualquer problema pode ser encontrada na maneira como se configura e se entrelaça o todo. As conexões entre causa e efeito são geralmente mais sutis e complexas do que poderíamos supor com nossa compreensão rudimentar do mundo físico, Sra. Rawlinson. Permita-me lhe dar um exemplo. Suponhamos que a senhora vá a um acupunturista com uma dor de dente e, em vez de tratar sua boca, ele enfie uma agulha na sua coxa. A senhora sabe por que ele faz isso, Sra. Rawlinson? Nem eu, Sra. Rawlinson, mas é o que pretendemos descobrir. Foi um prazer falar com a senhora. Até logo.

Outro telefone começou a tocar quando ele desligou esse último.

Richard entreabriu a porta e olhou para dentro.

Era o mesmo Svlad (ou Dirk) Cjelli. Um pouco mais arredondado, um pouco mais flácido e vermelho em volta dos olhos e pescoço, porém ainda essencialmente o mesmo rosto que, na lembrança mais vívida de Richard, exibia um sorriso amargo enquanto seu dono entrava na traseira de um camburão da polícia de Cambridgeshire, oito anos antes.

Ele vestia um paletó marrom-claro pesado e velho, que parecia ter sido utilizado extensivamente para abrir caminhos na mata durante expedições em algum passado distante, uma camisa xadrez vermelha que não combinava em nada com o paletó, e uma gravata verde listrada que se recusava a se comunicar com as outras duas peças. Usava também óculos de armação de metal grossa, que deviam ter pelo menos alguma parcela de culpa pelo seu estilo.

– Ah, Sra. Bluthall, é um bálsamo para a minha alma ter notícias suas – dizia ele. – Fiquei arrasado ao saber do falecimento da Srta. Tiddles. Uma tragédia, uma verdadeira tragédia. Mas, ainda assim, ainda assim... será que devemos permitir que a escuridão do

desespero oculte de nós a luz tão mais branca em que sua abençoada gatinha agora mora para sempre? Acho que não. Espere. Creio que consigo ouvir o miado da Srta. Tiddles agora mesmo. Ela está chamando pela senhora. Diz que está contente, que está em paz. Que ficaria, inclusive, mais contente depois que a senhora pagar uma determinada fatura. Isso lhe soa familiar, Sra. Bluthall? Pensando bem, se não me engano, eu mesmo lhe enviei uma cobrança menos de três meses atrás. Não será isso que está perturbando o descanso eterno da sua gatinha?

Dirk chamou Richard para entrar com um aceno brusco e gesticulou para que ele lhe passasse o maço amassado de cigarros franceses que estava fora do seu alcance.

– Domingo à noite, então, Sra. Bluthall, domingo à noite às oito e meia. A senhora já sabe o endereço. Sim, tenho certeza de que a Srta. Tiddles irá aparecer, assim como o seu talão de cheques. Até logo, Sra. Bluthall, até logo.

Outro telefone já estava tocando enquanto Dirk se livrava da Sra. Bluthall. Ele o atendeu ao mesmo tempo que acendia o cigarro amassado.

– Ah, Sra. Sauskind, minha mais antiga e, se me permite dizer, mais querida cliente. Bom dia para a senhora, bom dia. Infelizmente, temo dizer que ainda não há sinal do jovem Roderick, mas a busca está cada vez mais intensa agora que chegamos ao que tenho certeza serem os estágios finais dela. Estou convencido de que, em poucos dias, o pestinha estará de volta aos seus braços, miando lindamente... ah, sim, a senhora por acaso recebeu minha fatura?

O cigarro de Dirk acabou se mostrando amassado demais para ser fumado, de modo que ele segurou o fone entre o ombro e a cabeça e remexeu no maço em busca de outro, mas estava vazio.

Revirou a mesa atrás de um pedaço de papel e um toco de lápis e escreveu um bilhete, que entregou a Richard.

– Sim, Sra. Sauskind, estou ouvindo com toda a minha atenção. O bilhete dizia: “fale pra secretária comprar cigarros”.

– Sim – continuou Dirk ao telefone –, mas, como venho tentando lhe explicar, Sra. Sauskind, durante esses sete anos que nos conhecemos, estou inclinado a adotar o ponto de vista da mecânica quântica em relação a esse assunto. Minha teoria é que o seu gato não está perdido, mas que sua forma de onda entrou temporariamente em colapso e precisa ser reconstituída. Schrödinger. Planck. E assim por diante.

Richard escreveu no papel “vc não tem mais secretária” e o devolveu.

Dirk refletiu por alguns instantes, escreveu “que droga” e tornou a entregá-lo.

– Concordo, Sra. Sauskind – continuou Dirk alegremente –, que 19 anos é, digamos, uma idade bastante avançada para um gato, mas como pensar que um gato com Roderick não a terá alcançado? E será mesmo que devemos abandoná-lo justo agora que ele está no outono da sua vida? Este, sem dúvida, é o momento em que ele mais precisa de nossas investigações. É agora que deveríamos redobrar nossos esforços, Sra. Sauskind, e, com sua permissão, é exatamente o que pretendo fazer. Como poderá olhá-lo nos olhos, Sra. Sauskind, se não tiver feito algo tão simples por ele?

Richard ficou mexendo no bilhete, deu de ombros, escreveu “eu compro pra vc” e tornou a entregá-lo para Dirk.

O detetive balançou a cabeça como se o repreendesse, então respondeu: “é muita bondade sua, nem sei como agradecer”. Assim que Richard leu a mensagem, Dirk pegou o bilhete e acrescentou: “pega o dinheiro com a secretária”.

Richard olhou intrigado para o papel, apanhou o lápis e assinalou a parte em que havia escrito “vc não tem mais secretária”. Empurrou o bilhete de volta para o outro lado da mesa,

e Dirk simplesmente olhou para o papel e destacou a frase “é muita bondade sua, nem sei como agradecer”.

– Bem – continuou Dirk para a Sra. Sauskind –, talvez a senhora possa recapitular com que partes da fatura está tendo dificuldades. Só para eu ter uma ideia.

Richard saiu do escritório.

Enquanto descia a escada, passou por um jovem esperançoso com uma jaqueta de brim e cabelo raspado que olhava com sofreguidão escada acima.

– Foi bom, parceiro?

– Espetacular – murmurou Richard –, simplesmente espetacular.

Foi até a banca de jornal mais próxima e comprou dois maços de Disque Bleu, além de um exemplar da edição mais recente da *Personal Computer World*, que tinha uma foto de Gordon Way na capa.

– Sinto pena dele, sabia? – perguntou o homem da banca.

– O quê? Ah, bem... eu também.

Muitas vezes Richard pensara o mesmo, mas ficou surpreso ao ver seus sentimentos refletidos de forma tão ampla. Também pegou um exemplar do *The Guardian*, pagou e foi embora.

Quando ele voltou, Dirk continuava ao telefone, com os pés em cima da mesa, e logo ficou claro que o detetive já começava a ceder em suas negociações.

– Sim, as despesas nas Bahamas foram, ahn, dispendiosas, Sra. Sauskind, não poderia ser de outra forma. É por isso que elas se chamam despesas.

Dirk pegou os maços de cigarro que lhe foram estendidos, aparentemente desapontado por serem apenas dois, mas ergueu as sobrancelhas para Richard, agradecendo pelo favor, e gesticulou para que ele se sentasse em uma cadeira.

Os sons de uma discussão parcialmente em francês vinham do andar de cima.

– É claro que posso explicar outra vez por que a viagem para as Bahamas foi de vital importância – falou Dirk em tom tranquilizador.
– Nada me daria mais prazer. Eu acredito, como a senhora bem sabe, que todas as coisas estão fundamentalmente interligadas. Além disso, calculei e fiz a triangulação dos vetores de interconexão de todas as coisas e as coordenadas apontaram para uma praia nas ilhas Bermudas. Portanto, preciso visitar esse local de tempos em tempos durante as minhas investigações. Quem me dera não fosse necessário, pois, infelizmente, sou alérgico à luz do sol e a batidas de rum, mas cada um com a sua cruz, não é verdade, Sra. Sauskind?

Uma enxurrada de protestos vazou do telefone.

– Fico triste ao ouvir isso. Gostaria de poder lhe dizer que considero seu ceticismo recompensador e revigorante, mas nem com toda a boa vontade do mundo sou capaz disso. Estou desolado, Sra. Sauskind, desolado. Creio que a senhora poderá encontrar um item na fatura que aborda essa questão. Deixe-me ver.

Ele apanhou uma cópia em papel-carbono que estava por perto.

– “Detecção e triangulação dos vetores de interconexão de todas as coisas: 150 libras.” Já lidamos com esse assunto. “Seguir as coordenadas resultantes até uma praia nas Bahamas, deslocamento e hospedagem”... Meras 1.500 libras. As acomodações eram, é claro, penosamente modestas. Ah, sim, aqui está: “Sofrimento face ao ceticismo desolador infligido pelo cliente + bebidas: 327,50 libras.” Quem me dera eu não tivesse que fazer esse tipo de cobrança, minha cara Sra. Sauskind; quem me dera não fosse continuamente forçado a tanto. A descrença nos meus métodos só torna o meu trabalho mais difícil, Sra. Sauskind, e portanto, infelizmente, mais caro.

Lá em cima, a discussão parecia ficar mais acalorada a cada instante. A voz em francês parecia à beira da histeria.

– Eu confesso que o custo da investigação ultrapassou um pouco as estimativas originais, mas estou certo de que a senhora reconhecerá que um trabalho que leva sete anos para ser feito só pode ser mais difícil do que um trabalho que possa ser concluído em uma tarde, portanto deve custar mais caro. Tenho que recalcular de forma contínua a minha estimativa de quanto o trabalho é difícil tomando por base as dificuldades que se apresentaram até o momento.

Os protestos do outro lado da linha ficaram mais exaltados.

– Minha cara Sra. Sauskind... ou posso chamá-la de Joyce? Muito bem, então. Minha cara Sra. Sauskind, deixe-me dizer o seguinte: não se preocupe com essa fatura, não permita que ela lhe cause aflição ou transtorno. Peço encarecidamente que não deixe que ela se torne uma fonte de ansiedade para a senhora. Apenas cerre os dentes e pague o valor estipulado.

Dirk tirou os pés de cima da mesa e se inclinou para a frente sobre ela, aproximando o fone do gancho de forma implacável.

– Como sempre, foi um prazer inenarrável falar com a senhora. Até logo.

Por fim, desligou, então jogou o telefone dentro da lata de lixo.

– Meu caro Richard MacDuff – disse ele, retirando uma caixa grande e achatada de baixo da mesa e empurrando-a na direção de Richard –, tome sua pizza.

Richard o encarou, perplexo.

– Ahn, não, obrigado, já tomei café da manhã. Por favor, coma você.

Dirk deu de ombros.

– Eu falei para eles que você passaria por lá no fim de semana para acertar a conta. Aliás, bem-vindo ao meu escritório.

Dirk indicou com um gesto vago o ambiente desleixado.

– A luz funciona – afirmou ele, apontando para a janela –, a gravidade também. – Ele largou um lápis no chão. – Quanto a todo

o resto, não há nenhuma garantia.

Richard pigarreou.

– O que é... isto? – perguntou.

– O quê?

– Isto, tudo isto! – exclamou Richard. – Você parece ter uma Agência de Investigações Holísticas e eu nem sei o que isso significa.

– Eu ofereço um serviço que não existe em nenhuma outra parte do mundo. O termo “holístico” se refere à minha convicção de que devemos nos concentrar na interconexão fundamental de todas as coisas...

– Sim, essa parte eu ouvi antes. Devo dizer que soou um pouco como uma desculpa para explorar velhinhas inocentes.

– Explorar? Bem, imagino que seria o caso se alguém me pagasse, mas posso lhe garantir, meu caro Richard, que nunca há o menor risco de que isso aconteça. Eu vivo de esperanças. Tenho esperança de que surgirão casos fascinantes e remunerados; minha secretária tem esperança de que eu irei pagá-la; o senhorio dela tem esperança de que ela lhe pagará o aluguel; a companhia de energia tem esperança de que ele quitará suas dívidas, e assim por diante. Considero esse um estilo de vida maravilhosamente otimista. Nesse meio-tempo, ofereço a um monte de senhoras encantadoras e tolinhas algo com que elas possam ter a alegria de se irritar e praticamente garanto a liberdade de seus gatos de estimação. Você deve estar se perguntando... e faço a pergunta no seu lugar porque sei que você sabe que eu odeio ser interrompido... se há um só caso que me obrigue a usar alguma parcela, por menor que seja, do meu intelecto, que, como você está careca de saber, é prodigioso. Não. Mas isso me causa desespero? Estou deprimido? Sim. Mas isso foi antes de hoje.

– Ah, bem, fico feliz por você. Mas e quanto a toda aquela conversa-fiada sobre gatos e mecânica quântica?

Dirk abriu a caixa de pizza com um suspiro e um simples peteleco de dedos experientes. Analisou a coisa redonda e fria que havia ali com uma espécie de tristeza e, então, arrancou uma fatia dela. Pedacos de pepperoni e anchovas se espalharam pela mesa.

– Tenho certeza, Richard, que você é familiarizado com o conceito do Gato de Schrödinger – começou ele, enfiando a maior parte da fatia na boca.

– Claro. Bem, mais ou menos.

– Do que se trata? – instigou Dirk com a boca cheia.

Richard se remexeu em sua cadeira, desconfortável.

– É uma ilustração do princípio de que, em um nível quântico, todos os acontecimentos são regidos por probabilidades...

– Em um nível quântico e, por conseguinte, em todos os níveis – interrompeu Dirk. – Embora, em qualquer nível acima do subatômico, o efeito cumulativo dessas probabilidades seja, no desenrolar normal dos acontecimentos, indistinguível do efeito das leis físicas rígidas. Prossiga.

Ele enfiou mais um pedaço de pizza fria na boca.

Richard olhou para a cara de Dirk e pensou que havia coisas demais enfiadas naquela boca. Se você somasse a isso a quantidade de coisas que ele falava, o tráfego ali era quase incessante. Seus ouvidos, por outro lado, quase não eram utilizados durante uma conversa normal.

Ocorreu a Richard que, se Lamarck estivesse certo e esse comportamento fosse mantido por várias gerações, o crânio humano provavelmente sofreria alterações radicais em suas cavidades internas com o passar do tempo.

Richard prosseguiu:

– Não só os acontecimentos no nível quântico são regidos por probabilidades, como elas não se concretizam como acontecimentos reais até serem observadas. Ou, parafraseando a maneira como você acabou de colocar a questão em um contexto bastante bizarro,

o ato da observação faz a onda de probabilidade entrar em colapso. Até este momento, todas as possibilidades em aberto para um elétron coexistem como ondas de probabilidade. Até ser observado, nada está decidido.

Dirk assentiu.

– É mais ou menos isso. – Ele deu outra mordida na pizza. – Mas e quanto ao gato?

Richard decidiu que havia apenas uma maneira de evitar assistir a Dirk comer todo o resto da pizza: comer o resto ele mesmo. Enrolou o pedaço que sobrava e mordiscou a beirada. Estava ótima. Deu outra mordida.

Dirk o observou fazer isso com um misto de espanto e decepção.

– Então – falou Richard –, a ideia por trás do Gato de Schrödinger era tentar imaginar uma maneira em que os efeitos do comportamento das probabilidades no nível quântico pudessem ser avaliados em um nível macroscópico. No cotidiano, por assim dizer.

– Sim, por assim dizer – repetiu Dirk, olhando desolado para o resto da pizza.

Richard deu outra mordida e continuou com animação:

– Imagine que você pegue um gato e o coloque em uma caixa que possa lacrar completamente. Você também coloca na caixa uma pequena quantidade de material radioativo e um frasco de gás venenoso. Dispõe os elementos de modo que, passado um determinado tempo, há 50 por cento de probabilidade de que o átomo no material radioativo se decomponha e emita um elétron e 50 por cento de probabilidade de que isso não ocorra. Se ele se decompõe, isso acionará a emissão do gás e o gato morrerá. Se não, o gato vive. Tudo depende da probabilidade de que um simples átomo se decomponha ou não.

Richard fez uma pausa e seguiu na explicação:

– Considero que o sentido seja este: uma vez que a decomposição de um só átomo é um acontecimento de nível

quântico que não será resolvido de nenhuma das duas maneiras até ser observado, e como você só pode fazer a observação se abrir a caixa para ver se o gato está vivo ou morto, a consequência disso é bastante extraordinária. Até você abrir a caixa, o gato propriamente dito existe em um estado indeterminado. As possibilidades de ele estar vivo ou morto são duas formas de onda diferentes sobrepostas no interior da caixa. Schrödinger apresentou essa ideia para ilustrar o que ele considerava o lado absurdo da teoria quântica.

Dirk se levantou e arrastou os pés até a janela, provavelmente nem tanto pela vista pobre que ela oferecia de um velho galpão em que um comediante alternativo vinha gastando a bolada que ganhara por um comercial de cerveja para transformá-lo em um condomínio de luxo, mas para não ver o último pedaço de pizza desaparecer.

– Exatamente, bravo!

– Mas o que tudo isso tem a ver com esta... esta agência de investigações?

– Ah, isso. Bem, um grupo pesquisadores conduziu um experimento como esse, mas, quando abriram a caixa, a gata não estava nem viva, nem morta, mas tinha desaparecido, então eles me chamaram para investigar. Acabei por deduzir que nada de muito dramático havia acontecido. A gata apenas se cansou de ser repetidamente confinada em uma caixa, e às vezes envenenada pelo gás, e aproveitou a primeira chance para saltar pela janela. Bastou que eu colocasse um pires de leite no peitoril e chamasse “Bernice” com uma voz sedutora... Bernice era o nome da gata, por sinal...

– Opa, espere um instante...

– ... e ela não demorou a reaparecer. Um caso muito simples, mas que pareceu impressionar bastante alguns círculos de pessoas,

e logo uma coisa levou a outra e tudo culminou nesta carreira de sucesso que você pode ver agora.

– Espere um instante, espere um instante – insistiu Richard, dando um tapa na mesa.

– Sim? – perguntou Dirk inocentemente.

– Posso saber do que você está falando, Dirk?

– Que parte que acabei de contar você não entendeu?

– Bem, eu mal sei por onde começar – protestou Richard. – Vamos lá. Você disse que algumas pessoas estavam conduzindo o experimento. Isso é ridículo. O Gato de Schrödinger não é um experimento real. É apenas uma hipótese ilustrativa para debater o conceito. Não é algo que você faria de verdade.

Dirk o observava com uma estranha atenção.

– Ah, sim? E por que não?

– Bem, não é algo que possa ser testado. O sentido é pensar sobre o que acontece antes de você fazer a observação. É impossível saber o que está acontecendo dentro da caixa sem olhar e, no exato momento em que você olha, o feixe de ondas entra em colapso e as probabilidades se concretizam. É autodestrutivo. Não tem a menor utilidade.

– É claro que, até certo ponto, você tem toda a razão – replicou Dirk, voltando para a sua cadeira. Ele puxou um cigarro do maço, bateu várias vezes com ele sobre a mesa e se debruçou sobre ela, apontando o filtro para Richard. – Mas pense no seguinte: suponha que você introduza um paranormal no experimento, alguém com poderes de clarividência, que seja capaz de afirmar qual é a condição de saúde do gato sem precisar abrir a caixa. Alguém que talvez tenha uma estranha afinidade com gatos. O que aconteceria? Será que isso não nos ajudaria a entender melhor o problema da física quântica?

– Era isso que eles queriam fazer?

– Foi o que eles fizeram.

– Dirk, isso não faz *o menor sentido*.

Dirk ergueu as sobrancelhas com um ar desafiador.

– Está bem, está bem – Richard ergueu as palmas das mãos –, vamos seguir essa linha de raciocínio. Mesmo que eu aceitasse, embora não aceite nem por um segundo, que haja algum fundamento para a clarividência, isso não mudaria o fato de que o experimento seja essencialmente impossível de ser executado. Como eu disse, tudo gira em torno do que acontece dentro da caixa antes da observação, quer você olhe para dentro dela com os seus olhos ou, bem, se você insiste, com a sua mente. Se a clarividência funcionasse, seria apenas outra maneira de olhar dentro da caixa e, se não funcionasse, seria naturalmente irrelevante.

– Isso depende, é claro, de como você interpreta a clarividência...

– Ah, é? E como você interpreta a clarividência? Eu gostaria muito de saber, levando em conta a sua história – desafiou Richard.

Dirk bateu com o cigarro na mesa de novo e estreitou os olhos para Richard.

Fez-se um longo e profundo silêncio, perturbado apenas pelo som de gritos distantes em francês.

– Mantenho a opinião que sempre tive sobre ela – falou Dirk, por fim.

– Que seria...?

– A de que não sou clarividente.

– É mesmo? E o que tem a dizer sobre aquelas provas na época da faculdade?

Os olhos de Dirk Gently obscureceram à menção daquele assunto.

– Foi uma coincidência – respondeu ele, com uma voz baixa e hostil –, uma estranha e arrepiante coincidência, porém nada mais do que isso. Coincidência essa, devo acrescentar, que me fez passar

um bom tempo na prisão. Coincidências podem ser muito assustadoras e perigosas.

Dirk lançou outro de seus olhares demorados e perscrutadores a Richard.

– Eu tenho observado você com muita atenção. Você me parece estar muito relaxado para um homem na sua posição.

Richard achou essa uma observação estranha e gastou algum tempo tentando entendê-la. Então, fez-se a luz em sua mente, e era uma luz irritante.

– Deus do céu, não me diga que ele chegou até você também.

Essa observação, por sua vez, pareceu intrigar Dirk.

– Quem chegou a mim?

– Gordon. Não, é óbvio que não. Gordon Way. Ele tem o hábito de tentar convencer outras pessoas a me pressionarem a fazer o que acha que eu devo fazer. Por um instante eu pensei que... Ah, deixe pra lá. O que você queria dizer, afinal?

– Ah. Quer dizer que Gordon Way tem *mesmo* esse hábito?

– Tem. E não gosto disso. Por que a pergunta?

Dirk fitou Richard com um olhar firme e demorado, batendo de leve com um lápis sobre a mesa.

Então, recostou-se em sua cadeira e esclareceu tudo:

– Descobriram o corpo de Gordon Way hoje antes do amanhecer. Ele foi baleado, estrangulado e sua casa foi incendiada. A polícia está trabalhando com a hipótese de que ele não tenha sido baleado na casa, pois não foram encontrados vestígios de projéteis de espingarda no local além daqueles que estavam no corpo. Mas esses vestígios foram encontrados perto do Mercedes 500 SEC do Sr. Way, que estava a cerca de 5 quilômetros de distância de seu chalé. Isso sugere que o corpo tenha sido deslocado após o assassinato. Além disso, o médico-legista acredita que o Sr. Way foi estrangulado depois de ser baleado, o que parece indicar certa confusão mental por parte do assassino.

Ele respirou fundo e continuou:

– Por uma alarmante coincidência, a polícia interrogou, na noite passada, um homem que parecia muito confuso e disse estar sofrendo de alguma espécie de complexo de culpa por acreditar ter acabado de atropelar seu patrão. O homem em questão era o Sr. Richard MacDuff e seu patrão era o falecido Sr. Gordon Way. Supõe-se ainda que o Sr. MacDuff seja uma das duas pessoas que mais poderiam se beneficiar da morte do Sr. Way, uma vez que ele quase certamente assumiria ao menos parte do controle da WayForward Technologies. A outra pessoa é sua única parente viva, a Srta. Susan Way, cujo apartamento teria sido invadido pelo Sr. MacDuff, segundo testemunhas. A polícia não sabe dessa parte, é claro. E nem saberá, se pudermos evitar. Mesmo assim, qualquer relacionamento entre os dois será, naturalmente, investigado a fundo. Os boletins no rádio dizem que a polícia está à procura do Sr. MacDuff, pois acreditam que ele poderá ajudá-los em sua investigação, mas, pelo tom de voz usado, ele é claramente culpado como o diabo.

Dirk fez uma pausa e concluiu:

– Meus honorários são os seguintes: 200 libras por dia, mais despesas. As despesas não são negociáveis e às vezes podem parecer um tanto estapafúrdias àqueles que não entendem do assunto. Mas são todas necessárias e, como já disse, não negociáveis. Estou contratado?

– Desculpe – falou Richard, assentindo de leve –, mas pode repetir desde o começo?

capítulo 17

O Monge Eletrônico já não sabia no que acreditar.

Havia passado por um número desconcertante de sistemas de crença ao longo das últimas horas, a maior parte deles incapaz de lhe oferecer o tipo de conforto espiritual duradouro que sua programação o obrigava a buscar eternamente.

Estava farto daquilo. De verdade. E cansado. E deprimido.

Além disso, e para sua surpresa, sentia bastante falta da sua égua. Era uma criatura estúpida e servil, sem dúvida, portanto dificilmente digna da preocupação de alguém cuja mente estava fadada a ponderar sobre questões mais sublimes, que iam além da compreensão de uma simples égua; apesar disso, ele sentia sua falta.

Queria montar nela. Afagá-la. Queria sentir que ela não entendia.

Perguntou-se onde estaria ela.

Desconsolado, balançava os pés de cima do galho da árvore em que passara a noite. Subira até lá atrás de algum sonho louco e fantástico, então ficara preso e tivera que continuar ali até o amanhecer.

Mesmo agora, à luz do dia, não sabia ao certo como descer. Por um instante, esteve perigosamente perto de acreditar que podia

voar, mas um protocolo de análise de erros foi logo ativado e lhe disse para não ser tão idiota.

Mas isso não resolvia o problema.

Qualquer que tenha sido a fé ardorosa que o levara a subir, montado nas asas da esperança, pelos galhos da árvore na calada da noite, não lhe dera instruções sobre como descer quando – como a grande maioria desses arroubos flamejantes de fé noturna – o abandonara pela manhã.

E, por falar (ou melhor, pensar) em coisas flamejantes, uma enorme coisa flamejante havia surgido a alguma distância dali poucas horas antes da alvorada.

Ela ficava, pensou, na direção em que ele mesmo estava se encaminhando antes de ser atraído por uma profunda compulsão espiritual em direção àquela árvore inconvenientemente alta, mas, de resto, constrangedoramente comum. Ansiara por prestar adoração àquele fogo, jurar eterna lealdade ao seu brilho sagrado, mas, enquanto buscava sem sucesso uma maneira de descer pelos galhos, caminhões de bombeiros tinham chegado para apagar o esplendor divino, e lá se fora outra crença pelo ralo.

O sol já se erguera havia algumas horas e, embora tivesse ocupado seu tempo da melhor maneira possível, acreditando nas nuvens, nos ramos da árvore e em uma espécie curiosa de besouro voador, ele agora acreditava que estava farto daquilo, além de plenamente convencido de que estava ficando com fome.

Devia ter tomado a precaução de trazer consigo um pouco de comida da casa que havia visitado na noite anterior, para a qual carregara seu fardo sagrado de modo a sepultá-lo no sacrossanto armário de vassouras, mas saíra dali nas garras de uma paixão ofuscante, acreditando que questões tão mundanas quanto se alimentar não eram importantes, e que a árvore lhe daria o que comer.

Bem, ela dera.

Dera-lhe ramos.

Mas Monges não comiam ramos.

Na verdade, pensando melhor, ele se sentia um pouco desconfortável em relação a algumas das coisas nas quais acreditara na noite anterior e agora achava os resultados delas um tanto confusos. Tinha sido instruído a “mandar bala” e sentiu-se estranhamente compelido a obedecer, mas talvez tivesse cometido um erro ao aceitar de forma tão precipitada uma instrução dada em uma língua que ele havia aprendido apenas dois minutos antes. Sem dúvida a reação da pessoa que recebera as balas tinha parecido um pouco radical.

Em seu próprio mundo, quando as pessoas eram baleadas daquele jeito, sempre voltavam na semana seguinte para outro episódio, mas não lhe parecia que aquela pessoa fosse fazer isso.

Uma lufada de vento soprou pela árvore, fazendo-a balançar vertiginosamente. Ele desceu um pouco. A primeira parte até que foi fácil, uma vez que os galhos ficavam relativamente próximos uns dos outros. O último pedaço é que parecia ser um obstáculo intransponível: uma queda livre que lhe causaria danos ou rupturas internas graves, fazendo-o acreditar em coisas muito, muito estranhas.

O som de vozes num canto distante do campo chamou sua atenção de repente. Um caminhão parou no meio-fio. Ele observou atentamente, mas não viu nada em particular em que pudesse acreditar, então retornou à sua introspecção.

O Monge se lembrava de ter recebido, na noite anterior, uma estranha chamada de função, que nunca recebera antes, mas que parecia algo de que ele tinha ouvido falar. Chamava-se remorso. Não se sentia nem um pouco à vontade com a maneira como a pessoa que ele havia baleado ficara simplesmente estirada no chão. Depois de se afastar em um primeiro momento, o Monge voltara para dar mais uma olhada. A expressão no rosto da pessoa sem

dúvida sugeria que havia algo de errado, que aquilo não se encaixava na ordem natural das coisas. O Monge ficou preocupado que talvez tivesse estragado de forma irremediável a noite dela.

De qualquer forma, refletiu ele, o mais importante é fazer sempre o que você acredita ser a coisa certa.

Já que havia estragado a noite daquela pessoa, acreditava que a próxima coisa certa a fazer era pelo menos levá-la até a sua casa. Após uma busca rápida pelos seus bolsos, encontrou seu endereço, alguns mapas e algumas chaves. A viagem tinha sido árdua, mas ele fora sustentado pela fé ao longo do caminho.

A palavra "banheiro" flutuou de forma inesperada em sua direção.

Ele tornou a olhar para o caminhão ao longe. Havia um homem de uniforme azul-escuro explicando algo para outro que usava roupas de trabalho surradas e parecia irritado. As palavras "até localizarmos o dono" e "doido de pedra, é claro" foram sopradas até lá pelo vento. O homem de roupas de trabalho claramente concordou em aceitar a situação, mas a contragosto.

Pouco depois, uma égua foi retirada da traseira do caminhão. O Monge pestanejou. Seus circuitos vibraram com uma admiração eletrizante. Lá estava, finalmente, algo em que ele podia acreditar, um verdadeiro milagre, uma recompensa pela sua devoção sem limites, embora um tanto promíscua.

A égua andou pelo terreno com paciência, conformada. Há tempos que estava habituada a ficar em qualquer lugar em que a colocassem, mas dessa vez gostava dali. Era um lugar agradável, pensou. Havia grama. Uma cerca viva para a qual poderia ficar olhando. Espaço suficiente para poder trotar um pouco mais tarde se tivesse vontade. Os humanos foram embora, largando-a à sua própria sorte; por ela, estava ótimo. Deu uma voltinha e, então, só porque quis, parou de dar uma voltinha. Podia fazer o que bem entendesse.

Que prazer.

Que grande e insólito prazer.

Avaliou todo o terreno sem pressa e decidiu planejar um belo dia de descanso para si. Uma pequena trotada mais tarde, pensou ela, talvez por volta das três. Depois disso, poderia deitar um pouco ao leste do terreno, onde a grama era mais espessa. Parecia um bom lugar para se pensar no jantar.

Imaginava que o almoço poderia ser mais ao sul, onde corria um riacho. Almoço à margem de um riacho, meu Deus do céu. Que maravilha.

Também gostava da ideia de passar meia hora andando um pouco para a esquerda e depois um pouco para a direita, e assim sucessivamente, sem nenhum motivo em especial. Não sabia se seria melhor passar o horário entre as duas e as três abanando o rabo ou pensando na vida.

É claro que, se preferisse, poderia fazer as duas coisas e deixar sua trotada para um pouco mais tarde. E tinha acabado de notar algo que parecia ser um belo arbusto, onde poderia ficar justamente pensando na vida, o que ajudaria a passar de forma agradável uma ou duas horas antes de comer.

Ótimo.

Era um plano excelente.

E a melhor coisa a respeito dele era que, agora que o havia traçado, a égua poderia ignorá-lo completamente. Portanto, em vez de segui-lo, foi ficar à toa debaixo da única árvore do terreno.

O Monge Eletrônico se deixou cair dos seus galhos nas costas da égua, com o que qualquer um poderia jurar ter sido um grito de "Jerônimo".

capítulo 18

Dirk Gently repassou os fatos mais importantes enquanto o mundo de Richard MacDuff afundava lenta e silenciosamente em um mar escuro e congelante que ele nem sabia estar ali, à espreita, centímetros abaixo dos seus pés. Quando Dirk terminou de falar pela segunda vez, o silêncio tomou conta do escritório. Richard olhava fixamente para o rosto do detetive.

– Onde você ouviu isso? – perguntou, enfim.

– No rádio – respondeu Dirk, dando de ombros. Pelo menos os pontos principais. Os noticiários não falam de outra coisa, é claro. Os detalhes? Bem, perguntas discretas aos meus contatos aqui e ali. Conheço algumas pessoas na delegacia de Cambridge, por motivos que você deve poder imaginar.

– Nem sei se devo acreditar em você – falou Richard baixinho. – Posso usar o telefone?

Dirk apanhou o fone da lata de lixo e o entregou para ele, cortês. Richard discou o número de Susan.

– Alô?

– Susan, é o Ri...

– *Richard!* Onde você está? Pelo amor de Deus, onde você se meteu? Você está bem?

– Não diga a ela onde você está – interveio Dirk.

– Susan, o que está havendo?

- Você não...?
- Me falaram que aconteceu alguma coisa com Gordon, mas...
- Aconteceu *alguma coisa*...? Ele está *morto*, Richard, foi *assassinado*...
- Desligue o telefone – falou Dirk.
- Susan, ouça, eu...
- Desligue o telefone – repetiu Dirk, então se inclinou até o aparelho e cortou a ligação. – A polícia provavelmente estava rastreando a chamada.
Ele apanhou o fone e o atirou na lata de lixo novamente.
- Mas eu preciso ir à polícia!
- *Ir* à polícia?
- Que outra saída tenho? Preciso ir à polícia e dizer a eles que não fui eu.
- Dizer a eles que não foi você? – falou Dirk, incrédulo. – Bem, imagino que isso vá mesmo resolver tudo. Pena que o Dr. Crippen não teve essa ideia. Teria evitado muito aborrecimento a ele.
- Mas ele era culpado!
- Sim, é o que pareceria. Assim como você também pareceria culpado neste momento.
- Mas, pelo amor de Deus, eu não matei ninguém!
- Você está falando com alguém que cumpriu pena por algo que não fez, lembre-se disso. Eu falei que coincidências podiam ser estranhas e perigosas. Acredite, é muito melhor encontrar uma prova incontestável de que você é inocente do que apodrecer em uma cela esperando que a polícia, que já o considera culpado, a encontre para você.
- Não consigo pensar direito – comentou Richard, levando a mão à testa. – Pare de falar um pouco e me deixe pensar...
- Se me permite...
- Me deixe pensar!

Dirk deu de ombros e voltou sua atenção para o cigarro, que parecia incomodá-lo.

– Não adianta – disse Richard alguns instantes depois, balançando a cabeça. – Não consigo processar isso. É como tentar resolver um problema de trigonometria com alguém chutando a sua cabeça. Está bem, me diga o que acha que eu devo fazer.

– Hipnose.

– O quê?

– Não é de surpreender que, dentro das circunstâncias, você não consiga organizar seus pensamentos. Mas é fundamental que alguém os organize para você. Será muito mais simples para nós dois se me permitisse que eu o hipnotizasse. Tenho certeza de que há uma grande quantidade de informações embaralhadas na sua cabeça que não virão à tona enquanto você continuar a balançá-la; informações que talvez jamais venham à tona porque você não compreende a importância delas. Com a sua permissão, podemos facilitar todo esse processo.

– Bem, então está decidido. Eu vou à polícia.

– Muito bem – comentou Dirk, recostando-se e espalmando as mãos sobre a mesa –, desejo-lhe toda a sorte do mundo. No caminho para a saída, poderia fazer a gentileza de pedir à minha secretária para comprar fósforos?

– Você não tem mais secretária – respondeu Richard, e foi embora.

Dirk ficou sentado, remoendo seus pensamentos por alguns segundos, fez uma irritada, porém inútil, tentativa de dobrar a caixa de pizza lamentavelmente vazia para jogá-la na lata de lixo, e então foi procurar um metrônomo no armário.

Richard saiu pestanejando em direção à luz do dia. Ficou parado na soleira, oscilando um pouco, depois seguiu pela calçada com um gingado estranho, que imitava a dança rodopiante da sua mente.

Por um lado, não conseguia acreditar que as evidências não mostrariam com toda a clareza que ele não havia cometido o assassinato; por outro, precisava admitir que tudo parecia incrivelmente estranho.

Não conseguia pensar de forma racional sobre a questão. A ideia de que Gordon tivesse sido assassinado não parava de explodir em sua mente, confundindo e interrompendo qualquer outro pensamento.

Ocorreu-lhe, por um instante, que o responsável por aquilo era muito rápido no gatilho para apertá-lo antes de ser totalmente inundado por uma enxurrada de culpa, mas arrependeu-se na mesma hora desse pensamento. Na verdade, estava um tanto alarmado com a qualidade dos pensamentos que vinham brotando em sua mente. Pareciam inapropriados, ignóbeis, e em sua maioria tinham a ver com a maneira como seus projetos na empresa seriam afetados pelo ocorrido.

Buscou dentro de si mesmo algum sentimento de grande pesar ou remorso, e supôs que ele deveria estar ali em alguma parte, provavelmente escondido atrás da grande muralha de perplexidade.

Chegou aos arredores de Islington Green, mal percebendo a distância que havia percorrido. A visão repentina de uma viatura estacionada em frente à sua casa o atingiu como uma martelada, fazendo-o dar meia-volta e concentrar toda a sua atenção no menu exposto na vitrine de um restaurante grego.

Dolmades, pensou ele, em frenesi. *Souvlaki*.

A frase “Uma pequena linguiça picante grega” passou de forma descontrolada pela sua cabeça. Tentou reconstruir a cena mentalmente sem se virar para trás. Havia notado um policial de prontidão, vigiando a rua, e parecia que a porta lateral do prédio que levava ao seu apartamento estava aberta.

A polícia estava lá. *Dentro* do seu apartamento. *Fasolia Plaki!* Uma tigela bem servida de feijão verde cozido em molho de tomate

e legumes!

Richard tentou olhar para o lado, por cima dos ombros. O policial o encarava. Voltou a fitar o menu e tentou preencher a mente com almôndegas fritas de carne moída misturada com batatas, farelo de pão, cebolas e ervas. O policial devia tê-lo reconhecido e estaria, nesse exato momento, atravessando a rua às pressas para agarrá-lo e levá-lo dali em um camburão, como haviam feito com Dirk anos atrás, em Cambridge.

Retesou os ombros, preparando-se para o impacto, mas não foi agarrado por ninguém. Tornou a olhar para trás, mas o policial olhava para outra direção, despreocupado. *Stifado*.

Ficou muito claro para ele que seu próprio comportamento não era o de alguém disposto a se entregar para a polícia.

Então qual era a alternativa?

Tentando caminhar naturalmente, mas com passos duros e nervosos, ele se obrigou a sair da frente da vitrine. Seguiu tenso pela calçada por alguns metros e tornou a pegar a Camden Passage com a cabeça baixa, andando depressa e respirando pesado. Para onde poderia ir? Para a casa de Susan? Não, a polícia estaria lá ou vigiando o local. Para o escritório da WFT em Primrose Hill? Não, pelo mesmo motivo. Por que diabos, gritou ele em silêncio, estava agindo como um fugitivo?

Insistiu consigo mesmo, como havia feito a Dirk, que não deveria fugir da polícia. Como lhe tinham ensinado quando criança, ela estava ali para ajudar e proteger os inocentes. Esse pensamento o fez sair correndo na mesma hora e ele quase atropelou o orgulhoso novo proprietário de um abajur de pé estilo eduardiano.

– Desculpe, desculpe.

Ele ficou pasmo que alguém fosse querer comprar uma coisa daquelas e diminuiu os passos até um ritmo normal, lançando olhares desconfiados à sua volta. As vitrines familiares das lojas,

cheias de antiguidades de bronze e madeira e quadros de peixes japoneses, de repente lhe pareciam muito ameaçadoras e hostis.

Quem iria querer matar Gordon? Esse foi o pensamento que martelou subitamente sua cabeça enquanto ele dobrava a esquina e pegava a Charlton Place. Até o momento, vinha se preocupando apenas com fato de não ter sido ele.

Mas quem teria sido?

Era algo a se pensar.

Muita gente não morria de amores por Gordon, mas há uma grande diferença entre não gostar de uma pessoa – talvez até odiá-la – e baleá-la, estrangulá-la, arrastá-la pelo mato e atear fogo em sua casa. Era essa diferença que mantinha a grande maioria da população viva dia após dia.

Teria sido apenas um roubo? Dirk não havia falado nada sobre objetos desaparecidos, mas ele tampouco tinha perguntado.

Dirk. A imagem insistia em voltar à mente de Richard: uma figura ridícula, porém estranhamente imponente, sentado como um sapo gigante, matutando em seu escritório decadente. Percebeu que estava refazendo seus passos e obrigou-se a dobrar à direita em vez de à esquerda.

Aquele caminho levava à loucura.

Ele só precisava de espaço e um pouco de tempo para pensar e colocar suas ideias em ordem.

Muito bem, então para onde estava indo? Parou por um instante, deu meia-volta e tornou a parar. De repente, comer *dolmades* pareceu uma ideia muito atraente e ocorreu-lhe que a atitude mais fria, calma e sensata teria sido entrar no restaurante e pedi-los. Isso teria mostrado ao Destino quem estava no comando.

O Destino, por sua vez, estava decidido a fazer exatamente o mesmo. Embora não estivesse sentado em um restaurante grego comendo *dolmades*, poderia muito bem estar, pois era claro que quem estava no comando era ele. Os passos de Richard o

conduziram inexoravelmente de volta pelas ruas sinuosas até o canal.

Parou por um instante numa loja de conveniências, então passou às pressas pelos conjuntos habitacionais e voltou à zona dos especuladores imobiliários até estar outra vez diante do número 33 da Peckender Street. Por volta da mesma hora que o Destino estaria se servindo do resto do vinho grego, limpando a boca e se perguntando se ainda tinha espaço no estômago para *baclavas*, Richard erguia os olhos para o prédio vitoriano alto e rubicundo com suas paredes de alvenaria escurecidas de fuligem e suas janelas pesadas e ameaçadoras. Uma rajada de vento soprou pela rua e um menino pequeno topou com ele.

– Sai da frente – falou o garoto com uma vozinha aguda, então se deteve, olhou melhor para Richard e acrescentou: – Ei, me dá sua jaqueta?

– Não.

– Por que não?

– Ora, porque gosto dela.

– Não vejo por quê – murmurou o menino. – Sai da frente.

Ele seguiu pela rua, emburrado, chutando uma pedra contra um gato.

Richard entrou no prédio, subiu as escadas com apreensão e olhou novamente para dentro do escritório.

A secretária de Dirk estava sentada à sua mesa, com a cabeça abaixada e os braços cruzados.

– Não estou aqui – disse ela.

– Estou vendo – falou Richard.

– Só voltei para me certificar de que ele perceba que eu fui embora – continuou ela, sem erguer os olhos do ponto na mesa que fitava com raiva –, ou então ele poderia esquecer.

– Ele está?

– Quem vai saber? Quem se importa? Melhor perguntar a alguém que trabalhe para ele, porque eu não trabalho.

– Traga-o aqui! – gritou Dirk.

Ela ficou furiosa por um instante, levantou-se, foi até a porta interna, escancarou-a e berrou:

– Venha buscá-lo você mesmo!

Bateu a porta e retornou para a sua cadeira.

– Ahn, não posso entrar sozinho? – questionou Richard.

– Não estou nem ouvindo você – retrucou a ex-secretária de Dirk, olhando firme para a mesa. – Como espera que eu ouça o que diz se eu nem estou aqui?

Richard fez um gesto conciliatório, que foi ignorado, dirigiu-se até a porta e a abriu, entrando por conta própria no escritório de Dirk. Ficou surpreso ao notar que o cômodo estava na penumbra. Uma persiana fora baixada sobre a janela e o detetive se recostava em sua cadeira, o rosto iluminado de forma bizarra pelo estranho arranjo de objetos dispostos sobre a mesa. Na beirada frontal da mesa, havia um velho farol cinza de bicicleta virado para trás, lançando uma luz tênue sobre um metrônomo que tiquetaqueava suavemente para lá e para cá, com uma colher de chá de prata muito bem polida presa à sua haste de metal.

Richard jogou duas caixas de fósforo em cima da mesa.

– Sente-se, relaxe e fique olhando para a colher – instruiu Dirk –, você já está começando a sentir sono...

Outra viatura parou cantando pneus em frente ao apartamento de Richard. Um homem com uma expressão sombria saiu dela e se aproximou de um dos policiais em serviço do lado de fora, mostrando um distintivo.

– Inspetor Mason, Departamento de Investigação Criminal de Cambridgeshire. Este é o apartamento de MacDuff?

O outro policial assentiu e mostrou-lhe a porta lateral que se abria para uma escada longa e estreita, que por sua vez conduzia ao apartamento de cima. Mason entrou rapidamente e, em um piscar de olhos, voltou a sair.

– Tem um sofá no meio da escada. Tirem-no do caminho.

– Alguns dos rapazes já tentaram, senhor – explicou o policial, aflito. – Parece estar preso. Todos têm que passar por cima dele por enquanto, senhor. Sinto muito, senhor.

Mason o fitou com outra expressão sombria retirada de um vasto repertório que havia desenvolvido, que ia desde muito, muito sinistramente sombrio no ponto mais alto da escada, descendo até uma cara de resignação cansada e apenas um pouco sombria, que ele reservava para aniversários infantis.

– Tirem-no do caminho – repetiu ele, sombrio, atravessando mais uma vez a porta de forma sombria e levantando de forma sombria as calças e o sobretudo, preparando-se para a subida sombria que teria pela frente.

– Ainda nenhum sinal dele? – perguntou o motorista do carro, aproximando-se também. – Sargento Gilks – apresentou-se. Parecia cansado.

– Até onde sei, não – respondeu o policial –, mas ninguém me diz nada.

– Sei como você se sente. Quando o Departamento de Investigação Criminal entra em ação, você fica relegado a servir de motorista para eles. E eu sou o único que sabe como é a cara do suspeito. Eu o parei na estrada, noite passada. Acabamos de vir da casa de Way. A coisa estava feia por lá.

– Noite ruim, hein?

– Diversificada. Teve desde assassinato até retirada de uma égua de um banheiro. Não, nem me pergunte. A sua viatura é igual a esta? – Ele apontou para o próprio carro. – Esta aqui quase me enlouqueceu durante todo o caminho. Estava um gelo lá dentro,

mesmo com o aquecimento no máximo, e o rádio não parava de ligar e desligar sozinho.

capítulo 19

Naquela mesma manhã, o humor de Michael Wenton-Weakes estava um tanto estranho.

Você precisava conhecê-lo mais ou menos bem para saber que seu humor estava especialmente estranho, pois a maioria das pessoas o considerava um pouco esquisito de qualquer maneira. Poucos o conheciam tão bem assim. Sua mãe, talvez, mas, no momento, existia entre eles um clima de Guerra Fria, portanto não se falavam havia semanas.

Ele também tinha um irmão mais velho, Peter, agora um fuzileiro naval de alta patente. Sem contar o funeral de seu pai, Michael não via Peter desde que ele voltara das ilhas Malvinas, coberto de glórias, promoções e desprezo pelo caçula.

Peter ficara muito contente ao saber que a mãe havia assumido o controle do grupo Magna, e chegara inclusive a enviar um cartão de Natal do regimento a Michael pela ocasião. Sua maior alegria continuava sendo se jogar em uma trincheira lamacenta e disparar uma metralhadora durante pelo menos um minuto e ele não achava que o meio jornalístico e editorial britânico, por mais atribulado que estivesse, poderia lhe proporcionar tal prazer, pelo menos não até mais alguns australianos entrarem no mercado.

Michael levantara-se muito tarde após uma noite de selvageria, completada por sonhos agitados que ainda o perturbavam à luz

daquele fim de manhã.

Seus sonhos tinham sido repletos das sensações familiares de perda, abandono, culpa e assim por diante, mas também envolviam, de forma inexplicável, grandes quantidades de lama. Graças ao poder amplificador da noite, o pesadelo de lama e solidão parecera se estender por um tempo aterrorizante, inimaginável, e terminara com o surgimento de criaturas viscosas com pernas que rastejavam pelo mar viscoso. Isso tinha sido a gota d'água e ele acordara sobressaltado, suando frio.

Embora toda aquela lama tivesse lhe parecido estranha, seu espírito conhecia muito bem a sensação de perda, abandono e, acima de tudo, de ressentimento, assim como a necessidade de desfazer erros que haviam sido cometidos.

Mesmo as criaturas viscosas com pernas pareciam estranhamente familiares e continuavam a perturbá-lo enquanto ele preparava um café da manhã fora de hora para si – uma laranja e chá chinês –, corria os olhos preguiçosamente pelo caderno de cultura do *Daily Telegraph* e, então, trocava de forma atabalhoada os curativos que protegiam os cortes em sua mão.

Com essas pequenas tarefas cumpridas, Michael se viu indeciso quanto ao que fazer em seguida.

Foi capaz de analisar os acontecimentos da noite anterior com um distanciamento frio que o surpreendeu. Tinha sido correto, justo e preciso. Mas não resolvia nada. Tudo o que importava ainda estava por fazer.

Tudo o quê? Ele franziu a testa diante da estranheza de seus pensamentos.

Normalmente, estaria no clube por volta daquela hora, com uma sensação gratificante de que havia muitas outras coisas que deveria estar fazendo. Agora, não havia nada para fazer, o que de certa forma tornava o tempo passado ali, ou em qualquer outro lugar, uma espécie de fardo.

Uma vez lá, faria o de sempre: iria se dar ao luxo de um gim-tônica, jogaria conversa fora e correria os olhos preguiçosamente pelas páginas do *Times Literary Supplement* e das revistas *Opera* e *The New Yorker*, ou de qualquer coisa que estivesse ao alcance da mão; mas não havia dúvida de que, nos últimos tempos, vinha fazendo tudo isso com menos entusiasmo e prazer do que antes.

Então, chegaria a hora de almoçar. Naquele dia, não tinha planos para o almoço (outra vez), logo provavelmente ficaria pelo clube, onde comeria linguado grelhado com batata cozida e temperada com salsa, seguido de uma bela porção de *trifle* para a sobremesa. Uma ou duas taças de Sancerre. Café. Depois viria o resto da tarde, com o que quer que ela lhe reservasse.

Naquele dia, no entanto, Michael se viu estranhamente compelido a não fazer nada disso. Flexionou os músculos de sua mão cortada, serviu-se de outra xícara de chá, olhou com apatia para a faca de cozinha grande que continuava ao lado do bule de porcelana e aguardou um pouco para ver o que faria. No fim das contas, foi para o andar de cima.

A perfeição formal de sua casa a tornava um tanto fria, dando-lhe o aspecto que qualquer pessoa que compre reproduções de móveis antigos gostaria de dar à sua própria casa. Exceto, é claro, que tudo ali era genuíno – cristais, mogno e tapetes Wilton – e só parecia falso porque lhe faltava vida.

Subiu até o seu escritório, o único lugar da casa que não dava a impressão de ordem estéril: a bagunça de livros e papéis era de abandono estéril. Uma fina camada de poeira se assentara sobre tudo. Havia semanas Michael não entrava ali e a faxineira tinha recebido ordens expressas para não chegar nem perto do cômodo. Ele não trabalhava lá em cima desde que editara a última edição da *Fathom*. Não a última edição de fato, é claro, mas a última edição apropriada. A que *ele* considerava a última edição.

Largou a xícara sobre a fina camada de poeira e foi inspecionar seu velho toca-discos. Encontrou nele uma velha gravação de concertos de Vivaldi, colocou-a para tocar e sentou-se.

Esperou outra vez para ver o que faria em seguida e, para sua surpresa, descobriu que já o estava fazendo: *ouvindo* música.

Uma expressão desnorçada se espalhou pelo seu rosto quando ele percebeu que nunca havia feito aquilo antes. Tinha *escutado* música diversas vezes e achava o som muito agradável. Na verdade, gostava de discutir a temporada de concertos com ela ao fundo, mas nunca lhe ocorrera que era algo que você pudesse parar para *ouvir*.

Ficou estupefato com a interação entre melodia e contraponto que se revelou de repente com grande clareza, apesar da superfície coberta de poeira do disco e da agulha de catorze anos de idade.

Mas essa revelação trouxe consigo uma decepção quase imediata, que o deixou ainda mais confuso. De repente, a música pareceu estranhamente frustrante. Era como se a sua habilidade de compreendê-la tivesse aumentado de tal forma que ia muito além da capacidade da própria música de satisfazê-la, tudo no mesmo momento dramático.

Esforçou-se para ouvir o que estava faltando e sentiu que a música era como um pássaro incapaz de voar, mas que não tinha noção da capacidade que perdera. Conseguia andar muito bem, mas andava quando devia alçar voo, mergulhar dos céus, subir às alturas, planar e descer a toda velocidade; andava quando devia vibrar com a alegria de voar. A música nem sequer olhava para cima.

Ele olhou para cima.

Depois de algum tempo, notou que tudo o que estava fazendo era olhar para o teto como um idiota. Balançou a cabeça e descobriu que a percepção havia diminuído de intensidade, deixando-o um tanto enjoado e zozzo. Não tinha desaparecido por

completo, mas mergulhado tão fundo dentro dele que já não era possível alcançá-la.

A música continuou. Era uma trilha sonora harmoniosa e bastante agradável, mas já não o comovia.

Michael precisava de algumas pistas para entender a experiência que acabara de ter e, por um instante, teve uma ligeira noção de onde poderia encontrá-las. Afastou essa ideia com irritação, mas ela voltou a surgir, insistindo em reaparecer até ele finalmente fazer algo a respeito.

Apanhou uma cesta de lixo grande de baixo da mesa. Como havia proibido a faxineira de entrar ali por ora, a lata continuava cheia e ele encontrou nela as tiras rasgadas do que estava procurando, com o conteúdo de um cinzeiro esvaziado em cima.

Superou sua repulsa com uma determinação ferrenha e juntou lentamente os pedaços do objeto odiado sobre a mesa, colando-os com pedaços de fita adesiva que se enroscavam e prendiam as partes erradas umas às outras, e as partes certas aos seus dedos gordos e depois à mesa, até enfim ter diante de si um exemplar mal reconstituído da *Fathom*. Em sua versão editada por aquela criatura execrável chamada A. K. Ross.

Que horror.

Virou as páginas grudentas e irregulares como se catasse miúdos de galinha. Nem uma só linha a respeito de Joan Sutherland ou Marilyn Horne. Nenhum perfil de algum dos principais marchands da Cork Street.

Sua série sobre os Rossettis: cancelada.

Sua coluna "Babados dos Camarins": cancelada.

Balançou a cabeça, incrédulo, e encontrou o artigo que buscava: "Música e paisagens fractais", de Richard MacDuff.

Pulou os primeiros dois parágrafos de introdução e começou a ler mais à frente:

A análise matemática e a modelagem computacional estão nos revelando que as formas e os processos encontrados na natureza – a maneira como as plantas crescem, as montanhas erodem ou os rios fluem, como os flocos de neve ou as ilhas assumem seus formatos, como a luz brinca sobre uma superfície, como o leite se entrelaça e se mistura ao seu café quando você o mexe, como gargalhadas se espalham por uma multidão –, em sua complexidade aparentemente mágica, podem ser descritas por meio da interação de processos matemáticos que são ainda mais mágicos em sua simplicidade.

Formas que acreditamos ser aleatórias são, na realidade, produto de redes numéricas complexas, cambiantes, que obedecem a regras simples. A própria palavra "natural", que tantas vezes consideramos significar "não estruturado", na verdade descreve formas e processos que parecem tão impenetravelmente complexos que não conseguimos perceber, de forma consciente, as leis naturais simples por trás deles.

Todos podem ser descritos de forma numérica.

Estranhamente, a ideia parecia menos repulsiva a Michael agora do que parecera em sua primeira leitura superficial.

Continuou a ler com cada vez mais atenção:

Nós sabemos, no entanto, que a mente é capaz de compreender essas questões em toda a sua complexidade e simplicidade. Uma bola voando está reagindo à força com que foi jogada, à direção em que foi lançada, à ação da gravidade, ao atrito do ar que ela precisa superar gastando sua energia, à turbulência do ar em volta da sua superfície e à velocidade e direção da sua própria rotação.

Mesmo assim, uma pessoa que talvez tenha dificuldade em calcular $3 \times 4 \times 5$ não teria a menor dificuldade em calcular a diferencial e fazer todas as demais operações matemáticas necessárias rápido o suficiente para conseguir apanhar uma bola em pleno ar.

As pessoas que chamam isso de instinto estão apenas dando um nome ao fenômeno, sem explicá-lo.

Acredito ter sido com a música que os seres humanos chegaram mais perto de expressar a nossa compreensão dessas complexidades naturais. É a mais abstrata das artes – não possui nenhum significado e propósito para além de si mesma.

Todo e qualquer aspecto de uma peça musical pode ser representado em números. Desde a organização dos movimentos em uma sinfonia, passando pelos padrões tonais e rítmicos que compõem as melodias e harmonias, pelas dinâmicas que dão forma à sua execução, até os próprios timbres e notas, suas estruturas harmônicas, a maneira como elas se modificam ao longo do tempo, em suma, os elementos que distinguem o som de uma pessoa tocando um flautim de outra batendo em um tambor – todas essas coisas podem ser expressadas através de padrões e hierarquias numéricos.

E, pela minha experiência, quanto mais relações internas existem entre os padrões numéricos nos diferentes níveis de hierarquia, por mais complexas e sutis que sejam, mais satisfatória e, em certo sentido, mais completa, soará a música.

Na verdade, quanto mais sutis e complexas forem essas relações, e quanto mais estiverem afastadas da compreensão da mente consciente, mais a parte instintiva – a mesma parte que é capaz de calcular a diferencial com uma rapidez tão

extraordinária que fará você colocar a mão no lugar certo para apanhar uma bola em pleno ar – irá se deleitar com elas.

A música de qualquer grau de complexidade (e até "Three Blind Mice" é complexa a seu modo quando alguém a executa em um instrumento com seu timbre e sua articulação individuais) vai além da sua mente consciente até alcançar o gênio matemático particular que existe no seu inconsciente, reagindo a todas as complexidades, relações e proporções internas sobre as quais acreditamos não saber nada a respeito.

Há quem se oponha a essa visão da música, questionando que, se ela for reduzida à matemática, a emoção se perderá. Eu diria que a emoção continua ali, onde sempre esteve.

As coisas que nos emocionam – o formato de uma flor ou de uma urna grega, a maneira como um bebê cresce, como o vento roça o rosto, o movimento e as formas das nuvens, a forma como a luz dança na água ou como narcisos oscilam na brisa, a maneira como uma pessoa move a cabeça, como seus cabelos acompanham esse movimento, a curva descendente traçada pelo último acorde de uma peça musical que termina – podem ser descritas por meio de um fluxo numérico complexo.

Essa não é uma visão reducionista da música e, sim, a fonte de sua beleza.

Pergunte a Newton.

Pergunte a Einstein.

Pergunte a Keats, para quem o que a imaginação apreende como beleza deve ser verdade.

Ele também poderia ter falado que o que a mão agarra como uma bola deve ser verdade, mas não falou, pois era um poeta que preferia ficar vadiando debaixo das árvores com um frasco

de láudano e um caderno de anotações em vez de jogar críquete, mas teria sido igualmente verdadeiro.

Isso fez Michael se lembrar vagamente de algo, mas ele não conseguia determinar o quê.

Pois isso está no cerne da relação entre nossa compreensão "instintiva" das estruturas, das formas, dos movimentos e da luz e nossas reações emocionais a tudo isso.

É isso que me leva a crer que deve haver uma espécie de música inerente à natureza, aos objetos naturais, à estrutura dos processos naturais. Uma música que causaria uma satisfação tão intensa quanto qualquer beleza presente na natureza – afinal, nossas próprias emoções mais profundas são uma forma natural de beleza...

Michael parou de ler e deixou seus olhos se afastarem lentamente da página.

Perguntou-se se seria capaz de reconhecer tal música e tentou buscá-la nas profundezas da mente. Em cada parte da sua psique que visitava, parecia que uma música tinha tocado poucos segundos antes, mas agora restava apenas o último eco de algo que ele não conseguia identificar ou ouvir. Deixou a revista de lado.

Foi então que percebeu qual era a lembrança evocada pela menção a Keats.

As criaturas viscosas com pernas do seu sonho.

Uma calma fria o invadiu ao sentir que se aproximava muito de algo.

Coleridge. Era isso.

"Sim, criaturas viscosas com pernas

Rastejavam pelo mar viscoso.”

“A balada do velho marinheiro.”

Desnortado, Michael foi até a estante e apanhou sua antologia poética de Coleridge. Ele a levou até onde estava sentado e, com certa apreensão, folheou as páginas até encontrar os versos de abertura:

“Eis um velho marinheiro,
Que de três um fez parar.”

Conhecia muito bem aqueles versos, mas, ainda assim, sua leitura despertou nele sensações estranhas e memórias apavorantes que Michael sabia não serem suas. Eles lhe causaram uma sensação muito intensa de perda e desolação. Por mais alheios que fosse, refletiam com tanta perfeição seus próprios tormentos que Michael não pôde deixar de se render totalmente a eles.

“E mil milhares de criaturas viscosas
Seguiram vivas; assim como eu.”

capítulo 20

A persiana foi puxada para cima, fazendo grande barulho, e Richard pestanejou.

– Você parece ter tido uma noite fascinante – comentou Dirk Gently –, embora os aspectos mais interessantes dela tenham escapado totalmente à sua atenção.

Voltou para a sua cadeira e se recostou nela, juntando as pontas dos dedos.

– Por favor, não me decepcione perguntando “onde estou?”. É só olhar à sua volta.

Richard lançou um olhar lento e intrigado ao redor e teve a sensação de estar voltando de forma inesperada de uma longa estadia em outro planeta que era todo paz, luz e música que perduravam para sempre. Sentia-se tão relaxado que mal conseguia se dar o trabalho de respirar.

O cabo de madeira na ponta da correia da persiana bateu algumas vezes contra a janela, mas, fora isso, o silêncio agora era total. O metrônomo estava parado. Ele conferiu seu relógio. Uma e pouco da tarde.

– Você esteve hipnotizado por pouco menos de uma hora – explicou Dirk. – Durante esse tempo, descobri muitas coisas interessantes e fiquei intrigado com outras que agora gostaria de discutir com você. Um pouco de ar fresco deve ajudá-lo a recobrar

as forças; sugiro uma caminhada revigorante pelo canal. Ninguém estará procurando por você lá. Janice!

Silêncio.

Muitas coisas ainda não estavam claras para Richard, que franziu a testa. Quando sua memória recente voltou, alguns instantes depois, foi como se um elefante tivesse arrombado a porta de repente.

Ele se sentou com um sobressalto.

– Janice! – tornou a gritar Dirk. – Srta. Pearce! Que inferno essa garota.

Ele tirou os fones da lata de lixo e colocou-os de volta em seus respectivos ganchos. Apanhou uma valise de couro velha e surrada que havia ao lado da mesa, pegou seu chapéu do chão e levantou-se, atarraxando o chapéu de forma ridícula na cabeça.

– Venha comigo – falou ele, atravessando depressa a porta até onde a Srta. Janice Pearce estava sentada, olhando para um lápis –, vamos embora deste buraco infernal. Vamos fazer o impensável, o impossível. Vamos nos preparar para uma luta contra o próprio inefável e ver se não conseguimos derrotá-lo, afinal de contas. Agora, Janice...

– Cale a boca.

Dirk deu de ombros, então apanhou da mesa de Janice o livro que ela havia mutilado ao tentar fechar sua gaveta. Ele o folheou, as sobrancelhas franzidas, depois o colocou de volta no lugar com um suspiro. Janice continuou a fazer o que claramente estava fazendo antes: escrevendo uma longa mensagem a lápis.

Richard observava tudo aquilo em silêncio, sentindo-se apenas semipresente. Ele balançou a cabeça.

Dirk lhe disse:

– Tudo deve estar lhe parecendo muito confuso no momento, mas temos alguns fios interessantes para puxar desta meada. De

todas as coisas que você me contou, apenas duas são fisicamente impossíveis.

– Impossíveis? – falou enfim Richard, sem entender.

– Sim, completamente impossíveis. – Dirk sorriu. – Por sorte, você veio ao lugar certo com o seu interessante problema, pois a palavra “impossível” não existe no meu dicionário. Na verdade – ele brandiu o livro rasgado –, tudo entre “herdeiro” e “manjuba” parece ter desaparecido. Obrigado, Srta. Pearce, mais uma vez você me prestou um excelente serviço, pelo qual agradeço, e irei, se por ventura tivermos sucesso em nosso caso, inclusive tentar pagá-la. Enquanto isso, temos muito em que pensar, portanto deixo o escritório aos seus muito competentes cuidados.

O telefone tocou e Janice o atendeu:

– Boa tarde, Hortifruti Wainwright. O Sr. Wainwright não pode atender no momento, ele não está muito bem da cabeça e pensa que é um pepino. Obrigado por sua ligação.

Ela bateu o telefone. Quando ergueu os olhos, viu a porta sendo fechada com cuidado pelo ex-patrão e seu cliente perplexo.

– Impossíveis? – repetiu Richard, surpreso.

– Sim, em todos os sentidos – insistiu Dirk. – Completamente... bem, digamos inexplicáveis. Não faz sentido usar a palavra “impossível” para coisas que claramente aconteceram. Mas elas não podem ser explicadas por nada que conhecemos.

O frescor do ar ao longo do Grand Union Canal tomou conta dos sentidos de Richard, aguçando-os de novo. Ele havia recuperado suas faculdades mentais e, embora o assassinato de Gordon continuasse a chocá-lo a todo instante, agora pelo menos conseguia pensar nele com mais clareza. Por mais estranho que fosse, essa parecia ser a última preocupação de Dirk no momento. Em vez disso, o detetive insistia em interrogá-lo sobre os detalhes mais triviais da sequência de incidentes bizarros da noite anterior.

Um homem que fazia jogging e um ciclista que vinham em direções opostas gritaram um com o outro para saírem da frente e por pouco não se jogaram nas águas turvas e vagarosas do canal. Eles eram observados com cautela por uma senhora de idade que se movia muito devagar, arrastando um cachorro velho mais lerdo ainda.

A margem oposta era repleta de depósitos grandes e abandonados, com as janelas quebradas refletindo o sol. Um barco destruído balançava ao sabor da correnteza. Dentro dele, duas garrafas de detergente flutuavam na água salobra. Caminhões de carga pesada cruzavam estrepitosamente a ponte mais próxima, abalando as fundações das casas, expelindo fumaça e assustando uma mãe que tentava atravessar a rua com seu carrinho de bebê.

Dirk e Richard estavam a cerca de 1,5 quilômetro do escritório de Dirk, nos limites do distrito de South Hackney, seguindo para o coração de Islington, onde o detetive sabia que ficavam as últimas boias salva-vidas.

– Mas foi só um truque de mágica – retrucou Richard. – Ele faz isso o tempo todo. Não é nada de mais. Parece impossível, mas estou certo de que, se você perguntasse a qualquer mágico, ele lhe diria que é algo simples. Uma vez eu vi um cara na rua em Nova York...

– Eu sei como essas coisas são feitas – interrompeu Dirk, tirando dois cigarros acesos e um grande figo caramelizado do nariz. Jogou a fruta para cima, mas, de alguma forma, ela não caiu em lugar nenhum. – Destreza, distração, sugestão. Tudo isso você pode aprender se tiver algum tempo sobrando. Com licença, minha senhora – disse ele para a senhora de idade. Dirk se agachou e puxou um longo cordão de bandeirolas coloridas do traseiro do cachorro dela. – Acho que agora ele vai andar com menos desconforto.

O detetive inclinou de leve o chapéu para ela, cortês, e seguiu seu caminho.

Richard ficou desconcertado. Dirk prosseguiu:

– Esse tipo de coisa é fácil. Serrar uma mulher no meio é fácil. Serrar uma mulher no meio e depois juntá-la, nem tanto, mas pode ser feito com um pouco de prática. O truque que você descreveu com o vaso de duzentos anos e o saleiro da faculdade é... – ele fez uma pausa dramática – completamente inexplicável.

– Bem, eu devo ter deixado algum detalhe passar, mas...

– Ah, isso com certeza. Mas a vantagem de interrogar alguém sob hipnose é que permite ao interrogador ver a cena de forma muito mais detalhada do que a própria pessoa viu na ocasião. Sarah, a garotinha, por exemplo. Você lembra o que ela estava vestindo?

– Ahn, não – respondeu Richard, vagamente –, algum tipo de vestido, imagino eu...

– Cor? Tecido?

– Bem, não lembro, mas era escuro. Ela estava sentada a alguns lugares de distância de mim. Mal pude vê-la.

– Ela estava usando um vestido de algodão aveludado azul-escuro com cintura baixa, mangas raglã, franzidas nos punhos, uma gola Peter Pan e seis pequenos botões perolados na frente; o terceiro tinha uma linha solta pendurada nele. Seus cabelos eram longos e escuros, presos atrás com um grampo em formato de borboleta.

– Se me disser que deduziu tudo isso de um risco no meu sapato, Sherlock Holmes, sinto muito, mas não acredito.

– Não, não, é muito mais simples do que isso. Você mesmo me falou essas coisas enquanto estava hipnotizado.

Richard balançou a cabeça.

– Mentira, nem sei o que é uma gola Peter Pan.

– Mas eu sei, e você descreveu um para mim com extraordinária precisão. Como o fez com o truque de mágica. E aquele truque não é possível da maneira que foi feito. Acredite. Sei do que estou falando. Gostaria de descobrir mais algumas coisas sobre esse professor, como, por exemplo, quem escreveu a mensagem que você encontrou na mesa e quantas perguntas Jorge III fez na verdade, mas...

– O quê?

– ... mas creio que seria melhor perguntar diretamente a ele. Exceto... – Dirk franziu as sobrancelhas, concentradíssimo. – Exceto que, por eu ser muito orgulhoso em relação a esses assuntos, preferiria saber as respostas antes de fazer as perguntas. E não as sei. Não faço a menor ideia.

Ele olhou para longe e calculou por alto a distância que restava até a boia salva-vidas mais próxima.

– E a segunda coisa impossível – acrescentou ele, bem quando Richard achou que conseguiria dizer alguma coisa – ou, pelo menos, a próxima coisa totalmente inexplicável é a questão do seu sofá.

– Dirk! – exclamou Richard, exasperado. – Você por acaso se lembra de que Gordon Way está morto e tudo indica que eu sou suspeito do assassinato!? Nenhuma dessas coisas tem a menor relação com isso e eu...

– Mas estou bastante inclinado a crer que elas estão interligadas.

– Isso é um absurdo!

– Eu acredito na interconexão fundamen...

– Ah, claro, claro, a interconexão fundamental de todas as coisas. Veja bem, Dirk, eu não sou uma velhota ingênua e você não vai arrancar nenhuma viagem para as ilhas Bermudas de mim. Se pretende me ajudar, vamos nos concentrar no que interessa.

Dirk ficou melindrado:

– Acredito na interconexão fundamental de todas as coisas, como qualquer um que siga os princípios da mecânica quântica até suas últimas consequências lógicas não poderia deixar de acreditar. Mas também creio que algumas coisas estão muito mais interligadas do que as outras. E, quando dois acontecimentos aparentemente impossíveis e uma sequência de outros extremamente peculiares ocorrem todos com a mesma pessoa, e quando essa pessoa se torna de repente suspeita de um assassinato muito estranho, me parece que deveríamos buscar a solução na convergência entre esses acontecimentos. O ponto de convergência é você, que também tem se comportado de maneira bastante estranha e excêntrica.

– Não tenho, não – protestou Richard. – Sim, algumas coisas estranhas aconteceram comigo, mas eu...

– Na noite passada, eu vi você escalando um prédio e invadindo o apartamento da sua namorada.

– Isso pode ter sido fora do comum e insensato da minha parte, mas foi uma atitude perfeitamente lógica e racional. Eu só queria desfazer uma coisa que tinha feito antes que ela causasse estragos.

Dirk refletiu por alguns instantes e apertou um pouco o passo.

– E o que fez foi uma reação perfeitamente lógica e racional ao problema da mensagem da fita? Sim, você me contou tudo sobre isso durante nossa breve sessão. Na sua opinião, é algo que qualquer pessoa teria feito?

Richard fechou a cara, como se quisesse dizer que não conseguia entender por que tanto estardalhaço.

– Não diria que qualquer pessoa teria feito. Eu devo ter uma cabeça um pouco mais lógica e sistemática do que a maioria das pessoas, por isso desenvolvo programas de computador. Foi uma solução lógica e sistemática para o problema.

– Não lhe parece nem um pouco drástica?

– Era muito importante para mim não desapontar Susan mais uma vez.

– Então você está plenamente satisfeito com seus motivos para ter feito o que fez?

– Claro – insistiu Richard, irritado.

– Sabe o que minha velha tia solteirona que vivia em Winnipeg costumava me dizer?

– Não – respondeu Richard.

Nesse momento, Richard tirou depressa todas as suas roupas e mergulhou no canal. Dirk saltou para apanhar a boia salva-vidas, que eles haviam acabado de alcançar, arrancou-a do seu suporte e atirou-a para Richard, que se debatia no meio do canal com uma expressão totalmente perdida e desorientada.

– Agarre isso para eu puxar você de volta! – gritou Dirk.

– Está tudo bem – falou Richard, cuspiendo água –, não se preocupe, eu sei nadar...

– Não, não sabe! Agora agarre a boia!

Richard tentou nadar em direção à margem, mas logo desistiu, consternado, e agarrou a boia. Dirk puxou a corda até Richard chegar à margem, depois se agachou para lhe dar a mão. Richard saiu da água bufando e cuspiendo, então se virou e sentou-se tremendo na beira, com as mãos no colo.

– Meu Deus, que água imunda! – exclamou ele, tornando a cuspir. – Que nojeira. Eca. Ufa. Meu Deus. Geralmente eu nado muito bem. Devo ter tido uma cãibra. Que sorte você ter estado tão perto da boia. Ah, obrigado. – O agradecimento foi pela toalha que Dirk lhe estendeu.

Ele se secou depressa, quase se arranhando com a toalha para se livrar da água suja do canal. Levantou-se e olhou à sua volta.

– Você viu minhas calças?

– Meu jovem! – exclamou a velha com o cachorro, que acabara de alcançá-los.

Ela ficou parada, fitando-os com um olhar severo e prestes a repreendê-los quando Dirk a interrompeu:

– Mil desculpas, minha cara senhora, se meu amigo a ofendeu de alguma maneira; não foi a intenção dele. Por favor – acrescentou, retirando um punhado de anêmonas do traseiro de Richard –, aceite isto com os meus cumprimentos.

A senhora derrubou as anêmonas da mão de Dirk com um golpe da sua bengala e saiu dali às pressas, horrorizada, puxando o cão.

– Isso não foi muito simpático da sua parte – ralhou Richard, vestindo as roupas por baixo da toalha na qual estava agora estrategicamente enrolado.

– Ela não me parece uma mulher muito simpática. Está sempre por aqui, arrastando o pobre cachorro de um lado para outro e censurando todo mundo. Gostou do seu mergulho?

– Não muito – respondeu Richard, esfregando depressa os cabelos. – Não tinha percebido como a água é suja aqui. E fria. Tome – ele entregou a toalha para Dirk –, obrigado. Você sempre carrega uma toalha?

– Você sempre vai nadar à tarde?

– Não, em geral nado pela manhã, na piscina de Highbury Fields, só para acordar e colocar o cérebro para funcionar. Lembrei que deixei de ir esta manhã.

– E, ahn... então é por causa disso que você acabou de mergulhar no canal?

– Bem, sim. Achei que um pouco de exercício me ajudaria a lidar melhor com tudo isto.

– Quer dizer que não lhe parece nem um pouco estranho tirar a roupa e pular no canal?

– Não. Pode não ter sido muito inteligente, considerando o estado da água, mas foi perfeitamente...

– E você está plenamente satisfeito com seus próprios motivos para ter feito o que fez?

– Sim, estou...

– Então não teve nada a ver com a minha tia?

Richard estreitou os olhos, desconfiado.

– Do que você está falando?

– Já lhe digo.

Dirk se sentou no banco mais próximo e abriu novamente a valise. Dobrou a toalha, guardou-a e tirou um pequeno gravador. Chamou Richard e pressionou a tecla Play. A voz do próprio Dirk saiu, cantarolada, da pequena caixa de som. Ela dizia: “Em breve eu estalarei os dedos e você irá acordar e esquecer tudo isto, com exceção das instruções que eu lhe darei agora. Daqui a pouco, iremos dar uma caminhada pelo canal e, quando você me ouvir dizer as palavras ‘minha velha tia solteirona que vivia em Winnipeg’...”

Dirk agarrou de repente o braço de Richard para segurá-lo.

A fita continuou: “... irá tirar todas as suas roupas e pular na água. Uma vez lá, perceberá que não consegue nadar, mas não irá entrar em pânico nem afundar, apenas se manterá à tona até eu lhe jogar uma boia salva-vidas...”

Dirk parou a fita e virou-se para encarar Richard, que, pela segunda vez naquele dia, estava branco como um lençol.

– Seria interessante saber o que exatamente lhe deu na cabeça para invadir o apartamento da Srta. Way na noite passada. E por quê.

Richard não respondeu; continuava a olhar para o gravador, confuso. Então, falou, com a voz trêmula:

– Tinha uma mensagem de Gordon na fita de Susan. Ele telefonou do carro. A fita está no meu apartamento. Dirk, estou começando a ficar com muito medo disso tudo.

capítulo 21

De trás de uma van estacionada a alguns metros de distância, Dirk observava o policial de plantão em frente ao prédio de Richard. Ele estava detendo e interrogando todos os que tentavam entrar no pequeno beco transversal em que ficava a porta do apartamento de Richard, incluindo, percebeu Dirk com satisfação, outros policiais, se não os reconhecesse imediatamente. Outra viatura chegou e Dirk começou a se mover.

Um policial saiu do carro carregando um serrote e foi em direção à porta. Dirk se apressou a segui-lo, mantendo-se a uns dois passos de distância, andando com ares de autoridade.

– Tudo bem, ele está comigo – falou, ultrapassando-o no exato momento em que o policial de plantão parou o outro.

Então, ele estava dentro do prédio, subindo as escadas.

O policial com o serrote entrou atrás dele.

– Ahn, desculpe, senhor...

Dirk tinha acabado de chegar ao ponto em que o sofá obstruía o caminho. Ele parou e virou para trás.

– Fique aqui, vigie este sofá. Não deixe ninguém tocá-lo, ninguém. Entendido?

O policial pareceu desconcertado por alguns instantes.

– Tenho ordens para serrá-lo.

– Contraordem! – vociferou Dirk. – Vigie-o como um falcão. Vou querer um relatório completo.

Ele se virou e passou por cima do sofá. Logo em seguida, viu-se em uma grande área aberta. Era o primeiro dos dois pisos que compunham o apartamento de Richard.

– Já inspecionou aquilo ali? – perguntou Dirk com rispidez a outro oficial, que estava sentado à mesa de jantar de Richard correndo os olhos por algumas anotações.

O policial levantou a cabeça, surpreso, e começou a se levantar. Dirk estava apontando para a lata de lixo.

– Ahn, já...

– Inspeção outra vez. Não pare. Quem está aqui?

– Bem...

– Não tenho o dia inteiro.

– O inspetor Mason acabou de sair com...

– Ótimo, estou afastando-o do caso. Estarei no andar de cima se precisarem de mim, mas só me interrompa se for muito importante. Entendido?

– Quem...?

– Não estou vendo você inspecionar a lata de lixo.

– Está bem, senhor. Eu vou...

– Quero que a inspeção a fundo. Entendido?

– Ahn...

– Mãos à obra.

Dirk subiu depressa as escadas e entrou no escritório de Richard.

A fita estava exatamente onde Richard lhe dissera que estaria, na mesa longa em que ficavam os seis Macintosh. Dirk estava prestes a colocá-la no bolso quando a imagem do sofá de Richard girando devagar na tela do computador maior chamou sua atenção, então ele se sentou diante do teclado.

Passou algum tempo explorando o programa que Richard havia desenvolvido, mas logo percebeu que, em sua versão atual, ele não era nada autoexplicativo, de modo que não descobriu muita coisa. Por fim, conseguiu desprender o sofá e descê-lo pela escada, mas então se deu conta de que, para fazer isso, precisara girar um pedaço da parede para fora. Com um resmungo de irritação, acabou desistindo.

Olhou para outro computador, que estava exibindo uma onda senoidal constante. Nas beiradas da tela, havia pequenas imagens de outras formas de onda que podiam ser selecionadas e acrescentadas à principal ou usadas para modificá-la de outras maneiras. Dirk não tardou a descobrir que isso lhe permitia criar formas de onda muito complexas a partir de outras mais simples, e brincou disso por um tempo. Acrescentou uma onda senoidal simples à primeira, dobrando a altura dos seus picos e vales. Depois, deslizou uma das ondas um pouco para trás em relação à outra, e os picos e vales de uma neutralizaram os da anterior, deixando apenas uma linha reta. Em seguida, mudou ligeiramente a frequência de uma das ondas.

O resultado foi que, em alguns pontos da forma de onda combinada, as duas ondas se reforçavam, enquanto em outros elas se neutralizavam. Quando acrescentou uma terceira onda simples com outra frequência diferente, o resultado foi uma onda combinada em que era difícil identificar qualquer tipo de padrão. A linha dançava para cima e para baixo de forma aparentemente aleatória, mantendo-se em um ponto muito baixo por certos períodos e subindo de repente até picos e vales muito acentuados à medida que as três ondas entravam em uma breve sintonia umas com as outras.

Dirk supôs que, em meio àquele conjunto de equipamentos, deveria haver uma maneira de traduzir em música a forma de onda que dançava na tela do Macintosh, então começou a vasculhar os

menus disponíveis no programa. Encontrou um item que o convidava a transferir o modelo de onda para um Emu.

Isso o deixou intrigado. Correu os olhos pelo escritório em busca de uma grande ave que não sabia voar, mas não encontrou nada parecido. Ativou o processo assim mesmo, então seguiu o cabo que saía de trás do Macintosh pela mesa abaixo, ao longo do chão, por trás de um armário e por baixo de um tapete até encontrá-lo plugado à parte de trás de um grande teclado cinza chamado Emulator II.

Supunha ser ali que sua forma de onda experimental tinha acabado de chegar. Hesitante, pressionou uma tecla.

O terrível som de peido que saiu no mesmo instante das caixas de som foi tão alto que por um instante ele não ouviu as palavras “Svlad Cjelli!” gritadas da porta.

Richard estava sentado no escritório de Dirk, atirando bolinhas de papel na lata de lixo, que já estava cheia de telefones. Então, quebrou alguns lápis. Tocou trechos inteiros de um velho solo de bateria de Ginger Baker nos joelhos.

Em suma, roía-se por dentro.

Vinha tentando anotar em uma folha de papel de carta tudo o que conseguia se lembrar dos acontecimentos da noite anterior e, até onde conseguia determinar os horários em que eles ocorreram. Ficou surpreso ao ver como isso era difícil e quanto sua memória consciente era frágil se comparada à inconsciente, conforme Dirk lhe havia demonstrado.

Maldito Dirk, pensou. Ele queria falar com Susan.

Ele lhe avisara para não fazer isso sob hipótese alguma, pois as linhas telefônicas estariam sendo rastreadas.

– Maldito Dirk – falou de repente, levantando-se com um salto.

Saiu do escritório e se dirigiu a Janice, que fazia questão de continuar emburrada.

– Você tem moedas de 10 centavos? – perguntou.

Dirk se virou.

Um vulto alto estava parado diante da porta, oculto pelas sombras.

O vulto alto não parecia estar nem um pouco satisfeito com o que via; na verdade, parecia muito irritado. Mais do que irritado. Parecia um vulto alto capaz de decapitar meia dúzia de galinhas e ainda continuar furioso mesmo assim.

Ele deu um passo em direção à luz, revelando ser o sargento Gilks da polícia de Cambridgeshire.

– Você sabia – disse ele, piscando para conter as emoções – que, quando volto para cá e encontro um policial vigiando um sofá com um serrote e outro desmembrando uma lata de lixo inútil, sou obrigado a me fazer certas perguntas? Perguntas essas que me dão a sensação incômoda de que não vou gostar das respostas. É aí que eu me vejo subindo as escadas com um pressentimento terrível, Svlad Cjelli, simplesmente terrível. Um pressentimento, devo acrescentar, que, para o meu desgosto, vejo agora que estava correto. Suponho que você também possa lançar alguma luz sobre a questão da égua encontrada dentro de um banheiro, ou não? Me parece o tipo de coisa em que você estaria envolvido.

– Não, não posso. Pelo menos ainda não. Mas estou estranhamente interessado no assunto.

– Eu bem que imaginei. Você também estaria estranhamente interessado no assunto se fosse designado para a tarefa de descer aquele maldito animal por uma maldita escada em caracol a uma da manhã. O que diabo você está fazendo aqui? – questionou Gilks, exausto.

– Eu estou aqui em busca de justiça.

– Bem, então, se eu fosse você, passaria longe de mim. E com certeza passaria longe da polícia metropolitana. O que você sabe

sobre MacDuff e Way?

– Sobre Way? Nada que já não seja de conhecimento geral. MacDuff eu conheci em Cambridge.

– Ah, é mesmo? Descreva-o para mim.

– Alto. Alto e magérrimo. Boa gente. Um pouco como um louva-a-deus que não caça outros insetos. Uma espécie dócil de louva-a-deus que desistiu de caçar e prefere jogar tênis.

– Hum – rosnou Gilks, dando-lhe as costas para examinar o escritório.

Dirk embolsou a fita.

– Parece a mesma pessoa – comentou Gilks.

– E, é claro, totalmente incapaz de cometer um assassinato.

– Isso cabe à polícia decidir.

– E a um júri, naturalmente.

– Um júri! Essa é boa!

– Embora não vá ser preciso chegar a tanto, uma vez que os fatos falarão por si mesmos bem antes que o meu cliente possa ser levado a julgamento.

– O seu... cliente? Muito bem, Cjelli, onde ele está?

– Não faço a menor ideia.

– Aposto que um endereço de cobrança você tem.

Dirk deu de ombros.

– Veja bem, Cjelli, esta é uma investigação criminal perfeitamente normal e inofensiva e não quero que você a atrapalhe. Então, considere-se alertado desde já. Se eu vir uma só evidência levitando por aí, eu vou acertá-lo tão forte que você não vai saber diferenciar o dia de amanhã de quinta. Agora suma daqui e me dê essa fita antes de sair. – Ele estendeu a mão.

Dirk pestanejou, genuinamente surpreso.

– Qual fita?

Gilks suspirou.

– Você é esperto, Cjelli, eu admito, mas comete o mesmo erro que muitas pessoas espertas: o de achar que todas as outras são burras. Se eu me afastei momentaneamente foi por um motivo: saber o que você iria pegar. Não precisava ver você pegar nada, mas apenas perceber o que estaria faltando depois. Nós recebemos treinamento, sabia? Tínhamos meia hora de Treino de Observação nas tardes de terça. Era um descanso das quatro horas seguidas de Brutalidade Irracional.

Dirk escondeu sua raiva por trás de um pequeno sorriso. Ele pegou a fita do bolso de seu sobretudo de couro e a entregou para o sargento.

– Coloque-a para tocar – ordenou Gilks. – Vamos ouvir o que você não queria que nós ouvíssemos.

– Não é que eu não queira que vocês ouçam – replicou Dirk, encolhendo os ombros. – Só queria ouvir primeiro.

Ele foi até a prateleira em que estava o aparelho de som de Richard e colocou o cassete no toca-fitas.

– Por que não faz uma pequena introdução para mim?

– É uma fita da secretária eletrônica de Susan Way. Parece que Gordon Way tinha o costume de deixar longas...

– Sim, já sei disso. E a secretária dele vai de casa em casa pela manhã para buscar as fitas com tudo o que ele falou, coitada.

– Bem, acredito que ele tenha deixado uma mensagem nesta fita pelo telefone do carro ontem à noite.

– Entendi. Ok, vá em frente.

Com uma mesura graciosa, Dirk pressionou a tecla Play.

“Oi, Susan, aqui é o Gordon. Estou indo para o chalé...”

– Chalé! – exclamou Gilks, sarcástico.

“É, ahn, noite de quinta-feira e são, ahn... 20h47. A estrada está com um pouco de neblina. Olhe, eu vou receber aquele pessoal dos Estados Unidos este fim de semana...”

Gilks arqueou as sobrancelhas, conferiu seu relógio e fez uma anotação em seu bloquinho.

Tanto Dirk quanto o sargento sentiam um arrepio ao ouvirem a voz do defunto preencher o recinto.

"... não sei como não acabo morto em uma vala no acostamento, aliás, isso seria extraordinário, não seria, deixar suas famosas últimas palavras na secretária eletrônica de alguém, não há o menor motivo..."

Eles ouviram, em um silêncio carregado de tensão, a fita tocar toda a mensagem.

"Este é o problema com crânios: eles têm uma ideia brilhante que dá certo e esperam que você continue patrocinando-os por anos e anos enquanto ficam sentados calculando a topografia de seus umbigos. Desculpe, mas preciso parar para fechar o portamalas direito. Só um instante."

Ouviu-se o baque surdo do fone sendo largado no banco do carona e, alguns segundos depois, o som da porta do carro sendo aberta. Enquanto isso, a música do sistema de som continuava a balbuciar ao fundo.

Passados mais alguns segundos, ouviu-se o estampido distante, abafado, mas inconfundível, de um tiro de espingarda de cano duplo.

– Pare a fita – falou Gilks com rispidez, tornando a conferir o relógio. – Três minutos e 25 segundos depois de ele falar que eram 20h47. – Ele ergueu os olhos para Dirk. – Fique aqui. Não se mova. Não toque em nada. Já anotei a posição de cada partícula de ar neste escritório, então, se você respirar, eu ficarei sabendo.

Ele se virou depressa e foi embora. Dirk o ouviu falar enquanto descia as escadas:

– Tuckett, vá até o escritório da Way Forward, consiga os detalhes do telefone do carro de Way: número, companhia...

A voz desapareceu escada abaixo.

Dirk baixou o volume do aparelho de som e voltou a colocar a fita para tocar.

A música continuou por algum tempo. Dirk tamborilou, frustrado. A música seguia tocando.

Pressionou o botão Fast Forward apenas por um instante. Música ainda. Ocorreu-lhe que ele estava procurando algo, mas não sabia o quê. Foi então que teve um estalo.

Claramente estava procurando por algo.

Claramente não sabia o que era.

A constatação de que não sabia por que fazia aquilo lhe deu um frio na espinha. Virou-se devagar, como a porta de uma geladeira se abrindo.

Não havia ninguém ali, pelo menos ninguém que ele pudesse ver. Mas Dirk conhecia aquele tipo de arrepio que se espalhava pela sua pele e o detestava mais do que tudo.

– Se alguém estiver me ouvindo, preste muita atenção – falou com um sussurro hostil. – Minha mente é o centro do meu ser e sou o único responsável por tudo o que acontece nela. Outras pessoas podem acreditar no que bem entenderem, mas eu não farei nada sem saber o motivo e sem sabê-lo muito bem. Se quiser algo de mim, diga agora, mas fique longe da minha mente.

Dirk tremia com uma raiva profunda e antiga. A sensação arrepiante se afastou devagar dele, de forma quase patética, e pareceu sair pelo escritório afora. Tentou segui-la com os sentidos, mas foi distraído por uma voz que pareceu vir em sua direção de repente, quase imperceptível, como um vento que uivava ao longe.

Era uma voz surda, aterrorizada e confusa, não mais do que um sussurro insubstancial, mas estava ali, audível, registrada na fita da secretária eletrônica: “Susan! Susan, socorro! Me ajude, pelo amor de Deus. Susan, eu estou morto...”

Dirk girou para trás e parou a fita.

– Sinto muito – falou baixinho –, mas preciso proteger o meu cliente.

Ele rebobinou muito pouco a fita, só até o ponto em que a voz começava, tirou o som da gravação e pressionou a tecla Record. Deixou a fita rolar, apagando a voz e tudo o que pudesse vir depois. Se ela iria determinar a hora da morte de Gordon Way, Dirk não queria que houvesse nenhum indício constrangedor de Gordon falando nela depois disso, mesmo que apenas para confirmar que estava realmente morto.

Pareceu haver uma grande comoção no ar à sua volta. Uma onda de algo atravessou o recinto, fazendo os móveis tremerem enquanto passava. Dirk olhou para onde ela parecia ir, em direção a uma prateleira perto da porta, onde ele notou estar a secretária eletrônica de Richard. A máquina começou a sacudir espasmodicamente, mas parou quando Dirk se aproximou. Ele estendeu a mão devagar, com calma, e pressionou a tecla que ativava a gravação de chamadas.

A turbulência no ar atravessou o escritório até a mesa longa de Richard, onde dois telefones de disco estavam aninhados entre as pilhas de papel e disquetes. Dirk adivinhou o que aconteceria em seguida, mas preferiu assistir em vez de intervir.

Um dos fones caiu do gancho. Dirk ouviu o tom de discagem. Então, devagar e com clara dificuldade, o disco começou a rodar. Ele foi girando, girando, cada vez mais devagar, até deslizar de volta de repente.

Houve uma pequena pausa. O gancho desceu e subiu para produzir um novo tom de discagem. O disco voltou a girar, porém com mais dificuldade ainda do que da última vez.

Ele deslizou de volta novamente.

A pausa foi mais longa dessa vez, então todo o processo foi repetido de novo.

Quando o disco deslizou pela terceira vez, houve uma repentina explosão de fúria: todo o telefone saltou para cima e foi atirado para o outro lado do escritório. O fio se enroscou em uma lâmpada de mesa no caminho e a derrubou em uma confusão de cabos, xícaras de café e disquetes. Uma pilha de livros entrou em erupção em cima da mesa e foi parar no chão.

O sargento Gilks estava parado diante da porta; seu rosto era uma máscara inexpressiva.

– Vou dar outra saidinha. Quando eu voltar, não quero ver nada parecido com isso acontecendo. Fui claro? – Ele se virou e desapareceu.

Dirk saltou em direção ao toca-fitas e pressionou a tecla para rebobinar o cassete. Então, virou-se e sibilou para o ar:

– Não sei quem você é, mas tenho um palpite. Se quiser minha ajuda, nunca mais me envergonhe dessa maneira!

Logo em seguida, Gilks voltou a entrar.

– Ah, aí está você.

Ele avaliou a bagunça com um olhar contido.

– Vou fingir que não vi nada disso, assim não precisarei fazer perguntas cujas respostas tenho certeza que só servirão para me irritar.

Dirk ficou radiante.

Nos instantes de silêncio que se seguiram, um ligeiro zumbido fez o sargento olhar firme para o toca-fitas.

– O que a fita está fazendo?

– Rebobinando.

– Entregue-a para mim.

A fita chegou ao começo e parou assim que Dirk a alcançou. Ele a ejetou, dando-a para Gilks.

– Por mais que isto me irrite, há um álibi perfeito para o seu cliente: a Cellnet confirmou que a última chamada feita do carro de Way foi às 20h46 da noite passada, hora em que o seu cliente

estava cochilando na frente de várias centenas de testemunhas. Quando digo testemunhas, quero dizer estudantes em sua maioria, mas provavelmente seremos obrigados a supor que eles não estão todos mentindo.

– Ótimo. Bem, fico feliz que esteja tudo esclarecido.

– Não acreditávamos que tivesse sido ele, é claro. Algo não encaixava bem. Mas você nos conhece: gostamos de obter resultados. Diga a ele que ainda queremos lhe fazer algumas perguntas.

– Com certeza farei isso caso volte a vê-lo.

– Faça-me esse pequeno favor.

– Bem, não vou mais prender você, sargento – falou Dirk, acenando vagamente para a porta.

– Não, mas eu vou prendê-lo se você não sumir daqui em trinta segundos, Cjelli. Não sei o que está tramando, mas, se eu puder evitar descobrir, dormirei mais tranquilo no meu escritório. Fora.

– Tenha um bom dia, sargento. Não direi que foi um prazer, porque não foi.

Dirk se escafedeu dali e saiu do apartamento, notando com tristeza que, onde antes havia um grande sofá estofado preso de forma magnífica no vão da escada, restava apenas um desolador montinho de serragem.

Michael Wenton-Weakes ergueu os olhos do livro com um sobressalto.

De repente, sua mente pulsava de determinação. Pensamentos, imagens, memórias, intenções, tudo se fundia dentro dele, e quanto mais essas coisas pareciam se contradizer, mais elas se encaixavam, se uniam, se cristalizavam.

As arestas de uma se alinhavam pouco a pouco às arestas da outra, formando enfim a conjunção perfeita.

Embora a espera tenha parecido durar a mais eterna das eternidades, quando tudo o que havia era fracasso, debilidade, apatia, impotência e solidão, a conjunção, uma vez concluída, neutralizava tudo isso. Neutralizaria tudo isso. Corrigiria o erro desastroso que fora cometido.

Quem teve essa ideia? Não importava: as peças estavam encaixadas, a conjunção era perfeita.

Michael olhou pela janela, para a rua bem cuidada de Chelsea, e pouco lhe importava se o que via eram criaturas viscosas com pernas ou se eram todos o Sr. A. K. Ross. O importante era o que eles haviam roubado e seriam obrigados a devolver. Ross agora fazia parte do passado. O que o interessava agora encontrava-se em um passado ainda mais remoto.

Seus olhos grandes, dóceis e bovinos voltaram-se para os últimos versos de "Kubla Khan", que ele havia acabado de ler. A união era completa; tudo se encaixava.

Fechou o livro e o guardou no bolso.

O caminho de volta estava claro agora. Ele sabia o que precisava fazer. Mas, antes, teria que ir às compras.

capítulo 22

— Você? Procurado por assassinato? Richard, do que está falando?

O telefone tremia na mão de Richard. Ele o segurava a certa distância do ouvido de qualquer forma, pois parecia que alguém o havia mergulhado em um prato de yakisoba, mas poderia ser pior. Era um telefone público, afinal, e o simples fato de estar funcionando já era um milagre. Richard começava a ter a sensação de que o mundo se afastara alguns centímetros dele, como alguém em um comercial de desodorante.

— Gordon — falou Richard, hesitante. — Gordon foi assassinado, não foi?

Susan fez uma pausa antes de responder, transtornada:

— Sim, Richard, mas ninguém acha que foi você. É claro que querem interrogá-lo, mas...

— Então a polícia está com você agora?

— Não, Richard — insistiu Susan. — Olhe, por que não vem para cá?

— E eles não estão me procurando?

— Não! De onde você tirou essa ideia de que está sendo procurado, de que eles acham que você é o culpado?

— Ahn, bem, foi o que um amigo meu disse.

— Quem?

– O nome dele é Dirk Gently.

– Você nunca me falou dele. Quem é esse cara? Ele falou mais alguma coisa?

– Ele me hipnotizou e, ahn, me fez pular no canal, e foi aí que eu...

Um silêncio terrivelmente longo se instalou do outro lado da linha.

– Richard – falou Susan, enfim, com o tipo de calma que se apodera das pessoas quando percebem que, por piores que as coisas estejam, nada impede que elas possam piorar ainda mais –, venha para cá. Eu estava prestes a dizer que preciso ver você, mas acho que é você quem precisa me ver.

– Eu deveria ir à polícia.

– Vá à polícia mais tarde. Richard, por favor, algumas horas não vão fazer diferença. Eu... eu mal consigo pensar direito. Richard, é tão terrível... Seria mais fácil se você estivesse aqui. Onde você está?

– Está bem. Chego em vinte minutos.

– Devo deixar a janela aberta ou você prefere entrar pela porta?

– perguntou Susan com uma fungadela.

capítulo 23

— Não, por favor – falou Dirk, impedindo que a Srta. Pearce abrisse uma carta do Imposto de Renda –, temos horizontes mais indômitos para desbravar.

Ele havia acabado de sair de seu escritório escuro, onde passara um bom tempo mergulhado em uma reflexão profunda, e exibia um ar de vigorosa concentração. Só depois de ver a assinatura de Dirk em um cheque genuíno é que a secretária se convenceu a perdoá-lo da última extravagância injustificável que trouxera para o escritório – e Dirk achava que ficar sentada ali abrindo descaradamente cartas de cobrança de impostos era uma forma bastante equivocada de interpretar seu gesto magnânimo.

Ela largou o envelope de lado.

– Venha comigo! – chamou ele. – Quero lhe mostrar uma coisa. Terei o maior interesse em observar sua reação.

Dirk voltou para a sua sala particular e sentou-se à mesa.

Ela o seguiu com paciência e sentou-se à sua frente, fazendo questão de ignorar a nova extravagância injustificável em cima da mesa dele.

A placa de bronze espalhafatosa para a porta a havia tirado do sério, mas aquele telefone idiota com teclas vermelhas grandes... ela achava que não merecia sequer seu desprezo. E sem dúvida não iria fazer nada de precipitado, como sorrir, até ter certeza de que o

cheque tinha fundos. Da última vez em que Dirk lhe passara um cheque, ele o cancelara antes do fim do dia, para evitar que “caísse nas mãos erradas”. Mãos erradas que eram, aparentemente, as do gerente bancário de Janice.

Ele deslizou um pedaço de papel até o outro lado da mesa.

Ela o apanhou e o fitou. Então, virou-o do avesso e tornou a olhar. Depois de analisar o verso, largou-o.

– E então? – quis saber Dirk. – O que acha? Diga para mim!

A Srta. Pearce suspirou.

– É um monte de garranchos sem sentido feitos com uma caneta hidrográfica azul em um pedaço de papel de carta. Parece que foi você mesmo quem fez.

– Não! – vociferou Dirk. – Quer dizer, sim, mas só porque acredito que seja a solução para o problema.

– Qual problema?

– O problema – insistiu Dirk, dando um tapa na mesa – do truque de mágica! Já falei para você!

– Sim, Sr. Gently, várias vezes. Acho que foi apenas um truque de mágica. Como os que passam na televisão.

– Com a seguinte diferença: esse era totalmente impossível!

– Se fosse impossível, ele não teria conseguido executar. É uma questão de lógica.

– Exatamente! – exclamou Dirk, empolgado. – Exatamente! Srta. Pearce, você é uma dama de rara perspicácia e astúcia.

– Obrigada, posso ir agora?

– Espere! Ainda não terminei! Estou apenas começando! Você me demonstrou quanto é perspicaz e astuta; agora é minha vez!

A secretária se afundou pacientemente em sua cadeira.

– Acredito que você ficará impressionada. Considere o seguinte. Um problema de difícil resolução. Meus pensamentos davam voltas e voltas na minha cabeça para tentar solucioná-lo, quase me enlouquecendo de tanto voltar sempre aos mesmos pontos. Estava

claro que eu não iria conseguir pensar em mais nada até descobrir a solução, mas também era claro que eu precisaria pensar em outra coisa se quisesse *encontrá-la* algum dia. Como quebrar esse círculo vicioso? Pergunte-me como.

– Como? – disse a Srta. Pearce, obediente, mas sem entusiasmo.

– Escrevendo a resposta! E aqui está ela! – Dirk deu um tapa triunfal no pedaço de papel e se recostou com um sorriso de satisfação.

A secretária olhou para o papel, sem entender nada.

– O resultado – prosseguiu Dirk – é que agora posso voltar minha mente para novos e intrigantes problemas, como, por exemplo... – Ele pegou o pedaço de papel, coberto de garranchos e rabiscos aleatórios e o ergueu para a Srta. Pearce. – Em que língua isto está escrito? – perguntou ele com uma voz grave, soturna.

A secretária continuava a olhar para o papel sem entender nada.

Dirk largou-o, colocou os pés sobre a mesa e jogou a cabeça para trás com as mãos na nuca.

– Viu o que eu fiz? – indagou ao teto, que pareceu se encolher um pouco ao ser puxado de forma tão repentina para a conversa. – Transformei um problema de alta dificuldade e possivelmente insolúvel em um mero enigma linguístico. – E então, depois de um longo silêncio reflexivo: – Se bem que ele também é de alta dificuldade e possivelmente insolúvel.

Dirk tornou a fitar Janice Pearce com um olhar intenso.

– Vamos, diga que é loucura; mas pode muito bem dar certo!

A secretária pigarreou.

– É uma loucura, disso tenho certeza.

Dirk se virou, afundando-se de lado na cadeira, mais ou menos como o modelo de *O pensador* devia fazer quando Rodin saía para ir ao banheiro.

De repente, ele pareceu ser invadido por um cansaço e depressão profundos.

– Eu sei que deve haver algo de muito errado em alguma parte – falou ele com uma voz grave, desanimada. – E sei que preciso ir até Cambridge para resolver isto. Mas eu teria menos medo se soubesse do que se trata...

– Posso ir embora agora, por favor? – questionou a Srta. Pearce. Dirk a encarou, sorumbático.

– Pode – respondeu ele com um suspiro. Então, mexendo no papel com as pontas dos dedos: – Mas, antes, me diga apenas o que acha disto.

– Bem, eu acho infantil – respondeu Janice com franqueza.

– Mas... mas... mas! – exclamou Dirk, frustrado, batendo na mesa. – Será que você não percebe que precisamos ser infantis para entender? Que apenas crianças veem as coisas com total clareza, pois ainda não desenvolveram todos os filtros que nos impedem de enxergar aquilo que não esperamos ver?

– Por que não pergunta a uma criança?

– Obrigado, Srta. Pearce – falou Dirk, apanhando seu chapéu –, mais uma vez você me prestou um serviço inestimável, pelo qual agradeço imensamente.

Ele saiu depressa dali.

capítulo 24

O tempo começou a piorar enquanto Richard seguia para o apartamento de Susan. O céu, que pela manhã havia exibido tanto vigor e entusiasmo, começava a perder sua concentração e voltar ao seu estado britânico habitual, que era parecido com um pano de prato úmido e sujo. Richard pegou um táxi, chegando em poucos minutos.

– Deviam ser todos deportados – comentou o motorista enquanto eles paravam.

– Ahn... Quem deveria? – perguntou Richard, que percebeu não ter ouvido uma só palavra do que o taxista tinha dito.

– Ahn... – disse o taxista, notando de repente que tampouco tinha ouvido suas próprias palavras. – Todos eles. Temos que nos livrar dessa cambada toda, é o que eu acho. Dessa corja maldita – acrescentou ele para concluir melhor.

– Imagino que tenha razão – falou Richard, e entrou a passos rápidos no prédio.

Ao chegar à porta da frente do apartamento, pôde ouvir o violoncelo de Susan, uma melodia lenta, pomposa. Ficou feliz que ela estivesse tocando. A namorada possuía uma autossuficiência e um controle emocional extraordinários, desde que pudesse tanger seu violoncelo. Ele havia notado algo curioso sobre o relacionamento dela com a música. Quando estava se sentindo

emotiva ou abalada, era capaz de se sentar, tocar um pouco com total concentração e então ficar revigorada e serena.

Na vez seguinte, tocava a mesma música, no entanto, tudo vinha à tona de forma explosiva e ela ficava em frangalhos.

Richard entrou da forma mais silenciosa possível para não atrapalhar sua concentração.

Passou na ponta dos pés pelo pequeno quarto em que Susan ensaiava, mas a porta estava aberta e ele parou para observá-la, sinalizando com toda a discrição que ela não devia parar. Susan lhe pareceu pálida e abatida, mas abriu um breve sorriso e continuou a tocar o instrumento com uma intensidade repentina.

Com um timing impecável do qual raramente é capaz, o sol escolheu aquele momento para irromper por alguns instantes das nuvens carregadas que se acumulavam no céu, de modo que, enquanto Susan tocava seu violoncelo, uma luz tempestuosa brincou sobre ela e sobre o marrom fechado e antigo da madeira do instrumento. Richard ficou petrificado. O tumulto do dia se calou por alguns instantes e guardou uma distância respeitosa.

Richard não conhecia a música, mas parecia Mozart, e ele lembrou que ela precisava praticar algumas peças do compositor. Entrou em silêncio no quarto e se sentou para esperar e ouvir.

Depois que terminou de tocar, Susan precisou de um minuto de silêncio para se recompor. Pestanejou, sorriu e lhe deu um abraço longo e trêmulo, então se desvencilhou dele e colocou o telefone de volta no lugar – ela geralmente o tirava do gancho para ensaiar.

– Desculpe – falou Susan –, não queria parar. – Secou uma lágrima como se ela a irritasse um pouco. – Tudo bem, Richard?

Ele deu de ombros e a encarou com um olhar confuso. Isso pareceu resumir tudo.

– E eu vou ter que seguir em frente, fazer o quê? – disse Susan com um suspiro. – Desculpe. É só que tenho estado... – Ela balançou a cabeça. – Quem faria uma coisa dessas?

– Não sei. Algum louco. Não sei se faz diferença quem foi.
– Não, não faz. Olhe, você almoçou?
– Não. Continue tocando, Susan, que eu vou ver o que tem na geladeira. Podemos conversar sobre tudo isso enquanto comemos alguma coisa.

Susan assentiu.

– Está bem, só que...

– O que foi?

– Bem, eu não quero falar sobre Gordon por enquanto. A ficha ainda não caiu. É como se tivessem me pegado com as calças na mão. Seria mais fácil se eu fosse mais próxima dele, mas eu não era, então estou meio envergonhada por não ter tido a reação que uma irmã teria. Não acho que seria um problema falar no assunto se não tivesse que usar o tempo passado, e é isso que...

Susan o abraçou e se acalmou com um suspiro.

– Não tem muita coisa na geladeira. Um pouco de iogurte, talvez, um pote de manjubas que você poderia abrir. Sei que conseguiria estragá-las se tentasse prepará-las, mas eles já vêm prontos, na verdade. O truque é não deixá-las cair no chão ou passar geleia nelas.

Ela lhe deu outro abraço, um beijo e um sorriso triste, então voltou para o seu ensaio.

O telefone tocou.

– Alô? – atendeu Richard.

Não se ouvia nada, apenas uma espécie de barulho de vento na linha.

– Alô? – repetiu ele, esperou, encolheu os ombros e colocou o telefone no gancho.

– Tinha alguém na linha? – perguntou Susan.

– Não, ninguém.

– Isso já aconteceu algumas vezes. Acho que é algum tipo de asmático minimalista. – Ela voltou a tocar.

Richard foi até a cozinha e abriu a geladeira. Preocupava-se menos com alimentação saudável do que Susan, portanto não ficou nada entusiasmado com o que encontrou ali, mas conseguiu colocar os tais rolinhos de manjuba, um pouco de iogurte, um pouco de arroz e algumas laranjas em uma travessa sem dificuldade e tentou não pensar que dois hambúrgueres bem gordos com batatas fritas cairiam muito bem.

Encontrou uma garrafa de vinho branco e carregou tudo até a pequena mesa de jantar.

Alguns minutos depois, Susan veio se juntar a ele. Estava o mais calma e serena possível e, após algumas garfadas, perguntou-lhe sobre o incidente no canal.

Richard balançou a cabeça, perplexo, e tentou explicar o que acontecera e falar a respeito de Dirk.

– Como é que é o nome dele? – perguntou Susan com as sobrancelhas franzidas quando ele concluiu a história.

– Ahn, Dirk Gently, de certo modo.

– De certo modo?

– Ahn, sim.

Richard deu um suspiro. Pensou que praticamente qualquer coisa que pudesse dizer sobre Dirk estaria sujeito àquele tipo de ressalva vaga e duvidosa. Havia, inclusive, no cabeçalho do papel de carta dele, uma série de ressalvas vagas e duvidosas depois do seu nome. Ele apanhou a folha de papel em que havia tentado em vão organizar seus pensamentos mais cedo.

– Eu... – começou a falar, mas a campainha tocou.

Os dois se entreolharam.

– Se for a polícia – disse Richard –, é melhor eu falar com eles. Vamos terminar logo com isso.

Susan empurrou a cadeira para trás, foi até a porta da frente e atendeu o interfone.

– Sim? – Após alguns instantes, acrescentou: – Quem é?

Ela franziu a testa enquanto ouvia, então se virou e encarou Richard.

– É melhor você subir – falou Susan em um tom de voz nada amigável, pressionando o botão do interfone.

Voltou e sentou-se.

– É o seu amigo – avisou ela, mantendo a calma –, o Sr. Gently.

O dia do Monge Eletrônico estava indo excepcionalmente bem e ele se lançou em uma galopada cheia de entusiasmo. Isso quer dizer que ele esporeou entusiasmado sua égua, que, por sua vez, saiu a galope sem entusiasmo algum.

Aquele mundo era bom, pensou o Monge. Ele o adorava. Não sabia do que era feito ou de onde tinha vindo, mas era sem dúvida um lugar profundamente gratificante para alguém com seus talentos singulares e extraordinários.

O Monge era apreciado. Passara todo o dia se aproximando e travando conversas com as pessoas, escutando seus problemas e então dizendo com branduras as seguintes três palavras mágicas: “Acredito em você.”

O efeito tinha sido, sem exceções, eletrizante. Não que as pessoas naquele mundo não dissessem isso umas às outras de vez em quando, mas, pelo que parecia, raramente atingiam o timbre profundo de sinceridade que o Monge havia sido programado de forma tão magnífica para reproduzir.

Afinal de contas, em seu próprio mundo, todos já estavam mais do que habituados a ele. As pessoas já esperavam que ele acreditasse nas coisas por elas sem incomodá-las. Alguém batia à porta com alguma nova ideia ou proposta brilhante, ou até mesmo uma nova religião, e a resposta seria: “Ah, vá contar para o Monge.” E ele sentaria para ouvir e acreditar pacientemente em tudo, só que ninguém mais se interessaria pelo assunto.

Apenas um problema costumava surgir nesse mundo, que era excelente em todos os demais aspectos. Muitas vezes, depois que ele proferia as palavras mágicas, a outra pessoa logo começava a falar de dinheiro – e o Monge naturalmente não tinha nenhum. Esse era um empecilho que arruinava, em um piscar de olhos, vários encontros a princípio muito promissores.

Talvez ele devesse arranjar algum... mas onde?

Puxou as rédeas da égua, que parou com um solavanco, sentindo-se grata, e começou a pastar na grama à beira da estrada. Ela não sabia qual era o sentido de todo aquele galopar para lá e para cá, nem queria saber. Estava sendo levada a galopar ao longo de um banquete de beira de estrada aparentemente sem fim; isso era tudo o que importava. Estava aproveitando ao máximo a ocasião enquanto podia.

O Monge lançou um olhar intenso de um lado para o outro da estrada. Ela lhe parecia vagamente familiar. Trotou um pouco mais adiante e olhou outra vez. A égua voltou a pastar alguns metros à frente.

Sim, o Monge tinha estado ali na noite anterior.

Lembrava-se com clareza. Quer dizer, com alguma clareza. Acreditava que lembrava com clareza, o que, no fim das contas, era o que mais importava. Era até ali que ele tinha andado em um estado mental de confusão maior do que o comum, e logo depois da próxima curva, se ele não estivesse enganado outra vez, ficava o pequeno estabelecimento de beira de estrada no qual havia pulado no porta-malas daquele homem simpático, que depois reagiria de forma tão estranha ao ser alvejado.

Talvez tivessem algum dinheiro ali que pudessem deixá-lo levar. Será? Bem, ele já iria descobrir. Tornou a puxar a égua do seu banquete e saiu galopando naquela direção.

Enquanto se aproximava do posto, notou um carro estacionado ali em um ângulo arrogante. O ângulo deixava bem claro que o

automóvel não estava lá para nada tão trivial quanto colocar gasolina e era importante demais para estacionar direito fora do caminho. Qualquer outro veículo que chegasse para abastecer teria que manobrar ao redor dele da melhor maneira possível. O carro era branco, com listras, emblemas e luzes que pareciam importantes.

Quando chegou diante das bombas de gasolina, o Monge desmontou de sua égua e a prendeu a uma delas. Andou em direção à pequena instalação comercial e viu que lá dentro havia um homem de costas, usando um uniforme azul-escuro e um chapéu pontudo. Ele saltitava e girava os dedos em volta das orelhas, para o claro espanto do homem atrás do balcão.

O Monge assistiu à cena, atônito. O homem, acreditou ele com uma falta de esforço tão instantânea que teria impressionado até mesmo um cientologista, devia ser uma espécie de deus para causar tamanho fervor. Esperou para adorá-lo também, mal conseguindo respirar. Logo depois, o homem deu meia-volta, pôs-se a sair da loja, viu o Monge e parou.

O Monge percebeu que o deus devia estar esperando um gesto de adoração da sua parte, então começou a saltitar, girando os dedos em volta das orelhas.

Seu deus o encarou por alguns instantes, agarrou-o, girou-o de costas para si, empurrou-o para a frente sobre a viatura com os braços e pernas abertos e revistou-o em busca de armas.

Dirk entrou no apartamento como um furacão atarracado.

– Srta. Way – disse, agarrando a mão um pouco relutante dela e tirando seu chapéu ridículo –, é um prazer inenarrável conhecê-la, mas também lamento profundamente que nosso encontro seja marcado por um acontecimento tão infeliz, que me obriga a transmitir-lhe meus mais sinceros pêsames. Acredite em mim. Jamais invadiria este momento de luto particular se não fosse uma

questão da mais grave magnitude. Richard, eu solucionei o problema do truque de mágica e é uma coisa extraordinária.

Ele atravessou a sala em um rompante e se deixou cair sobre a cadeira livre à pequena mesa de jantar, sobre a qual largou o chapéu.

– Vou ter que pedir que você nos dê licença, Dirk – falou Richard, frio.

– Não, infelizmente vocês é que terão que me dar licença. O enigma está resolvido e a solução é tão fabulosa que precisei que uma criança de 7 anos a revelasse para mim na rua. Mas com certeza é a solução correta, sem sombra de dúvida. “Então qual é a solução?”, vocês me perguntam, ou melhor, perguntariam se eu os deixasse falar, mas, como não deixo, vou lhes poupar o trabalho e fazer a pergunta eu mesmo, além de respondê-la falando que não direi, pois vocês não acreditariam. Em vez disso, irei lhes mostrar nesta mesma tarde. Mas podem ficar tranquilos que ela explica tudo. Explica o truque, explica o papel que você encontrou e que deveria ter deixado tudo perfeitamente claro para mim se eu não fosse tão idiota. Explica também qual era a terceira pergunta que faltava; ou melhor, e isto é o mais importante, ela mostra qual era a *primeira* pergunta que faltava!

– Que pergunta que faltava? – perguntou Richard, confuso diante daquela pausa repentina e aproveitando para lançar a primeira frase que lhe veio à cabeça.

Dirk pestanejou como se estivesse diante de um imbecil.

– A outra pergunta que o rei Jorge fez, é claro.

– Fez a quem?

– Ao professor – respondeu Dirk, sem paciência. – Você não ouve nada do que diz? Era tudo tão óbvio! – exclamou ele, esmurrando a mesa. – Tão óbvio que a única coisa que me impedia de enxergar a solução era o fato insignificante de o truque ser *totalmente impossível*. Sherlock Holmes afirmou certa vez que,

assim que você elimina o impossível, o que sobra deve ser a resposta, por mais improvável que seja. Eu, no entanto, não gosto de eliminar o impossível. Agora vamos.

– Não.

– O quê? – Dirk ergueu os olhos para Susan, de onde tinha vindo aquela resistência inesperada (pelo menos para ele).

– Sr. Gently – falou Susan com uma voz capaz de talhar madeira –, por que você induziu deliberadamente Richard a pensar que ele estava sendo procurado pela polícia?

Dirk franziu a testa.

– Mas a polícia estava procurando por ele. Ainda está.

– Sim, mas apenas para interrogá-lo! Não porque ele é suspeito de assassinato.

Dirk baixou os olhos.

– Srta. Way, a polícia está interessada em descobrir quem assassinou seu irmão. Com o devido respeito, eu não estou. Admito ser possível que o assassinato tenha alguma relação com o caso, mas ele também pode muito bem ter sido obra de um louco qualquer. O que eu queria desesperadamente descobrir, e ainda quero, é: *Por que Richard escalou as paredes deste prédio para invadir o seu apartamento ontem à noite?*

– Eu já expliquei – protestou Richard.

– O que você me explicou é irrelevante, só me revela o fato crucial de você próprio não saber o motivo! Pelo amor de Deus, achei que tinha demonstrado isso de forma clara o suficiente no canal!

Richard fumegou de raiva.

– Enquanto o observava – prosseguiu Dirk –, ficou muito claro para mim que você mal tinha ideia do risco que estava correndo. A princípio, achei que fosse apenas um ladrão desmiolado fazendo seu primeiro e muito provavelmente último arrombamento. Mas, então, o vulto olhou para trás e eu percebi que era você, que sei

ser um homem inteligente, racional e moderado. Richard MacDuff arriscando o pescoço para escalar canos de drenagem no meio da noite? Tive a impressão de que você só se comportaria de maneira tão inconsequente e radical assim se estivesse terrivelmente preocupado com algo de extrema importância. É ou não é verdade, Srta. Way?

Ele lançou um olhar para Susan, que se sentou devagar, fitando-o com uma expressão alarmada que lhe dizia que ele havia acertado em cheio.

– Apesar disso, quando veio ao meu escritório pela manhã, você parecia perfeitamente calmo e recomposto. Debateu comigo de forma bastante racional depois que eu falei um monte de bobagens sobre o Gato de Schrödinger. Um comportamento inesperado para alguém que, na noite interior, tinha sido levado a tomar medidas drásticas por algum motivo desesperador. Confesso que foi neste momento que me pus a, bem, exagerar a gravidade da sua situação, mas apenas para que você não fugisse de mim.

– Não deu certo. Eu fui embora.

– Mas com certas ideias na cabeça. Eu sabia que você voltaria. Peço as mais humildes desculpas por ter, ahn, manipulado você até certo ponto, mas sabia que o que *eu* precisava descobrir ia muito além daquilo com que a polícia estaria preocupada: se você não era exatamente você mesmo enquanto escalava o prédio na noite passada... então *quem você era, e por quê?*

Richard sentiu um arrepio. O silêncio se prolongou.

– O que isso tem a ver com truques de mágica? – perguntou ele por fim.

– Para descobrir, teremos que ir a Cambridge.

– Mas o que lhe dá tanta certeza de que...

– Isso é algo que me perturba – interrompeu Dirk, uma expressão carregada tomando conta de seu rosto.

Para alguém tão tagarela, de repente ele parecia relutante em falar.

Ele prosseguiu:

– Fico extremamente transtornado quando descubro que sei algo mas não sei por quê. Talvez seja o mesmo tipo de processamento de dados instintivo que permite a uma pessoa apanhar uma bola quase no instante de vê-la no ar. Talvez seja o instinto mais profundo e inexplicável que o alerta quando você está sendo observado. É uma enorme ofensa ao meu intelecto que as mesmíssimas coisas que me fazem desprezar outras pessoas por acreditarem nelas venham a acontecer comigo. Você deve se lembrar do... episódio lamentável envolvendo o gabarito de certas provas.

De repente, Dirk pareceu aflito e fatigado. Teve que buscar forças bem no fundo de si para continuar falando:

– A capacidade de somar dois mais dois e dizer imediatamente que o resultado é quatro é uma coisa. A capacidade de somar a raiz quadrada de 539,7 e o cosseno de 26,432 e dizer que o resultado é... seja lá qual for, é outra bem diferente. E eu... Bem, deixe-me dar um exemplo.

Ele se inclinou para a frente com determinação.

– Na noite passada, vi você invadir este apartamento. Eu *sabia* que algo estava errado. Fiz com que me contasse até os últimos detalhes do que você sabia sobre o que aconteceu ontem à noite e, conseqüentemente, usando apenas meu intelecto, já desvendi o que pode ser o segredo mais oculto deste planeta. Juro que é verdade e que posso prová-lo. Agora, você precisa acreditar em mim quando digo que eu sei, eu *sei*, que há algo de terrivelmente, desesperadamente, espantosamente errado e que devo descobrir o que é. Você vai ou não comigo a Cambridge agora?

Richard assentiu em silêncio.

– Ótimo – comentou Dirk. – O que é isto?

Ele apontou o prato de Richard.

– Manjuba em conserva. Quer?

– Não, obrigado – respondeu Dirk, levantando-se e afivelando o sobretudo. Então, enquanto seguia em direção à porta puxando Richard consigo, acrescentou: – A palavra “manjuba” não existe no meu dicionário. Boa tarde, Srta. Way, deseje-nos sorte.

capítulo 25

Dessa vez, era o estrondo de um trovão e o começo daquela garoa incessante que parece acompanhar tantos dos acontecimentos mais solenes do mundo.

Dirk levantou o colarinho do sobretudo de couro para se proteger do mau tempo, mas nada poderia diminuir sua exuberância demoníaca à medida que ele e Richard se aproximavam dos grandes portões que datavam do século XII.

– St. Cedd’s College, Cambridge! – exclamou, olhando para os portões pela primeira vez em oito anos. – Fundado no ano tal, por alguém que me esqueci em homenagem a alguém cujo nome me escapa.

– St. Cedd? – sugeriu Richard.

– Sabe que deve ter sido ele mesmo? Um dos santos mais chatos da Nortúmbria. Seu irmão Chad era mais chato ainda. Tem uma catedral em Birmingham, para você ter uma ideia. Ah, Bill, é um prazer revê-lo – acrescentou ele, saudando o segurança que também acabava de chegar à faculdade. O homem se virou para olhar.

– Sr. Cjelli, bem-vindo de volta. Lamento pelo ocorrido, espero que seja uma página virada a esta altura.

– Com certeza, Bill, com certeza. Nunca estive melhor. E a Sra. Roberts, como está? Ainda com problemas no pé?

– Não desde que ela o amputou, obrigado por perguntar, senhor. Cá entre nós, eu preferiria que tivessem amputado ela e deixado o pé. Tinha até um cantinho reservado para ele em cima da lareira, mas é aquele negócio: temos que aceitar o que a vida nos dá. – Com um aceno de cabeça breve para Richard, acrescentou: – Sr. MacDuff. Ah, quanto à égua que o senhor mencionou ontem à noite, infelizmente tivemos que tirá-la dali. Ela estava incomodando o professor Chronotis.

– Perguntei só por curiosidade, Bill. Espero que não tenha sido muito incômodo para você.

– Nada nunca me incomoda, senhor, desde que não esteja usando um vestido. Fico louco da vida quando vejo rapazinhos usando vestidos, senhor.

– Se a égua voltar a incomodá-lo, Bill – interveio Dirk, dando-lhe tapinhas nos ombros –, mande-a para mim, que eu falo com ela. Agora, você mencionou o professor Chronotis. Ele se encontra no momento? Temos um assunto para resolver.

– Até onde sei, sim, senhor. Só não posso verificar porque o telefone está quebrado. Sugiro que entre e veja por si mesmo. Canto esquerdo do Segundo Pátio.

– Sei muito bem onde fica, Bill, obrigado. Mande minhas lembranças para o que resta da Sra. Roberts.

Eles atravessaram a passos rápidos o Pátio Principal, ou pelo menos Dirk o atravessou assim, enquanto Richard caminhava com seu passo de garça habitual, franzindo o rosto contra a garoa fina.

Era óbvio que Dirk estava se achando um guia turístico.

– St. Cedd's – declamou ele –, a faculdade de Coleridge e também de Sir Isaac Newton, renomado inventor da moeda de bordas serrilhadas e da portinhola para gatos!

– Do quê? – perguntou Richard.

– Da portinhola para gatos! Um dispositivo de grande astúcia, perspicácia e engenho. É uma porta dentro de uma porta, entende?

Uma...

– Sim, teve também aquela pequena questão da gravidade.

– A gravidade – repetiu Dirk, dando de ombros com certo desdém –, sim, teve isso também. Embora tenha sido um mero acaso. Ela já estava ali, esperando que alguém a descobrisse.

Ele tirou uma moeda do bolso e atirou de qualquer jeito sobre os seixos que margeavam o caminho pavimentado.

– Está vendo? Ela funciona até nos fins de semana. Mais cedo ou mais tarde, alguém iria percebê-la. Mas a portinhola para gatos... Ah, isso é bem diferente. Uma invenção, fruto da mais pura criatividade.

– Não vejo nada de extraordinário. Até eu poderia ter pensado nisso.

– Ah, são muito raras as mentes capazes de transformar algo até então inexistente em óbvio ululante. A expressão “até eu poderia ter pensado nisso” é muito popular e muito enganosa, pois o fato é que ninguém pensou, o que é também um fato muito significativo e revelador. Se não me engano, chegamos à escada que estamos procurando. Devemos subir?

Sem esperar por uma resposta, Dirk se lançou pelos degraus acima. Richard se pôs a segui-lo, titubeante, e quando o alcançou, Dirk já batia à porta interna. A externa jazia aberta.

– Entre – falou uma voz vinda de dentro. Dirk empurrou a porta e eles entraram bem a tempo de verem a cabeça branca de Reg desaparecer no interior da cozinha. – Estou fazendo um chá. Está servido? Sente-se, sente-se, quem quer que seja.

– Seria muito gentil da sua parte – respondeu Dirk. – Somos dois.

Dirk se sentou e Richard fez o mesmo.

– Indiano ou chinês? – perguntou Reg.

– Indiano, por favor.

Ouviu-se o retinir de xícaras e pires.

Richard correu os olhos pela sala. De repente, ela lhe pareceu banal. O fogo ardia discretamente, mas a luz que havia era a da tarde cinzenta. Embora tudo ali estivesse igual, o sofá velho, a mesa sobrecarregada de livros, nada parecia relacioná-la à estranheza frenética da noite anterior. Era como se a sala estivesse sentada ali com as sobrancelhas erguidas, perguntando inocentemente: "Sim?"

– Leite? – indagou Reg da cozinha.

– Por favor – respondeu Dirk, abrindo um sorriso para Richard que lhe pareceu quase louco de entusiasmo malcontido.

– Um torrão de açúcar ou dois? – tornou a perguntar Reg.

– Um, por favor... – falou Dirk.

A atividade na cozinha foi momentaneamente suspensa. Passados alguns instantes, Reg esticou a cabeça para fora.

– Svlad Cjelli! Bom Deus! Nossa, quanta rapidez, MacDuff, meu rapaz. Muito bem. Meu caro colega, que grande prazer revê-lo, que bondade a sua vir até aqui.

Ele secou as mãos em um pano de pratos que estava carregando e veio correndo distribuir apertos de mão.

– Meu caro Svlad.

– Dirk, por favor – replicou o detetive, agarrando a mão oferecida com ternura –, prefiro assim. Soa mais contundente, como se fosse escocês. Dirk Gently é o nome pelo qual respondo atualmente. Prefiro me desvincular de certos acontecimentos do passado. Você entende, não?

– Sem dúvida, compreendo perfeitamente. A maior parte do século XIV, por exemplo, foi bastante sinistra – concordou Reg, fervoroso.

Dirk estava prestes a corrigir o equívoco, mas achou que seria demorado demais e deixou pra lá.

– Então, como tem passado, meu caro professor? – disse ele em vez disso, pousando com decoro o chapéu e o cachecol sobre o

braço do sofá.

– Bem, os últimos tempos têm sido interessantes, ou melhor dizendo, entediantes. Mas tediosos por motivos interessantes. Ora, sentem-se, sentem-se e se aqueçam diante do fogo. Vou buscar o chá e tentar explicar melhor.

Ele se afastou novamente, cantarolando de agitação, deixando as visitas se acomodarem diante da lareira.

Richard se inclinou para perto de Dirk.

– Não sabia que o conhecia tão bem – falou, meneando a cabeça em direção à cozinha.

– Não conheço – replicou Dirk na mesma hora. – Só nos encontramos uma vez durante um jantar, mas a afinidade e a sintonia entre nós foram imediatas.

– Então por que nunca se reencontraram?

– Ele passou a fazer de tudo para me evitar, é claro. Intimidade demais com as pessoas é algo perigoso se você tem um segredo. E o dele me parece ser dos grandes. Se existir segredo maior do que esse em alguma parte do mundo – acrescentou ele baixinho –, eu gostaria muito de conhecê-lo.

Dirk lhe lançou um olhar carregado de sentido e estendeu as mãos para o fogo. Como já havia tentando antes, sem sucesso, extrair dele qual exatamente era esse segredo, Richard se recusou a cair na mesma armadilha outra vez, recostando-se na poltrona e olhando ao redor.

– Eu já perguntei – disse Reg, voltando nesse exato momento – se vocês queriam chá?

– Ahn... já – respondeu Richard –, falamos longamente sobre isso. Acho que acabamos por concordar que queríamos, sim, não foi?

– Ótimo – comentou Reg, distraído –, por uma feliz coincidência, parece haver um pouco de chá pronto na cozinha. A minha memória

parece uma... uma... Como se chama mesmo aquele negócio que você usa para escorrer arroz? Do que estou falando?

Ele se virou rapidamente com uma expressão confusa e tornou a desaparecer na cozinha.

– Muito interessante – falou Dirk, baixo –, eu estava curioso para saber se a memória dele seria ruim.

Ele se levantou de repente e vagou pela sala. Seu olhar pousou sobre o ábaco que havia no único espaço livre na mesa de mogno grande.

– Foi nesta mesa que você encontrou o bilhete a respeito do saleiro? – sussurrou ele para Richard.

– Foi – respondeu Richard, ficando de pé e indo até lá. – Estava enfiado neste livro.

Ele apanhou o guia para as ilhas gregas e pôs-se a folheá-lo.

– Sim, sim, é claro – falou Dirk, sem paciência. – Disso tudo já sabemos. Quero saber apenas se a mesa era esta. – Ele correu os dedos pela beirada, curioso.

– Se está pensando que Reg e a garota planejaram o truque com antecedência de alguma forma, devo dizer que não acredito nessa possibilidade.

– É claro que não – retrucou Dirk, irritado. – Pensei que isso já estivesse muito claro.

Richard deu de ombros, esforçando-se para não sentir raiva, e pôs o livro de volta no lugar.

– Bem, que estranha coincidência que o livro tenha estado...

– Estranha coincidência – zombou Dirk. – Rá! Já veremos quanto isso foi uma coincidência. Já veremos exatamente quanto foi estranho. Quero que você, Richard, pergunte ao seu amigo como ele fez o truque.

– Você não disse que já sabia?

– E sei – respondeu Dirk, animado. – Mas gostaria de uma confirmação.

– Ah, entendi. Pois é, assim fica bem fácil, não? É só fazê-lo explicar e então dizer: “Isso, é exatamente como eu achava que fosse!” Sensacional, Dirk. Nós viemos até aqui para que ele lhe explicasse como fez um truque de mágica? Eu devo estar louco.

Dirk ficou ofendido.

– Por favor, faça o que eu pedi – retrucou ele, enraivecido. – Você o viu fazer o truque; precisa perguntar como ele o fez. Acredite, há um segredo espantoso por trás dele. Eu sei qual é, mas quero que você o ouça da boca de Reg.

Dirk se virou quando Reg voltou, trazendo uma bandeja, contornando o sofá e depositando-a sobre a mesinha de centro baixa que ficava diante da lareira.

– Professor Chronotis... – começou Dirk.

– Reg. Por favor.

– Está bem. Reg...

– Peneira!

– O quê?

– O negócio para escorrer arroz. Uma peneira. Estava tentando lembrar a palavra, mas agora esqueci por quê. Deixe pra lá. Dirk, meu caro colega, você parece prestes a explodir. Por que não se senta e relaxa?

– Não, obrigado, prefiro ficar livre para zanzar de um lado para outro, se não se importa. Reg...

Richard se virou para encará-lo firme e levantou um só dedo.

– Devo lhe dizer que conheço o seu segredo.

– Ah, sim, ahn... é mesmo? – balbuciou Reg, olhando para baixo, constrangido, e brincando com as xícaras e o bule de chá. – Entendo. – As xícaras retiniram, estrepitosas, quando ele mexeu nelas. – Sim, eu já temia isso.

– E gostaríamos de fazer algumas perguntas para você; devo lhe dizer também que aguardo as respostas com grande receio.

– Sem dúvida, sem dúvida – murmurou Reg. – Bem, talvez tenha enfim chegado a hora. Eu mesmo nem sei direito como interpretar os acontecimentos recentes e também estou... receoso. Muito bem. Pergunte o que quiser.

Richard continuava encarando-o com intensidade, seus olhos brilhando.

Dirk fez um meneio curto de cabeça para o colega, virou-se e começou a andar, olhando duro para o chão.

– Ahn – disse Richard –, bem, estamos... interessados em saber como você fez o truque com o saleiro ontem à noite.

Reg pareceu ficar surpreso e um tanto confuso com a pergunta:

– O truque de *mágica*?

– Ahn, isso, o truque de *mágica*.

– Ah – Reg estava espantado –, bem, quanto à parte *mágica* dele, não me parece que eu deva... As regras da Associação dos Mágicos são muito rígidas no que diz respeito a revelar tais segredos. Muito rígidas. Mas é um truque impressionante, não acha? – acrescentou ele com malícia.

– Bem, sim, me pareceu muito natural na hora, mas... pensando melhor, preciso admitir que foi um pouco perturbador.

– Ah, é uma questão de habilidade. De prática. Dar a impressão de que é natural.

– Pois pareceu mesmo muito natural – continuou Richard, com sinceridade. – Me deixei levar pela ilusão.

– Você gostou?

– Foi impressionante.

Dirk estava começando a perder a paciência. Lançou um olhar para Richard, tentando lhe dizer isso.

– E entendo que você não possa me contar – prosseguiu Richard com uma voz firme. – Foi só curiosidade minha. Desculpe por perguntar.

– Bem – falou Reg, em um arroubo de dúvida repentino –, imagino que... desde que jure que não vai contar a ninguém, suponho que você possa deduzir por conta própria que usei dois dos saleiros que havia na mesa. Ninguém iria notar a diferença entre um e outro. A rapidez das mãos pode enganar os olhos, como você sabe, especialmente alguns dos olhos sentados àquela mesa. Enquanto eu brincava com meu chapéu de lã, oferecendo, se me permite dizer, uma ilusão muito astuciosa de trapalhice e senilidade, eu enfiei o saleiro debaixo da minha manga. Entende?

Sua agitação de antes tinha sido substituída pelo prazer de exhibir seu ofício.

– É o truque mais velho do mundo, na verdade – continuou ele –, mas ainda exige grande habilidade e destreza. Então, como é óbvio, um pouco depois eu o devolvi à mesa fingindo que o estava apenas passando para outra pessoa. É preciso anos de prática para que pareça natural, é claro, mas prefiro fazer isso do que simplesmente largá-lo no chão. Isso é para amadores. Você não pode pegá-lo de volta e o pessoal da limpeza só vai encontrá-lo dali a uns quinze dias. Já passei um mês com um pássaro morto debaixo da minha cadeira. Não por causa de nenhum truque, lógico. O gato o matou.

Reg estava radiante.

Richard sentiu que tinha feito sua parte, mas não conseguia imaginar aonde aquilo poderia chegar. Ele olhou para Dirk, que não lhe ofereceu a menor ajuda, de modo que continuou às cegas:

– Sim, eu entendo que possa ser feito com uma técnica de prestidigitação. O que não entendo é como o saleiro foi incrustado no vaso.

Reg tornou a parecer intrigado, como se os dois estivessem falando de coisas diferentes. Ele olhou para Dirk, que parou de andar e o encarou com os olhos cheios de expectativa.

– Ora, isso é bem... óbvio, e não tem nada de mágico. Você lembra que eu saí para pegar meu chapéu?

– Lembro – respondeu Richard, desconfiado.

– Bem, enquanto estava fora do salão, fui procurar o homem que tinha feito o vaso. Levei algum tempo, é claro. Coisa de três meses de investigação para rastreá-lo e mais uns dois dias para deixá-lo sóbrio. Então, com alguma dificuldade, eu o convenci a colocar o saleiro dentro do vaso para mim antes de levá-lo ao forno. Depois, passei rapidinho em outro lugar para conseguir um pouco de, ahn, pó de arroz para disfarçar o bronzeado e, obviamente, tive que cronometrar com algum cuidado minha volta para fazer tudo parecer natural. Topei comigo mesmo na antessala, o que sempre acho constrangedor, nunca sei para onde olhar, mas, ahn... bem, está explicado.

Ele abriu um sorriso um tanto amarelo e nervoso.

Richard tentou assentir, mas acabou desistindo.

– Do que diabo você está falando?

Reg o encarou, surpreso.

– Você não tinha dito que conhecia o meu segredo?

– E conheço – falou Dirk, com uma expressão radiante, triunfal.

– Mas ele, por enquanto, não conhece, embora tenha fornecido todas as informações de que eu precisava para desvendá-lo. Permita-me preencher algumas pequenas lacunas. Para ajudá-lo a disfarçar o fato de que, na verdade, havia passado semanas fora... quando, para todos os que estavam sentados à mesa, você tinha saído pela porta apenas por alguns segundos... você teve que anotar a última coisa que tinha dito, para que pudesse retomar o fio da meada da forma mais natural possível. Um detalhe importante, se sua memória já não é tão boa quanto antes. Correto?

– Tão boa quanto antes... – disse Reg, balançando devagar a cabeça branca. – Mal consigo lembrar como ela era. Mas, sim, é muita astúcia sua ter notado um pormenor desses.

– E resta ainda o detalhe das perguntas feitas por Jorge III. Feitas a você.

Isso pareceu pegar Reg de surpresa.

– Ele lhe perguntou – prosseguiu Dirk, consultando um pequeno bloco de anotações que tinha pegado no bolso – se havia algum motivo em especial para uma coisa acontecer depois da outra e se havia alguma maneira de interromper o processo. Mas ele também não lhe perguntou, e lhe perguntou *primeiro*, se era possível voltar no tempo ou algo parecido?

Reg avaliou Dirk longamente.

– Eu estava certo a seu respeito – comentou ele. – Você tem uma mente extraordinária, meu jovem.

Reg andou lentamente até a janela que dava para o Segundo Pátio. Observou os vultos estranhos que o atravessavam às pressas, abraçados a si mesmos em meio ao chuveiro ou apontando outras coisas.

– Sim – respondeu Reg por fim, sua voz enfraquecida –, foi exatamente isso que ele perguntou.

– Ótimo – falou Dirk, fechando o bloco com um pequeno sorriso que dizia que ele vivia para receber esse tipo de elogio –, então isso explica por que as respostas foram “sim, não e talvez”, nesta ordem. Muito bem. Onde está ela?

– Onde está o quê?

– A máquina do tempo.

– Você está parado em cima dela – disse Reg.

capítulo 26

Um grupo ruidoso entrou no trem na estação de Bishop's Stortford. Alguns usavam fraques com cravos que pareciam um pouco surrados depois de um dia de festividades. As mulheres do grupo trajavam vestidos e chapéus elegantes e comentavam, entusiasmadas, como Julia estava bonita em seu vestido de tafetá e como Ralph ainda parecia um imbecil esnobe mesmo paramentado com suas roupas mais finas. No geral, davam ao casamento um prazo de validade de cerca de duas semanas.

Um dos homens pôs a cabeça para fora da janela e chamou um funcionário ferroviário só para conferir se aquele era o trem certo e se parava em Cambridge. O segurança confirmou que "era claro que sim, porra". O rapaz disse que eles não queriam descobrir que estavam indo na direção errada, ora essa, e fez um som que parecia o de um peixe latindo, como se quisesse indicar ter feito uma observação engraçadíssima, e então pôs a cabeça para dentro, batendo com ela na janela no caminho.

A atmosfera de alegria etílica dentro do vagão aumentou significativamente.

Havia uma sensação generalizada de que a melhor maneira de entrarem no clima certo para a festa daquela noite era assaltarem o bar para que qualquer membro do grupo que ainda não estivesse totalmente bêbado pudesse terminar o serviço. A ideia foi recebida

com gritos exaltados de comemoração, o trem voltou a andar com um solavanco e muitos dos que ainda estavam de pé caíram.

Três jovens desabaram nos três assentos vazios em volta de uma mesa, sendo que o quarto já estava ocupado por um homem acima do peso, que usava um terno antiquado. Seu rosto era taciturno; seus olhos, grandes, úmidos e bovinos, perdidos em uma distância insondável.

Muito devagar, os olhos dele voltaram a recuperar o foco, refazendo todo o caminho desde o infinito, concentrando-se pouco a pouco no que havia à sua volta, em seus novos e intrusivos companheiros de vagão. Sentia uma ânsia, a mesma de antes.

Os três homens discutiam acaloradamente se deveriam ir todos ao bar; ou se apenas alguns deles deveriam ir e trazer bebidas para os outros; ou se os que fossem não se empolgariam tanto com a oferta de bebida que ficariam plantados ali e se esqueceriam de levá-la para os outros, que ficariam esperando ansiosamente seu retorno; ou se, mesmo que eles se lembrassem de voltar na mesma hora com as bebidas, seriam capazes de carregá-las em vez de as derramarem por todo o vagão na volta, incomodando os outros passageiros.

Pareceram chegar a alguma espécie de consenso, mas quase imediatamente nenhum dos presentes conseguia se lembrar qual era. Dois deles se levantaram, mas tornaram a sentar enquanto um terceiro ficava de pé, e depois se sentou. Os dois primeiros se ergueram outra vez, sugerindo que talvez fosse mais simples se eles trouxessem o bar inteiro.

O terceiro estava prestes a se levantar novamente e seguiu-os quando o homem de olhos bovinos sentado à sua frente se inclinou sobre a mesa devagar, mas com uma determinação implacável, e agarrou firme seu braço.

O rapaz de fraque ergueu os olhos tão depressa quanto seu cérebro um tanto borbulhante permitia e perguntou, espantado:

– O que você quer?

Michael Wenton-Weakes fitou-o dentro dos olhos com grande intensidade e sussurrou:

– Eu estava em uma nave...

– O quê?

– Uma nave...

– Que nave, do que você está falando? Sai pra lá. Me solta!

– Nós percorremos – prosseguiu Michael, sua voz baixa, quase inaudível, mas cativante – uma distância monstruosa. Viemos construir um paraíso. Um paraíso. Aqui.

Correu os olhos pelo vagão por alguns instantes, para então contemplar, através das janelas salpicadas de chuva, a escuridão crescente de um fim de tarde na Ânglia Oriental. Era evidente a repulsa em seu olhar. Apertou o braço do rapaz com mais força.

– Olhe, eu vou buscar uma bebida – falou o convidado do casamento, mas sem muita convicção, pois estava claro que não iria fazer isso.

– Nós deixamos para trás aqueles que iriam se destruir com a guerra – balbuciou Michael. – O nosso seria um mundo de paz, música, arte, iluminação. Tudo o que fosse mesquinho, vulgar, desprezível não teria lugar nele...

Detido ali, o rapaz festeiro olhava para Michael com um ar intrigado. Ele não parecia um hippie. Embora nunca desse para saber, é claro. Seu próprio irmão mais velho tinha vivido por alguns anos em uma comunidade druida, comendo rosquinhas de LSD e pensando que era uma árvore; agora, era diretor de um banco de investimentos. A diferença era que ele já quase nunca pensava ser uma árvore, só de vez em quando, pois havia tempos que aprendera a evitar um vinho em especial que, às vezes, desencadeava esse flashback.

– Houve quem dissesse que iríamos fracassar – prosseguiu Michael em seu tom de voz suave que, ainda assim, fazia-se ouvir

com clareza em meio ao clamor que tomava conta do vagão –, quem afirmasse que trazíamos dentro de nós a semente da guerra, mas tínhamos a plena convicção de que só a arte e a beleza deveriam florescer, a mais sublime das artes, a mais bela de todas: a música. Trouxemos conosco apenas aqueles que acreditavam, que desejavam que isso fosse verdade.

– Mas do que você está falando? – questionou o convidado do casamento, embora sem nenhuma hostilidade, pois tinha caído no feitiço hipnotizante de Michael. – Quando foi isso? Onde aconteceu?

Michael respirou fundo.

– Antes de você nascer. Fique calado e eu lhe contarei.

capítulo 27

Fez-se um longo e perplexo silêncio, durante o qual a escuridão que caía lá fora pareceu se aprofundar consideravelmente, engolindo também a sala. A luz se deslocou, mergulhando Reg nas sombras.

Dirk estava sem palavras, fenômeno raro em uma vida marcada pela loquacidade e verborragia. Um assombro infantil brilhava em seus olhos enquanto eles percorriam a mobília sem graça e maltratada, as paredes apaineladas, os tapetes puídos. Suas mãos tremiam.

Richard franziu a testa por alguns instantes, como se tentasse resolver uma raiz quadrada de cabeça, então voltou a encarar Reg.

– Quem é você?

– Não faço a menor ideia – respondeu Reg, animado. – A maior parte da minha memória desapareceu por completo. Sou muito velho, entende? Espantosamente velho. Sim, não duvido que, se eu lhes dissesse a minha idade, vocês ficariam espantados. É bem provável que eu também ficasse, pois não me lembro. Já vi coisa à beça, sabe? Esqueci quase tudo, graças a Deus. O problema é que, quando você começa a chegar à minha idade, que, como já devo ter comentado, é um tanto espantosa... Eu já falei isso?

– Sim, já falou.

– Ótimo. Já não lembrava. A questão é que a sua memória não fica nem um pouco melhor, e um monte de coisas simplesmente cai fora. De modo que a maior diferença entre alguém da minha idade e alguém da sua não é a quantidade de coisas que eu sei, mas a quantidade de coisas que esqueci. E, depois de um tempo, você esquece inclusive o que já esqueceu; o próximo passo é esquecer que havia algo para lembrar. Então você tende a esquecer, ahn, do que estava falando.

Ele ficou olhando para o bule de chá, desamparado.

– As coisas que você lembra... – ajudou Richard, solícito.

– Cheiros e brincos.

– Como é?

– São essas coisas que guardo na lembrança, não sei por quê. – Reg balançou a cabeça, intrigado, ele se sentou de repente. – Os brincos que a rainha Vitória usou em seu Jubileu de Prata. Eram peças extraordinárias. Foram atenuadas nos quadros da época, naturalmente. O cheiro das ruas antes de haver carros nelas. Difícil dizer o que era pior. É por isso que Cleópatra continua tão viva em minha memória, é claro. Uma combinação bastante devastadora de brincos e cheiros. Creio que essas serão as últimas coisas que permanecerão depois que todo o resto enfim me escapar. Ficarei sentado sozinho em um quarto escuro, sem dentes, sem olhos, sem paladar, sem nada além de uma pequena cabeça velha e grisalha, e nela a imagem peculiar de coisas terrivelmente azuis e douradas balançado reluzentes, e o cheiro de suor, comida de gato e morte. Fico me perguntando o que acharei disso...

Dirk mal conseguia respirar, andando devagar pela sala, roçando as pontas dos dedos pelas paredes, pelo sofá, pela mesa.

– Há quanto tempo isto está...

– Aqui? – completou Reg. – Uns duzentos anos. Desde que eu me aposentei.

– Se aposentou do quê?

– Sei lá. Mas deve ter sido um emprego muito bom, não acha?

– Você quer dizer que está há... duzentos anos neste mesmo alojamento? – murmurou Richard. – Alguém deveria notar ou achar no mínimo estranho, não?

– Bem, esse é um dos benefícios das faculdades mais antigas de Cambridge: todos são muito discretos. Se contássemos uns para os outros o que há de estranho em cada um de nós, ficaríamos aqui até o Natal. Svlad, quer dizer, Dirk, meu caro colega, por favor, não toque nisto por enquanto.

Dirk havia estendido a mão para tocar o ábaco que estava pousado no único espaço livre na mesa grande.

– O que é isso? – perguntou o detetive, incisivo.

– É apenas o que parece: um velho ábaco de madeira. Já vou mostrá-lo para você, mas antes preciso lhe dar os parabéns pela sua perspicácia. Posso perguntar como chegou à sua conclusão?

– Devo admitir que o mérito não é meu – respondeu Dirk em um raro momento de humildade. – No fim das contas, perguntei a uma criança. Conte a história do truque a um menino e perguntei como ele achava que tinha sido feito. Ele respondeu, abre aspas: “Está na cara que ele tem uma máquina do tempo, né?” Agradei ao rapazinho e lhe dei uma moeda pela ajuda. Ele me deu um pontapé bem forte na canela e foi cuidar da própria vida. Mas foi ele quem solucionou o mistério. Minha única contribuição foi *comprovar* que o menino estava certo. Ele inclusive me poupou o trabalho de dar um pontapé em mim mesmo.

– Mas você teve a perspicácia de perguntar a uma criança – replicou Reg. – Muito bem, vou lhe dar os parabéns por isso, então.

Dirk continuava olhando desconfiado para o ábaco.

– Como... como funciona? – perguntou, tentando soar descontraído.

– Bem, não poderia ser mais simples. Ele funciona da maneira que você quiser que funcione. Veja bem, o computador que o

executa é muito avançado. Na verdade, é mais potente do que a soma de todos os computadores deste planeta, incluindo, e aí é que a coisa complica, ele próprio. Eu mesmo nunca consegui entender essa parte, para ser franco. Porém, mais de 95 por cento dessa potência é utilizada simplesmente para entender o que você quer que ele faça. Só preciso botar meu ábaco ali para ele entender a maneira como eu quero usá-lo. Suponho que tenha aprendido a usar um ábaco quando era... bem, quando era criança, imagino.

Reg fez uma pausa e prosseguiu:

– Richard, por exemplo, talvez preferisse usar o próprio computador. Se você o colocasse ali no lugar do ábaco, o computador simplesmente assumiria o controle e lhe ofereceria uma série de aplicativos de viagem no tempo fáceis de usar, com direito a menus e periféricos, se você quisesse. Exceto que, se colocar o cursor sobre o ano de 1066 na tela, você terá a batalha de Hastings ocorrendo bem em frente à sua porta, ahn, caso se interesse por esse tipo de coisa.

O tom de voz de Reg sugeria que ele próprio tinha outras áreas de interesse.

– É, ahn, muito divertido à sua maneira – concluiu. – Com certeza melhor do que a televisão e bem mais fácil de usar que um videocassete. Se eu perder um programa, posso voltar no tempo e assistir a ele. Sou péssimo com todos aqueles botões.

Dirk ficou horrorizado diante daquela revelação.

– Você tem uma máquina do tempo e a usa para... ver televisão?

– Bem, eu nem a usaria se conseguisse me entender com o videocassete. Viajar no tempo é uma coisa muito delicada, sabia? Cheia de armadilhas e perigos apavorantes. Se você mudar a coisa errada no passado, pode abalar completamente o curso da História.

Ele se voltou para Richard e disse, encabulado:

– Além disso, escangalha o telefone. Sinto muito que não tenha conseguido ligar para a sua namorada ontem à noite. Parece haver algo de inexplicável no sistema de telefonia britânico, e minha máquina do tempo não gosta dele. Nunca houve nenhum problema com os encanamentos, a eletricidade ou mesmo o gás. As interfaces de conexão são resolvidas no nível quântico de um jeito que não entendo direito, mas sempre deu tudo certo. O telefone, por outro lado, é definitivamente problemático. Todas as vezes que uso a máquina do tempo, ou seja, quase nunca, em parte por conta desse problema, o telefone para de funcionar e eu preciso chamar um técnico para vir consertá-lo. Então, o sujeito começa a fazer perguntas idiotas cujas respostas jamais poderia entender. Enfim, a questão é que tenho uma regra muito rígida de que não devo mudar absolutamente nada no passado – Reg suspirou –, por maior que seja a tentação.

– Que tentação? – perguntou Dirk, sem rodeios.

– Ah, é só uma coisinha em que eu estou interessado – falou Reg, desconversando. – Não há o menor risco, pois respeito estritamente a minha regra. Mas não deixo de ficar triste.

– Mas você quebrou sua própria regra! – insistiu Dirk. – Ontem à noite! Você interferiu no passado...

– Bem, sim – admitiu Reg, um tanto constrangido –, mas isso foi diferente. Muito diferente. Se você tivesse visto a cara daquela pobre criança... Ela estava muito infeliz. Achava que o mundo devia ser um lugar maravilhoso, enquanto todos aqueles professores velhos e horríveis despejavam seu cinismo esmagador sobre ela só porque ele já não parecia maravilhoso.

Voltando-se para Richard, Reg acrescentou:

– Quero dizer, veja só Cawley. Um burro velho sem coração. Alguém deveria enfiar um pouco de humanidade nele, nem que fosse à força. Não, dessa vez foi totalmente justificável. Fora isso, respeito estritamente essa regra...

Richard o encarou, começando a perceber algo.

– Reg – falou ele, educado –, posso lhe dar um pequeno conselho?

– Mas é claro, meu caro colega, teria o maior prazer em ouvi-lo.

– Se o nosso amigo em comum aqui o convidar para um passeio pelas margens do rio Cam, *não vá*.

– O que raios você quer dizer com isso?

– Ele quer dizer – respondeu Dirk, muito sério – que há uma discrepância entre o que você fez e os motivos que apresentou para tê-lo feito.

– Ah. Bem, que maneira estranha de colocar a questão...

– Ele é um cara estranho. Mas a questão é que às vezes pode haver outros motivos para as suas atitudes, de que você não necessariamente está consciente. Como no caso de sugestão pós-hipnótica... ou de possessão.

Reg ficou muito pálido.

– Possessão...?

– Reg, acredito que você quisesse me ver por algum motivo. O que era exatamente?

– Cambridge! Você está em... Cambridge! – avisou o sistema de som da estação com sua vozinha estridente e alegre.

Uma turba ruidosa saiu em festa rumo à plataforma, fazendo arruaça e gritando uns com os outros.

– Cadê o Rodney? – perguntou um deles, que saíra com dificuldade do vagão do bar.

Ele e seu companheiro olharam de um lado para outro da plataforma, cambaleantes. A figura volumosa de Michael Wenton-Weakes passou em silêncio pelos dois, encaminhando-se para a saída.

Eles seguiram pela lateral do trem, olhando para dentro através das janelas sujas dos vagões. Acabaram por ver o companheiro

perdido ainda sentado em seu lugar no vagão agora quase vazio, como se estivesse em transe. Bateram na janela e gritaram seu nome. Por alguns instantes, ele não reagiu. De repente, fez um movimento como se acordasse sobressaltado, sem saber onde estava.

– Ele está doidão! – berraram os amigos alegremente, entrando no trem e arrastando Rodney para fora.

Ele ficou parado na plataforma, atordoado, e balançou a cabeça. Então, ergueu os olhos e, ainda em transe, viu Michael entrar em um táxi com uma mala grande e pesada.

– Que coisa de louco aquele homem. Me contou uma longa história sobre a queda de uma nave.

– Rá, rá – riu um de seus companheiros. – Arrancou algum dinheiro de você?

– O quê? – perguntou Rodney, confuso. – Não, nada disso. Só que não foi bem uma queda e, sim, um acidente, ou uma explosão...? Ele parece achar que foi o culpado. Ou então foi um acidente e ele causou uma explosão enquanto tentava consertá-la e matou todo mundo. Ele disse que houve um monte de lama podre por anos e anos, e depois criaturas viscosas com pernas. Foi tudo muito estranho.

– É sempre o Rodney! Você é um para-raios de maluco!

– Acho que ele era maluco, mesmo. De repente, ele mudou de assunto e começou a falar de um pássaro. Que a parte do pássaro não fazia sentido nenhum. Queria poder se livrar da parte sobre o pássaro. Mas então disse que isso seria resolvido. Que tudo seria resolvido. Não sei por quê, mas não gostei quando ele falou isso.

– Ele devia ter vindo para o bar com a gente. Que figura, nós...

– Também não gostei do jeito que ele disse adeus. Não gostei nem um pouco.

capítulo 28

— Você lembra que, quando chegou hoje à tarde, eu falei que os últimos tempos têm sido entediantes, mas por... motivos interessantes? – perguntou Reg.

– Claramente – respondeu Dirk. – Foi apenas há dez minutos. Você estava parado bem aí, se bem me lembro. Na verdade, estava com as mesmas roupas que está vestindo agora e...

– Cale a boca, Dirk – cortou Richard –, deixe o pobre homem falar.

Dirk fez uma leve mesura à guisa de desculpas.

– Exatamente – continuou Reg. – Bem, a verdade é que, durante muitas semanas, meses até, eu não usei a máquina do tempo para nada, pois tinha a estranha sensação de que alguém ou algo estava me obrigando a fazê-lo. Começou como uma ânsia muito fraca, que então pareceu me invadir em ondas cada vez mais fortes. Foi extremamente perturbador. Tive que combatê-la com afinco, pois ela estava tentando me obrigar a fazer algo que eu, na verdade, queria mesmo fazer. Não teria percebido que era algo externo a mim que estava criando essa pressão, e não apenas meus próprios desejos se manifestando, se eu não estivesse tão relutante em ceder à tentação. Assim que comecei a notar que algo tentava me invadir, as coisas degingolaram e os móveis

começaram a voar por todo o lado. O que causou um grande estrago à minha escrivaninha vitoriana. Vejam só as marcas na...

– Era disso que você estava com medo na noite passada, lá em cima? – perguntou Richard.

– Ah, sim – sussurrou Reg –, estava morrendo de medo. Mas havia só aquela égua muito simpática, então não foi nenhum problema. Imagino que ela tenha vindo para cá quando saí para comprar pó de arroz para esconder meu bronzeado.

– É mesmo? – indagou Dirk. – E onde você foi comprar isso? Não consigo pensar em muitas farmácias que um cavalo fosse querer visitar.

– Ah, tem um planeta lá no aglomerado estelar que aqui chamamos de Plêiades em que o pó de arroz é exatamente da cor que...

– Você foi a outro planeta para comprar pó de arroz? – interrompeu Dirk.

– É pertinho daqui – alegou Reg, animado. – Veja bem, a verdadeira distância entre dois pontos em todo o contínuo espaço-tempo é quase infinitamente menor do que a distância aparente entre as órbitas adjacentes de um elétron. É bem mais perto do que a farmácia e não preciso ficar esperando na fila do caixa. Nunca tenho o dinheiro trocado certinho. Então, prefiro fazer logo um salto quântico. Pena que isso cause todo aquele problema com o telefone. Nada pode ser tão fácil, não é verdade?

Reg pareceu incomodado por alguns instantes.

– Acho que você pode ter razão se estiver pensando no que estou pensando que está pensando – acrescentou ele, baixinho.

– O quê?

– Que eu tive um baita de um trabalhão por quase nada. Alegria uma garotinha, por mais encantadora e adorável que ela fosse, e por mais triste que estivesse, não parece ser uma justificativa plausível para... Bem, foi uma grande operação de engenharia

temporal, se você parar para pensar. Sem dúvida teria sido mais simples apenas elogiar seu vestido. Talvez o... fantasma. Estamos falando de um fantasma aqui, não estamos?

– Creio que estamos, sim – falou Dirk devagar.

– Um fantasma? – perguntou Richard. – Ah, façam-me o favor...

– Espere! – exclamou Dirk, ríspido. – Por favor, continue – disse a Reg.

– É possível que o... fantasma tenha me pegado na hora em que baixei a guarda. Eu estava lutando tanto para não fazer uma coisa que foi fácil para ele me convencer a fazer outra...

– E agora?

– Ah, ele sumiu. O fantasma me deixou ontem à noite.

– E para onde será que ele foi? – indagou Dirk, voltando os olhos para Richard.

– Não, por favor – protestou Richard. – Isso, não. Ainda nem sei se acredito nessa história de máquinas do tempo, e de repente estamos falando de fantasmas?

– Então o que lhe deu na cabeça para escalar aquele prédio? – sibilou Dirk.

– Bem, você sugeriu que eu estava sob sugestão pós-hipnótica porque alguém...

– Não sugeri nada disso! Apenas demonstrei para você o poder da sugestão pós-hipnótica. Mas acredito que a hipnose e a possessão funcionam de maneira muito, muito semelhante. Você pode ser forçado a fazer coisas absurdas e depois inventar as racionalizações mais descaradas para explicá-las a si mesmo. Mas você não pode ser obrigado a fazer algo que vai fundamentalmente contra o seu caráter. Contra isso você irá lutar. Irá resistir!

Richard se lembrou do alívio que sentiu ao devolver, por impulso, a fita à secretária eletrônica de Susan na noite anterior. Tinha sido o fim de uma luta que ele havia vencido de repente.

Sentindo estar perdendo outra luta, suspirou e relatou a experiência para os dois.

– Exatamente! – exclamou Dirk. – Você se recusou a fazer aquilo! Agora estamos chegando a algum lugar! A hipnose funciona melhor quando o hipnotizado, no fundo, aprova o que se está pedindo que ele faça. Se você achar a pessoa certa para a tarefa, a hipnose pode dominá-la de forma muito profunda. E acredito que o mesmo se aplique a possessões. O que temos até agora? Um fantasma que quer que algo seja feito e está procurando a pessoa certa para possuir e manipular. Professor...

– Reg.

– Reg, posso lhe fazer uma pergunta extremamente pessoal? Entenderei perfeitamente se você não quiser respondê-la, mas só vou parar de infernizá-lo depois que você me der a resposta. É o meu método, entende? Você mencionou uma grande tentação. Algo que queria fazer, mas não se permitia, e que o fantasma estava tentando obrigá-lo a fazer. Por favor, sei que deve ser difícil para você, mas acho que seria de grande ajuda se você nos contasse o que é.

– Não vou contar.

– Você precisa entender quanto é importante...

– Vou lhes mostrar – completou Reg.

Um vulto corpulento estava recortado contra os portões de St. Cedd's, carregando uma mala de nylon preta, grande e pesada. O vulto pertencia a Michael Wenton-Weakes; a voz que perguntou ao segurança se o professor Chronotis se encontrava em seus aposentos pertencia a Michael Wenton-Weakes; os ouvidos que escutaram o segurança dizer que não fazia a menor ideia porque o telefone parecia enguiçado outra vez pertenciam a Michael Wenton-Weakes; mas o espírito que olhava para fora através de seus olhos já não lhe pertencia.

Ele havia se entregado por completo. Toda e qualquer dúvida, divergência e confusão tinham desaparecido.

Uma nova mente o possuía por inteiro.

O espírito que não era o de Michael examinou a faculdade que se estendia diante dele, à qual havia se habituado ao longo das últimas semanas frustrantes e enervantes.

Semanas! Meras piscadelas de microssegundos.

Embora tivesse passado por longos períodos de aniquilamento quase total, às vezes até por séculos a fio, o espírito – o fantasma – que agora habitava o corpo de Michael vagava pela Terra há tanto tempo que era como se as criaturas que haviam erguido aqueles muros tivessem chegado ali poucos minutos atrás. A maior parte de sua eternidade particular (não exatamente uma eternidade, mas alguns bilhões de anos podem dar essa impressão com facilidade) fora passada atravessando um lamaçal interminável, cruzando oceanos sem fim, observando com horror e perplexidade quando as criaturas viscosas com pernas começaram a se arrastar de repente daqueles mares apodrecidos – e lá estavam elas, zanzando por ali como se fossem as donas do pedaço e reclamando sobre telefones.

Nas profundezas de uma parte escura e silenciosa de si mesmo, soube que estava louco quase imediatamente depois do acidente, devido à consciência do que fizera e da existência que enfrentava, devido às memórias dos seus companheiros que tinham morrido e que por algum tempo o haviam assombrado como ele próprio assombrava a Terra.

Sabia que o que fora levado a fazer agora teria revoltado o eu do qual ele possuía apenas uma infinitesimal lembrança, mas era a única maneira de dar fim ao pesadelo incessante no qual cada segundo de bilhões de anos tinha sido pior do que o anterior.

Pegou a mala do chão e seguiu em frente.

capítulo 29

Nas profundezas de uma floresta tropical, uma chuva tropical caía, como costuma acontecer em florestas tropicais: daí o nome.

Era uma chuva suave, persistente, não o tipo de aguaceiro violento que viria mais para o fim do ano, durante o verão. Ela formava uma névoa fina e gotejante, que um raio de sol vez por outra rasgava, para então seguir, enfraquecido, até a casca úmida do tronco de uma calvária, onde pousava e reluzia. Às vezes, o raio ia parar perto de uma borboleta ou de um minúsculo lagarto imóvel e cintilante – o efeito era quase insuportável.

Bem alto no dossel formado pelas copas das árvores, um pássaro pensava de repente em algo extraordinário e saía voando alucinadamente pelos galhos, até se acomodar em uma árvore diferente e muito melhor do que a anterior, onde parava para refletir com mais calma até o mesmo pensamento voltar à sua cabeça ou chegar a hora de comer.

O ar era repleto de aromas: a fragrância suave das flores, o cheiro pungente da matéria vegetal em decomposição que cobria o solo da floresta.

Uma confusão de raízes se emaranhava por essa matéria, limo crescia e insetos rastejavam nela.

Em uma clareira na floresta, um pedaço de solo molhado cercado de árvores altas, uma porta branca simples surgiu

discretamente, sem nenhum alarde. Passados alguns segundos, ela se entreabriu com um pequeno rangido. Um homem alto e magro olhou para fora, ao seu redor, pestanejou de surpresa e tornou a fechar a porta sem fazer barulho.

Passados mais alguns segundos, a porta voltou a ser aberta e Reg olhou para fora.

– É real, prometo que sim. Venha ver com seus próprios olhos.

Adentrando a floresta, ele se virou e chamou os outros dois para fora.

Dirk atravessou a porta com audácia, parecendo desconcertado apenas pelo tempo que você demoraria para piscar duas vezes, e então anunciou que sabia como aquilo funcionava, que obviamente tinha a ver com os números irrealis que existiam entre distâncias quânticas mínimas e definiam os contornos fractais que envolviam o Universo. Estava espantado apenas por ele próprio não ter pensado nisso antes.

– Como a portinhola para gatos – completou Richard, ainda na soleira atrás dele.

– Ahn, sim, por aí – concordou Dirk, tirando os óculos e recostando-se em uma árvore enquanto os limpava. – É claro que você notou que eu estava mentindo. Um reflexo perfeitamente natural dentro das circunstâncias, como imagino que vá concordar. Perfeitamente natural.

Ele estreitou um pouco os olhos e voltou a colocar os óculos, que começaram a embaçar de novo quase na mesma hora.

– Impressionante – admitiu.

Richard atravessou a porta de forma mais hesitante e ficou se balançando por alguns instantes com um pé ainda dentro do quarto de Reg e outro na terra molhada da floresta. Então, deu um passo à frente e se comprometeu de vez.

Seus pulmões foram imediatamente preenchidos pelos vapores inebriantes, e sua mente, pelo cenário maravilhoso ao redor. Ele se

virou e olhou para a porta que havia atravessado. Ainda era uma moldura perfeitamente comum, com uma porta branca perfeitamente comum aberta, mas estava sozinha em plena floresta, e através dela via-se com clareza o quarto de onde ele acabara de sair.

Intrigado, deu a volta nela, testando o chão lamacento a cada passo, nem tanto por medo de escorregar, mas por medo de ele não estar ali. Atrás dela, havia apenas uma porta aberta perfeitamente comum, do tipo que você nunca encontraria em uma floresta tropical. Ele atravessou a porta por trás e, quando se virou para olhar, pôde ver outra vez, como se tivesse acabado de sair dali de novo, os aposentos do professor Urban Chronotis no St. Cedd's College, em Cambridge, que devia estar a milhares de quilômetros dali. Milhares? Onde eles estavam?

Ele olhou para além das árvores e achou ter visto uma pequena cintilação ao longe.

– Aquilo é o mar?

– Dá para ver um pouco melhor daqui de cima – falou Reg, que se afastara um pouco, subira uma inclinação escorregadia no terreno, e agora estava recostado contra uma árvore, ofegante. Ele apontou para a frente.

Os outros dois o seguiram até lá em cima, escalando ruidosamente por entre os galhos de árvores e causando um monte de grasnidos e reclamações de pássaros ocultos nas alturas.

– É o Pacífico? – perguntou Dirk.

– O Índico – respondeu Reg.

Dirk tornou a limpar os óculos e deu outra olhada.

– Ah, sim, é claro.

– Não é Madagascar? – indagou Richard. – Já estive lá...

– Já? – interrompeu Reg. – Um dos lugares mais bonitos e incríveis do planeta, também repleto das mais terríveis... tentações para mim. Não. – Sua voz vacilou um pouco e ele pigarreou. – Não,

Madagascar fica para... Deixe-me ver, em que direção estamos... Onde está o sol? Ah, sim. Para lá. Mais para o oeste. Madagascar está a cerca de 800 quilômetros a oeste daqui. A ilha de Reunião fica mais ou menos no meio do caminho.

– Ahn, como é mesmo o nome deste lugar? – falou Dirk de repente, batendo com os nós dos dedos na árvore e espantando um lagarto. – O lugar de onde vem aquele selo, ééé... ilhas Maurício.

– Selo? – disse Reg.

– Sim, você deve saber, é um selo muito famoso. Não consigo lembrar nada a seu respeito, mas ele vem daqui. Ilhas Maurício. Famosas por seu selo extraordinário, todo escuro e manchado, mas você poderia comprar o palácio de Blenheim com ele. Ou estou pensando na Guiana Britânica?

– Não faço ideia do que você está falando – comentou Richard.

– Estamos nas ilhas Maurício?

– Sim, estamos – respondeu Reg.

– Mas você não coleciona selos?

– Não.

– Que *diabo* é aquilo? – perguntou Richard de repente, mas Dirk continuou na mesma linha de raciocínio com Reg:

– Que pena, você poderia arranjar algumas belas primeiras tiragens, não?

Reg deu de ombros.

– Não tenho interesse.

Richard desceu aos escorregões o declive atrás deles.

– Então, qual é grande atração que existe aqui? – indagou Dirk.

– Confesso que não era o que estava esperando. Esta natureza toda tem seu charme, é claro, mas infelizmente sou uma criatura urbana.

Ele tornou a limpar os óculos e os empurrou de volta nariz acima.

Reg soltou uma risadinha estranha e Dirk olhou para trás. Logo em frente à porta que dava para a sala de Reg, um confronto

extraordinário estava ocorrendo.

Um pássaro grande e contrariado olhava fixamente para Richard, que o encarava de volta. Richard o fitava como se ele fosse a coisa mais espetacular que tivesse visto na vida, e o pássaro olhava para Richard como se o desafiasse a achar alguma graça do seu bico.

Uma vez convencido de que Richard não pretendia rir, o pássaro passou a encará-lo com uma espécie de tolerância mal-humorada e irritadiça e a se perguntar se ele iria ficar parado ali ou fazer algo de útil, como lhe dar comida. Deu alguns passos para trás e para o lado e, então, apenas um passo para a frente, com suas patas amarelas grandes, bamboleantes. Depois, voltou a encará-lo e soltou um grasnido impaciente.

O pássaro se inclinou para a frente e raspou no chão o bico vermelho grande, absurdo, como se quisesse dizer a Richard que aquela talvez fosse uma boa área para procurar coisas para lhe dar de comer.

– Ele come as nozes da calvária – falou Reg para Richard.

O pássaro enorme lançou um olhar irritado para Reg, como se dissesse que estava mais do que claro para qualquer idiota o que ele comia. Então, tornou a encarar Richard e entortou a cabeça para o lado, como se tivesse percebido de repente que talvez estivesse mesmo lidando com um idiota, portanto poderia ter que repensar sua estratégia.

– Tem algumas no chão atrás de você – sussurrou Reg.

Em transe de tão espantado, Richard se virou desajeitado e viu duas nozes grandes caídas no chão. Agachou-se e pegou uma delas, erguendo os olhos para Reg, que assentiu.

Titubeante, Richard estendeu o fruto para o pássaro, que se inclinou para a frente e o apanhou de seus dedos com uma bicada rápida. Então, como a mão de Richard continuava esticada, o pássaro lhe deu uma pancada com o bico, empurrando-a de lado.

Depois que Richard recuou para uma distância respeitosa, o bicho esticou o pescoço para cima, fechou seus olhos amarelos grandes e gorgolejou sem a menor elegância enquanto mandava a noz goela abaixo.

Então, pareceu ficar ao menos parcialmente satisfeito. Se antes era um dodô contrariado, agora pelo menos era um dodô contrariado de barriga cheia, o que provavelmente era o máximo que podia esperar da vida.

Deu uma volta lenta e balançante sem sair do lugar e pôs-se a retornar para a floresta de onde tinha saído, como se desafiasse Richard a achar a menor graça que fosse do tufo de penas enroladas em cima do seu traseiro.

– Eu só venho ver – comentou Reg com um fiapo de voz.

Dirk ficou pasmo ao notar que os olhos do velho estavam cheios de lágrimas, que ele se apressou a secar com a mão.

– Eu juro, não cabe a mim interferir...

Richard subiu correndo para junto deles, sem fôlego.

– Aquilo era um *dodô*?!

– Era, um dos três que restavam nesta época. O ano é 1676. Estarão todos mortos daqui a quatro anos e, depois disso, ninguém jamais voltará a vê-los. Venha, vamos embora.

No patamar da escada em um dos cantos do Segundo Pátio do St. Cedd's College, atrás da porta externa bem trancada, onde apenas um milissegundo antes houvera um breve clarão quando a porta interna sumira, ocorreu outro breve clarão, agora que ela retornou.

Atravessando a noite escura em direção a ela, o vulto corpulento de Michael Wenton-Weakes ergueu os olhos para as janelas de canto. Mesmo que o clarão fosse visível, ele passaria despercebido em meio à luz do fogo bruxuleante que vinha dali.

O vulto fitou a escuridão do céu, procurando pelo que sabia estar lá, embora soubesse não haver a menor chance de vê-lo, mesmo em uma noite clara, o que não era o caso. A órbita terrestre estava agora tão entulhada de lixo e detritos que um item a mais entre tudo isso – por maior que fosse – jamais seria notado. E, de fato, nunca fora, embora de tempos em tempos sua influência tivesse sido sentida. Quando as ondas estavam fortes. Havia duzentos anos que elas não eram tão fortes quanto agora.

E, enfim, tudo se encaixava. O hospedeiro perfeito tinha sido encontrado.

O hospedeiro perfeito seguiu em frente, atravessando o pátio.

A princípio, o próprio professor parecera a escolha ideal, mas essa tentativa acabou em frustração, raiva e, por fim... inspiração! Trazer um Monge à Terra! Eles eram feitos para acreditarem em tudo, para serem totalmente maleáveis. Podiam ser induzidos a cumprir a tarefa em questão sem nenhuma dificuldade.

Infelizmente, no entanto, ele também se mostrou um completo inútil. Fazê-lo acreditar em algo era muito fácil. Mas fazê-lo continuar a acreditar na mesma coisa por mais de cinco minutos se revelara uma tarefa ainda mais impossível do que convencer o professor a fazer o que ele no fundo queria, mas não se permitia fazê-lo.

Então, depois de mais um fracasso, por milagre, o hospedeiro perfeito por fim se apresentara.

O hospedeiro perfeito já havia provado que não teria nenhum problema em fazer o que precisava ser feito.

Úmida, sufocada pela neblina, a lua lutava para se erguer em um canto do céu. Na janela, uma sombra se moveu.

capítulo 30

Dirk observava a lua da janela que dava para o Segundo Pátio.

– Não vamos esperar muito.

– Pelo quê? – perguntou Richard.

Dirk se virou para encará-lo.

– Pelo retorno do fantasma. Professor – acrescentou para Reg, que estava sentado diante do fogo, ansioso –, você por acaso tem conhaque, cigarros franceses ou um *kombolói* aqui?

– Não.

– Então vou ter que me roer de ansiedade sem nenhuma ajuda – falou Dirk, voltando a olhar pela janela.

– Ainda não estou convencido – comentou Richard – de que fantasmas sejam a única explicação para...

– Lembre-se de que você também precisou ver uma máquina do tempo em ação para aceitar sua existência – retrucou Dirk. – Richard, seu ceticismo é louvável, mas até mesmo a mente de um cético deve estar preparada para aceitar o inaceitável quando não há alternativa. Se algo parece um pato e grasna como um pato, é preciso pelo menos cogitar a possibilidade de que temos um pequeno pássaro aquático da família *Anatidae* em nossas mãos.

– Mas então o que é um fantasma?

– Acredito que um fantasma... seja alguém que morreu de forma violenta ou inesperada antes de conseguir resolver uma pendência.

E que não consegue descansar enquanto a questão não for solucionada ou remediada.

Ele se virou para encará-los outra vez.

– E é por isso que um fantasma ficaria tão fascinado com uma máquina do tempo ao descobrir que ela existe. Uma máquina do tempo oferece uma forma de consertar o que, na opinião do fantasma, deu errado no passado. De se libertar. Portanto, ele vai voltar. Ele já tentou possuir o próprio Reg, mas enfrentou resistência. Depois houve o episódio com o truque de mágica, o pó de arroz e a égua no banheiro que eu... – Ele se deteve. – Que nem eu entendi, embora pretenda entender nem que seja a última coisa que eu faça. E então você, Richard, entra em cena. O fantasma abandona Reg e passa a se concentrar em você. Quase imediatamente, ocorre um incidente estranho, mas significativo. Você faz algo e depois se arrepende.

Dirk fez uma pausa e continuou:

– Refiro-me, é claro, ao recado que você deixou para Susan em sua secretária eletrônica. O fantasma aproveita a chance para tentar induzi-lo a desfazer isso. A voltar no tempo e apagar a mensagem, por assim dizer: a corrigir o erro que cometeu. Só para ver se você o faria. Só para ver se seu caráter permitiria tal coisa. Se tivesse permitido, você estaria totalmente sob o controle dele agora. Mas, no último segundo, a sua natureza se rebela e você se recusa a fazê-lo. Assim, o fantasma desiste de você, considerando-o inadequado para a tarefa, e o abandona. Precisa encontrar outra pessoa. Há quanto tempo ele vem fazendo isso? Não sei. Agora faz algum sentido para você? Reconhece a verdade do que estou dizendo?

O sangue de Richard gelou.

– Sim, acho que você tem razão.

– E em que momento o fantasma abandonou você? – perguntou Dirk.

Richard engoliu em seco.

– Quando Michael Wenton-Weakes foi embora.

– Então eu me pergunto que possibilidades o fantasma viu nele
– falou Dirk baixinho. – Será que, dessa vez, encontrou o que procurava? Creio que não falta muito para descobrirmos.

Ouviu-se uma batida à porta.

Quando ela se abriu, lá estava Michael.

Ele falou apenas:

– Por favor, preciso que me ajudem.

Reg e Richard olharam para Dirk, depois para Michael.

– Se importam se eu largar esta mala em algum lugar? Está muito pesada. Cheia de equipamento de mergulho.

– Ah, entendo – falou Susan. – Bem, obrigada, Nicola, vou tentar o dedilhado que você falou. Tenho certeza de que ele colocou aquele mi bemol ali só de implicância. Sim, passei a tarde inteira nisso. Algumas das semicolcheias no segundo movimento são de enlouquecer. Bem, sim, me ajudou a tirar a cabeça de tudo o que aconteceu. Não, nenhuma notícia. É tudo muito absurdo e terrível. Não quero nem... Olhe, deixe-me ligar de novo mais tarde para ver como você está. Eu sei, eu sei, nunca dá para saber o que é pior: a doença, os antibióticos ou a falta de tato do médico. Cuide-se, ou pelo menos coloque Simon para fazer isso. Peça para ele lhe trazer litros de chá de limão. Ok. Bem, nos falamos mais tarde. Não pegue friagem. Tchau.

Ela desligou e retornou ao violoncelo. Mal havia voltado a reconsiderar o problema irritante do mi bemol quando o telefone tocou. Simplesmente o deixava fora do gancho durante a tarde, mas se esquecera de fazer isso após encerrar sua própria chamada.

Escorou o violoncelo num móvel com um suspiro, largou o arco e voltou ao telefone.

– Alô?

Mais uma vez, não se ouvia nada, apenas o uivo de um vento a soprar ao longe. Irritada, bateu o telefone com força.

Esperou alguns segundos para a linha ser liberada e estava prestes a tirar o fone do gancho novamente quando pensou que talvez Richard fosse precisar dela.

Hesitou.

Admitiu para si mesma que não vinha usando a secretária eletrônica porque a deixava ligada apenas para os telefonemas de Gordon, e isso era algo de que ela não queria lembrar no momento.

Mesmo assim, ligou a secretária eletrônica, baixou o volume para o mínimo e retornou ao mi bemol que Mozart tinha colocado ali só de implicância com os violoncelistas.

Na escuridão do escritório da Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently, Gordon Way devolveu, atabalhado, o telefone ao gancho e afundou-se na cadeira, entregue ao mais profundo desânimo. Nem tentou impedir o afundamento, atravessando a cadeira até pousar como uma pluma no chão.

A Srta. Pearce havia fugido do escritório na primeira vez que o telefone começou a discar números sozinho. Sua paciência para esse tipo de coisa se esgotara outra vez. Desde então, Gordon tinha o lugar só para si. Entretanto, suas tentativas de contatar quem quer que fosse haviam sido um fracasso.

Ou melhor, suas tentativas de contatar Susan, a única pessoa que lhe importava. Era com Susan que ele estava falando logo antes da morte, e Gordon sabia que precisava dar um jeito de falar com ela novamente. Mas sua irmã deixara o telefone fora do gancho a tarde quase inteira e, mesmo quando o atendeu, não conseguiu ouvi-lo.

Desistiu. Levantou-se do chão, saiu do escritório e desceu para a rua. Começava a escurecer. Vagou sem destino por algum tempo,

andou por sobre as águas do canal, um truque que logo perdia a graça, e então voltou a seguir pelas ruas.

Sentia-se especialmente perturbado pelas casas com luz e vida jorrando de dentro delas, pois as boas-vindas que pareciam oferecer não se estendiam a ele. Será que alguma daquelas pessoas se importaria se ele entrasse em sua casa e passasse a noite vendo TV? Ele não causaria nenhum transtorno.

Ou então o cinema.

Isso seria melhor, ele podia ir ao cinema.

Foi com passos mais animados, embora ainda imateriais, que ele pegou a Noel Road e se pôs a subi-la.

Noel Road, pensou. O nome não lhe era estranho. Tinha a impressão de que havia tratado de algum assunto com alguém na Noel Road recentemente. Mas com quem?

Seus pensamentos foram interrompidos por um grito de horror de gelar o sangue que ecoou pela rua. Alguns segundos depois, uma porta foi escancarada a poucos metros dele e uma mulher saiu correndo aos berros, seus olhos apavorados.

capítulo 31

Richard nunca havia gostado de Michael, e gostava menos ainda de sua versão possuída por um fantasma. Não saberia dizer por quê; não tinha nada de pessoal contra fantasmas, e tampouco achava que uma pessoa deveria ser condenada pelo simples fato de estar morta, mas... não gostava dele.

Mesmo assim, era difícil não sentir um pouco de pena do sujeito.

Michael se sentou desamparado em um banquinho, o cotovelo pousado sobre a grande mesa, e apoiou a cabeça na mão. Parecia doente e cansado. Exaurido. Patético. Sua história era angustiante e terminava com as tentativas frustradas de possuir primeiro Reg e, depois, Richard.

– Você tinha razão – concluiu ele. – Toda a razão.

Essas últimas palavras foram direcionadas a Dirk, que fez uma careta, como se quisesse evitar ficar radiante de triunfo muitas vezes no mesmo dia.

A voz era de Michael, mas ao mesmo tempo não era. Seja qual fosse o timbre que uma voz adquirisse após cerca de um bilhão de anos de horror e solidão, aquela voz o havia adquirido. Ela enchia qualquer um que a ouvisse de um pavor vertiginoso, como o que invade sua mente e lhe dá um frio na barriga quando você para à beira de um precipício à noite.

Ele voltou o olhar para Reg e Richard, e aqueles olhos também eram dignos de pena e temor. Richard não conseguia encará-los.

– Devo um pedido de desculpas aos dois – falou o fantasma que possuía Michael –, que estendo a você – ele olhou Dirk – do fundo do meu coração. Só posso esperar que, ao entenderem melhor quanto a minha situação é desesperadora, assim como a esperança que esta máquina me oferece, vocês possam compreender por que eu agi dessa forma e sejam capazes de me perdoar. E de me ajudar. Imploro que me ajudem.

– Deem um uísque a esse homem – falou Dirk com rispidez.

– Não tenho uísque – replicou Reg. – Que tal um vinho do Porto? Tenho uma garrafa de Margaux que posso abrir. Excelente vinho. Temos que deixá-lo descansar uma hora, é claro, até ele estar na temperatura ambiente, mas posso fazer isso, é muito simples, eu...

– Você vão me ajudar? – interrompeu o fantasma.

Reg foi buscar o vinho e algumas taças.

– Por que você possuiu o corpo desse homem? – indagou Dirk.

– Precisava de uma voz para falar e de um corpo para agir. Não farei nenhum mal a ele, nenhum...

– Vou repetir a pergunta: por que você possuiu o corpo desse homem?

O fantasma fez o corpo de Michael dar de ombros.

– Ele estava disposto. Esses dois cavalheiros, como é compreensível, resistiram a ser... bem, hipnotizados. Sua analogia é boa. Já este aqui? Bem, acho que sua noção de identidade está tão enfraquecida que ele consentiu. Sou muito grato a ele e não lhe farei mal algum.

– “Sua noção de identidade está enfraquecida” – repetiu Dirk, pensativo.

– Imagino que seja verdade – falou Richard baixinho para o detetive. – Ele me pareceu muito deprimido ontem à noite. Perdeu a única coisa que lhe importava porque, bem, não era muito bom

nela. Por mais orgulhoso que seja, suponho que tenha sido bastante receptivo à ideia de ser necessário para alguma coisa.

– Humm, humm, humm – fez Dirk, o terceiro som com mais emoção. Em seguida, rodopiou e gritou para o homem sentado no banquinho: – Michael Wenton-Weakes!

Michael jogou a cabeça para trás e pestanejou.

– Sim? – falou ele com sua voz tristonha habitual, acompanhando os movimentos de Dirk com os olhos.

– Você consegue me ouvir e responder por si mesmo?

– Ah, sim, com toda a certeza.

– Esse ser, esse espírito... Você sabe que está possuído por ele? Aceita sua presença? Está disposto a fazer o que ele deseja?

– Exatamente. Fiquei muito comovido com a sua história e estou mais do que disposto a ajudá-lo. Na verdade, acho que é a coisa correta a fazer.

– Muito bem – disse Dirk, estalando os dedos –, pode ir agora.

A cabeça de Michael caiu para a frente e, alguns instantes depois, voltou a se erguer devagar, como se estivesse sendo inflada como um pneu.

O fantasma tinha voltado a possuí-lo.

Dirk apanhou uma cadeira, virou o encosto para a frente e sentou-se nela com as pernas abertas. Pôs-se a encarar o fantasma dentro de Michael, fitando-o nos olhos de forma penetrante.

– Outra vez, me conte de novo. Seja o mais breve possível.

O corpo de Michael se retesou um pouco. Ele fez menção de pegar o braço de Dirk.

– Não me toque! – explodiu Dirk. – Apenas relate os fatos. Se tentar me fazer sentir pena de você, vou dar um soco no seu olho. Ou melhor, no olho que você pegou emprestado. Então pode deixar de fora tudo aquilo que parecia... ahn...

– Coleridge – apressou-se a falar Richard. – Era muito parecido com Coleridge. Com “A balada do velho marinheiro”. Pelo menos

algumas partes.

Dirk franziu a testa.

– Coleridge?

– Eu tentei contar a minha história para ele – admitiu o fantasma. – Eu...

– Desculpe – interrompeu Dirk –, você precisa me desculpar, mas é a primeira vez que eu interrogo um fantasma de quatro bilhões de anos. Estamos falando de Samuel Taylor? Está dizendo que contou sua história para Samuel Taylor Coleridge?

– Eu consegui entrar na mente dele em... certas ocasiões. Quando ele se encontrava em um estado suscetível.

– Quer dizer, quando ele estava sob o efeito de láudano? – perguntou Richard.

– Isso. Era quando ele estava mais relaxado.

– Eu que o diga – zombou Reg. – Cheguei a encontrá-lo algumas vezes quando ele estava para lá de relaxado. Bem, vou fazer um café.

Ele desapareceu dentro da cozinha, onde pôde ser ouvido rindo sozinho.

– Estou em outro mundo – murmurou Richard para si mesmo, sentando-se e balançando a cabeça.

– Mas, infelizmente, quando ele estava em pleno controle de suas faculdades mentais, eu não estava, então não deu certo – continuou o fantasma. – E o que ele escreveu era muito confuso.

– Desenvolva – falou Richard com seus botões, erguendo as sobrancelhas.

– Professor – disse Dirk –, isso pode soar estranho, mas... Coleridge alguma vez tentou, ahn, usar sua máquina do tempo? Sinta-se livre para abordar a questão da maneira que achar melhor.

– Ora, sabe de uma coisa? – respondeu Reg, pondo a cabeça para fora da porta. – Ele veio dar uma espiada uma vez, mas acho que estava relaxado demais para fazer qualquer coisa.

– Entendo. – Dirk se voltou para a figura estranha de Michael, que estava sentado com os ombros caídos em seu banquinho, e acrescentou: – Mas por que você demorou tanto para encontrar alguém?

– Tenho longos períodos de extrema fraqueza, em que quase não existo, e sou incapaz de influenciar o que quer que seja. Além disso, é claro, antes daquela época, não havia uma máquina do tempo aqui e... nenhuma esperança para mim.

– Talvez fantasmas existam como padrões de ondas – sugeriu Richard –, como padrões de interferência entre o real e o possível. Assim, haveria picos e vales irregulares, como em uma onda musical.

O fantasma lançou os olhos de Michael para Richard.

– Você... escreveu aquele artigo.

– Ahn, foi...

– Ele mexeu profundamente comigo – revelou o fantasma, com um remorso tão grande e repentino na voz que pareceu surpreender não apenas seus ouvintes, como ele mesmo.

– Ah. É mesmo? Bem, obrigado. Da última vez que você falou nele, não me pareceu ter gostado tanto assim. Sei que não era exatamente você, mas...

Richard se recostou, franzindo a testa.

– Então – interveio Dirk –, recapitulando...

O fantasma fez Michael respirar fundo e recomeçou sua história:

– Nós estávamos em uma nave...

– Uma espaçonave – corrigiu o detetive.

– Sim. Vínhamos de Salaxala, um mundo que fica muito longe daqui. Um lugar hostil e turbulento. Quase cem de nós saíram do planeta, como era comum as pessoas fazerem, em busca de um novo mundo para viver. Todos os planetas neste sistema solar eram totalmente inadequados para o nosso objetivo, mas paramos aqui para nos reabastecermos de alguns minerais necessários.

Infelizmente, nosso módulo de aterrissagem foi danificado ao entrar na atmosfera. O dano foi grave, mas ainda podia ser consertado. Eu era o engenheiro da tripulação e coube a mim supervisionar a tarefa de reparar a nave e prepará-la para voltar à nave-mãe. Agora, para entender o que aconteceu em seguida, existe algo que você precisa saber sobre como funciona uma sociedade extremamente automatizada. Não há tarefa que não possa ser feita de modo mais simples com a ajuda da computação avançada. E uma viagem que tenha um objetivo como o nosso possui alguns problemas muito específicos...

– E que objetivo seria esse? – perguntou Dirk, incisivo.

O fantasma dentro de Michael pestanejou como se a resposta fosse óbvia.

– Ora, encontrar um mundo novo e melhor em que pudéssemos viver em liberdade, paz e harmonia para sempre, é claro.

Dirk arqueou as sobrancelhas.

– Ah, sim. Imagino que vocês tenham planejado tudo com muito cuidado.

– Fizemos com que fosse planejado para nós. Nós tínhamos dispositivos muito especializados para nos ajudarem a continuar acreditando no propósito da viagem, mesmo diante das maiores dificuldades. Isso geralmente funcionava muito bem, mas talvez tenhamos passado a depender demais deles.

– E que raio de dispositivos são esses?

– Deve ser difícil para você entender quanto eles eram tranquilizadores. E foi isso que me levou a cometer meu erro fatal. Quando eu perguntei se era seguro ou não decolar, não quis saber se poderia *não* ser seguro. Queria apenas ser tranquilizado de que *era*. Então, em vez de conferir eu mesmo, enviei um dos Monges Eletrônicos.

capítulo 32

A placa de bronze na porta vermelha na Peckender Street cintilava ao refletir a luz amarela de um poste. Brilhou forte por um instante ao refletir a luz piscante de uma viatura que passava a toda a velocidade.

Escureceu um pouco quando um espectro pálido, muito pálido, a atravessou silenciosamente. O brilho tremeluziu, pois o espectro tremia, abalado.

O fantasma de Gordon Way parou no corredor escuro. Precisava de algo em que pudesse se escorar, mas isso obviamente não era possível. Tentou abraçar o próprio corpo, mas não havia nada para abraçar. Sentiu ânsia de vômito diante do horror do que testemunhara, mas não havia nada em seu estômago. Subiu a escada, cambaleante, quase nadando no ar, como um homem prestes a se afogar tentando se agarrar a algo na água.

Atravessou vacilante a parede, a mesa, a porta e tentou se recompor e sentar diante da mesa no escritório de Dirk.

Se alguém tivesse entrado no escritório alguns minutos depois – um faxineiro noturno, talvez, se Dirk Gently houvesse contratado algum, coisa que não fez, pois faxineiros exigiam pagamentos e ele não tinha intenção de pagá-los; ou um ladrão, talvez, se houvesse algo que valesse a pena roubar ali, o que não era o caso –, teria ficado aterrorizado.

O fone de um telefone vermelho grande em cima da mesa balançou de repente e caiu sobre o tampo da mesa.

O telefone começou a dar linha. Então, um a um, sete dos botões grandes e fáceis de apertar se afundaram e, depois da longa pausa que o sistema de telefonia britânico lhe concede para você organizar suas ideias e esquecer para quem estava ligando, pôde-se ouvir o som de um telefone tocando do outro lado da linha.

Após alguns toques, ouviu-se um clique, um zumbido e um som como se uma máquina tomasse fôlego. Então, uma voz começou a dizer: "Oi, aqui é a Susan. Não posso atender no momento porque estou tentando acertar um mi bemol no violoncelo, mas se quiser deixar o seu nome..."

– Quer dizer que, levando fé no que disse um... nem acredito que estou dizendo isto... Monge Eletrônico – falou Dirk com ironia –, você tenta lançar a nave e, para o seu total espanto, ela explode. Desde...

– Desde então – interrompeu o fantasma, resignado –, tenho estado sozinho neste planeta. Sozinho com a consciência do que fiz aos meus companheiros de viagem. Sozinho, totalmente sozinho...

– Sim, já falei para pular essa parte – cortou Dirk, irritado. – E quanto à nave-mãe? Suponho que ela tenha seguido em frente e continuado sua busca por...

– Não.

– Então o que aconteceu com ela?

– Nada. Continua lá.

– Continua *lá*?

Dirk se levantou com um salto e pôs-se a andar de um lado para outro na sala, suas sobrancelhas furiosamente franzidas.

– Sim. – Michael baixou um pouco a cabeça, mas ergueu um olhar de lamento para Reg e Richard. – Estávamos todos a bordo do módulo de aterrissagem. No começo, achei que estava sendo

assombrado pelos fantasmas dos demais, mas era apenas minha imaginação. Durante milhões, bilhões de anos, vaguei pela lama totalmente sozinho. É impossível para vocês conceberem até mesmo a mais ínfima parcela do tormento de uma eternidade como essa. Então, recentemente, a vida surgiu neste planeta. Vegetação, criaturas marinhas e, por fim, vocês. Vida inteligente. E é a vocês que recorro para que me libertem do meu suplício.

A cabeça de Michael tornou a se afundar no peito por alguns segundos. Depois, ergueu-se devagar, vacilante, e encarou-os outra vez, com uma chama ainda mais sombria nos olhos.

– Levem-me de volta. Eu imploro que me levem de volta ao módulo de aterrissagem. Uma palavra minha e o erro poderá ser desfeito, os reparos adequados serão realizados, o módulo de aterrissagem voltará à nave-mãe, nós seguiremos caminho, meu tormento estará terminado e eu deixarei de ser um estorvo para vocês. Por favor, eu imploro.

Fez-se um breve silêncio enquanto o apelo pairava no ar.

– Mas não tem como dar certo, tem? – questionou Richard. – Se fizermos isso, nada disto aqui irá acontecer. Não estaremos gerando toda uma série de paradoxos?

Reg foi arrancado de seus pensamentos e respondeu:

– Não serão piores do que muitos paradoxos que já existem. Se o Universo acabasse todas as vezes que houvesse alguma incerteza quanto ao que aconteceu nele, nunca teria passado do primeiro picossegundo. E muitos universos não passam, é claro. É como o corpo humano, entende? Alguns cortes e machucados aqui e ali não fazem mal. Nem mesmo uma cirurgia de grande porte, quando feita corretamente. Paradoxos são apenas as cicatrizes. Tempo e espaço se regeneram ao redor deles e as pessoas se lembram apenas da versão dos fatos que faz uma quantidade satisfatória de sentido para elas. Isso não quer dizer que, se você deparar com um paradoxo, algumas coisas não lhe parecerão muito estranhas, mas,

se você ainda não passou por isso uma vez na vida, então não sei em que Universo tem vivido, mas não foi neste.

– Bem, já que é assim, por que você estava tão determinado a não fazer nada para salvar o dodô?

Reg suspirou.

– Você não entende. O dodô teria sobrevivido se eu não tivesse me empenhado tanto em salvar o celacanto.

– O celacanto? O peixe pré-histórico? Mas como uma coisa pode ter afetado a outra?

– Ah. Agora você fez a pergunta certa. As complexidades das leis de causa e efeito desafiam qualquer análise. O continuum não é apenas como o corpo humano, ele é muito parecido como um papel de parede mal aplicado. Se você alisar uma bolha em algum canto, uma segunda aparece em outro lugar. Os dodôs estão extintos graças à minha interferência. Acabei por me impor essa regra porque já não conseguia suportar a culpa. A única coisa que realmente se machuca quando tentamos mudar o tempo somos nós mesmos.

Ele abriu um sorriso triste e desviou o olhar.

Então, após uma longa pausa para reflexão, ele acrescentou:

– Não, nós podemos ajudá-lo. Estou sendo pessimista só porque já vi dar errado muitas vezes. A história desse pobre sujeito é tão patética que não pode haver mal algum em acabar com sua agonia. Aconteceu muito, muito tempo atrás em um planeta sem vida. Se fizermos isso, cada um de nós guardará a lembrança do que nos tiver acontecido individualmente. Se o resto do mundo não concordar, paciência: não será a primeira vez.

Michael inclinou a cabeça.

– Você está muito calado, Dirk – comentou Richard.

O detetive o encarou com um olhar fulminante.

– Quero ver a nave – exigiu ele.

Na escuridão, o fone vermelho escorregava e deslizava convulsivamente pela mesa. Se alguém estivesse ali, talvez vislumbrasse a figura indistinta que o movia.

O brilho que ela emitia era muito tênue, mais fraco do que o dos ponteiros de um relógio fluorescente. Era como se a escuridão ao seu redor fosse mais profunda e o vulto espectral não passasse de uma cicatriz no tecido da noite.

Gordon lutou uma última vez com o fone recalcitrante. Com muito esforço, agarrou-o e conseguiu arrastá-lo para cima do aparelho e desligar.

No mesmo instante, após finalmente concluir o último telefonema, o fantasma de Gordon desapareceu.

capítulo 33

Em meio aos detritos que flutuavam para sempre na órbita terrestre alta, oscilando devagar ao redor da Terra, havia um vulto escuro que era maior e de formato mais regular do que os demais. E muito, muito mais antigo.

Durante quatro bilhões de anos, ele absorveu de forma ininterrupta dados do mundo abaixo dele, varrendo, analisando, processando. Vez por outra, enviava alguns dados de volta se achasse que poderiam ajudar e que pudessem ser recebidos. Mas, fora isso, observava, ouvia e registrava. Nenhuma oscilação de onda ou batimento cardíaco escapava à sua atenção.

Além disso, nada ali dentro havia se movido em quatro bilhões de anos, com exceção do ar que ainda circulava e das partículas de poeira que dançavam, e dançavam, e dançavam, e dançavam... e dançavam.

Foi então que algo perturbou, muito de leve, toda essa inércia. Discretamente, sem alarde, como uma gotícula de orvalho se precipitando do ar e pingando em uma folha, uma porta surgiu em uma parede que permanecera vazia e cinzenta durante quatro bilhões de anos. Uma porta branca comum, com uma fechadura de bronze pequena e desgastada.

Esse acontecimento discreto também foi registrado e incorporado ao fluxo contínuo de processamento de dados que a

nave executava sem parar. Não só a chegada da porta, como a chegada daqueles que estavam atrás dela, sua aparência, a maneira como se moviam e como se sentiam ao chegar ali. Tudo processado, registrado, transformado.

Passados alguns instantes, a porta se abriu.

Além dela, via-se uma sala como nenhuma outra na espaçonave, com piso de madeira e tapetes puídos, onde um fogo dançava. Assim como o fogo, seus dados dançavam nos computadores da nave, e as partículas de poeira no ar também acompanhavam a dança.

Um vulto estava parado diante da porta – um vulto corpulento e triste, em cujos olhos também dançava uma luz estranha. Ele atravessou o portal e adentrou a nave, seu rosto enchendo-se de uma calma pela qual ansiara, embora tivesse pensado que jamais voltaria a sentir.

Atrás dele, veio um homem mais baixo e mais velho, com cabelos brancos e desgrenhados. Ele parou e pestanejou de admiração ao passar dos domínios da sua sala para os da espaçonave, sendo seguido por um homem impaciente e tenso, com um sobretudo de couro que ondulava ao seu redor. Ele também se deteve e ficou momentaneamente estupefato diante de algo que não entendia. Com uma expressão da mais profunda perplexidade no rosto, seguiu em frente e correu os olhos pelas paredes cinzentas e empoeiradas da nave antiga.

Por fim, um quarto homem surgiu, alto e magro. Ele se abaixou para atravessar a porta, então parou de repente, como se tivesse batido em uma parede.

De certo modo, era o que havia acontecido.

Ele ficou petrificado. Se alguém estivesse olhando para o seu rosto, teria visto com toda a clareza que o acontecimento mais surpreendente de toda a sua existência estava ocorrendo naquele instante.

Quando voltou a se mover, devagar, andava com passos curiosos, como se nadasse muito lentamente. Cada ínfimo movimento da sua cabeça parecia trazer novas ondas de espanto e assombro para o rosto. Seus olhos se encheram de lágrimas e ele mal conseguia respirar de tão maravilhado.

Dirk se virou para ele, no intuito de apressá-lo.

– Qual é o problema? – perguntou, acima do ruído.

– A... música... – sussurrou Richard.

O ar estava tomado por música. Tão tomado que parecia não haver espaço para mais nada. E cada partícula de ar parecia ter seu próprio conjunto de notas, de modo que, quando movia a cabeça, Richard ouvia melodias novas, diferentes, mas em perfeita harmonia com as outras que as cercavam.

As modulações de uma para a outra eram realizadas de forma impecável: saltos incríveis para notas distantes eram obtidos sem o menor esforço, com um simples movimento da cabeça. Novos temas, novas linhas melódicas, tudo na mais perfeita e extraordinária harmonia, entrelaçavam-se de forma ininterrupta naquela trama contínua. Grandes e vagarosas ondulações, danças mais rápidas que vibravam através delas, melodias longas e emaranhadas, cujos finais eram tão parecidos com os inícios que se misturavam, entremeavam-se, viravam do avesso, e então saíam em disparada outra vez, montadas nas costas de outra melodia rodopiante vinda dos confins da espaçonave.

Richard atravessou, cambaleante, o muro de som.

Dirk veio buscá-lo.

– Vamos – disse ele, ríspido –, qual o problema? Não está suportando a música? Está meio alta, não está? Recomponha-se, pelo amor de Deus. Tem alguma coisa aqui que ainda não consegui entender. Algo não bate bem. Venha...

Dirk começou a arrastar Richard atrás de si, então teve que ampará-lo à medida que sua mente era arrastada para as

profundezas pelo peso esmagador da música. As visões que eram tramadas em sua cabeça pelos milhares de fios musicais vibrantes que a atravessavam tornavam-se cada vez mais caóticas, porém, quanto mais o caos crescia, mais ele se combinava com o caos seguinte, e com o próximo caos ainda maior, até tudo se tornar um enorme novelo explosivo de harmonia que se expandia em sua mente mais rápido do que qualquer mente conseguiria suportar.

E tudo ficou muito mais simples.

Uma simples melodia dançou pela sua cabeça, capturando toda a sua atenção. Cortou aquela enxurrada mágica como um raio, moldando-a, dando-lhe forma, vida, mostrando-se sua própria essência. Saltitava e gorjeava, ligeira a princípio, mas então desacelerou, tornando a dançar em seguida, porém com mais dificuldade; depois, pareceu afundar em redemoinhos de dúvida e confusão, revelando por fim que os redemoinhos eram apenas as primeiras oscilações de uma enorme onda de energia que brotava alegremente das profundezas.

Richard começou a desfalecer muito, muito devagar.

Ele estava deitado, totalmente imóvel.

Sentia-se como uma esponja velha encharcada de parafina e deixada no sol para secar.

Sentia-se como um cavalo velho e confuso, torrando debaixo do sol. Sonhou com óleos suaves e aromáticos, com mares escuros revoltos. Estava em uma praia branca, inebriado com os peixes, estupefato com a areia, entorpecido, castigado pela luz, afundando, estimando a densidade de nuvens de vapor em uma nebulosa distante, entregue à vertigem de um prazer absoluto. Ele era uma fonte que jorrava água fresca na primavera, molhando um monte perfumado de grama recém-cortada. Sons quase inaudíveis crepitavam como um sonho distante.

Richard correu e começou a cair. As luzes de um porto foram engolidas pela noite. O mar açoitava infinitesimalmente a areia como um espírito sombrio, cintilante, inconsciente. Lá onde era mais fundo e frio, ele afundou com facilidade, enquanto o mar avolumava-se como óleo em volta das suas orelhas, e a única coisa que o incomodava era um "trimm", "trimm" distante, como se um telefone estivesse tocando.

Sabia que estava ouvindo a música da própria vida. A música da luz dançando na água que ondulava com o vento e as marés, da vida que se movia pela água, da vida que se movia na terra, aquecida pela luz.

Continuava deitado, totalmente imóvel. Continuava a ser incomodado pelo "trimm", "trimm" do que parecia um telefone tocando.

Aos poucos, foi percebendo que o "trimm", "trimm" distante do que parecia um telefone tocando era, de fato, um telefone tocando.

Sentou-se, sobressaltado.

Estava deitado em uma cama de solteiro desarrumada, em um quarto pequeno e bagunçado que reconhecia de algum lugar, mas não sabia de onde. Havia livros e sapatos por toda a parte. Piscou, ainda confuso.

O telefone ao lado da cama estava tocando. Ele o atendeu.

– Alô?

– Richard! – Era a voz de Susan, que parecia transtornada.

Ele balançou a cabeça e não conseguiu se lembrar de nada de útil.

– Alô?

– Richard, é você? *Onde você está?*

– Ahn, espere, vou olhar.

Ele largou o fone em cima dos lençóis embolados, onde Susan continuou tagarelando, saiu trêmulo da cama, cambaleou até a porta e a abriu.

Deparou com um banheiro. Olhou desconfiado para ele. Também o reconhecia, mas tinha a sensação de que faltava algo. Ah, sim, deveria ter uma água ali dentro. Ou pelo menos da última vez em que estivera ali vira uma água. Atravessou o banheiro e saiu pela outra porta. Ainda tremendo, desceu as escadas e entrou na sala de estar de Reg.

Ficou surpreso com o que viu ao entrar.

capítulo 34

As tempestades do dia anterior e do dia antes desse haviam passado, assim como as enchentes da outra semana. O céu continuava carregado, mas tudo o que de fato caía na penumbra de fim de tarde era um tipo deprimente de chuvisco.

O vento soprava pela planície que escurecia, atravessando com dificuldade as colinas baixas e ganhando força ao cruzar um vale raso onde uma estrutura se erguia, uma espécie de torre, solitária e inclinada em um pesadelo feito de lama.

Era uma construção atarracada e enegrecida. Brotava como uma erupção de magma de um dos fossos mais pestilentos do inferno e pendia em um ângulo estranho, como se oprimida por algo mais terrível do que seu considerável peso. Parecia uma coisa morta, e morta há muito tempo.

O único movimento vinha do rio de lama que passava pela torre e se arrastava vagorosamente ao longo do fundo do vale. Cerca de 1,5 quilômetro mais à frente, o rio descia por uma ravina e sumia debaixo da terra.

Foi essa cena que Richard ficou surpreso de ver do pequeno portal branco instalado na parede da encosta do vale, a algumas centenas de metros da torre.

– Não saia! – ordenou Dirk, levantando um braço. – O ar está envenenado. Não sei o que tem nele, mas certamente deixaria seus

carpetes limpíssimos.

Dirk estava parado diante do portal, olhando para o vale com uma desconfiança profunda.

– Que lugar é este? – perguntou Richard.

– Bermudas – respondeu Dirk. – É um pouco complicado.

– Obrigado – agradeceu Richard, atravessando a sala, grogue. – Com licença – falou para Reg, que estava ocupado rodeando Michael Wenton-Weakes para garantir que a roupa de mergulho que ele vestia não estava folgada em nenhuma parte, que a máscara estava presa no lugar e que o regulador do suprimento de ar funcionava direito. – Com licença, posso passar? Obrigado.

Ele subiu a escada, voltou ao quarto de Reg, sentou-se trêmulo na beira da cama e apanhou o fone.

– Bermudas. É um pouco complicado – repetiu.

Lá embaixo, Reg acabou de passar vaselina em todas as dobras da roupa de mergulho e nas poucas partes de pele exposta em volta da máscara e anunciou que estava tudo pronto.

Dirk se afastou da porta, abrindo caminho com toda a má vontade do mundo.

– Vá logo. Bons ventos o levem. Eu lavo minhas mãos. Suponho que teremos que esperar aqui você nos enviar de volta a garrafa vazia, embora não valha muita coisa.

Deu a volta no sofá, gesticulando com irritação. Não gostava daquilo. Não gostava nem um pouco daquilo. Acima de tudo, não gostava que Reg soubesse mais sobre o espaço-tempo do que ele. Irritava-o também não saber por que não gostava disso.

– Meu caro colega – disse Reg em um tom conciliatório –, pense em como é simples para nós ajudar esta pobre alma. Sinto muito que lhe pareça um anticlímax depois de todas as suas extraordinárias façanhas de dedução. Sei que pensa que um simples gesto de compaixão não é recompensa suficiente, mas deveria ser mais caridoso.

– Caridoso, uma ova! Eu pago meus impostos, quer mais do que isso?

Ele se jogou no sofá, passou as mãos pelos cabelos e fez cara feia.

A figura possuída de Michael trocou um aperto de mãos com Reg e disse algumas palavras de agradecimento. Então, andou a passos duros em direção à porta, virou-se e fez uma mesura para os dois.

Dirk girou a cabeça para trás e o encarou duramente, seus olhos faiscando por trás dos óculos, seus cabelos esvoaçantes. O fantasma olhou para Dirk e, por um instante, estremeceu por dentro de apreensão. Um instinto supersticioso fez o fantasma acenar de repente. Ele descreveu três círculos no ar com a mão de Michael e disse uma só palavra:

– Adeus.

Ele lhes deu as costas, agarrou as laterais da porta e saiu com determinação rumo à lama e ao ar poluído e envenenado.

Parou por um instante para se certificar de que o chão era firme, que estava bem equilibrado, então, sem olhar para trás, afastou-se, saindo do alcance das criaturas viscosas com pernas, em direção à sua espaçonave.

– Ora essa, o que diabo *isso* quis dizer? – questionou Dirk, imitando, irritado, o estranho aceno triplo.

Richard veio descendo estrepitosamente a escada, escancarou a porta e se atirou para dentro da sala, com os olhos arregalados.

– Ross foi assassinado! – gritou.

– Quem é Ross, cacete? – berrou Dirk.

– O novo editor da *Fathom*!

– O que é a *Fathom*? – tornou a gritar o detetive.

– A droga da revista de Michael, Dirk! Lembra? Gordon demitiu Michael da revista e deu o cargo de editor para esse tal de Ross. Michael o odiava por isso. Bem, ontem à noite, Michael assassinou o infeliz! – Ele fez uma pausa, ofegante. – Quer dizer, ele foi

assassinado. E Michael era o único com algum motivo para fazer isso.

Richard correu até a porta, olhou para o vulto que se afastava, desaparecendo na escuridão, e virou-se de novo.

– Ele vai voltar?

Dirk se levantou com um salto e ficou parado ali por alguns instantes.

– É isso... É por *isso* que Michael era a escolha perfeita. Era *isso* que eu deveria ter procurado. A coisa que o fantasma o obrigou a fazer para assegurar seu controle sobre ele, a coisa que Michael no fundo precisava estar *disposto* a fazer, que estava em sintonia com o objetivo do próprio fantasma. Ai, meu Deus do céu. Ele acha que nós os superamos e é justamente isso que quer reverter. Acha que este mundo é deles, não nosso. Era *aqui* que iriam se estabelecer e construir seu maldito paraíso. Tudo se encaixa perfeitamente. – Dirk se voltou para Reg. – Será que não entende o que nós fizemos? Eu não ficaria surpreso se o acidente que a sua pobre alma atormentada está tentando reverter lá fora é o que deu início à vida neste planeta!

Ele afastou os olhos de Reg, que estava lívido e trêmulo, e os lançou para Richard.

– Quando você teve essa notícia? – perguntou, intrigado.

– Ahn, agora mesmo, por telefone. Lá em cima.

– O quê?

– Era Susan, não sei como... Ela disse que alguém tinha deixado uma mensagem em sua secretária eletrônica. Falou que a mensagem era de... Gordon, mas acho que ela estava histérica. Dirk, o que está havendo? Onde nós estamos?

– Estamos quatro bilhões de anos no passado – respondeu Reg com a voz trêmula. – Por favor, não me pergunte como o telefone está funcionando quando estamos longe de qualquer parte do

Universo em que ele esteja conectado. Essa é uma questão que você precisará esclarecer com a companhia telefônica, mas...

– Para o inferno com a companhia telefônica! – gritou Dirk, as palavras saindo naturalmente por força do hábito.

Ele correu até a porta e tornou a olhar para o vulto indistinto que atravessava com dificuldade a lama em direção à espaçonave salaxalana, fora do alcance deles.

– Quanto tempo você acha que aquele gordo desgraçado e iludido vai levar para alcançar a nave? – indagou Dirk com bastante calma. – Porque esse é todo o tempo que nos resta. Vamos nos sentar. Vamos pensar. Temos dois minutos para decidir o que fazer. Depois disso, suspeito que nós três, e tudo o que já conhecemos, incluindo o celacanto e o dodô, meu caro professor, deixaremos de existir para sempre.

Ele se deixou cair no sofá, então levantou de novo e tirou debaixo de si o paletó que Michael deixara para trás. Ao fazer isso, um livro caiu do bolso da roupa.

capítulo 35

— **A**cho que é um tremendo sacrilégio – comentou Richard a Reg, ambos escondidos atrás de uma cerca viva.

A noite estava repleta de aromas de verão vindos do jardim do chalé, além da eventual lufada de ar marinho carregada pelas brisas suaves que se entretinham às margens do Canal de Bristol.

Uma lua brilhante pairava sobre o mar ao longe, e sua luz também permitia ver parte do Parque Nacional de Exmoor, que se estendia ao sul de onde eles estavam.

Reg suspirou.

– Talvez seja, mas, infelizmente, acho que ele tem razão. Precisamos fazer isso. É a única maneira garantida. Todas as instruções estão contidas claramente no poema desde que você saiba o que está procurando. Temos que impedi-lo. O fantasma sempre vagará por aí. Na verdade, agora são dois. Isto é, considerando que isso dê certo. Pobre-diabo. Mas suponho que a culpa seja toda dele.

Ansioso, Richard arrancou algumas folhas de grama e pôs-se a enrolá-las nos dedos.

Ergueu-as contra o luar, virou-as em ângulos diferentes e observou a maneira como a luz brincava nelas.

– Que música! Não sou religioso, mas, se fosse, diria que foi um vislumbre da mente de Deus. Talvez tenha sido, e eu devesse ser

religioso. Preciso ficar lembrando a mim mesmo que eles não criaram a música, mas apenas o instrumento capaz de ler a partitura. E a partitura era a própria vida. E está tudo lá em cima.

Ele olhou para o céu. Inconscientemente, começou a citar os seguintes versos:

“Se o seu cantar e sua melodia
Pudesse eu reviver neste instante,
Seria arrebatado por tamanha alegria
Que, com a música alta e ressoante,
Ergueria aquele palácio em pleno ar:
O paço ensolarado! As grutas glaciais!”

– Humm – fez Reg –, será que chegamos cedo demais?

– O que disse?

– Ahn, nada. Estava só pensando alto.

– Meu Deus, como ele fala, não? – exclamou Richard de repente.

– Já está há uma hora lá dentro. O que será que está havendo?

Ele se levantou e olhou por sobre a cerca viva para o pequeno chalé iluminado pelo luar atrás deles. Cerca de uma hora antes, Dirk tinha andando a passos firmes até a porta e batido nela.

Quando a porta foi aberta com alguma relutância e um rosto ligeiramente entorpecido olhou para fora, Dirk tirou seu chapéu ridículo e falou em voz alta:

– Sr. Samuel Coleridge? Eu estava passando por aqui, voltando de Porlock, e me perguntei se não seria muito incômodo pedir que o senhor me conceda uma entrevista. É só para o jornal da minha paróquia, do qual sou editor. Prometo que não tomarei muito do seu tempo, sei que deve ser um homem muito ocupado, um poeta tão famoso quanto o senhor, mas sou um grande admirador do seu trabalho e...

Não foi possível ouvir o resto, pois, a essa altura, Dirk havia conseguido entrar e fechado a porta atrás de si.

– Pode me dar licença um instante? – perguntou Reg.

– O quê? Ah, claro. Vou até lá dar uma olhada e ver o que está acontecendo.

Enquanto Reg sumia atrás de uma árvore, Richard abriu o pequeno portão e estava prestes a subir o caminho até o chalé quando ouviu o som de vozes se aproximando da porta da frente pelo lado de dentro.

– Bem, muitíssimo obrigado, Sr. Coleridge – falou Dirk ao sair, mexendo no chapéu e fazendo uma mesura. – O senhor foi muito gentil e generoso com o seu tempo, e agradeço-lhe imensamente, como estou certo de que meus leitores também agradecerão. Tenho certeza de que renderá um excelente artigo, e não se preocupe que lhe enviarei uma cópia para que o senhor possa lê-lo quando quiser. Terei o maior prazer em ouvir seus comentários, se o senhor tiver algum; qualquer observação quanto ao estilo, sugestões, dicas, coisas desse tipo. Bem, obrigado, muito obrigado novamente pelo seu tempo, espero que não tenha atrapalhado nada de importante...

A porta foi fechada com força atrás dele.

Dirk se virou, seu rosto outra vez radiante de triunfo, e voltou às pressas para junto de Richard.

– Bem, está resolvido – garantiu ele, juntando as palmas das mãos. – Acho que ele chegou a começar a escrever, mas não se lembrará de nenhuma outra palavra, isso eu garanto. Onde está nosso ilustre professor? Ah, aí está você. Meu Deus, nem imaginava que tinha demorado tanto. Um homem muito fascinante e divertido, nosso Sr. Coleridge, ou pelo menos tenho certeza de que ele teria sido, se eu tivesse lhe dado a chance, mas estava ocupado demais sendo fascinante eu mesmo.

Voltando-se para Richard, ele continuou:

– Ah, mas eu fiz o que você me pediu, Richard, e perguntei a ele no final sobre o albatroz, e ele perguntou “que albatroz”? Então eu falei, ah, não tem importância, o albatroz é irrelevante. Ele indagou qual albatroz era irrelevante e eu disse “esqueça o albatroz, não importa”, daí ele falou que importava, sim, senhor: se alguém aparecia em sua casa no meio da noite falando sandices sobre albatrozes, ele queria saber por quê. Então eu falei “o maldito albatroz que se exploda” e ele respondeu que estava de pleno acordo e que aquilo talvez até tivesse lhe dado uma ideia para um poema em que estava trabalhando. Muito melhor do que uma colisão de um asteroide, que ele achava que já seria abusar da credulidade alheia. E então eu fui embora. Prontinho. Agora que salvei toda a raça humana da extinção, uma pizza viria bem a calhar. O que me dizem?

Richard não expressou nenhuma opinião. Em vez disso, olhava um tanto intrigado para Reg.

– Algum problema? – falou o professor, surpreso.

– Belo truque – disse Richard –, eu poderia jurar que você não tinha barba antes de ir para trás da árvore.

– Ah, sim – Reg cofiou a barba farta –, um descuido, um mero descuido.

– O que você anda tramando?

– Ah, apenas alguns ajustes. Uma pequena cirurgia, se é que me entende. Nada muito drástico.

Alguns minutos depois, ele os conduziu através da porta extra que um estábulo próximo dali havia ganhado misteriosamente. Antes de atravessá-la, Reg olhou para o céu que deixavam para trás, bem a tempo de ver um pontinho de luz brilhar forte e desaparecer.

– Sinto muito, Richard – sussurrou Reg, entrando atrás deles.

capítulo 36

— Não, obrigado – falou Richard com firmeza –, adoraria ter a oportunidade de lhe pagar uma pizza e ver você comê-la inteirinha, Dirk, mas prefiro ir direto para casa. Tenho que ver Susan. Tudo bem, Reg? Posso ir direto para o meu apartamento? Dou um pulo em Cambridge na semana que vem para pegar meu carro.

– Já estamos lá, é só você sair pela porta e estará em casa. É sexta-feira à noite e você tem todo o fim de semana pela frente.

– Obrigado. Ahn, olhe, Dirk, a gente se vê, está bem? Eu lhe devo alguma coisa? Não sei dizer.

Dirk descartou o assunto com um aceno distraído.

– A Srta. Pearce entrará em contato com você no devido tempo.

– Está bem, nos falamos depois que eu tiver descansado um pouco. Foi tudo muito, ahn, inesperado.

Richard foi até a porta e a abriu. Ao atravessá-la, viu-se no meio da escada do seu prédio, em cuja parede a porta havia se materializado.

Estava prestes a subir os degraus quando se virou, como se algo tivesse lhe vindo à cabeça de repente. Ele voltou para dentro, fechando a porta atrás de si.

– Reg, podemos fazer um pequeno desvio antes? Acho que seria bom levar Susan para jantar fora hoje à noite, mas o lugar que

tenho em mente precisa ser reservado com antecedência. Acha que consegue voltar três semanas para mim?

– Sem o menor problema. – Reg fez um ajuste sutil na disposição das contas no ábaco. – Pronto, você voltou três semanas no tempo. Já sabe onde fica o telefone.

Richard subiu às pressas a escada interna até o quarto de Reg e telefonou para o restaurante L'Esprit d'Escalier. O maître ficou encantado em anotar sua reserva, dizendo que seria um prazer recebê-lo dentro de três semanas. Richard desceu a escada, balançando a cabeça de admiração.

– Preciso de um fim de semana de realidade concreta. O que era aquilo que acabou de sair pela porta?

– Era o seu sofá – falou Dirk. – O entregador perguntou se poderia abrir a porta para que eles conseguissem manobrá-lo, e eu disse que ele podia ficar à vontade.

Poucos minutos depois, Richard subia correndo as escadas em direção ao apartamento de Susan. Quando chegou à porta, ficou tão feliz como sempre ao ouvir os sons graves do violoncelo dela vindo baixinhos lá de dentro. Entrou sem fazer barulho e, enquanto andava até a porta do quarto de ensaio, de repente se viu petrificado. Reconhecia a melodia que Susan estava tocando. Ela saltitava e gorjeava, ligeira à princípio, mas então desacelerava, tornando a dançar em seguida, porém com mais dificuldade...

Richard estava tão perplexo que ela parou de tocar no instante em que o viu.

– Qual é o problema? – perguntou, alarmada.

– De onde você tirou essa música? – sussurrou Richard.

Susan deu de ombros.

– Ora, da partitura – respondeu, intrigada. Não estava sendo irônica: apenas não entendera a pergunta.

– O que é?

– É de uma cantata que eu vou tocar daqui a umas duas semanas. Bach, número 6.

– Quem a compôs?

– Ora, Bach, imagino. Faz sentido, se você pensar bem.

– Quem?

– Observe meus lábios. Bach. B-A-C-H. Johann Sebastian. Lembra dele?

– Não, nunca ouvi falar. Quem é esse cara? Ele compôs mais alguma coisa?

Susan largou o arco, escorou o violoncelo, levantou-se e foi até ele.

– Você está bem?

– Ahn, é difícil dizer. O que...

Ele notou uma pilha de partituras em um dos cantos do quarto, com o mesmo nome da que estava em cima de todas: BACH. Ele se lançou sobre elas e começou a revirá-la – J. S. BACH, dizia cada uma delas. Sonatas para violoncelo. Concertos de Brandemburgo. Missa em si menor.

Ergueu os olhos para Susan, atônito.

– Nunca vi nada disso antes.

– Richard, querido – falou ela, pousando a mão em seu rosto –, o que está havendo? São apenas partituras de Bach.

– Mas será que você não entende? – Ele brandia um punhado daquelas folhas no ar. – Eu nunca, jamais vi nada disso antes!

– Bem – disse ela, meio de brincadeira, meio a sério –, talvez, se você não passasse o tempo todo brincando com música de computador...

Ele a encarou com uma perplexidade alucinada, então recostou-se devagar na parede e começou a rir histericamente.

Na segunda-feira à tarde, Richard telefonou para Reg.

– Reg! Seu telefone está funcionando. Parabéns.

– Ah, sim, meu caro colega, que prazer ter notícias suas. Sim, um rapaz muito competente veio consertar o telefone mais cedo. Não devo ter mais problemas com ele. Ótima notícia, não acha?

– Excelente. Então você chegou em segurança.

– Ah, sim, obrigado por perguntar. Ah, tivemos um acontecimento muito empolgante aqui depois que deixamos você em casa. Lembra-se da égua? Bem, ela voltou a aparecer com seu dono. Eles tiveram um episódio lamentável com a polícia e quiseram voltar para casa. Melhor assim. Aquele sujeito me parecia perigoso demais para ficar à solta. Pois bem, e você, como está?

– Reg... a música...

– Ah, sim, achei que você fosse gostar. Confesso que deu algum trabalho. Salvei apenas uma parcela ínfima do que havia, é claro, mas não deixa de ser uma trapaça. Era muito mais do que qualquer homem poderia fazer em uma só vida, mas imagino que ninguém vá analisar a questão tão a fundo assim.

– Reg, não podemos buscar mais um pouco?

– Bem, não. A nave foi destruída e, além do mais...

– Poderíamos voltar no tempo...

– Não, eu já lhe disse: consertaram o telefone para que ele não volte a dar problemas.

– E daí?

– Ora, a máquina no tempo não funciona mais. Ela pifou. Está tão morta quanto um dodô. Infelizmente, não se pode fazer mais nada. Mas talvez seja melhor assim, você não acha?

Na segunda-feira, a Sra. Sauskind telefonou para a Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently para reclamar sobre a sua fatura:

– Não entendo do que se trata isto, não faz o menor sentido. O que isto quer dizer?

– Minha cara Sra. Sauskind – respondeu Dirk –, a senhora nem imagina quanto eu tenho esperado pela oportunidade de termos esta mesmíssima conversa de novo. Por onde devemos começar hoje? Qual item em especial gostaria de discutir?

– Nenhum, muito obrigada, Sr. Gently. Não sei quem você é ou por que imagina que meu gato esteja desaparecido. Meu querido Roderick morreu em meus braços dois anos atrás e eu nunca quis substituí-lo.

– Ah, bem, o que a senhora talvez não perceba é que isso é uma consequência direta dos meus esforços para... Se a senhora me permite explicar a interconexão fundamental de todas as coisas...

Ele se interrompeu. Era inútil. Pousou lentamente o telefone de volta no gancho.

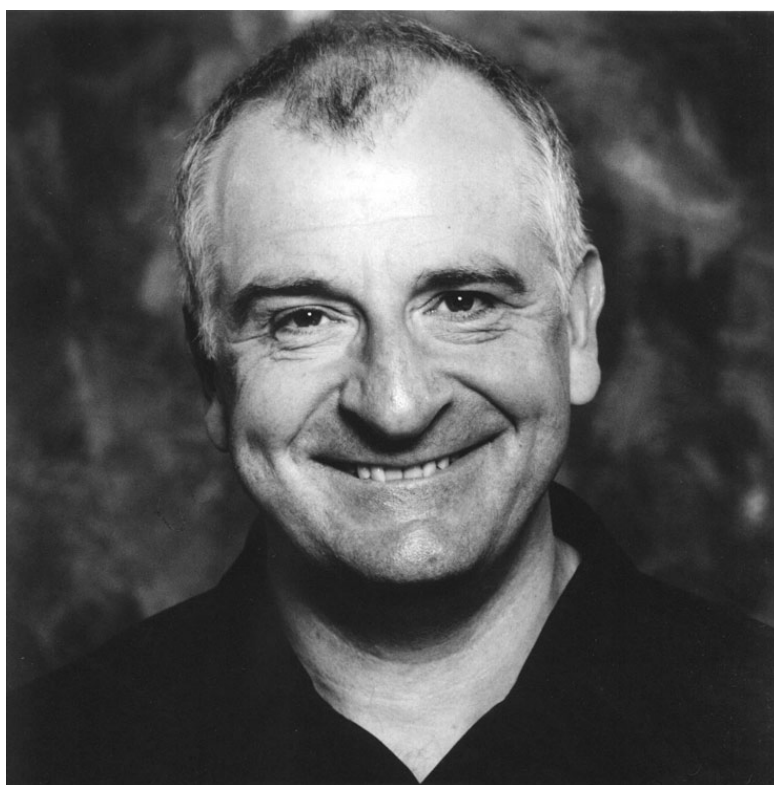
– Srta. Pearce! – gritou. – Tenha a bondade de enviar uma fatura revisada para a nossa estimada Sra. Sauskind. A nova fatura deve dizer: “Serviço: salvar a humanidade da extinção total – sem custos adicionais.”

Ele colocou seu chapéu e encerrou o expediente.

FIM



sobre o autor



DOUGLAS ADAMS é autor de *O Salmão da Dúvida* e da famosa série *O Mochileiro das Galáxias* – cujos títulos incluem *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, *O Restaurante no Fim do Universo*, *A Vida, o Universo e Tudo Mais*, *Até Mais*, e *Obrigado pelos Peixes!* e *Praticamente Inofensiva* –, todos publicados pela Arqueiro. Adams

nasceu em Cambridge, Inglaterra, em 1952, e morreu aos 49 anos, em 2001.

www.douglasadams.com/

CONHEÇA OUTROS LIVROS DO AUTOR



O guia do mochileiro das galáxias Volume Um da Trilogia de Cinco

Considerado um dos maiores clássicos da literatura de ficção científica, *O Guia do Mochileiro das Galáxias* vem encantando gerações de leitores ao redor do mundo com seu humor afiado.

Este é o primeiro título da famosa série escrita por Douglas Adams, que conta as aventuras espaciais do inglês Arthur Dent e de seu amigo Ford Prefect.

A dupla escapa da destruição da Terra pegando carona numa nave alienígena, graças aos conhecimentos de Prefect, um E.T. que vivia disfarçado de ator desempregado enquanto fazia pesquisa de campo para a nova edição do *Guia do Mochileiro das Galáxias*, o melhor guia de viagens interplanetário.

Mestre da sátira, Douglas Adams cria personagens inesquecíveis e situações mirabolantes para debochar da burocracia, dos políticos, da "alta cultura" e de diversas instituições atuais. Seu livro, que trata em última instância da busca do sentido da vida, não só diverte como também faz pensar.



O restaurante no fim do universo Volume Dois da Série O Mochileiro das Galáxias

O que você pretende fazer quando chegar ao Restaurante no Fim do Universo? Devorar o succulento bife de um boi que se oferece como jantar ou apenas se embriagar com a poderosa Dinamite Pangaláctica, assistindo de camarote ao momento em que tudo se acaba numa explosão fatal?

A continuação das incríveis aventuras de Arthur Dent e seus quatro amigos através da Galáxia começa a bordo da nave Coração

de Ouro, rumo ao restaurante mais próximo. Mal sabem eles que farão uma viagem no tempo, cujo desfecho será simplesmente incrível.

O segundo livro da série de Douglas Adams, que começou com o surpreendente *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, mostra os cinco amigos vivendo as mais inesperadas confusões numa história cheia de sátira, ironia e bom humor.

Com seu estilo inteligente e sagaz, Douglas Adams prende o leitor a cada página numa maravilhosa aventura de ficção científica combinada ao mais fino humor britânico, que conquistou fãs no mundo inteiro. Uma verdadeira viagem, em qualquer um dos mais improváveis sentidos.



A vida, o universo e tudo mais
Volume Três da Série O Mochileiro das Galáxias

Após as loucas aventuras vividas com seus estranhos amigos em *O Guia do Mochileiro das Galáxias* e *O Restaurante no Fim do Universo*, Arthur Dent ficou cinco anos abandonado na Terra Pré-Histórica. Mesmo depois de tanto tempo, ele ainda acordava todas as manhãs com um grito de horror por estar preso àquela monótona e assustadora rotina.

Talvez Arthur até preferisse continuar isolado em sua caverna escura, úmida e fedorenta a encarar a próxima aventura para a qual seria forçosamente arrastado: salvar o Universo dos temíveis robôs xenófobos do planeta Krikkit.

Este é o terceiro volume da "trilogia de cinco" de Douglas Adams, um dos mais cultuados escritores de ficção científica de todos os tempos. Seu humor corrosivo e sua habilidade em criar situações improváveis tornam seus livros fundamentais para qualquer um que tenha capacidade de debochar de si mesmo.

Usando o planeta Krikkit como paródia da nossa sociedade e das guerras raciais, Adams cria uma história divertida, inteligente e repleta dos mais inusitados significados sobre a vida, o Universo e tudo mais.



Até mais, e obrigado pelos peixes!
Volume Quatro da Série O Mochileiro das Galáxias

Com mais de 15 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo e uma galeria interminável de fãs, a série que traz o inglês Arthur Dent e o extraterrestre Ford Prefect como protagonistas de loucas aventuras espaciais ganha mais um episódio eletrizante.

Depois de viajar pelo Universo, ver o aniquilamento da Terra, participar de guerras interestelares e conhecer as mais extraordinárias criaturas, Arthur está de volta ao seu planeta. Tudo

parece igual, mas ele descobre que algo muito estranho aconteceu na sua ausência. Curioso com o fato e apaixonado por uma garota tão estranha quanto o que quer que tenha acontecido, ele parte em busca de uma explicação.

Com sua peculiar ironia e seu talento aparentemente inesgotável para inventar personagens e histórias hilariantes – embora altamente filosóficas –, Douglas Adams nos presenteia com mais uma genial obra capaz de nos fazer refletir sobre o sentido da vida de uma forma bem diferente da habitual.

Intercalando momentos cômicos com imagens e descrições poéticas, *Até mais, e obrigado pelos peixes!* é mais uma aventura da “trilogia de cinco” que já levou os leitores a conhecerem situações bem improváveis e a viver momentos de reflexão e de pura diversão.



Praticamente Inofensiva Volume Cinco da Série O Mochileiro das Galáxias

Praticamente Inofensiva é tão polêmico quanto seu criador. Muitos o consideram o último volume da série *O Mochileiro das Galáxias* e outros afirmam tratar-se de um título independente, que apenas utiliza os mesmos personagens. Parte dessa controvérsia se deve aos 13 anos que separam este livro da primeira aventura de Arthur Dent, já que Adams iniciou a coleção no final dos anos 1970 e somente em 1992 retomou a história.

As inúmeras mudanças políticas, culturais e, principalmente, tecnológicas que aconteceram nesse período influenciaram os rumos da narrativa e tornaram *Praticamente Inofensiva* uma obra singular. Mas, em vez de perder o tom, Adams é ainda mais irônico e profundo ao divagar sobre a vida, o Universo e tudo mais.

Situações hilárias, personagens imprevisíveis, descrições poéticas e paisagens surrealistas se mesclam com perfeição, resultando numa trama cheia de suspense, comédia e filosofia. Depois de muitos anos, Arthur Dent, Tricia McMillan e Ford Prefect se reencontram. Mas o que deveria ser uma festejada reunião de velhos amigos se transforma numa terrível confusão que põe em risco a vida de todos.

Praticamente Inofensiva é o toque final de Adams nessa divertida história: ele é o último presente do autor para os mais de 15 milhões de fãs que adotaram sua obra como ícone de uma geração.



O salmão da dúvida

Douglas Adams mudou a cara da ficção científica com a série interplanetária *O Mochileiro das Galáxias*. Infelizmente, ele fez sua própria viagem para além da Terra cedo demais, deixando milhares de fãs órfãos. Agora mais uma vez os leitores vão poder se deleitar com a sagacidade desse grande autor.

Reunindo textos encontrados no computador de Adams após sua morte, este livro traz uma coletânea de histórias, resenhas, artigos e ensaios inéditos, além de oferecer um retrato raro da

personalidade do homem por trás da obra: a devoção aos Beatles, o ateísmo radical, o entusiasmo pela tecnologia, a luta obstinada pelos animais em vias de extinção.

Mistura de homenagem póstuma ao autor com último presente a seus fãs, *O salmão da dúvida* é profundo, excêntrico, provocante e divertido. Entre arraias-jamantas, alienígenas de duas cabeças, teorias quânticas e sinfonias de Bach, você vai encontrar:

- Dez capítulos do livro em que ele trabalhava quando morreu.
- Um ensaio filosófico questionando a existência de Deus.
- Comentários sobre a constante evolução da tecnologia.
- Um conto protagonizado por Zaphod Beeblebrox.
- Relatos sobre sua infância, seus traumas e seu nariz.



Box O mochileiro das galáxias

Em 12 de outubro de 1979, o mais extraordinário livro jamais publicado pelas grandes editoras da Ursa Menor (e da Terra) tornou-se acessível para a humanidade – *O Guia do Mochileiro das Galáxias*.

Para celebrar a genialidade cômica de Douglas Adams, a Editora Arqueiro lançou um box com os cinco livros da série *O Mochileiro das Galáxias*.

Considerados grandes clássicos da literatura de ficção científica, *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, *O Restaurante no Fim do Universo*, *A Vida, o Universo e Tudo Mais*, *Até Mais e Obrigado pelos Peixes!* e *Praticamente Inofensiva* vêm encantando gerações de leitores ao redor do mundo com seu humor afiado e as histórias mais insólitas do Universo.

Esse box contém os seguintes livros:

- O Guia do Mochileiro das Galáxias
- O Restaurante no Fim do Universo
- A Vida, o Universo e Tudo Mais
- Até Mais e Obrigado pelos Peixes!
- Praticamente Inofensiva

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[capítulo 1](#)

[capítulo 2](#)

[capítulo 3](#)

[capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[capítulo 6](#)

[capítulo 7](#)

[capítulo 8](#)

[capítulo 9](#)

[capítulo 10](#)

[capítulo 11](#)

[capítulo 12](#)

[capítulo 13](#)

[capítulo 14](#)

[capítulo 15](#)

[capítulo 16](#)

[capítulo 17](#)

[capítulo 18](#)

[capítulo 19](#)

[capítulo 20](#)

[capítulo 21](#)

[capítulo 22](#)

[capítulo 23](#)

[capítulo 24](#)

[capítulo 25](#)

[capítulo 26](#)

[capítulo 27](#)

[capítulo 28](#)

[capítulo 29](#)

[capítulo 30](#)

[capítulo 31](#)

[capítulo 32](#)

[capítulo 33](#)

[capítulo 34](#)

[capítulo 35](#)

[capítulo 36](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros livros do autor](#)

[Conheça outros livros da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)